



LARA ADRIAN

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

O DESPERTAR  
da  
MEIA-NOITE

*Um coração de gelo...  
Uma paixão de fogo...*

*Quinta Essência\**

Copyrighted material

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais*

***lutando por dinheiro e poder, então  
nossa sociedade poderá enfim evoluir a  
um novo nível."***



# **PREFÁCIO**

*Ele tinha resistido à tentação durante séculos. Um guerreiro cujo gelado coração se negava a derreter-se... Até que ela chegou.*

*Com uma adaga em sua mão e a vingança em mente, a formosa Elise Chase percorre as ruas de Boston em busca de vingança contra os ingratos vampiros que lhe arrebataram tudo o que apreciava. Fazendo uso de um extraordinário dom psíquico, rastreia a sua presa, muito consciente de que o poder que possui pode destruí-la. Deve aprender a aproveitar seu dom, e para isso apela a um homem em particular: Tegan, o mais letal dos guerreiros da*

*Estirpe.*

*Tegan, que não é alheio à perda, conhece a dor de Elise. Sabe o que é estar furioso, mas quando enfrenta a seus inimigos só há gelo em suas veias. Até agora, conservou perfeitamente o controle de si mesmo. Até que Elise procura ajuda em sua particular guerra pessoal. É então, quando se forja entre eles uma ímpia aliança, um vínculo que lhes une mediante o sangue e um juramento, e os inunda em uma tempestade de perigo, desejo e as mais escuras paixões do coração.*

# **DEDICATÓRIA**

*Para meus leitores, com profundo agradecimento pelo entusiasmo e todo o apoio que mostrou por meus livros.*

*Muito obrigado!*

*E o meu marido, meu norte verdadeiro, e a prova positiva de que "felizes para sempre" realmente existe fora da página escrita.*

*Você sempre será meu herói!*

# **AGRADECIMENTOS**

*Com agradecimento a meu agente e todo mundo no Bantam DELL para a continuação das crenças em mim, e pela maravilhosa atenção que se dispensam a cada um de meus livros. Obrigado também a meu copyeditors, corretores de provas, e outras pessoas que trabalham entre bastidores. (Olá, Destino e Jeremy!)*

*Muitos abraços a meu amigo escritor por tolerar episódios prolongados de silêncio de rádio em meu fim, mas ainda está disponível para o último momento a prudência controle e fôlego. Obrigado especialmente a Kayla Gray, Jaci Burton, Larissa Ione, e Stephanie*



*Tyler para ser simplesmente impressionante.*

*Adicional graças a três bandas cujo imenso talento musical que grande parte desta historia à vida em minha imaginação. Inspiração (e um jornal do vício) deve-se à arte do Collide, ELE, Laboratório e Negro.*

# FOTO



# *CAPÍTULO 1*

Ela caminhou entre eles despercebida, somente outra tarde na hora em que saía do trabalho, caminhando com dificuldade através da fresca neve de fevereiro em seu caminho à estação de trens. Ninguém prestava atenção à mulherzinha com uma jaqueta de tamanho grande e encapuzada, seu cachecol ocultando seu rosto até abaixo dos olhos, que olhavam a multidão de humanos com vivo interesse. Muito vivo, sabia, mas não podia evitá-lo.

Estava ansiosa para estar fora, entre eles, e impaciente por encontrar sua presa. Sua cabeça ressonou com o

esmurrar da música rock soando muito forte através dos pequenos fones de um MP3. Não era dela. Tinha pertencido a seu filho adolescente, o Camden. O doce Cam, que tinha morrido há quatro meses, vítima da guerra do submundo, o mesmo no qual ela agora fazia parte. Ele era a razão de que estivesse aqui, rondando pelas quebradas ruas de Boston, com uma adaga no bolso do casaco e uma faca de titânio amarrada com cordas a sua coxa.

Mais que alguma outra vez, agora Camden era a razão de que ela vivesse. Sua morte não podia ficar impune.

Elise cruzou um semáforo e se moveu

para a estação. Ela podia ver às pessoas falando enquanto passavam ao seu lado, seus lábios movendo-se silenciosamente, suas palavras - e mais importantes, seus pensamentos - afogados pelas agressivas letras musicais, gritando guitarras, e pulsando vibrações dos baixos que enchiam seus ouvidos e vibravam em seus ossos. Ela não sabia exatamente o que estava escutando, nem lhe importava. Tudo o que precisava era o ruído, tocando o suficientemente alto e durante o tempo necessário para entrar no lugar da caça.

Entrou no edifício, somente uma pessoa a mais num rio de movimento humano. Uma forte luz se derramava das fluorescentes do teto. O aroma da rua, a imundície e umidade de muitos corpos

assediaram seu nariz através do cachecol. Elise caminhou mais ainda pelo interior, chegando a uma lenta pausa no centro da estação. Forçada a contorná-la, a fluida multidão passava a ambos os lados, muitos chocando com ela, empurrando-a em sua pressa por agarrar o seguinte trem. Mais de um olhava enquanto passava, dizendo obscenidades sobre sua brusca parada nomeio do caminho deles.

Deus, como desprezava todo este contato, mas era necessário. Tomou uma respiração estável, depois alargou a mão até seu bolso e desligou a música. O barulho da estação chegou rápido como uma onda, sepultando-a com a animação de vozes, arrastar de pés, o tráfego fora e o chiado metálico e surdo do próximo

trem. Mas estes ruídos não eram nada comparados com os outros que a alagavam agora.

Feios pensamentos, más intenções, pecados secretos, ódios abertos - tudo batia ao redor dela como uma escura tempestade, corrupção humana procurando-a e golpeando seus sentidos. Cambaleou-se, como sempre, essa primeira rajada de mau vento quase a afligindo. Elise balançou sobre seus pés. Lutou contra as náuseas que cresciam em seu interior e tentou conter a agressão psíquica.

“Miúda bruxa. Espero que queimem seu traseiro”.

“Condenados turistas velhos, por que não retornam aonde pertencem?”

“Idiota! Fora de meu caminho, ou te chutarei”.

“Assim se ela for à irmã de minha mulher? Não é como se não estivesse detrás de mim todo este tempo”.

A respiração de Elise vinha mais rápida com cada segundo, uma dor de cabeça aflorando em suas têmporas. As vozes em sua mente se mesclavam incessantes, quase indistinguíveis, mas ela agüentava, abraçando-se a si mesmo enquanto o trem chegava e suas comporta se abriam para deixar um novo oceano de gente fluir para a plataforma. Eles se



verteram ao redor dela, mais vozes se acrescentaram à cacofonia que estava comendo-a por dentro.

“Os perdedores dos limites interestaduais deveriam pôr o mesmo esforço em conseguir um maldito emprego”

“Juro-o, se põe sua mão sobre mim uma vez mais, vou matar a esse filho de uma cadela”.

“Corra, ganho! Corram de volta a seus redis! Patéticas criaturas, meu Professor tem razão, merecem ser escravizados”. Os olhos de Elise se abriram bruscamente ainda mais. Seu sangue se tornou gelado em suas veias no

instante em que as palavras se registraram em sua mente. Esta foi à única voz que ela esperava ouvir.

A única pela que ela vinha aqui a caçar.

Ela não sabia o nome de sua presa, ou inclusive a aparência física dele, mas sabia o que era: um subordinado. Como os outros de sua raça, o havia sido humano uma vez, mas agora ele era algo menos que isso. Sua humanidade tinha sido sangrada até a morte pelo único ao que ele chamava Professor, um poderoso vampiro e o líder dos Renegados. Era por eles - os Renegados e o malvado lhes guiando a uma crescente guerra dentro da raça dos vampiros – que

o único filho de Elise estava morto.

Depois de haver ficado viúva cinco anos atrás, Camden era tudo o que ficava tudo o que lhe importava em sua vida. Com sua perda, ela tinha encontrado um novo objetivo. Uma inquebrável resolução. Era o que a guiava agora, dirigindo seus pés a mover-se através da espessa multidão, procurando o único que ela faria pagar a morte do Camden esta vez. Sua cabeça dava voltas com o contínuo bombardeio de dolorosos e feios pensamentos, mas finalmente conseguiu distinguir ao subordinado. Ele a seguia durante vários metros, sua cabeça coberta por uma boina negra tricotada, seu corpo coberto por uma jaqueta de camuflagem, feita farrapos, e de um verde

apagado. O rancor se verteu fora dele como o ácido. Sua corrupção era tão completa, que Elise pôde saboreá-lo como bÍlis na parte traseira de sua garganta. E ela não teve eleição exceto pegar-se a ele, esperando sua oportunidade para fazer seu movimento.

O subordinado saiu da estação e se dirigiu à calçada em um rápido clique. Elise seguiu, seus dedos envolviam a adaga em seu bolso. Fora com menos gente, o som psicológico tinha diminuído, mas a dor da sobrecarga na estação estava ainda presente, agüentando em seu crânio como um prego de aço. Elise manteve seus olhos atentos sobre sua presa, acelerando sua velocidade enquanto se inundava em um negócio

perto da rua. Ela se aproximou da porta de cristal e olhou atentamente através do logotipo pintado do FEDEX (serviço de mensagens) para ver o subordinado esperando em linha para ser atendido no balcão.

“Perdoe-me, senhorita”, disse alguém detrás dela, sobressaltando-a com o som de uma verdadeira voz, e não o zumbido de palavras que estavam ainda enchendo sua cabeça. “Vai entrar ou o que, senhora?”

O homem que estava detrás dela empurrou a porta para abri-la enquanto o dizia, sustentando-a por ela espectadora. Ela não tinha pensado em entrar, mas agora todos estavam olhando-a –incluído

o subordinado- e chamaria mais a atenção sobre si mesmo se se negasse. Elise cruzou a habitação para o brilhantemente iluminado escritório e imediatamente fingiu interesse em uma exibição de caixas de navegação na janela dianteira.

Desde sua periferia, observava como o subordinado esperava seu turno na fila. Ele era nervoso e de mente violenta, seus pensamentos repreendendo aos clientes que havia diante dele. Finalmente se aproximou do balcão, ignorando a saudação do empregado.

“Entrega Raines...”

O empregado datilografou algo em um computador, depois duvidou um

segundo. “Espere”. Ele se dirigiu a um quarto interior, somente para retornar um momento depois movendo sua cabeça. “Não chegou ainda. Sinto muito.” A ira saiu da boca do subordinado, apertando como um parafuso de banco nas têmporas de Elise.

-O que quer dizer com que não chegou?

-”Grande parte de Nova Iorque foi golpeada com uma grande nevada ontem à noite, assim muito dos envios de hoje estão atrasados”.

-Esta merda está garantida, grunhiu o subordinado.

-Sim, está-o. Podemos te devolver o

dinheiro, mas tem que preencher um impresso.

-Que lhe fodam, imbecil! Necessito esse pacote. Agora!

Meu professor me dará um pontapé no traseiro se não retornar com esta entrega, e se meu traseiro for chutado, vou retornar aqui e te tirarei as vísceras.

Elise respirou ante a virulência da ameaça secreta. Ela sabia que os Subordinados viviam somente para servir ao único que lhes fez, mas era sempre um sobressalto ouvir a terrível profundidade de suas lealdades. Nada era sagrado para sua espécie. Vidas não significavam nada, fossem humanos ou da raça. Os



Subordinados eram quase tão horrorosos como os Renegados, os sedentos de sangue, facção criminal da nação vampírica.

O Subordinado se inclinou sobre o balcão, com os punhos escorados a cada lado.

-Necessito esse pacote, imbecil. Não irei sem ele.

O empregado retrocedeu sua expressão de repente foi cautelosa. Agarrou o telefone.

-Olhe senhor, como lhe expliquei, não há nada mais que possa fazer por você. Terá que retornar amanhã. Neste momento, deve ir “antes que chame à

polícia”.

Peça inútil de merda grunhiu o Subordinado por dentro. Retornarei amanhã. Espera que volte por ti!

-Há algum problema, Joey? Um homem maior saiu de atrás, muito sério.

-Tratei de lhe dizer que seu pacote não está aqui ainda por culpa da nevada, mas não cederá. Possivelmente eu deva tirar ele de meu...

-Senhor? Disse o encarregado, cortando a seu empregado e lhe imobilizou com um sério olhar.

- Vou pedir-lhe educadamente que parta agora. Deve ir ou chamaremos à

polícia para que lhe acompanhe fora daqui.

O Subordinado grunhiu algo indistinguível, mas desagradável. Ele golpeou seu punho sobre o balcão, depois girou e começou a afastar-se indignado. Enquanto se aproximava da porta onde Elise estava de pé, levou-se por diante um expositor de pé, enviando os cilindros de fita e os pacotes de borbulha pulverizados pelo chão. Embora Elise desse um passo atrás, o Subordinado vinha com muita força para ela. Ele baixou o olhar a seus ausentes e não-humanos olhos.

-Sai do meu caminho, vaca!

Ela apenas se moveu antes que ele a

varresse e saísse pela porta, empurrando tão forte que os cristais estralasses como se fossem fazer-se pedacinhos.

-Imbecil um dos clientes ainda na fila murmurou uma vez que o Subordinado tinha desaparecido.

Elise sentiu uma onda de alívio percorrer aos clientes quando ele saiu. Parte dela estava aliviada também, contente de que ninguém tivesse saído ferido. Ela queria esperar durante um momento na momentânea calma da loja, mas era uma indulgência que não podia permitir-se. O Subordinado estava vociferando agora na rua, e o anoitecer estava vindo rápido.

Ela só tinha meia hora como muito antes que a escuridão caísse e os Renegados saíssem fora para alimentar-se. Se o que ela fazia era perigoso à luz do dia, de noite não era a não ser risco de suicídio. Ela podia caçar a um Subordinado com sigilo e nervos de aço — que já tinha, de fato, mais de uma vez — mas como qualquer outro humano, mulher ou não, não tinha eleição contra o forte vício ao sangue dos Renegados.

Atendo-se ao que tinha que fazer, Elise saiu inadvertida pela porta e seguiu ao Subordinado pela rua. Ele estava zangado e caminhava bruscamente, empurrando as outras pessoas e lhes grunhindo maldições enquanto lhes transbordava. Uma descarga de

dor mental encheu sua cabeça quanto mais vozes se uniam ao barulho que soava em sua mente, mas Elise seguiu o ritmo lento de seu objetivo.

Ficou atrasada uns metros mais atrás, seus olhos fixos na volumosa jaqueta verde pálido através da ligeira rajada de neve fresca. Ele girou à esquerda na esquina de um edifício e se dirigiu para um estreito beco. Elise se deu pressa agora, desesperada por não lhe perder.

A meio caminho da rua lateral entrou em uma maltratada porta de aço aberta e desapareceu. Ela se arrastou por um oco de metal sem janela, as palmas de suas mãos suando a pesar do frio no ar. Seus violentos pensamentos enchiam sua

cabeça de pensamentos assassinos, todas as truculentas coisas que ele faria por respeito a seu Professor.

Elise estirou a mão até seu bolso para tirar sua adaga. Sustentou-a perto de si, preparada para golpear, mas a ocultou detrás do largo tecido de seu casaco. Com sua mão livre, agarrou o seguro e empurrou a porta para abrir. Flocos de neve formaram redemoinhos sobre ela para o lúgubre corredor que fedia a mofo e fumaça de cigarro.

O Subordinado estava de pé junto às ranhuras da parede, um ombro inclinándose contra a parede enquanto pegava seu celular aberto como os que todos eles levavam - a linha direta dos Subordinados

a seu Professor vampiro.

“Fecha a fodida porta, puta!”, grunhiu ele, com seus olhos desalmados brilhando. Suas sobrancelhas se franziram enquanto Elise se moveu para ele com rápida e mortal intenção.

“Que demônios...?”

Dirigiu a adaga forte para o peito dele, sabendo que o elemento surpresa era uma de suas vantagens. Sua ira a golpeou como um murro físico, empurrando-a para trás. Sua corrupção se filtrou na mente dela como ácido, queimando seus sentidos. Elise lutou contra a dor psíquica, voltando a lhe golpear com a faca, ignorando o súbito calor úmido



do sangue derramando-se por sua mão.

O Subordinado cuspiu saliva, tratando de agarrá-la enquanto ele caía contra ela. Sua ferida era mortal, tanto sangue que quase perdeu seu estômago vendo-o e cheirá-lo. Elise retorceu a faca no pesado corpo do Subordinado e o tirou enquanto este caía ao chão. Sua respiração era entrecortada, seu coração acelerado, sua cabeça estalando de agonia enquanto a descarga mental da ira dele continuava em sua mente.

O Subordinado se retorceu e bufou entre dentes enquanto a morte lhe abraçava.

Depois, finalmente, ficou

parado. Finalmente, houve silêncio.

Com os dedos tremendo, Elise recuperou o telefone celular de onde permanecia a seus pés e o deslizou no interior de seu bolso. A caça a tinha esgotado, a combinação de esforço físico e psíquico era muita para agüentar. Cada vez parecia pesar mais sobre ela, levando mais tempo para se recuperar. Ela se perguntava se chegaria o dia que pudesse afundar-se no abismo que ela não ricochetearia. Provavelmente, ela supunha, mas não hoje. E ela seguiria lutando enquanto tivesse fôlego em seu corpo e a dor de perda em seu coração.

“Pelo Camden”, sussurrou ela, olhando ao Subordinado morto enquanto

ligava o reprodutor do MP3 para sua volta a casa. A música zumbia dos diminutos auriculares, emudecendo o presente que deu o poder de escutar os segredos mais escuros da alma de um humano.

Ela tinha ouvido suficiente por agora. A séria missão de seu dia está completa, Elise girou ao redor do corpo e fugiu do açougue que tinha feito.

## ***CAPÍTULO 2***

O aroma do sangue transportado pela magra e invernal brisa. Era débil, fresco, um comichão acobreado nas fossas nasais do vampiro guerreiro que saltava em silêncio da chaminé de um edifício na

sombra da noite a outro. Os flocos de neve caíam ao redor dele como cinza branca flutuando, embranquecendo a cidade que se dispersava baixo dele uns seis andares mais abaixo.

Tegan se agachou na beirada e inspecionou o enredado de ruas buliçosas e becos.

Como um da Ordem - um pequeno quadro de vampiros da raça encetados em guerra contra seus selvagens irmãos, os Renegados - o objetivo principal noturno do Tegan era dar morte a seus inimigos. Era algo que fazia com uma fria eficiência, uma destreza aperfeiçoada durante seus mais de sete séculos de existência. Mas sob sua medula, ele

era da raça, e não havia ninguém em sua raça que pudesse ignorar a chamada de sangue humano recém derramado.

Enrugou os lábios e o frio ar entrou entre seus dentes. Suas gengivas sentiram um comichão, uma dor aflorou onde seus caninos começavam a deixar passo às presas. Sua visão se agudizou fora de sua acuidade sobrenatural, as pupilas se estreitaram para finas fendas verticais no centro de seus verdes olhos. A pressa por caçar, alimentar-se, levantar-se rapidamente. Era uma resposta automática que inclusive ele, com seu férreo e disciplinado autocontrole podia fazer pouco por reprimir.

O pior para ele, era ser da primeira

geração de vampiros engendrados na Terra. Um desejo físico, carnal, e por outro lado - o mais forte. Tegan se arrastou pelo bordo do edifício, depois saltou para a chaminé de outro, seus olhos se animavam com o movimento da gente de abaixo, procurando o membro débil da manada. Mas não penteava as multidões meramente para satisfazer suas próprias necessidades: encontrar um humano com uma ferida aberta e fresca, e sabia que qualquer dos Renegados a quilômetro e meio de distancia não ficariam atrás.

Exceto agora que estava calibrando a origem do aroma do sangue, deu-se conta que o que cheirava tinha um tom cada vez mais rançoso. Era sangue derramado. Não

era de todo fresco, mas há vários minutos velho .

Seguindo o metálico fedor, o olhar do Tegan se iluminou sobre uma baixa e ligeira figura com uma grande jaqueta com capuz que se apressava para a rua principal, deixando a um lado a estação de trens. Havia uma nota ansiosa na forma de andar da pessoa, um desejo óbvio de não ser percebida o manter a cabeça um pouco inclinada enquanto se separava de uma multidão de pessoas e se dirigia a uma vazia rua lateral.

“O que te traz entre mãos?” Tegan murmurou em voz baixa enquanto seguia ao indivíduo.

Homem ou mulher, ele não podia estar seguro sob toda essa roupa em plena escuridão. De qualquer forma, o humano estava a ponto de ter uma companhia indesejada. Tegan viu o Renegado um instante antes que se ocultasse perto de um contêiner vários metros mais adiante do humano. Não pôde ouvir as palavras, mas pôde dizer pela adaga do vampiro e os brilhantes olhos cor âmbar que estava jogando com a pessoa, tendo um pouco de diversão antes de fazer seu seguinte movimento. Dois Renegados mais vieram pela esquina, rodeando ao humano.

“Maldita seja”, grunhiu Tegan, esfregando uma mão sobre seu queixo.



Ele nunca tinha tido muita utilidade para a brilhante marca de honra que pedia seu ato amável como salvador não reconhecido a quão humanos habitavam o planeta com eles. Inclusive meio-humano como ele mesmo, como eram todos os da raça, Tegan tinha deixado fazia muito tempo de precisar ser o herói. Ele tinha visto muito derramamento de sangue, muita matança sem sentido e trágicas perdas por ambos os bandos.

Seu objetivo agora e durante os passados quinhentos anos –da brutal tortura e morte da única mulher que ele tinha amado alguma vez- era bastante simples: carregar-se a tantos Renegados como fora possível, ou morrer tentando-o. Importava-lhe uma merda o que chegasse

primeiro. Mas havia uma parte antiga dele que ainda ficava de ponta só ao pensar em terríveis e estranhas injustiças, como a situação que estava tendo lugar abaixo ele na rua. O humano com a jaqueta manchada de sangue estava sendo rodeado. Como tubarões movendo-se para matar, os Renegados começaram a fechar filas. A cabeça encapuzada se elevou de repente, olhou ao redor para notar a ameaça abatendo-se detrás dela. Muito tarde, pensou. Nenhum humano tinha uma oportunidade contra uma cabeça luxuriosa de sangue, principalmente contra um grupo de três.

Com uma maldição, Tegan avançou e saltou a uma chaminé mais baixa em cima do beco.

Justo enquanto o Renegado que estava diante do humano, passava à ação.

Tegan ouviu uma aguda inspiração – um grito feminino de terror- enquanto o Renegado agarrava a sua presa. Sujeitou à mulher pelo capuz e a atirou sobre o pavimento coberto de neve, soltando um grunhido de diversão selvagem enquanto ela caía bruscamente.

“Jesus Cristo!”, disse entre dentes Tegan, tirando uma grande faca da capa de seu quadril.

Com um salto correndo, caiu do bordo do edifício, aterrissando brandamente no chão de cócoras. Os dois Renegados mais próximos a ele se

separaram, ocultando-se e o outro gritando que estavam sendo atacados. Tegan silenciou o aviso à metade da frase, passando seu aço com bordo de titânio pela garganta do tipo.

Uns poucos metros mais diante dele no beco, a mulher estava traumatizada, engatinhando para fugir de seu assaltante. Ela também tinha uma arma, Tegan estava surpreso disso, mas o Renegado o percebeu ao mesmo tempo e de um pontapé a separou de sua mão. O Renegado plantou a pesada sola de sua bota sobre as costas dela, empurrando-a ao chão forte com seu salto em sua medula.

Tegan chegou até ele. Apartou ao

Renegado longe da mulher, conduzindo ao vampiro resmungão até a parede do ladrilhado do edifício, e mantendo-o ali com seu antebraço sob o queixo dele.

-Fora daqui! Gritou ele ao humano enquanto ela começava a arrastar-se pelo chão.

- Corre!

Ela arrojou um assustado olhar sobre seu ombro - a primeira olhada que Tegan tinha de seu rosto. O olhar dele se fechou sobre um par de enormes e pálidos olhos cor lavanda. A mulher lhe olhou fixamente do alto de um escuro cachecol tricotado que logo que podia disfarçar a delicada beleza que havia debaixo.

Misericórdia! Ele a conhecia.

E ela não era uma simples humana; ela era uma da raça como ele. Uma jovem viúva de uma das nações de vampiros do Darkhaven... santuários da cidade. Tegan não a conhecia muito bem. Não a tinha visto há vários meses, não da noite que a tinha levado a sua casa da Sede da Ordem, depois de que ela soubesse que seu único filho tinha desaparecido às mãos de um Renegado.

Era a última vez que a tinha visto, mas não a última vez que tinha pensado nela.

Elise.

Que demônios estava ela fazendo

aqui?

O firme olhar que Tegan sustentou a Elise transpassou por um momento o que pareceu estender-se sem fim. Ela viu um brilho de reconhecimento no olhar fixo do guerreiro, sentiu a fria rajada de sua ira emanando para ela mediante a distância que lhes separava.

“Tegan” sussurrou ela, surpreendida de ver que era ele vindo a seu resgate. Tinha conhecido pela primeira vez ao terrorífico guerreiro, mais ou menos, quando seu filho tinha desaparecido. Tegan tinha sido o único que a levou a casa da Ordem depois de saber que seu filho tinha sido aceito pelos Renegados. Ele tinha mostrado sua amabilidade

nessa tardia noite de volta a sua casa no Darkhaven, e embora ela não tivesse visto o guerreiro em quatro meses, não tinha esquecido sua inesperada compaixão.

Mas nada disso estava presente nele agora. O ódio da batalha tinha transformado seu rosto a sua verdadeira natureza - um vampiro da raça, com brilhantes presas e ferozes olhos que não foram por mais tempo verde gema, a não ser alagados de uma brilhante cor âmbar que queimava como fogo em seu crânio.

-Corre! Gritou ele, o profundo grunhido de sua voz cortou a ensurdecadora música que ainda se vertia em sua cabeça através dos auriculares que levava posto.



-Sai daqui, agora!

Essa breve desorientação lhe custou caro. O Renegado que tinha empurrado contra os tijolos em frente dele girou sua grande cabeça, as mandíbulas abertas, as enormes presas gotejando saliva. Mordeu forte o antebraço do Tegan, rasgando a carne do guerreiro. Sem um som de dor ou ira, somente uma olhada friamente rápida eficiência, Tegan elevou sua outra mão e cravou uma faca no pescoço do Renegado. O vampiro afetado caiu, sem vida, seu corpo chispou do titânio que envenenava sua corrupta corrente sangüínea.

Tegan se girou, sua respiração ofegando entre seus lábios, nublando o frio ar.

-Maldita seja, mulher, suma daqui!  
Rugiu ele, enquanto o Renegado que ficava saltou em um longínquo ataque para ele.

Elise estralou em movimento.

Ela correu fora do beco para a outra rua, correndo tão rápido como suas pernas a levavam. O pequeno apartamento que tinha alugado não estava longe, somente a uns quantos edifícios da estação de trens, mas pareciam quilômetros. Estava exausta de sua terrível experiência esse dia, tremendo pela violência da que tinha sido testemunha no beco.

Também estava preocupada com o Tegan, inclusive embora estivesse segura

de que ele não necessitava sua preocupação. Ele era um membro da Ordem, provavelmente o mais letal de todos, se sua reputação era algo a julgar. Ele era uma máquina de matar segundo todos os que conheciam seu nome. Ver-lhe aqui em ação por ela mesma, Elise não o duvidou um segundo.

E agora que tinha sido descoberta só na cidade, ela somente podia esperar que o guerreiro não se interessasse pelo que ela estava fazendo. Ela não podia permitir-se que a levassem de novo ao Darkhaven, não inclusive por um homem tão aterrador como Tegan.

Elise correu o último lance até seu apartamento e correu escada acima. A

porta principal estava acostumada a ter uma fechadura, mas alguém a tinha quebrado cinco semanas antes e o menino de manutenção do edifício não a tinha arrumado ainda. Elise empurrou a porta abrindo-a e entrou precipitadamente ao primeiro piso de seu bloco.

Girou a chave na fechadura e entrou dentro, acendendo imediatamente todas as luzes. O videocassete e a televisão continuavam ligados sem emitir algo particular, mas ambas soando muito alto. Elise apagou o reproduutor do MP3 e o guardou na estilhaçada gaveta amarela da cozinha, junto com o telefone celular do Subordinado morto. Ela se desfez de sua arruinada jaqueta no chão junto a sua rotina, seu estômago dando

voltas enquanto a lâmpada que pendurava do teto do salão invadia as manchas vermelhas do sangue do Subordinado. Também estava em suas mãos; seus dedos estavam pegajosos pelo sangue derramado.

E sua cabeça estava ainda amassando-a, a enxaqueca habitual que vinha ao despertar de algum período prolongado de usar sua destreza. Não era tão mau agora como seria depois. Ela ainda tinha tempo de limpar e chegar à cama antes que o pior a golpeasse.

Elise se arrastou para o banho e ligou a ducha. Seus dedos estavam tremendo enquanto desabotoava a capa da faca de sua coxa e a colocava no lavabo.

A capa estava vazia. Ela tinha perdido a faca de titânio na neve quando o Renegado a tinha chutado. Ela tinha outros para substituir esse. Muito dinheiro do que levou consigo do Darkhaven, tinha desaparecido em armas e coisas para treinar das que nunca tinha querido saber, mas que agora considerava necessárias.

Senhor! Que mudança tão drástica tinha sofrido sua vida em tão só quatro meses. Ela nunca poderia retornar ao que ela foi. Em seu coração, ela sabia que não poderia retornar agora. A pessoa que tinha sido enquanto vivia sob o amparo dos da raça tinha desaparecido agora - tinha morrido como seu amado companheiro e seu filho. A dor destas perdas tinha sido

um forno que tinha devorado sua anterior vida, reduzindo-a a cinzas. Ela era o que ficava agora a fênix que ressurge das cinzas.

Elise olhou ao cristal embaciado e se encontrou caçada por seu próprio olhar no cristal. O sangue melava suas bochechas e seu queixo, a imundície povoava suas sobrancelhas, como pintura de guerra. Havia um brilho silvestre nos cansados olhos que lhe devolviam o olhar.

Deus, ela estava cansada... tão cansada. Mas sempre que pudesse manter-se em pé, poderia lutar. Sempre que seu coração estivesse doído pela vingança, ela usaria o presente psíquico que tinha sido durante tanto tempo sua debilidade

maior. Ela suportaria qualquer privação, enfrentaria a qualquer risco. Ela venderia sua eterna alma se tinha que fazê-lo. O que tivesse que fazer para ter justiça.

## *CAPÍTULO 3*

Tegan limpou sua adaga sangrenta na jaqueta do Renegado morto e ociosamente observou a desintegração rápida do último corpo no beco. A limpeza pós morte era cortesia das armas de titânio do Tegan, um metal que atuava como ácido venenoso à maquiagem celular doente dos vampiros da raça de renegados.

Os três corpos se dissolveram na neve, reduzindo a carne, osso, e vestindo



a pontos somente escuros da cinza contra o branco antigo. Tegan soprou para fora uma maldição, ainda trementes seus sentidos com o calor do combate. Os olhos afiados pela batalha se acenderam na faca que Elise tinha perdido em sua luta com o Renegado que a tinha atacado. Tegan caminhou em cima e recuperou a arma.

-Cristo, - ele murmurou, recolhendo a lâmina da neve. Não era qualquer adaga fina ou delicada que uma senhora poderia levar para o amparo, mas sim tinha um pouco de aspecto grave de mercadoria dura. Sete polegadas de comprimento, serrilhado perto da protuberância ascendente da ponta, e, a menos que ele faltasse sua conjectura, o metal não era de

ção básico do carboneto a não ser titânio para eliminar aos Renegados.

Que só foi uma petição de princípio outra vez: que demônios fazia a mulher Darkhaven nas ruas sozinhas, coberta de sangue, e carregando armas de grau de um guerreiro em sua pessoa?

Tegan levantou sua cabeça e cheirou o ar, procurando seu aroma. Isto não tomou muito tempo para encontrá-la. Seus sentidos sempre eram agudos, rapidamente agudos; o combate os tinha acendido como raios laser. Ele sentiu o aroma de rosas da companheira de raça em seus pulmões, e se deixou guiar no mais profundo da cidade.

O aroma se acalmou frente a um buraco de merda de uma construção de moradias em uma das seções mais miseráveis da área de aluguel da cidade. Absolutamente a classe de lugar em que ele esperava encontrar a uma companheira Darkhaven-criada refinada como Elise. Mas sem dúvida nenhuma, ela estava no interior dessa monstruosidade marcada com etiqueta pelos grafites nos tijolos e o concreto; ele estava seguro disso.

Ele espreitou em cima dos passos e franziu o cenho à porta débil com sua fechadura quebrada. Dentro do vestíbulo suas botas andaram arrastando os pés no atapetado andrajoso, manchado e que fedia a urina, sujeira, e as décadas de abandono. Uma escada de madeira

danificada se levantou a esquerda dele, mas o aroma de Elise vinha da porta ao final de corredor do primeiro andar.

Tegan se moveu por diante de outra porta do apartamento que se encontrava sobre sua direita, sentiu o golpe da música que vibrava o chão e as paredes. Ele podia ouvir uma televisão também, uma presa ensurdecadora do ruído de fundo que pareceu inchar-se quando ele se aproximou do lugar de Elise. Ele golpeou na porta e esperou.

Nenhuma resposta.

Ele chamou outra vez, deixando cair seus nódulos com força no metal que tinha cicatrizes. Nada. Não, que ela

pudesse ouvir algo dentro do lugar com todas as coisas que se encontrava ligada ali dentro.

Possivelmente ele não deveria estar ali, não deveria estar envolvendo-se no que havia trazido a mulher a este lugar em sua vida. Tegan sabia que ela tinha passado um duro momento do desaparecimento e posterior morte de seu filho. A ordem tinha tido conhecimento de que Camden foi assassinado pelo cunhado de Elise, o agente Chase, em uma perseguição, quando o jovem apareceu no complexo Darkhaven com uma completa...

Sede de Sangue. Da conta Tegan tinha ouvido que Camden tinha estado a ponto

de atacar a Elise quando Chase o abateu a tiros em frente dela. Só Deus sabia o que a presença da morte de seu filho poderia lhe haver feito à mulher.

Entretanto, não era sua preocupação.

Sim, não era seu puto problema absolutamente. Então, por que estava de pé ele nesta espessa casa de vizinhança com sua arma em sua mão, esperando-a a vir e lhe deixar entrar?

Tegan observou a série de fechaduras na porta do apartamento. Pelo menos estavam na ordem de trabalho e ela tinha tido o sentido comum para pô-los uma vez que ela conseguiu entrar. Mas para um vampiro com a classe de poder e

linhagem do Tegan, abrir todas as fechaduras com sua mente só lhe levou dois segundo fazê-lo.

Ele se deslizou dentro do apartamento e fechou a porta detrás dele. O nível de decibéis no pequeno estudo era bastante para fazer a sua cabeça romper-se. Ele jogou uma olhada ao redor do lugar com os olhos estreitos, admitindo a decoração ímpar. Os únicos móveis eram um futón e uma prateleira para livros, que alojava uma equipe de música de qualidade e uma pequena televisão de tela plana - ambos ligados e ressonando com força.

Ao lado do futón, em um espaço que poderia ter albergado uma mesa e

cadeiras, agora era uma roda de andar e uma máquina de resistência para - treinamento. O casaco manchado de sangue de Elise estava no chão dali, e sobre o lamentável balcão da cozinha amarela estava um telefone celular e um reproduzidor de MP3. O estilo de decoração de Elise deixava muito que desejar, mas era sua eleição de paredes foi o que Tegan encontrou mais peculiar.

Grosseiramente cravados nas quatro paredes da sala do espaço vital do quarto havia favos de espuma acústico - um material de isolamento. Jardas da matéria, cobrindo cada polegada quadrada das paredes, janelas, e a parte posterior da porta também.



—O que o fu... —

No quarto de banho adjacente, havia um chiado metálico como se a ducha repentinamente fora fechada. Tegan se deu a volta para estar em frente da porta que se abriu um momento depois. Elise vestia um traje de felpudo branco grosso ao redor dela quando ela jogou uma olhada e encontrou seu olhar fixo. Ela ofegou assustada, uma mão magra subiu perto de sua garganta.

-Tegan.

Sua voz era apenas audível sobre o alvoroço da música e a TV. Ela não fez nenhum movimento para baixá-los, só saiu do quarto de banho e esteve de pé tão

longe dele como era possível no piso apertado.

- O que esta fazendo você aqui?

- Eu poderia lhe perguntar a mesma coisa. Tegan deixou a seus olhos desviar o olhar à deriva da pobre residência, somente pelo fato de afastar seu olhar dela que se encontrava em um estado próximo de nudez.

-Que lugar de merda você tem aqui. Quem é seu decorador?

Não lhe respondeu. Seus olhos de ametista pálidos ficaram fixados nele como se ela não tivesse completamente a suficiente confiança nele, nervosa por encontrar-se só com ele. E quem poderia

culpá-la?

Tegan sabia que em termos gerais os residentes dos complexos Darkhaven mantinham pouco afeto a membros da Raça. Ele tinha sido chamado de assassino frio por mais de uma das classes abrigadas de civis da qual Elise formava parte — não lhe preocupava isso. Sua reputação pessoal era o fato simplesmente declarado. Mas enquanto que ele poderia dar uma merda do que outros pensassem dele, o molesto era que Elise agora o olhasse com medo. A última vez que ele tinha visto a mulher lhe tinha mostrado somente a bondade e amabilidade, a deferência paga a jovem viúva Darkhaven por respeito pelo que ela estava passando. Não tinha feito mal

que ela era uma beleza impressionante, tão frágil como uma flor gelada.

Algo daquela fragilidade se foi agora, notou Tegan, vendo as linhas de definição de músculo em seus peitos nus e seus braços. Seu rosto seguia sendo encantador, mas não tal e como ele a recordava. Seus olhos ainda estavam vivos com a inteligência, mas seu brilho era de algum jeito frágil, uma característica feita pronunciada, mas pelas sombras de rastro debaixo da franja abundante suas chicotadas.

E seu cabelo... Jesus, ela tinha tosquiado as ondas loiras e largas que tinha. A cascata de ouro pálido que caía

ao redor de seus quadris agora era uma coroa de pontos grossos, sedosos que se levantaram ao redor de sua cabeça – desordenada como a de um duende e emoldurando o ovalado de seu rosto.

Ela ainda era impressionante, mas de um modo completamente diferente ao que Tegan nunca teria imaginado.

-Você esqueceu algo atrás no beco.

Ele sustentou travessamente para fora a lâmina de caça. Quando ela se moveu para tomar à dele, ele a retirou de seu alcance.

-Que fazia você aí esta noite, Elise?

Ela sacudiu sua cabeça, disse algo

muito suave para ser ouvido sobre o alvoroço que enchia o piso do apartamento. Impaciente, Tegan mentalmente fechou e desligou o equipamento de música. Jogou uma olhada à televisão, para silenciar ao redor desse dispositivo também.

- Não! Elise sacudiu a sua cabeça, fazendo uma careta de dor, seus dedos agarrando sua cabeça.

- Espere deixe ligado, por favor. Necessito... o ruído me tranqüiliza.

Tegan. Franziu o cenho em dúvida, mas deixou a TV em paz.

- O que te aconteceu esta noite, Elise?

Ela piscou, enfocando seu olhar e inclinando sua cabeça abaixo em silêncio.

-Alguém a machucou ou fez algo a você aí fora?

-Foi atacada antes que os Renegados a descobrissem no beco?

Sua resposta foi larga em chegar.

- Não. Não fui atacada.

-Você quer me explicar o que faz todo esse sangue em seu casaco? Ou por que você está vivendo em uma parte da cidade aonde você sente a necessidade de levar este tipo de mercadoria difícil?

Ela sustentou sua cabeça em suas mãos, sua voz foi um sussurro áspero.

- Não quero explicar nada. Por favor, Tegan. Lamento que você tenha tido que vir aqui.

Só, por favor... você tem que partir agora.

Ele exalou uma risada aguda.

-Acabo de salvar seu pequeno traseiro doce, mulher. Não penso que é muito pedir que você me diga por que tive que fazê-lo.

- Foi um engano. Não pensei estar fora na escuridão. Sei os perigos que há.



Ela elevou a vista, e fez uma vaga elevação de seu magro ombro.

- As coisas só se... um pouco mais do que eu esperava.

-As coisas, ele repetiu, não gostando de onde parecia que isto se dirigia.

-Não estamos falando de compra ou café com amigos, verdade?

O olhar do Tegan voltou para o contador de cozinha, ao desenho familiar do telefone celular que estava ali. Ele franziu o cenho, com suspicacia que enrolava em sua tripa enquanto que ele caminhou em cima e o agarrou. Ele tinha visto dúzias destas coisas ultimamente. O telefone era um desses trabalhos

disponíveis, da classe favorecida pelos seres humanos que se liga com os Renegados. Ele o moveu de um puxão excessivo e inabilitado para onde estava incorporado o GPS.

Tegan sabia que se ele tomava o telefone celular e o levava ao laboratório da comunidade, Gideon encontraria que este continha sozinho um número, supercodificado e impossível de romper-se. Este telefone particular foi salpicado com o sangue humano, a mesma merda que empapou a frente do casaco de Elise.

-Onde você conseguiu isto, Elise?

-Penso que você sabe, ela respondeu, com voz tranqüila, mas desafiante.

Ele se deu a volta para lhe fazer frente.

- Você o tirou de um subordinado? Por você mesma? Jesus Cristo... como?

Ela se encolheu de ombros, esfregando ao lado de sua cabeça como se lhe doesse.

- Segui-o da estação de trem. Segui-o, e quando a possibilidade estava ali, matei-o.

Não era muito freqüentemente que Tegan fosse tomado por surpresa, mas ouvindo aquelas palavras sair da mulher miúda o golpeou como um tijolo a parte posterior de sua cabeça.

- “Você não pode dizê-lo a sério”.

Mas era. O olhar plaiño que lhe deu não lhe deixou nenhuma dúvida.

Detrás dela, a tela da televisão cintilou com um boletim informativo das notícias em direto. Um repórter apareceu, entregando palavras de que tinham descoberto a uma vítima que tinha sido apunhalada alguns minutos antes:

“... encontraram ao cadáver apenas dois blocos longe da estação de trem, outra matança na que autoridades estão começando a suspeitar em uma série de assassinatos relacionados com...”.

À medida que o relatório continuou, e Elise tranqüilamente lhe contemplou do

outro lado da habitação, o sangue de Tegan dirigiu o frio com a compreensão.

- Você? Ele pediu, já sabendo a resposta, tão incrível que parecia.

Quando Elise não respondeu, Tegan andou com passo majestoso a um pequeno baú no chão perto do futón. Deu-lhe um puxão aberto e jurou quando seus olhos ligados se posaram em um sortido grande de lâminas, armas, e munições. Muito disso ainda era novo, mas os outros tinham sido usados e tinham o desgaste que o demonstrava.

- Quanto tempo, Elise? Quando começou esta loucura?

Contemplou-lhe, sua mandíbula

magra sustentada rígida.

- Meu filho está morto devido aos Renegados. Tudo o que amei se foi devido a eles, ela disse finalmente.

- Eu não podia me sentar sem fazer nada. Não me sentarei comodamente e não farei nada.

“Tegan.” ouviu a resolução de sua voz, mas isto não lhe fez estar menos zangado sobre o que estava passando aqui.

- Quantos?

Esta noite não era a primeira, obviamente.

- Quantas vezes você fez isso, Elise?

Ela não disse nada por um tempo muito comprido. Então ela caminhou lentamente em cima à prateleira para livros e se ajoelhou abaixo para tirar uma gaveta com tampa da prateleira inferior. Seu olhar estava fixo no Tegan, ela levantou a tampa e a fixou tranqüilamente a um lado.

No compartimento se achavam mais telefones celulares de subordinados.

Pelo menos uma dúzia dessas malditas coisas.

Tegan deixou cair seu traseiro no futón e deslizou seus dedos através de seu cabelo.

- Inferno santo, mulher. Você perdeu sua maldita mente?

Elise esfregou sua palma sobre sua frente, tratando de aliviar um pouco a palpitação que a maltratava de dentro. A enxaqueca vinha rápida, maltratando com força. Ela fechou seus olhos, esperando acautelá-lo o pior deles. Suficientemente mal tinha sido que ela fora descoberta esta noite; ela não necessitava a humilhação de uma fusão acidental psíquica que a deixaria incapaz de funcionar, menos até para tratar com o Guerreiro da Raça que se encontrava em sua sala de estar.

-Você tem alguma idéia do que esta



fazendo? A voz do Tegan, embora nivelada e sem uma indireta de algo além da incredulidade básica, retumbou na cabeça de Elise como o fogo de canhão. Com a caixa de telefones celulares na mão, ele começou a estabelecer o passo longínquo em algum lugar detrás dela no pequeno estúdio, o som de suas botas pesado no desgastado, e imundo, tapete de montão baixo que chiava em seus ouvidos.

- Que demônios trata de fazer, mulher, que consegue matando?

- Você não entende, murmurou ela através do martelar de dor detrás de seus olhos. - Você não poderia... não poderia entender possivelmente.

- Tente-o.

As palavras eram concisas, agudas. Um comando de um varão de grande alcance que esperava ser obedecido.

Elise se levantou lentamente de sua genuflexão ao lado da estante e se moveu ao outro lado do quarto. Cada passo era uma tarefa que ela trabalhou dificilmente para disfarçar, alívio que vinha somente quando ela era capaz de apoiar sua espinha dorsal na parede para um pouco de ajuda muito necessária. Ela cedeu virtualmente no cartão de gesso acústico-preenchido, desejando que Tegan se fosse para poder derrubar-se e sofrer seu colapso em privado.

- Este é meu próprio negócio, disse ela, sabendo que ele provavelmente ouviu sua falta de fôlego, que ela era incapaz de ocultar totalmente.

- É pessoal.

- Pelo amor de Deus, Elise. É suicídio de merda.

Ela se estremeceu na blasfêmia do guerreiro, desacostumada à audiência da língua áspera. Quentin nunca tinha pronunciado nada mais áspero que uma maldição ocasional em sua presença, e então somente quando ele estava no pior dos estados pela frustração com a agência ou as políticas restritivas dos Darkhaven. Ele tinha sido um cavalheiro perfeito de

todas as maneiras, tratava-a com suavidade embora ela soubesse que como pertencia à raça, sua força era imensurável.

Tegan era um contraste cru, terrivelmente contrastava com seu companheiro defunto - um que a tinha criado para temer subir para cima de uma alguma sala do complexo Darkhaven a partir do momento em que ela era uma moça jovem. Ao Quentin e à agência da aplicação ele tinha sido uma parte disso, Tegan e o resto da ordem eram considerados os vigilantes perigosos. Muitos no complexo Darkhaven, diziam que os guerreiros eram simplesmente um quadro de valentões selvagens, com mentalidade medieval e dispostos que

passavam muito tempo em servir para fora com seu único propósito como defensores da nação do vampiro. Eles eram desumanos— alguns diriam— à margem da lei, e embora Tegan tivesse salvado sua vida esta noite, Elise não podia evitar sentir-se desconfiada dele, como se houvesse um animal selvagem solto em sua casa.

Ela o olhou empurrar sua mão grande na caixa de dispositivos de comunicação dos subordinados, ouviu o estrondo confuso e o dispositivo do plástico e do metal gentil enquanto que ele examinou a coleção.

-Os chips do GPS nestas fichas já estão descapacitados. Ele nivelou um

olhar estreito, duvidosa nela. -Você sabia como fechá-los para desligá-los?

Ela deu uma sacudida de cabeça débil.

-Tenho um filho adolescente, respondeu ela, depois fez uma careta de dor quando as palavras deixaram seus lábios. Senhor, ainda seguia sendo tão automático pensar nele vivo, sobretudo especialmente em ocasiões como esta, quando seu corpo se encontrava debilitado pela fadiga psíquica.

-Eu tinha um filho adolescente, corrigiu ela silenciosamente.

- Ao Camden não gostava que eu fora

capaz de saber onde ele estava assim ele apagava seu GPS do telefone celular quando ele saía. Aprendi como reativá-lo, mas ele me descobria sempre e o desligava de novo fora.

Tegan fez um ruído na parte posterior de sua garganta, algo baixo e indistinto. - Se você não tivesse mutilado estes dispositivos de rastreamento, há uma boa possibilidade de que você estivesse morta agora. Melhor que bom—é uma certeza de merda. A pessoa que fez a quão subordinados que você caçou lhe teria encontrado, e não ia querer saber do que ele é capaz.

—Não tenho medo de morrer.

- Morrer, Tegan se burlou, cortando-a com uma aguda, e exalada maldição.

- Morrer seria a menor de suas preocupações, mulher, confiei em mim. Você pode ter tido sorte com alguns subordinados descuidados, mas isto é a guerra, e você esta fora de sua liga. O que passou esta noite deveria ser prova suficiente disso.

- O que aconteceu esta noite foi um engano e não passara outra vez. Saí muito tarde no dia e tomei muito tempo. A próxima vez estarei segura de terminar e retornar a casa antes do anoitecer.

- A próxima vez. Tegan a fixou com um cenho agudo.



- Jesus Cristo, você realmente supõe isso.

Durante muito tempo, o guerreiro só a contemplou. Seus olhos verdes como as gemas estáveis eram ilegíveis, impassíveis. As linhas a mostra de seu rosto não deram nenhuma indicação de seus pensamentos. Finalmente, ele deu uma sacudida de sua cabeça avermelhada e girou longe dela para recolher a coleção de telefones celulares dos Subordinados. Ele os abarrotou nos bolsos de seu casaco, seus movimentos ásperos fizeram cintilar uma série assombrosa do armamento que ele levava debaixo das dobras do couro negro.

- O que você vai fazer?

Elise perguntou quando o último dos dispositivos desapareceu em um bolso interior profundo. - Você não vai entregarme, verdade?

- Eu muito bem deveria.

Seu olhar fixo na pedra de frente a ele.

- Mas o que você faz não é nenhuma de minhas preocupações sempre e quando mantiver seu traseiro fora de meu caminho. E não espere que a Ordem vá a seu resgate a próxima vez que você coloque de mais sua cabeça.

- Eu não... Eu não espero nada, quero dizer, lhe olhou dirigir-se para a porta, sentindo-se alagada no alívio de que ela

logo estaria sozinha para lutar com a onda gigantesca de dor que rugia nela rapidamente. Quando o guerreiro abriu a porta e caminho para fora do vestíbulo andrajoso, Elise convocou o que permanecia de sua voz.

- Tegan, obrigado. Isto é somente... algo que tenho que fazer.

Ela se calou, pensando no Camden, e todos os outros jovens Darkhaven que tinham sido perdidos no veneno dos Renegados. Inclusive a vida do Quentin tinha sido interrompida por um membro doente da Raça que tinham ao Renegado e tinha atacado enquanto estava em custódia da Agência.

Elise não podia devolver nenhuma das vidas perdidas; ela sabia isto. Mas cada dia que ela caçava, cada Subordinado que ela eliminava significava uma arma a menos no arsenal dos Renegados. A dor que ela sofria para realizar a tarefa não era nada comparada com o que seu filho e outros deveriam ter suportado. A morte verdadeira para ela consistiria em ser obrigada a sentar-se dentro do complexo dos Darkhaven e não fazer nada enquanto as ruas se tingiam de vermelho com o sangue dos inocentes.

Isso, ela não o poderia suportar.

- Isto é importante para mim, Tegan. Fiz uma promessa. E penso mantê-la. Ele

se deteve brevemente, deslizando uma olhada por cima de seu ombro.

- É seu funeral. Disse ele, e atirou da porta fechando-a atrás dele.

## ***CAPÍTULO 4***

Tegan arrojou a última das lembranças de caça de Elise para um lance isolado do Rio Carlos e observou como as escuras águas faziam ondas e os telefones móveis se desvaneceram nele. Como o resto de coisas que ele e outros guerreiros tinham confiscado em suas patrulhas, os telefones encriptados não valia para nada à Ordem. E estava muito seguro de que não ia deixá-los com Elise, estivessem os chips GPS

inutilizados ou não.

Céus, não podia acreditar o que a mulher tinha estado a ponto de fazer. Inclusive mais incrível era que ela tinha estado realizando sua lunática luta durante semanas, ou possivelmente inclusive meses. Obviamente seu cunhado não tinha nem idéia, ou seu ex-cunhado - o agente de polícia do Darkhaven teria parado isto rapidamente. Todos na Ordem sabiam que Sterling Chase tinha tido uma vez sentimentos para a viúva de seu irmão - provavelmente ainda os tinha. Não é que fosse assunto do Tegan. Nem era o desejo aparente de Elise.

Colocando suas mãos nos bolsos de seu desabotoado casaco, Tegan seguiu os

passos de volta à rua, sua respiração rodava entre seus lábios em uma neblina. Estava nevando de novo em Boston. Uma cortina borrascosa de finos flocos brancos caía sobre uma cidade já congelada há semanas por um incomum glacial inverno. Tegan sabia que tinha que estar empurrando dígitos com a sensação térmica, mas não sentia o frio. Logo que podia recordar a última vez que havia sentido incômodo. Ainda faz mais tempo, a última vez que tinha sentido prazer.

Demônios, quando tinha sido a última vez que ele havia sentido algo disso?

Ele recordava a dor.

Ele recordava perda, a ira que uma

vez lhe tinha consumido... faz muito, muito tempo. Ele recordava a Sorcha e quanto a tinha querido. Como docemente inocente era ela e como por completo ela tinha crédulo nele para mantê-la a salvo e protegida.

Deus, como tinha falhado. Ele nunca esqueceria que a tinham feito, a selvageria com que tinha sido abusada. Para sobreviver ao golpe de sua morte, tinha aprendido a separar-se de sua dor, de sua selvagem fúria. Mas nunca poderia esquecer. Nunca perdoaria.

Mais de quinhentos anos caçando Renegados e não estava perto de chamar as coisas quadradas.



Tinha visto algo dessa mesma dor e fúria nos olhos de Elise esta noite. Algo que ela apreciava lhe tinha sido arrebatado, e queria justiça. O que conseguiria era a morte. Se seus entendimentos com os Renegados e seus escravos de mentes humanas não a matavam, a debilidade de seu corpo certamente o faria. Ela tinha tentado lhe ocultar seu cansaço, mas Tegan não o tinha sentido falta. O cansaço que via nela era mais profundo que mera necessidade física, embora pudesse dizer com uma olhada a seu gasto corpo que tinha estado descuidando-se desde que tinha deixado Darkhaven - possivelmente mais tempo incluso. E qual era o trato com toda essa espuma acústica cravada nas paredes de sua casa?

Merda. O que fora.

Em realidade não era assunto dele, recordou a si mesmo enquanto andava para o segredo que albergava a Ordem, aos subúrbios da cidade. A mansão de tijolo e pedra calcária e seu imóvel com multidão de acres estavam rodeados de uma grande cerca de alta voltagem e uma enorme porta de ferro armada com câmeras e laser ativados e alarmes de sensores.

Não é que alguém estivesse perto e fora a irromper em seu interior.

Muito poucos da população completa da raça conheciam a localização exata, e aqueles que a conheciam eram bem

conscientes de que a propriedade estava custodiada pela Ordem e eram suficientemente preparadas para permanecer longe a menos que fossem expressamente convidados. Quanto a humanos, quatorze mil volts de eletricidade eram suficientes para desalentar aos curiosos de estar muito perto; os mais estúpidos se levantavam espremidos de um sabor a suco ou sendo atendidos por um assassino com uma mente nublada por culpa dos guerreiros - nenhuma destas opções era particularmente agradável. Mas eram efetivas.

Tegan teclou o código de acesso no painel de segurança que havia junto à porta, depois se deslizou para o interior

enquanto a pesada porta de ferro se abria para lhe deixar passar.

Uma vez admitido, girou para o comprido caminho pavimentado e as zonas mastreadas lhe envolveram. Por cima de sua cabeça a uns três metros, pôde ver o débil brilho das luzes da mansão através da grossa cobertura de neve sobre os pinheiros. Inclusive embora os verdadeiros escritórios centrais da Ordem se situavam em um complexo subterrâneo sob a mansão gótica, não era corrente encontrar a um ou mais guerreiros e seus companheiros usando a casa pelas tardes para jantar ou entreter-se com algo. Mas quem fosse que estivesse àquela noite não estava desfrutando de nenhuma diversão agradável.

Enquanto Tegan se aproximava do edifício, ouviu o grunhido de um feroz animal, seguido pelo barulho de cristais rompendo-se.

“Mas o que...?”

Outro ruído alto soou, mais violento que o primeiro vindo do opulento vestíbulo da mansão. Como se algo –ou alguém– grande estivesse destroçando o lugar. Tegan saltou as escadas de mármore para a porta principal e atirou da envelhecida porta de madeira laqueada em negro, aberta, sustentando forte uma faca em sua mão. Enquanto avançava ao interior, suas botas se chocaram em um caos de porcelana e cristais quebrados.

”Jesus”, murmurou, compreendendo a origem da destruição.

Um dos guerreiros estava de pé apoiado em um antigo aparador no centro do chão de cerâmica, suas mãos oliva e cheias de cicatrizes unidas sobre os bordos da peça como se isso fosse tudo o que lhe mantinha de pé. Estava empapado e nu de cintura para cima, levando somente umas calças de algodão cinza que pareciam ter sido rasgados segundos antes. Seu escuro cabelo caía solto, largas ondas castanhas brilhantes com água e gotejando sobre seu rosto. Os hieróglifos que marcavam seu peito nu e seus ombros estavam lívidos de cor, intrincado sinal de pele da raça vibrando com vida furiosa.

Tegan baixou sua arma, a faca oculta por sua mão até que o meteu em sua capa de novo.

- Como vai, Rio?

O guerreiro grunhiu baixo nas costas de sua garganta, menos menção que o terremoto de sua ira. A água lhe impregnou ao redor de seus pés e os pulverizados fragmentos de um jarro do Limoges, de valor impreciso, o que tinha varrido fora do aparador. O cristal gentil sujava a superfície do armário de mogno; em cima dele, o espelho de parede e seu ornamentado marco pareciam pedacinhos pelos malditos nódulos da mão direita de Rio.

- Fazendo melhoras no lar tão tarde, meu amigo? Tegan caminhou mais perto dele, mantendo seus olhos preparados sobre o apertado carretel de grande volume do guerreiro.

- Por isso merece a pena, nunca usei esse frufu francês nunca...

Rio exalou uma áspera e estremecedora respiração, depois girou sua cabeça para olhar ao Tegan. Os olhos cor topázio ainda sustentava um rastro de brilho âmbar; a luz que deles se deslizava através da escuridão caída de seu cabelo, confundindo o calor de uma loucura persistente. O brilho branco das presas brilhava detrás dos lábios abertos do vampiro enquanto arrastava o ar



através de seus dentes. Tegan sabia que não era o anseio de sangue o que evocava o lado selvagem do guerreiro. Era ira. E remorso. O sabor ácido do bronze do canhão encheu o ar, expulsando-o Rio em cálidas ondas.

- Poderia havê-la matado, disse asperamente com uma voz que era aguda e angustiada, não como a habitual ondeante voz de barítono espanhola.

- Tinha que sair dali, logo. Algo punheteiro dentro de mim... grunhiu. Ele recolheu o ar em um grunhido feroz.

- Merda, Tegan... Eu queria... precisava... fazer mal a alguém.

Alguém mais poderia ter percebido

um sinal de alarme nestas palavras, mas Tegan as absorveu com tranqüila observação, estreitando seus olhos sobre a meio cicatrizada, e arruinada pela metralhada da bochecha esquerda do rosto de Rio que não estava o bastante dissimulada pelas úmidas pontas agudas de seu cabelo. Não ficava muito do bonito e sofisticado homem que uma vez tinha sido o membro mais depravado da Ordem, sempre rápido com uma brincadeira ou um fácil sorriso. A explosão a que tinha sobrevivido o verão passado levou grande parte de sua beleza; a revelação de que sua própria companheira de raça, Eva, tinha-lhe traído em uma emboscada mortal lhe tinham tirado todo o resto.

- Mãe de Deus, sussurrou asperamente Rio. - Ninguém deveria estar perto de mim.

Estou perdendo minha maldita mente! O que aconteceria eu... Cristo, que aconteceria se tivesse feito algo? Tegan, o que aconteceria se a tivesse ferido. O alarme ativou os sentidos do Tegan. O guerreiro não estava falando da Eva. Ela tinha morrido por sua própria mão o dia que sua traição tinha sido descoberta. A outra única mulher que tinha algum contato regular com Rio era Tess, a companheira de raça de Dante.

Desde sua chegada à comunidade uns meses atrás, Tess tinha estado trabalhando com Rio, usando seu talento curativo para

arrumar o que ela podia de seu corpo quebrado e tentar lhe ajudar a reabilitar as ruínas físicas e mentais deixadas no despertar de sua terrível experiência.

Ah, merda !

Se o guerreiro a tinha ferido, acidentalmente ou não, haveria problemas.

Dante queria a sua mulher com uma intensidade que tinha surpreso a todos na comunidade. Uma vez o temerário menino mau, Dante esteve envolto ao redor do fino dedo de Tess e não lhe importou quem soubesse. Ele mataria a Rio com suas próprias mãos se algo ocorria a sua companheira.

Tegan bufou uma maldição.

- O que fez Rio? Onde está Tess agora?

Rio agitou miseravelmente sua cabeça e gesticulou vagamente para a parte traseira da cheia mansão. Tegan esteve a ponto de tomar essa direção quando rápidas pegadas soaram pelo comprido corredor que conduzia até a zona geral da piscina interior do estado. O suave golpe de uma luz, pisadas descalças caminhando cada vez mais perto, seguidas da voz de uma mulher preocupada.

- Rio? Rio, onde está...?

Tess girou a esquina em uma chiada

derrapagem, levando umas calças negras de ginástica sobre um empapado traje de banho azul celeste. O aspecto era pura terapia esportiva, mas nenhum homem com olhos em sua cabeça e sangue vermelho em suas veias estaria louco se não percebesse o fantasticamente que ela preenchia esse náilon e essa lycra. Seu cabelo castanho-mel estava jogado para trás em uma larga cauda, as pontas úmidas e frisadas da piscina. As unhas dos pés, pintadas de cor pêssago, detiveram-se no extremo do campo de porcelana quebrada no vestíbulo.

- OH, Meu deus. Rio... está bem?

- Ele está bem, disse-a Tegan.

-O que tem você?

A mão de Tess foi reflexivamente a seu pescoço, mas assentiu com a cabeça.

- Estou bem. Rio me olhe, por favor. Está bem. Pode ver que estou perfeitamente bem.

Mas algo se afundou fazia uns minutos; isso era muito óbvio.

- O que ocorreu?

- Tivemos alguns contratemplos na sessão de hoje, nada importante.

Diga-lhe o que te fiz, murmurou Rio.

- Diga-lhe como fui às escuras até a piscina e pus minhas mãos ao redor de sua

garganta.

- Jesus, grunhiu Tegan, e agora que Tess apartava seus dedos do pescoço e pôde ver a marca pálida de um roxo.

- Está segura de estar bem.

Ela assentiu.

Ele não sabia o que fazia e quando soube me deixou. Estou bem, de verdade. Ele também o estará. Sabe Rio?

Tess avançou cautelosamente, evitando os fragmentos perto de seus pés mantendo-se a uma sã distância de Tegan como se ele fosse uma ameaça a sua segurança geral que o feroz e nervoso Rio.



Tegan não estava ofendido. Ele preferia sua solitária existência e trabalhou duro para mantê-la. Olhou a Tess mover-se lentamente para a agitada postura de Rio no aparador.

Ela pôs sua mão gentilmente no ombro cicatrizado do guerreiro.

- Amanhã estará melhor, estou segura. Todos os dias há pequenas melhorias.

- Não vou estar melhor, murmurou Rio, no que poderia ter divulgado como auto-compaixão, mas parecia mais uma interpretação sombria. Ele se separou de Tess com um grunhido.

- Deveria ser sacrificado. Sou inútil. Este corpo, esta mente são foddidamente

inútil!

Rio golpeou seu punho sobre o aparador, vibrando o espelho quebrado e pondo um tremor no móvel de mogno de duzentos anos que havia baixo ele. Tess se estremeceu, mas houve uma férrea resolução em seus olhos azul esverdeados.

- Não é inútil. Curar-se leva seu tempo, isso é tudo. Não pode abandonar.

Rio grunhiu algo desagradável em voz baixa, seus olhos lançavam uma luz âmbar em sinal de aviso. Mas inclusive as vozes de um feroz vampiro meio louco não iam dissuadir a Tess de lhe ajudar se ela podia. Sem dúvida ela tinha visto esse

comportamento de grunhidos antes em Rio - e possivelmente inclusive em seu próprio companheiro - e não tinha fugido aterrada.

Tegan viu como Tess permanecia firme, acalmada, preparada, tenaz. Não era difícil imaginar por que Dante a adorava tanto. Mas Tegan podia ver que Rio estava em um estado particularmente instável, volátil. Possivelmente não lhe importasse fazer mal a alguém - se não a todos, a Tess, cujas extraordinárias destrezas curativas lhe tinham tirado da próxima psicose - mas a ira e a angústia faziam um poderoso coquetel emocional. Tegan sabia esse fato de primeira mão; o tinha vivido uma vez, faz tempo. Acrescenta a isso os efeitos prolongados

de um traumatismo craniano como o que Rio tinha sofrido, e o guerreiro era um barril com pólvora esperando explodir.

- Me deixe, disse Tegan quando Tess começou a mover-se para Rio de novo.

- Levar-lhe-ei a comunidade. Vou para baixo, de todos os modos.

Deu-lhe um sorriso cauteloso.

- Está bem, obrigado.

Tegan se aproximou de Rio com movimentos deliberados e cuidadosamente lhe guiou longe da mulher e fora do campo de escombros a seus pés. Os passos do grandalhão eram pesados, com falta de graça, que lhe saíam assim

de natural. Rio se inclinou pesadamente sobre o ombro e o braço do Tegan, seu peito nu pesando com cada profunda respiração que arrastava a seus pulmões.

- Isso, agradável e fácil, animou-lhe Tegan.

-Sabemos agora, amigo?

A cabeça morena caiu acordadamente.

Tegan olhou ao Tess enquanto esta se ajoelhava e começava a recolher os cristais quebrados e a porcelana dos ladrilhos do vestíbulo.

- Viu ao Chase esta noite?

- Não faz um tempo, disse ela.

- Ele e Dante estão ainda fora de patrulha.

Tegan sorriu com suficiência. Faz quatro meses, os dois homens tinham estado preparados para arrancar as gargantas mutuamente.

Tinham sido unidos por Lucan como companheiros pouco dispostos quando o agente do Darkhaven, Sterling Chase revelou à comunidade informação sobre uma perigosa droga de discotecas chamada Carmesim e solicitou ajuda à ordem para varrer a merda das ruas.

Agora ele e Dante eram quase inseparáveis no campo, tinham-no sido

sempre desde que Chase abandonou Darkhaven e vinha a bordo oficialmente como membro da Ordem.

- Pareciam uns Mutt e Jeff<sup>1</sup> né?

Os olhos do Tess tinham um rastro de humor enquanto elevava a vista da desordem que havia frente a ela.

- Mais como Larry e Curly<sup>2</sup>, se me pergunta.

Tegan exalou uma irônica risada enquanto conduzia a Rio pelo vestíbulo. Ele o levou até o elevador da mansão, entrou dentro com ele, depois pulsou o código para começar a viagem à sede subterrânea da Ordem.

Depois de deixar a Rio nos apartamentos da comunidade do guerreiro, Tegan voltou para o laboratório tecnológico para comprovar algo. Gideon estava em seu posto, como de costume, o loiro vampiro rodava uma e outra vez uma cadeira de escritório com rodas, fazendo sua magia sobre ao menos quatro computadores ao mesmo tempo. Uns auriculares de um telefone celular penduravam ao redor de sua orelha e estava dando uma série de coordenadas sobre o pequeno microfone que arqueava para sua bochecha.

O consumado falador, Gideon elevou a vista enquanto Tegan entrava no laboratório, saudou-lhe com a cabeça e pôs um conjunto de fotogramas sobre um



dos monitores. “Niko conseguiu uma pequena ajuda nesse laboratório de Carmesim”, informou ao Tegan, depois voltou para sua conversação enquanto seus dedos voavam sobre o teclado de outra máquina.

-Bem. Estou fazendo uma comprovação neste momento.

Tegan olhou as imagens que Gideon tinha evocado na tela. Algumas eram conhecidas guaridas de Renegados - a maioria deles antigas guaridas, devido aos esforços da Ordem - e outras mostravam Renegados e Subordinados indo e vindo de várias localizações dentro e nos arredores da cidade. Um rosto chamou a atenção do Tegan mais que o

resto. Era o traficante humano de Carmesim, Ben Sullivan.

Embora Dante tivesse matado ao bastardo em novembro passado, o paradeiro de seu laboratório industrial era ainda desconhecido. Os problemas com as drogas se acalmaram em uns meses desde que a Ordem estava implicada, mas até que os Renegados tivessem os meios para manufaturar mais merda, a ameaça de um ressurgimento no uso do Carmesim entre os companheiros de Raça ainda existia.

- Espera. Estou conseguindo uma coincidência de uma localização fora do Revere, estava dizendo agora Gideon.

- Sim, o que diz! Acredito que é uma

ajuda legal. Meninos querem conduzir rua abaixo pelo Rio Chelsea, vêem o que lhes podem encontrar?

Tegan se concentrou na foto do Ben Sullivan. Sorrindo, com o rosto golpeado. O humano tinha assassinado a muitos jovens vampiros com sua droga, incluindo o Camden Chase, o filho adolescente de Elise. Se não fosse pelo Carmesim, esse menino nunca se teria convertido em um Renegado nem teria sido sacrificado. E uma agradável companheira de raça como Elise não estaria escondida nesse apartamento de bairro pobre, fora de si com dor e ira, e demônios - implicada em algum tipo de vingança maternal que estava provavelmente fazendo que a matassem também.

Um peso se dissipou do Tegan enquanto considerava todo o derramamento de sangue, os séculos que ele e outros como ele tinham estado lutando contra o lado selvagem dos companheiros de Raça. Havia picos de tréguas, é obvio tempo de relativa paz, mas os distúrbios estavam sempre ali, enterrados profundamente na raça. Irritantes e corrompidos.

- Esta merda alguma vez vai terminar verdade?

- Sinto muito.

Tegan não se deu conta de que tinha falado até que ele olhou por cima e viu Gideon lhe olhando sobre os borde de

seus pálidos olhos azuis. Tegan agitou sua cabeça.

-Nada.

Ele se aproximou dos computadores, seus pensamentos se fizeram escuros e agitados enquanto Gideon se balançava de novo para seus monitores e enviando seus dedos sobre um teclado. Outra imagem de satélite encheu a tela, esta mostrava uma velha parcela industrial não muito longe da borda do rio.

Tegan conhecia a localização. Ele não necessitava nada mais.

- Sim, Niko, disse Gideon ao microfone.

-Correto. Sonha bem. Se as coisas ficarem mal por ali, me pegue um grito. Dante e Chase estão a menos de uma hora de caminho e Tegan está bem... aqui.

Mas Tegan já não estava ali.

Ele estava avançando com resolução pelo corredor fora do laboratório tecnológico agora, onde ouvia a voz do Gideon afogar-se enquanto a porta de cristal do laboratório se fechava.

## ***CAPÍTULO 5***

“Isso é tudo. Pendura à esquerda para atracar aqui no sinal de parada,” disse Nikolai do assento traseiro do SUV negro da ordem. Ele estava ocupado

recarregando as armas que ele e os dois novos recrutas de guerreiro que lhe acompanhavam esta noite tinham posto em bom uso na zona leste da cidade. As rondas à medida que ele tinha feito eram o traseiro do chute de seus números favoritos que eliminam aos Renegados com suas pontas ocas cheias de titânio pulverizado. Uma amostra de metal que significava uma morte segura aos membros viciados no sangue da raça de vampiros. Niko deu uma palmada ao clipe da Beretta 92FS que ele tinha convertido por completo em automática, e depois empurrou a arma em sua pistoleira, debaixo de seu casaco.

- Estaciona detrás desse pedaço de merda de caminhonete, lhe disse ao

guerreiro que se encontrava conduzindo. Esta parte da cidade era apertada com as casas e os negócios desmantelados, cachos grossos de humanidade que se aferravam às cercanias de Boston e a uma extensão salubre do rio Chelsea.

- Vamos a pé o resto do caminho. Vê-se agradável e tranqüilo assim podemos conseguir uma boa vista dos arredores.

- Está bem. - Brock, era um pesadelo elevado de um combatente recrutado aos subúrbios de Detroit, era tão suave atrás do volante como o era quando estava com as mulheres. Ele passou o veículo ao lado do posto, nervoso e apagou o motor.



Ao lado do Brock no assento dianteiro, o outro aprendiz do Niko girou ao redor e sustentou sua mão fora para reabilitar sua arma.

Os olhos chapeados como lobo do Kade ainda brilhavam intensamente pela anterior ação da noite, seu cabelo negro bicudo até se encontrava molhado pela neve derretida.

- Pensa que vamos encontrar algo por aqui?

Niko sorriu abertamente.

- Estou seguro como o inferno que assim será. Deu-lhe as pistolas e os cliques novos a ambos os guerreiros, logo sacou um par de silenciadores da bolsa de couro

que se encontrava a seus pés e lhes deu umas palmadas nas mãos aos guerreiros. Quando Brock arqueou uma sobrancelha em sua frente escura, Niko disse,

- Isso é tudo o que necessitam para cozinhar a um grupo de Renegados com um super carburante da 9 mm, mas não há necessidade de despertar aos vizinhos.

- Nah, Kade adicionou, cintilando as extremidades de suas presas brancas nacaradas, - E que seria simplesmente grosseiro.

Nikolai agarrou o resto de sua engrenagem e o tecido de lã até fechá-la.

- Vamos farejar pelo arredor para ver se encontrarmos algum rastro de

carmesim.

Eles saíram da SUV e rodearam a área residencial a pé, todos eles mantendo-se nas sombras quando navegaram de volta ao velho armazém do depósito onde o nariz do Niko os tinha conduzido.

O edifício parecia merda por fora - uma monstruosidade industrial do ano 1970 concretamente, de madeira e cristal. O poste de aço que uma vez tinha sido a parte de uma cerca perto de uma vala estava empurrada fora do perímetro em vários ângulos, nenhum deles diretamente, não é que isso importasse. O lugar tinha uma qualidade abandonada, guardada sobre ele, inclusive em meio das rajadas

dos flocos de neve que enchiam o céu noturno.

Niko e os indivíduos caminharam sobre o cascalho solto da parte vazia, as solas das botas eram amortecidas pela queda de neve fresca. Quando se aproximaram do edifício, Niko advertiu um rastro escuro de cinza na terra. A forma grande, e irregular era ainda visível, ainda ardendo e assobiando quando as delicadas escamas brancas caíam sobre ela e se derretiam ao contato. Ele fez gestos ao grupo que perdurava da desintegração quando Brock e Kade se aproximaram mais.

- Alguém fritou a um Renegado, - disse-lhes ele, em voz baixa como um

sussurro.

-Ainda se encontra muito fresco.

Gideon não tinha mencionado nada a respeito de enviar apoio de respaldo, assim seria sábio ser cautelosos ante o que pudessem encontrar. Os Renegados eram basicamente selvagens, e não era inaudito de que se tomassem ou matassem um ao outro ao longo de um grama para arrumar seus pequenos desacordos. Tudo isso era excelente pelo que correspondia à ordem; economizando o tempo dos guerreiros e esforço quando os bastardos se perdiam em seus desejos de sangue fresco e seu alimento próprio.

Outra consumida cabeça tinha tomado

o golpe letal do titânio perto da entrada do edifício. Um grande cadeado estava manchado com uma substância móvel pegajosa, e Brock fez gestos para a porta de aço danificada. Estava levemente entreaberta, somente uma fina cunha de escuridão se encontrava detrás dela.

Kade atirou ao Niko com o olhar uma pergunta, à espera do sinal para atuar.

Nikolai sacudiu sua cabeça, de forma incerta.

Algo não estava bem aqui.

Ele ouviu um leve retumbar em alguma parte dentro do profundo lugar, um estrondo que ele sentiu como uma vibração leve na sola de seus pés. Na

frieza suave da noite, ele percebeu um odor de um docemente enjoativo, um produto químico. Isto é... Querosene?

O estrondo se fez mais profundo, mais forte. Como trovões crescentes.

- Que caralho é isso? Assobiou Kade.

Niko cheirou o aroma forte do metal quente.

- OH, merda. - Ele jogou uma olhada aos outros dois guerreiros. -Vamos! Movam-se!

Vamos, vamos!

Todos eles saltaram em uma carreira morta, arrastando o traseiro através do

terreno enquanto que o estrondo se convertia em um rugido. Houve uma percussão— profundamente aguda, violenta—quando a explosão fez erupção das vísceras do velho edifício. Os vidros voaram para fora das janelas do último piso, disparando chamas e uma esteira espessa de fumaça negra a seu passo.

E quando eles três olharam com temor, a porta principal do lugar golpeou abrindo-se, rasgando limpamente suas dobradiças. Não pela força da explosão, mas sim pela vontade de um só indivíduo.

O fogo alaranjado rodeou a silhueta detrás dele, pondo a contraluz os amplos ombros do guerreiro e seus aleatórios grandes passos, com suas pernas largas.



Quando ele passeou longe do inferno, os extremos de seu casaco solto negro voaram detrás dele como um cabo que era adequado para ser o mesmo príncipe das trevas.

- Inferno santo, - murmurou Brock.

- Tegan.

Niko sacudiu sua cabeça, rindo-se entre dentes no temor evidente nas caras dos novatos. Não, que não fosse merecido. Não haviam visto muitas coisas impressionantes além do Tegan, e esta exibição ia circular como lenda, ele estava seguro. Detrás dele agora, o armazém foi engolido pelas chamas, arrojando o calor como se fosse mesmo o

forno do inferno. Era incrível, realmente, uma coisa do rugido, de violenta beleza. Pelo plano enfastiado na expressão do Tegan quando ele se aproximou, ele podia acabar de voltar também de ter ido urinar.

- Tudo bem aí dentro, T?- brincou Niko.

- Você necessita respaldo ou qualquer outra coisa? A bolsa de guloseimas de merengue brando para assar sobre aquela pequena fogueira que você só começou?

- Está controlado.

- É uma merda, - respondo Niko, ele e os outros dois guerreiros vendo estalar as faíscas que faziam erupção no armazém

ardendo, uma coluna de fogo se elevava ao alto no céu noturno.

Tegan andou a pernas além deles tão afresco como não podia deixar de ser, não dando a mínima desculpa ou explicação. Mas por outro lado era sempre dessa maneira com ele. Ele era o fantasma que você nunca via vir, a morte que respirava sob seu pescoço, inclusive antes que você te desse conta de que foi o ponto central que se encontrava no olho.

Ele nunca foi menos que cuidadoso no combate, mas a aniquilação que ele tinha entregado ao laboratório de Carmesim estava além de algo que Niko tinha visto alguma vez fazer ao guerreiro antes. De acordo com o relatório de

Inteligência que ele tinha deste lugar, o mesmo estava custodiado provavelmente por meia dúzia de Renegados — todos eles mortos pela mão do Tegan e um edifício que logo seria nada, mas que uma pilha de escombros fumegantes em um par de horas. Se Niko não o conhecesse melhor, ele estaria tentado em pensar que isto era um assunto pessoal.

- Alegremente poderíamos lhe haver servido de utilidade, homem, gritou Niko detrás dele, exalando ironicamente uma maldição torcida.

- Maldito seja, esse tipo é frio, comentou Brock enquanto Tegan desaparecia na escuridão e a dispersa rajada de neve.

- Ele é gelo, disse Niko, alegre como o inferno de que o guerreiro de primeira geração estivesse de seu lado.

- Adiantem-se, voltemos antes que o lugar comece a encher de seres humanos.

Tegan caminhou novamente dentro da cidade solitária, escutando o grito das sirenes que se lamentavam na distância detrás dele. Ele não teve que dar a volta para saber que um resplendor ardente iluminava a noite perto do Rio Chelsea. Sorriu com satisfação na escuridão. Não importava quanta água da represa a FD utilizasse no velho armazém, não se salvaria. Tegan tinha assegurado de que não ficasse nada uma vez que a fumaça finalmente saísse. Ele tinha querido o

lugar incendiado, com uma ferocidade que não tinha sentido durante anos.

Merda tinham passado vários anos desde que ele tinha conhecido a classe de selvageria que corria através de suas veias esta noite. Mas bem Séculos.

E como o jogador que era, sentiu-se malditamente bem.

Tegan flexionou suas mãos na mordida invernal do ar da noite. Ainda era capaz de sentir a dor que lhe tinha provocado os Renegados esta noite — o delicioso horror que afundou os corações de cada um que ele tinha matado no laboratório de Carmesim. Ele os tinha agradado em sua angústia quando o titânio

se apressou em seu sangue, cozinhando os de dentro para fora.

Quando ele há muito tempo tinha aprendido a separar suas próprias emoções, o poder psíquico que ele possuía estava além de seu controle. Igual a todos os da Raça, ele tinha, além dos rasgos vampíricos de seu pai, certas capacidades extra-sensoriais únicas transmitidas da fêmea humana da que ele tinha nascido. Para o Tegan, ele só tinha que esfregar-se contra outro indivíduo — já fosse humano ou vampiro — e sabia o que eles sentiam. Tocava a alguém, e ele absorvia suas emoções em si mesmo, alimentando-se da conexão como um sanguessuga em uma ferida aberta.

O presente tinha sido de uma vez tanto uma arma como uma maldição nele ao longo de sua vida; agora era seu vício privado. Ele o utilizava tão frequentemente como o fosse possível, mas quando o fazia, era com deliberado gosto, e sádico entusiasmo. Melhor que ele tirasse com um sifão o prazer da dor e medo dos outros a deixar que seus próprios sentimentos se elevassem à regra, que já tinha antes.

Mas esta noite ele havia sentido o ardor de um pouco de satisfação em seu interior, enquanto ele repartia a morte aos Renegados e o casal de subordinados que recrutaram evidentemente para continuar com a fabricação do Carmesim. E depois de que nenhum deles ficasse respirando, o



chão de concreto do velho armazém correu de vermelho com seu sangue e fedia com a fusão celular dos Renegados aos que ele tinha alimentado com lâminas e balas, Tegan tinha necessitado algo mais.

Por motivos que ele não tinha nenhum interesse em examinar agora mesmo, tinha estado de pé no centro do açougue que ele tinha lavrado não querendo nada menos que a destruição completa.

Fogo e cinza, escombros que ardem sem chamas. Ele tinha querido o laboratório de Carmesim apagado da existência, nada mais que uma cicatriz de cinza negra na parte vazia onde esta esteve de pé.

E se ele queria reconhecê-lo ou não, sabia que querer a destruição tinha mais de uma conexão de caminho com a Elise. Tinha sido seu rosto o que ele tinha visto em sua mente enquanto ele acendia o lugar. Tinha tido o pensamento de que sua pena e dor lhe tinham feito saborear cada uma das mortes de quão renegados ele matava esta noite.

Empurrando suas mãos nos bolsos de seu casaco, Tegan se dirigiu contra o vento sobre um reduzido beco do lado do extremo Sul. Ele não estava seguro aonde se dirigia, embora supusesse que ele deveria havê-lo sabido. Ele reconheceu a vizinhança de merda de Elise incluso antes que desse volta sobre a rua que descarregaria eventualmente sobre

seu bloco.

Tegan ainda não podia compreender sua vida nessas condições miseráveis. Como a viúva de um alto funcionário do governo da raça, Elise tinha que estar mais que cômoda financeiramente. Ela teria podido viver em qualquer dos complexos dos Darkhavens, querendo para nada, independentemente se ela decidia tomar a um novo companheiro ou não. Que ela tivesse elegido deixar sua velha vida para existir ao lado entre a espécie humana basicamente era surpreendente. Ela tinha parecido tão abrigada e frágil quando ele a encontrou faz aproximadamente quatro meses. Ele não podia ter sido mais impressionado de encontrá-la a noite anterior, alagada com

o sangue de um subordinado e armada como uma da Ordem.

Mas apesar de todo seu desafio e resolução, Tegan não tinha deixado de perceber a fadiga de Elise. Ela tinha parecido tão cansada e esgotada dos ossos, de uma maneira que parecia ir além de uma simples e clara fadiga. Ele supôs que essa era a razão pela que se encontrava fora de seu apartamento outra vez.

Ele não estava a ponto de ir à porta principal. Era tarde, ela estava provavelmente dormindo, e enquanto que houvesse escuridão no exterior, sua prioridade número um era a Raça. Quando ele corretamente deveria ter seguido

andando, Tegan em troca se deslizou entre o edifício de Elise e o que estava a lado dele, dirigindo-se à parte posterior. O interior de seu apartamento do primeiro andar parecia escuro do exterior, mas a espuma acústica que cobria as janelas teria bloqueado quase qualquer luz. Inclusive com a isolação no lugar, Tegan podia ouvir o som pesado de seu equipamento de música e o bate-papo competidor da TV. Ele percorreu uma mão por seu cabelo molhado pela neve, depois girou ao redor e marcou a seu passo três largas pernadas sobre a frente do pátio atrás do lugar.

Esqueça-te dela e só vai!

Sim, esse era o maldito caminho o

que ele deveria seguir, certo. Deixar à fêmea afligida, formosa com o desejo de morte evidente de sua cabeça e largar-se fodidamente longe.

Exceto...

Ele se deslizou mais perto do edifício, franzindo o cenho ao cristal que bloqueava as janelas.

Ele não escutava nada mais com exceção da música e o ruído da televisão, mas essa era a situação que despertou o seu sentido vigilante de guerreiro. Isso, e o débil comichão de um aroma de sangue que provinha de dentro de seu apartamento. O sangue era de Elise. Seu nariz registrou uma doçura de cheiro

de rosas sutil que só poderia ser da companheira de raça que se encontrava dentro. Ela estava sangrando talvez não muito pelo rastro de aroma, mas era impossível dizê-lo a ciência certa com o tijolo, o vidro e as três polegadas de espessura da espuma que se encontravam por meio.

Tegan abriu a fechadura do marco da janela com sua mente — a segunda vez que ele tinha perpetrado em um lugar de um R&E<sup>3</sup> em uma noite — e levantou o cristal pesado do exterior. Não havia nenhuma tela, e isto tomou todo um segundo para empurrar longe o painel acústico e se esforçou para ver dentro.

Não havia nenhuma luz acesa, mas

sua visão era inclusive mais aguda na escuridão. Elise estava ali, no futon, enroscada para um lado em uma bola apertada, em forma fetal, e ainda usava o traje felpudo branco grosso que tinha usado depois de sua ducha várias horas atrás. Os braços estavam envoltos ao redor de sua cabeça em uma jaula protetora, a coroa curta de seu cabelo loiro sedoso se encontrava esmiuçada e cravada em total desordem por seu profundo sonho.

Ela inclusive não se moveu até quando Tegan se levantou sobre o batente e se balançou para dentro, embora ele se movesse em silêncio e o estrondo do áudio no lugar fosse ensurdecedor. Tegan desejava que o equipamento de música e



televisão se silenciassem — e esse foi o momento quando ela de repente disparou para cima, não completamente acordada, a não ser sacudida em um pânico semiconsciente.

- É aceitável, Elise. Você tem toda a razão.

Ela não parecia escutá-lo. Seus olhos cor lavanda estavam abertos completamente, mas desfocados, e não pela carência da luz no departamento. Ela gemia de dor e se jogou no futon em uma aturdida postura desajeitada, suas mãos procuravam desesperadamente o controle remoto que se encontrava perto de seus pés. Ela lutou freneticamente com o dispositivo e começou a pulsar e apertar

os botões em um frenesi.

-Venha, gire caralho, gire!

- Elise.

Tegan caminhou para ela e se ajoelhou na parte inferior ao lado dela. Ele suspeitou que houvesse mais sangue nela e quando ele levantou seu queixo com o bordo de sua mão, viu que seu nariz sangrava. As gotinhas cor escarlate mancharam a lapela branca brilhante de seu penhoar, algumas eram frescas e algumas de um deslizamento anterior.

-Jesus...

- Gire-o!- gritou ela, depois ela jogou uma olhada por cima e viu a janela aberta,

a espuma acústica frouxa que pendurava obliquamente.

- OH, Deus. Quem moveu o painel daí? Quem faria algo similar!

Ela se empurrou a seus pés e se apressou a levantar-se para reparar a abertura, fechando de repente a janela fechada e lançando a fechadura. Suas mãos se moviam agitadamente sobre o material de isolamento enquanto que ela tentava estampar o material novamente atrás do lugar sobre o cristal.

- Elise.

Nenhuma resposta, apenas um sentido de profunda ansiedade que irradia para fora de sua pequena forma debaixo do

traje felpudo branco. Com um gemido vivo, Elise agarrou sua cabeça com ambas as mãos e se afundou lentamente no piso debaixo da janela, como se suas pernas acabassem de dar para fora debaixo dela. Amontoando-se apertadamente sobre seus dobrados joelhos, ela se inclinou para diante, balançando-se de frente para trás.

- Faça-o deter-se, - ela sussurrou forçadamente.

- Por favor... logo que... faça o deter-se.

Tegan se aproximou dela lentamente, não querendo transtorná-la mais longe. Com uma maldição, ele se agachou abaixo, e pôs cuidadosamente sua mão no

arco delicado de sua espinha dorsal. Os dedos atravessaram e a tocaram de par em par, seus sentidos se abriram à conexão, a dor de Elise atirando nele como uma corrente elétrica.

Ele sentia a agonia que estilhaçava a enxaqueca que a agarrou, sentindo o ruído surdo e duro do batimento de seu coração que soava em seus ouvidos como se fosse o seu próprio. Ele provava o ácido em sua língua, seus dentes lhe doíam da força com a qual ela apertava sua mandíbula para combater a tortura que a montava como se fosse um cavalo.

E ele ouviu as vozes.

As vozes repugnantes, corrosivas,

terríveis que viajavam no ar ao redor deles, silenciosas a todos exceto para a companheira de raça psicologicamente sensível enrugada no chão ante ele.

Em sua mente - pela conexão que ele celebrou com Elise — Tegan registrou a discussão de um casal no corredor. Através de todo o caminho, um homem cobiçava por sua própria filha. No apartamento em cima de Elise, um drogado atirava o valor de um mês da manutenção alimentícia de seu menor em sua veia enquanto que seu bebe faminto chorava, completamente ignorado, no outro quarto.

Cada pensamento humano negativo, destrutivo e as experiências dentro de um

raio que Tegan só podia adivinhar pareceram dirigir-se dentro da mente de Elise, bicando longe nela como abutres na carniça.

Era o mesmo inferno na Terra, e Elise vivia isto cada momento que despertava. Talvez inclusive enquanto ela estava dormindo. Agora ele entendia o porquê dos painéis de espuma e o som alto. Ela tinha estado tratando de afogar a entrada com o outro ruído — o equipamento de música, televisão, e até o reprodutor do MP3 que se encontrava em um enredo de cabos no balcão da cozinha.

Ela enganava a si mesma se pensava que poderia adaptar-se e fazer frente com isto no mundo humano. Por não dizer nada

da loucura de seu intento de perseguir vingança contra os Renegados e seus subordinados.

- Por favor, - ela murmurou sua voz suave que vibrava contra sua palma aberta, - Eu necessito que se detenha agora.

Tegan rompeu o contato e soltou uma maldição através dos dentes fortemente fechados.

Isto não era nada bom.

Ele não podia deixá-la como estava. Ele deveria devolvê-la ao complexo Darkhavens.

Ele possivelmente... Mas agora



mesmo ela necessitava a liberação da dor que ela sentia.

Inclusive ele não era bastante frio para sentar-se comodamente e observá-la sofrer.

- Esta bem, - disse ele.

- Relaxe-se agora, Elise. Você esta bem.

Ele a levantou para cima em seus braços e a levou de novo ao futon. Ela era tão leve, muito leve, ele pensou. Elise era uma mulher miúda, mas ela se sentia tão leve como um menino contra seu peito. Quando foi a vez última que ela se alimentou? Sustentando-a muito perto, Tegan não podia menos que notar o ângulo

agudo de suas maçãs do rosto, e a debilidade da linha de sua mandíbula.

Ela necessitava sangue. Uma boa dose de glóbulos vermelhos da raça lhe daria força e acalmariam algo de sua dor psíquica, embora estivesse longe de que Tegan fosse a ser o voluntário. Elise era uma companheira de raça, uma daquelas estranhas fêmeas humanas nascidas geneticamente compatíveis com os membros da raça de vampiros. Alimentando a de sua veia a revitalizaria em grande medida, mas pôr seu sangue em seu corpo também criaria um enlace inquebrável entre eles. Aquela classe de relação de vínculo estava reservada para os casais, o mais sagrado voto da raça. Somente a morte poderia romper

um vínculo de sangue, por isso havia poucos entre a raça que se aproximavam disto à toa, ou o faziam por caridade.

Elise era viúva, e os vários anos que ela tinha passado, evidentemente, sem o sangue de um macho - por não mencionar o dano que ela se infligia a si mesmo cada dia que ela vivia entre a humanidade - estavam começando a tomar uma pesada carga sobre ela. Tegan a deitou cuidadosamente sobre o colchão volumoso do futon.

Ele foi lento e fácil quando ele estirou para fora suas pernas magras e a arrumou no que ele esperava fosse uma posição cômoda para dormir. O traje de tecido felpudo que ela tinha posto estava

aberta da coxa ao esterno, a correia em sua cintura se encontrava desfeita e pendurando livremente. Ele teve que trabalhar para tirar os extremos da bandagem debaixo dela, todo o momento tentando seu mais cuidadoso movimento para não perceber a cunha de sua pele branca cor nata que estava exposta a ele no processo. Era impossível pretender que ele estava cego a suas curvas femininas, ou ao fluxo flutuante de seus pequenos peitos, perfeitos. Mas foi o brilho repentino de uma coxa formosa e magnífica o que aspirou a maior parte do ar fora dos pulmões do Tegan.

Ali, no lado interior de sua perna direita, estava a marca de nascimento em forma de lágrima-e-meia-lua diminuta que

toda companheira de raça tinha em algum parte de seu corpo. A de Elise descansava na parte mais atrativa de sua coxa, apenas debaixo do triângulo suave de seu sexo.

- Ah, merda! Tegan se cambaleou para trás, crescendo a quantidade de saliva que se encontrava em sua boca em um instante, aumentando o impulso de provar aquele ponto doce.

Fora de seus limites, homem, ele se disse severamente. E esse caminho ao inferno fora de sua liga.

Seus movimentos eram rápidos agora, sua acelerada respiração estava além das extremidades de suas presas que emergiram quando ele atirou dos extremos

de seu traje ao redor da nudez de seu corpo. Seu nariz tinha começado a sangrar outra vez por sua enxaqueca. A destilação de cor escarlate brilhante manchou a suave pele branca de sua bochecha. Ele esfregou ligeiramente longe o sangue com a prega de sua camiseta negra, tentando não fazer caso da fragrância doce que chamava a tudo o que nele era da raça. Seu pulso agitado era como um toque de tambor em seus ouvidos, o pequeno tic tac rápido de sua carótida se desenhava em seus olhos sobre a linha elegante de seu pescoço.

Maldição pensou ele, mentalmente retorcendo seu olhar fixo longe dela. Seu próprio apetite acabava de afiar-se só por estar perto dela. Ele agora tinha fome,

ferozmente, embora não tinha passado muito tempo da última vez que caçou. Não, que a gente da rua cansada, asquerosa da que ele tinha tomado sua alimentação se podia comparar à beleza branda, sensível que se encontrava estendida diante dele agora.

Elise fez uma careta de dor detrás de suas pálpebras fechadas, gemendo brandamente, ainda na dor. Ela estava tão vulnerável agora mesmo, tão indefesa contra a angústia psíquica.

E neste momento, ele era tudo o que ela tinha.

Tegan tendeu sua mão para ela e alisou seus dedos sobre sua frente fresca,

e úmida.

Ele brandamente pressionou sua palma sobre seus olhos fechados.

- Sonha - lhe disse, pondo-a em um transe ligeiro.

Quando sua respiração se reduziu à marcha de algo perto do normal, e a tensão se aliviou de seu corpo, Tegan se sentou comodamente e a olhou deslocar-se dentro de uma calma, de um sonho tranqüilo, relaxante.



## *CAPÍTULO 6*

Elise se levantou lentamente, sentindo-se como se sua consciência tivesse sido levada a algum lugar longínquo e tranqüilo, somente para ser devolvido a seu corpo como uma pele levada agradavelmente sobre a brisa. Possivelmente era um sonho. Um comprido e doce sonho... uma paz que tinha conhecido durante meses. Estirou-se um pouco no futon, suas nuas pernas roçando o tecido de seu penhoar e o suave peso de uma manta que a cobria do queixo aos pés. Aconchegou-se na agradável calidez, suspirando, e o som de sua própria respiração a sobressaltou.

Não havia ruídos.

Não havia música ensurdecedora ou televisão a máximo volume, embora ela não pudesse logo que dormir sem algum deles funcionando.

Seus olhos se abriram bruscamente e esperou a que o assalto físico a atacasse. Mas somente houve silêncio. Querido Deus. Os segundos passaram depois um minuto completo ou mais... e havia somente um bendito e maravilhoso silêncio.

“Dormiu bem?”

A voz profunda de homem se estendia pelo apartamento desde algum lugar. Ela cheirou a torradas, e o gorduroso

aroma de ovos chispando em uma frigideira. Tegan estava de pé em sua precária cozinha, aparentemente preparando o café da manhã. O que fazia o surrealismo da manhã muito mais completo.

- O que ocorreu?- Sua voz era rouca em sua garganta. Esclareceu-a e o tentou de novo.

- O que está fazendo aqui?

OH, Deus. Ele não tinha que responder, recordou ela logo que as palavras deixaram seus lábios. Ela recordava a enxaqueca pela que tinha desmaiado e a inesperada volta do Tegan umas horas depois de que ele a

encontrasse mantendo uma briga com os Renegados. Ele havia retornado e tinha irrompido em seu apartamento por alguma razão.

Tinha silenciado o ruído protetor que ela tanto necessitava.

Elise recordava quando despertava em agonia. Em muita humilhação, recordava paralisar em uma histeria cega perto da janela, tentando arrumar a espuma acústica - que estava posta de novo em seu lugar agora, ela percebeu.

E também recordava a sensação de estar acalmada em um tranqüilo estado de adormecimento...

Graças ao Tegan?

Colocando-se sua bata, Elise moveu a um lado a manta e com cuidado relaxou sentando-se no futón. Ainda não confiava em seu entorno, segura de que a rajada de angústia mental ia golpeá-la em qualquer momento.

- O que me fez ontem à noite?

- Necessitava ajuda, assim te ajudei.

Ele fez soar como uma acusação enquanto se inclinava contra o balcão da cozinha, observando-a com um olhar indiferente. Ele estava vestido com roupas de batalha noturna: uma camiseta negra e um traje negro; a capa de pele da pistola e a da faca de terrível aspecto permanecia sobre o balcão ao outro lado dele.

Elise se encontrou com o afiado e graduado olhar que estava fixado nela do outro lado da habitação.

- Deixou-me sem conhecimento de algum jeito?

- Só um suave transe para que pudesse dormir.

Ela agarrou as lapelas de seu penhoar em seu punho, de repente consciente de que ela não levava nada posto em baixo das dobras soltas desse tecido. E ontem à noite, este guerreiro a tinha posto em um sonho forçado, deixando-a totalmente a sua sorte? Um tremor de alarme correu através dela no pensamento.

Tegan devia ler o olhar em seus olhos porque ele se burlou dela, em voz baixa.

- Assim que a gente do Darkhaven vê a ordem não só como assassinos a sangue frio, mas sim como violadores também? Ou essa distinção está reservada principalmente para mim?

-Você nunca me tem feito mal - disse Elise, sentindo-se mal por ter duvidado dele.

- Se queria me fazer mal, acredito que o teria feito.

Ele sorriu.

-Vá uma declaração de fé. Suponho que deveria estar adulado.

- E em realidade deveria estar te dando obrigado, Tegan. Ajudou-me duas vezes ontem à noite. E nunca te dei obrigado por sua amabilidade faz uns meses também, quando me levou a casa da sede da Ordem.

- Esquece-o - disse ele, encolhendo-se de ombros como se o tema estivesse resolvido antes que ela tivesse tido a oportunidade de abri-lo.

Aquela tarde de Novembro nunca se afastava da mente de Elise. Depois de ver o Camden no vídeo de vigilância capturado pela Ordem, Elise tinha se metido em um dos muitos corredores da comunidade. Privada de tudo, sobressaltada e negativa, tinha sido como



Tegan a tinha encontrado. Incrivelmente, tinha sido Tegan quem a tinha tirado da comunidade e a tinha levado a seu lar Darkhaven nas horas prévias ao amanhecer.

Ela tinha estado envergonhada com lágrimas que não terminariam, mas a tinha deixado derramar. Tinha-a deixado chorar, e inclusive mais surpreendentemente, tinha-a deixado desmoronar-se contra ele, sustentando-a com sua pena em silêncio. Com seus fortes braços a agasalhava, agarrava-a quando ela sentia que estava rompendo em pedaços por sua angústia.

Ele não podia ter sabido que tinha sido sua escora essa noite. Possivelmente

não tinha significado nada para ele, mas ela nunca esqueceria sua inesperada ternura. Quando finalmente ela encontrou a fortaleza para sair do carro, Tegan meramente a tinha visto ir-se, depois conduziu longe da calçada e fora de sua vida... até ontem à noite naquele beco quando a tinha salvado dos Renegados.

-O transe no que te pus ontem à noite está ainda ativo, disse Tegan, decidindo evidentemente trocar de tema. Isso era pelo que seu talento estava em silêncio agora. O bloqueio se manterá tanto tempo quanto eu estiver aqui o controlando.

Ele cruzou seus braços sobre seu

peito, baixando sua vista dela ao elaborado modelo de grifos que acumulavam seus antebraços e desaparecia sob a manga curta de sua camiseta. Onde os grifos serviam como barômetros emocionais nos membros da Raça, os do Tegan eram sozinho uma sombra mais escura que sua dourada pele nesse momento, levando-se longe o humor do guerreiro.

Elise tinha visto suas impressionantes marca da Raça uma vez, quando ela tinha falado com ele pela primeira vez na sede da Ordem fazia uns meses. Ela não queria olhar, mas era difícil não maravilhar-se com os curvados arcos e os elegantes e entrelaçados desenhos geométricos que distinguiam ao Tegan como um dos

membros mais antigos da Raça. Era da primeira geração da Raça; se a profundidade de seus poderes não saía mais que dele, a prevalência e a complexidade de seus grifos claramente o merecia.

Mas o fato de que fosse o Gen também o fazia mais vulnerável a coisas como a luz do sol, a qual, a essa hora da manhã, era uma preocupação muito real.

- São mais das nove da manhã, disse ela, no caso de não o ter notado.

- Ficou aqui toda a noite.

Tegan meramente se apartou para remover os ovos mexidos. Desligou o fogão elétrico, depois as torradas

saltaram e acrescentou as fatias de pão ao prato.

- Vêem aqui e come algo enquanto esteja quente.

Elise não se deu conta de quão faminta estava até que chegou a mesa e tomou seu primeiro bocado. Não havia nada que ela pudesse fazer para controlar um gemido de prazer enquanto mastigava.

- OH, isto está divino.

- Isso é porque está faminta.

Tegan foi ao mini-frigorífico e voltou com uma vitamina de proteínas em uma garrafa de plástico.

Além dos ovos, iogurte e duas maçãs, não havia muito mais para encontrar ali. Ela tinha estado vivendo com escasso sustento, não pelo custo que supusera, mas sim porque era difícil pensar em comer quando suas enxaquecas eram tão severas. O que era uma incidência diária desde que tinha abandonado Darkhaven - era pior cada dia que se aventurava entre humanos para caçar Subordinados.

- Não vai durar, sabe. Não assim. - Tegan pôs a vitamina em frente a ela, depois voltou para seu lugar contra a mesa oposta.

- Sei o duro que seu talento físico te golpeia, Elise. Não tem controle sobre isso e isso é perigoso. Pode te destruir.

Senti o que te faz, quando me levantei do chão faz umas horas.

Ela recordava seus encontros iniciais com o Tegan, como seu roce a tinha feito sentir de algum jeito exposta a ele. A primeira vez que ela tinha experimentado o tato do guerreiro tinha sido quando ele e Dante tinham aparecido no Darkhaven procurando a seu cunhado. Os guerreiros se enfrentaram ao Sterling em frente da residência, e quando Tegan saiu da comoção, foi Tegan quem a agarrou e a afastou da briga.

Agora, depois de ontem à noite, ele entendia o engano que tinha mantido a ela prisioneira no Darkhaven toda sua vida. A julgar pelo olhar imparcial que a

processava, ela se perguntava se ele tentava devolvê-la a essa jaula de novo.

- Seu corpo está debilitando-se pela tensão que está sofrendo, Elise. Não tem o equipamento necessário para dirigir o que está fazendo.

Ela agitou a garrafa de plástico que ele a tinha dado, depois enviou o selo.

- Eu as acerto bastante bem.

- Sim, já o vejo. - Ele gesticulou para a espuma acústica que ela tinha prendido nas paredes em um esforço de frear sua habilidade.

- Pareceu-me que lhe arrumava isso muito bem ontem à noite.



- Não tinha que me ajudar.

- Sei, disse ele, sem expressão em seu tom ou em seu rosto.

- Por que o fez? Por que veio aqui?

Ele ergueu um ombro encolhendo-o.

- Pensei que gostaria de saber que tinha obtido a Ordem sobre o laboratório de Carmesim. O laboratório, os fornecimentos, a facilidade de transporte individualmente...

tudo isso é cinza agora.

- OH, graças a Deus.

O alívio a percorreu como um

bálsamo. Elise fechou seus olhos, sentindo ardentes lágrimas aparecerem por detrás de suas pálpebras. Ao menos a insidiosa droga que roubou ao Camden não danificaria ao filho de nenhuma outra mulher agora. Levou um momento serená-lo suficiente para olhar de novo ao Tegan, e quando o fez, encontrou um olhar verde gema fixada duramente sobre ela.

Ela se esfregou as lágrimas que corriam por suas bochechas, envergonhada de que o guerreiro a visse derrubar-se.

- Sinto muito. Não queria ser tão emotiva. Tenho este... oco... em meu coração, desde que Quentin morreu. Depois, quando perdi a meu filho... Ela

afogou sua voz, incapaz de descrever o vazio que sentia.

- Somente sinto... dor.

- Passará.

Sua voz foi seca e plaina, como uma bofetada na cara.

- Como pode dizer isso?

- Porque é verdade. A dor é uma emoção inútil. Quanto antes descubra isso, melhor estará.

Elise lhe olhou boquiaberta, horrorizada.

- O que há sobre o amor?

- O que acontece com ele?

- Alguma vez perdeu a alguém a quem amava? Ou os homens como você, que vivem para matar e destruir sabem o que é amar?

Ele somente pestanejou em seu arrebatamento de aborrecimento, olhando-a de uma maneira firme e imperturbável que a fez querer lançar-se até a mesa e lhe golpear.

- Termina seu café da manhã, disse com molesto civismo.

- Deveria descansar enquanto possa. Logo que caia o sol, irei daqui e você contará com suas próprias defesas. E tal como elas estão.

Ele caminhou para o comprido abrigo negro que estava tendido perto do isolante e longe de seu telefone celular. Quando começou a marcar, Elise teve a súbita e absurda urgência de recolher o prato de frente dela e lançar-lhe somente para conseguir alguma reação do guerreiro de pedra.

Mas enquanto lhe escutava chamar à Ordem, essa profunda voz tão importante e ilegível, Elise se deu conta de que não a desgostava tanto como lhe invejava. Como conseguia manter-se tão frio e desligado de tudo? Seu talento físico era tão diferente do dele. Ontem à noite, tinha experimentado a tortura dela através de seu roce, mas não lhe tinha

derrubado como tinha feito a ela. Como era possível que o pudesse suportar a dor?

Possivelmente era sua força de Gen o que o fazia tão impenetrável, tão totalmente distante. Mas possivelmente era o treinamento. Se fosse algo que ele tinha aprendido, então podia acostumar-se.

- Me mostre como o faz. - disse Elise quanto terminava sua chamada e fechava o telefone.

- Te mostrar o que?

- Diz que preciso aprender a controlar os poderes de minha mente, assim me mostre o que preciso fazer.

Ensina-me. Quero ser como você.

- Não, não quer.

Ela caminhou pelo bordo da mesa até onde ele estava. - Tegan, ensina-me. Posso ser um recurso valioso para você e para a Ordem.

- Quero ajudar. Preciso ajudar, entende-o?

- Esquece-o. Ele começou a afastar-se dela.

- Por que, porque sou uma mulher?

Em um movimento tão rápido que roubou o fôlego, Tegan girou ao redor dela com seus ferozes olhos de

depredador.

-Porque está motivada pela dor, e isso é uma debilidade fatal que te levará direto à morte. É muito novata. Está afundada tanto em sua própria auto-compaixão para ser útil a alguém.

O fogo se iluminou no olhar dele, depois se inclinou tão rápido como se elevou. Elise tragou saliva enquanto assimilava suas palavras cortantes. A valoração a ardeu, mas era verdade. Ela piscou lentamente, depois assentiu com a cabeça.

- O melhor lugar para você é Darkhaven, Elise. Fora daqui, conforme está, é uma carga- especialmente para



você mesma. Não o estou dizendo para ser cruel.

- Não, é obvio que não. - acordou ela brandamente.

- Porque inclusive a crueldade implicaria algum tipo de sentimento, não?

Ela não disse outra palavra. Olhou-lhe enquanto retirava seu prato da mesa e o levava até a pia.

- O que quer dizer com que desapareceu?- O líder dos Renegados se sentou em sua poltrona de pele, posando seus cotovelos na superfície de uma grande mesa de mogno e cruzando os dedos enquanto a voz de um Subordinado nervoso rangia pelo auricular do telefone.

- A chamada veio do parque de bombeiros ontem à noite, senhor. Houve uma explosão. O armazém completo ardeu como uma vela romana. Sem salvação possível, segundo os tipos que responderam à chamada. Os relatórios iniciais dizem que parece ter sido um escapamento de gás.

Com um grunhido, Marek apertou o botão de finalizar chamada, cortando o inútil relatório de seu servente humano.

Não havia maneira possível de que o laboratório Carmesim fosse destruído por azar ou defeituosamente. Estas eram as poucas notícias exasperantes sobre as que a Ordem tinha escrito. A única coisa que

lhe surpreendeu foi que lhe tinha levado comprido tempo o seu irmão Lucan e a quão guerreiros tinham lutado junto a ele fazer seu movimento no lugar. Mas depois, Marek tinha estado lhes mantendo ocupados lutando. Renegados nas ruas do verão passado.

Aí era exatamente onde queria que seguisse a atenção da Ordem.

Mantendo-lhes afastados com uma mão enquanto com a outra fazia o verdadeiro trabalho sem ser detectado e incomodado.

Era a razão pela que tinha vindo a Boston em primeiro lugar. A razão desta particular cidade era experimentar um

problema do incremento de Renegados. Tudo era parte de seu plano para criar caos enquanto o perseguia um preço mais alto. Se ele pudesse tirar os guerreiros do processo, muito melhor, mas mantê-los distraídos lhe serviria igual de bem.

Uma vez que seu objetivo verdadeiro fosse obtido, inclusive a Ordem estaria impotente contra ele.

E embora a perda do laboratório de Carmesim lhe enfurecia, maior era sua irritação pelo fato de que um de seus Subordinados tivesse falhado na hora de avisar como tinha sido instruído. Marek estava esperando informação –informação vital- e sua paciência era magra no melhor dos casos.

Não pressagiava bem que seu Subordinado chegasse tarde. O humano que ele tinha recrutado para este particular trabalho era imprevisível e arrogante, mas também era de confiança. Todos os Subordinados o eram. Drenadas a uma polegada de vida, os escravos de mentes humanas estavam sob o completo controle do vampiro que os fazia. Somente o mais capitalista da raça vampiro podia criar Subordinado, e a lei da Raça tinha proibido faz muito tempo uma prática tão Bárbara.

Marek se burlava com desprezo da auto-imposta e burocrática castração de sua raça.

Só um exemplo mais de por que o

reino dos vampiros estava exposto à mudança. Eles necessitavam fortes e novos dirigentes para marcar o começo de uma nova era.

A nova era que pertenceria a ele.

## ***CAPÍTULO 7***

Ele tinha zangado-se com ela antes de partir, provavelmente isso a tinha machucado e feito mal, e mesmo que uma desculpa se encarapitou acima na ponta de sua língua a maior parte do dia, Tegan a refreou. Ele não tinha nada sobre o que lamentar-se, depois de tudo. Não devia nada à fêmea, e muito menos alguma explicação ou desculpa de porque ele era o bastardo insensível que todo mundo

sabia que era.

E ele não estava a ponto de dar mais de um segundo de consideração a sua petição de que lhe ajudasse a transladar seu presente psíquico para desviá-lo. Ela o tinha surpreendido com a sugestão. A idéia de que qualquer fêmea, particularmente uma viúva abrigada do complexo Darkhaven como ela, pensasse em ficar sob seu cuidado por qualquer motivo estava além de sua compreensão. Como se pudessem confiar nele para algo assim.

Sim. Não era fodidamente provável.

Elise o tinha feito fácil para que ele pudesse evitar a questão. Nas horas nas

que ele tinha fechado a praticada para comer, não lhe tinha pronunciado nenhuma outra palavra a ele. Ela se ocupou a si mesma ao redor de todo o apartamento, arrumando o futon, lavando os pratos do café da manhã, tirando o pó das prateleiras para livros, correndo trinta minutos na esteira, e geralmente mantendo-se tão longe dele como parecia possível nos quartos apertados.

Ele a tinha escutado na ducha faz um momento e se permitiu deste modo uns minutos de sonho onde ele estava sentado no chão, mas a água se encontrava desligada e ele agora estava acordado, escutando Elise vestir-se detrás da porta fechada. Ela saiu em jeans e um suéter com capuz de Harvard que caía na metade



de caminho debaixo de suas coxas. Seu cabelo loiro curto foi secado pela toalha e era tão brilhante como o ouro, assentando a apagada cor lavanda pálido de seus olhos.

Os olhos que se deslizaram nele em uma luz deslumbrantemente fria quando ela foi ao armário do vestíbulo e atirou para baixo um colete branco do cabide. Ela dobrou no armário e tirou um par de botas de camurça bronzeada.

- Que estas fazendo?- Tegan lhe perguntou quando ela silenciosamente se levantava para cima pelo ar livre.

- Tenho que sair. Ela fechou a porta do armário e subiu a cremalheira do

colete grosso.

- Você notou provavelmente que meu refrigerador esta virtualmente vazio. Tenho fome.

Preciso comer, e tenho que recolher umas coisas.

Tegan se levantou consciente de que ele franzia o cenho.

-O transe não se manterá se você partir, você sabe.

- Então eu sozinha terei que tentar me dirigir sem ele.

Elise com tranqüilidade caminhou para o móvel e tomo o reproduutor MP3

que estava ali. Ela colocou a magra caixa negra no bolso dianteiro de seu jeans, depois enroscou os auriculares debaixo de seu suéter e os sotaques que pendurassem para fora pela parte dianteira de seus peitos. Ela não recolheu a lâmina que tinha sido deixada no móvel depois de caçar ao Subordinado a noite anterior, e Tegan não detectou que tivesse qualquer outra arma sobre sua pessoa tampouco.

Ela não o olhou enquanto atirava do capuz de seu suéter para colocar-lhe sobre sua cabeça. - Não sei quanto tempo demorarei. Se você partir antes que eu retorne, eu o apreciaria se você fechasse. Tenho minhas chaves.

Maldita seja. Poderia ela ter fome, como ela disse, mas ele poderia dizer pela rigidez da linha de sua coluna vertebral que a fêmea tinha um ponto para demonstrar aqui.

- Elise, disse ele, movendo-se para ela enquanto ela alcançava a porta do apartamento.

Se ele queria detê-la, tudo o que precisava era um pensamento. Ele o sabia, e pela expressão de seu rosto quando ela se deu a volta para olhá-lo a ele, agora ela também o sabia.

- Sei que você está zangada pelo que disse antes, mas é a verdade. Você não está em forma para continuar com isto.

Quando ele deu outro passo, concluindo que ele poderia lhe dizer também que ele tinha decidido retorná-la ao complexo Darkhaven por sua própria segurança, ela fechou sua mão ao redor do cabo e bruscamente a retorceu para abri-la.

Ela não podia ter elegido uma arma mais eficaz contra ele.

A luz do sol brilhante da tarde fluiu dentro do vestíbulo e a sala, conduzindo ao Tegan atrás com um assobio. Ele saltou fora do caminho da quebrada de acesso da imensa luz do dia chamuscado, e debaixo de seu braço como um marco de blindagem ele manteve seus olhos, observou quando o olhar fixo de Elise se

sustentou sobre ele, e depois tranqüilamente cruzou a pernas, fechando a porta detrás dela.

Elise tomou seu tempo para caminhar para o mercado da esquina e fazer as compras de alguns comestíveis básicos. Com uma pequena bolsa de artigos na mão, passeou pela calçada, longe de seu bloco de vizinhança. O ar frio se sentia áspero contra suas bochechas, mas ela necessitava o frio para ajudá-la a esclarecer sua cabeça.

Tegan tinha tido razão sobre que seu transe desapareceria uma vez que ela saísse de seu apartamento. Debaixo do ralo de sons de violões elétricos e poemas líricos de rock que se vertiam em

seus ouvidos do iPod do Camden, ela podia sentir o zumbido das vozes, o grunhido ácido da corrupção humana e do abuso que eram seus companheiros constantes, desde que ela tinha empreendido esta escura viagem mais à frente do santuário dos Darkhavens.

Ela tinha que admitir que a intervenção psíquica do Tegan tinha sido um presente muito bem-vindo. Apesar de que ele a tinha enfurecido—Insultando-a as horas que ela tinha estado envolta dentro do transe sob o qual ele a tinha posto tinham sido muito necessárias. A pausa lhe tinha dado uma oportunidade para pensar, concentrar-se, e com sua mente em calma, debaixo da pulverização de uma larga e quente ducha, ela

recordou um detalhe específico sobre o subordinado que ela tinha caçado ontem.

Ele tinha estado tentando recolher um pacote à noite anterior para o sujeito que ele chamava Professor. O Subordinado - Raines, ela recordou que ele havia dito que esse era seu nome - tinha estado completamente indignado ao inteirar-se que a entrega não tinha chegado como o esperava. O que podia ser tão importante para ele? Mais ao ponto, o que podia ser tão importante para o vampiro que tinha criado ao subordinado?

Elise tinha a intenção de averiguá-lo.

Ela tinha estado desejando deixar seu apartamento do momento que tinha



recordado esse intrigante detalhe, mas um guerreiro de Raça bastante imenso, e muito arrogante estava de pé em seu caminho. Quando Tegan não acreditou que ela tinha algo para contribuir na luta contra os Renegados, Elise não viu nenhuma razão de incomodá-lo com sua informação até em tanto ela estivesse segura do que isto poderia significar.

Foram necessários vários minutos para chegar à loja do FedEx que se encontrava perto da estação do trem. Elise vagabundeou fora durante algum tempo, formulando um plano de abordagem e esperando que o punhado de clientes que se encontravam dentro terminassem suas transações e saíssem. Quando o último se aproximou para a saída, Elise atirou para

liberar-se de seus auriculares e se aproximou do balcão.

O atendente de serviço era o mesmo jovem que tinha estado trabalhando o dia de ontem. Ele a saudou com a cabeça enquanto ela se aproximava, mas felizmente não parecia que ele a reconhecesse.

- Posso lhe ajudar?

Elise tomou uma respiração profunda, para acalmar-se, lutando com força para trabalhar contra a cacofonia que se incorporava em sua mente agora que sua muleta da ressonante música se foi. Ela não teria muito tempo antes que fosse afligida.

- Preciso recolher um pacote, por favor. Deveria ter chegado aqui ontem, mas se atrasou devido à tormenta.

- Nome?

- Um, Raines, - respondeu ela, e tentou um sorriso.

O jovem jogou uma olhada para cima sobre ela quando ele datilografou algo no computador. - Sim, está aqui. Posso ver alguma identificação?

- Perdão?

- A licença de conduzir, o cartão de crédito... algo que contenha a assinatura e identificação para recolhê-la.

-Não tenho nenhuma dessas coisas.  
Não comigo, quero dizer.

O empregado de escritório sacudiu sua cabeça.

- Não se pode entregar sem alguma forma de identificação. Perdoe-me. É a política e eu não posso me permitir o luxo de perder este trabalho. Não importa quão mal empreste.

-Por favor - disse Elise.

- Isto é muito importante. Meu... marido esteve ontem aqui para recolhê-lo, e ele estava muito aborrecido por seu atraso.

Ela agüentou a pressa de lhe

responder ao vendedor pela animosidade que ele tinha para o Subordinado. Ele pensava em tacos de beisebol, bicos escuros, e ossos quebrados.

- Sem ofender, senhora, mas seu marido é um descarado.

Elise sabia que ela parecia preocupada, mas isto só lhe serviria tão melhor neste momento. -Ele não vai estar feliz comigo se chegar a casa sem este envio hoje. De verdade, tenho que obtê-lo.

- Não sem identificação.

O jovem a olhou durante um comprido momento, e logo dirigiu sua palma da mão sobre seu queixo e o pouco

crescimento triangular de sua barba que tinha debaixo de seu lábio inferior.

- Pode acontecer que se acaso me ocorre deixá-lo no balcão e voltar depois de haver tomado um descanso para fumar, há uma boa possibilidade de que à caixa pudessem cair aos pés e ir-se caminhando enquanto eu não estou. A merda realmente passa de vez em quando...

Elise fixamente lhe sustentou ao jovem o olhar ladino.

- Você faria isso?

- Não para nada, não o faria. Ele observou os auriculares que penduravam do pescoço de sua camiseta.

-Esse é o novo modelo? Que está com vídeo.

“OH, isto não é”...

Elise começou a sacudir sua cabeça em resposta negativa, pronta para dizer ao vendedor que o dispositivo pertencia a seu filho e não era seu para dar de presente. Além disso, ela o necessitava, pensou desesperadamente, inclusive embora a razão lhe dissesse que ela tinha os meios para comprar uma centena de aparelhos novos. Mas este era do Camden. Seu único vínculo tangível com ele agora, através da música que ele tinha estado escutando nos dias - de fato, as horas - antes que ele partisse de casa a última vez.

- Ouça, independentemente de... - disse o vendedor, encolhendo-se de ombros agora e retirando a caixa do balcão.

- Eu não deveria me colocar de todos os modos...

- Muito bem - Elise falou sem tino antes que ela pudesse trocar de idéia.

-Sim, bem. É teu. Você pode o ter.

Ela tirou os cabos de dentro do seu suéter, logo os enrolou ao redor do iPod e sobre a Lisa caixa negra diante do vendedor. Isso levou um momento para elevar sua mão da parte superior do dispositivo. Quando ela o fez, tinha uma careta de dor de profundo pesar.



E resolução rígida.

- Agora tomarei o pacote.

## ***CAPÍTULO 8***

Tegan saiu de uma breve e ligeira sesta, completamente recarregado, enquanto passos se aproximavam da porta do apartamento de fora. Ele conhecia o som da suave, mas determinada forma de andar de Elise antes que uma chave se deslizesse na fechadura anunciando sua chegada.

Ela tinha estado fora quase duas horas. Outras duas e o sol finalmente se ocultaria, e ele seria livre de sair dali, de

volta a seu trabalho como habitualmente.

Sentado no chão com seus cotovelos descansando sobre seus joelhos, suas costas apoiada contra a parede contra a parede acolchoada de espuma, vigiou enquanto a porta se abria cautelosamente e Elise se deslizava dentro. Ela não parecia tão alegre para lhe chamuscar com a luz minguate do corredor; agora ela estava centrada em seus próprios movimentos, como se levasse quase toda sua concentração tirar a chave e fechar cuidadosamente a porta atrás dela. Uma bolsa de plástico cheia de grumos se balançava de sua rodeada mão esquerda fechada em punho.

- Encontrou o que necessitava?

Perguntou-a enquanto ela descansava um momento com sua frente apoiada contra a porta. Seu débil assentimento foi sua única resposta.

- Outra dor de cabeça aproximando-se?

- Estou bem - respondeu ela tranqüilamente. Como se reunindo forças, caminhou ao redor e com sua mão direita em sua têmpora, dirigiu-se para a cozinha.

- Não é um dos maus... Não estive fora muito, assim que se aliviará logo.

Sem soltar sua bolsa do supermercado nem tirar seu casaco, ela passou ao lado da esteira até a estreita galeria. Ela estava fora de sua linha de

visão agora, mas Tegan ouviu o grifo correr, água enchendo um copo. Ele se levantou e se moveu para poder vê-la, debatendo-se se oferecia a comodidade do transe de novo. Deus sabia, ela parecia necessitá-lo.

Elise bebeu a água avidamente, sua delicada garganta trabalhando com cada gole.

Havia algo ferozmente básico em sua sede, sua necessidade tão fundamental lhe pareceu tão absurdamente erótico. Tegan considerou quanto tinha agüentado sem sangue de um da Raça. Cinco anos ao menos. Seu corpo tinha começado a mostrar a falta, grupos de músculos sendo mais magros, pele menos rosa que pálido.

Ela seria capaz de arrumar-lhe com seu talento se era alimentada por sangue da Raça, mas ela tinha que saber isso, tendo vivido entre a raça vampiro por algum espaço de tempo.

Ela bebeu mais água, e depois de seu terceiro copo cheio, Tegan viu como a tensão consumia seus ombros.

- O rádio, por favor... ligue?

Tegan enviou uma ordem mental através da habitação e a música se elevou para encher a tranquilidade. Não estava rugindo como ela preferia, mas parecia ajudá-la a acalmar o fio da dor um pouco. Depois de um momento, Elise começou a tirar as provisões que havia trazido para

casa. Com cada Segundo que passava, sua fortaleza se renovava ante os olhos dele. Ela tinha razão; isto não era tão mau como a que ele tinha visto a noite anterior.

- É pior quando te aproxima dos Subordinados. - observou ele em voz alta.

- Estar exposta a esse nível de maldade o suficientemente perto para tocá-la é o que te traz suas enxaquecas, e as hemorragias nasais.

Ela não tentou desmenti-lo.

- Faço o que devo. Estou fazendo uma diferença. “E antes que me diga que não sou de utilidade para a Ordem nesta luta, poderia estar interessado em saber que o Subordinado que matei ontem à noite

estava em metade de um recado para o vampiro que lhe fez.”

Tegan ficou gelado, os olhos abrindo-se sobre a pequena mulher enquanto ela se girava para lhe olhar ao fim.

- Que tipo de recado? O que sabe?

- Segui-lhe da estação de trens até uma loja do Sedex. Estava ali para recolher algo.

O cérebro de Tegan se foi imediatamente ao modo de reconhecimento. Ele começou a lançar perguntas uma detrás de outra.

- Sabe quem era? Ou de onde vinha? O que disse ou fez exatamente o

Subordinado?

Algo que possa recordar poderia ser...

- Útil? - sugeriu Elise com um tom nada encantado embora seus olhos cintilassem com a faísca do desafio.

Tegan escolheu ignorar o ligeiro aguilhão. Ela podia querer amassar seu interesse egoísta com ele desde pela manhã, mas esta merda era muito crítica. Ele não tinha tempo ou interesse em jogar a jogos com a mulher.

- Me diga tudo o que recorde Elise. Assume que todos os detalhes são importantes.



Ela fez uma recapitulação básica do que observou do Subordinado que tinha caçado a noite anterior, e maldita seja se a mulher não fazia um excelente rastreamento. Ela havia inclusive conseguido o nome do Subordinado, que poderia ter resultado útil se Tegan decidia localizar a residência do homem morto e procurar mais informação.

- O que fará?- perguntou Elise enquanto ele formulava seu plano para a noite.

- Esperar a que caia a noite. Entrar na loja do Sedex. Agarrar esse maldito pacote e esperar que me de algumas respostas.

- Não obscurecerá até passadas um par de horas mais. O que ocorre se os Renegados enviam a alguém para consegui-lo antes que você tenha a oportunidade?

Sim, ele também tinha pensado nisso. Maldita seja.

Elise girou sua cabeça para ele, como se estivesse lhe medindo de algum jeito.

- Eles poderiam o ter já. E porque é um companheiro de Raça, está apanhado aqui esperando a que o sol baixe.

Tegan não apreciou o aviso, mas ela tinha razão. Merda. Ele precisava atuar agora, porque as raridades eram boas além de não ser algo mais tarde.

- Que rua é o lugar de entrega? - perguntou-a desdobrando seu celular de tampa e marcando o 411.

Elise deu a localização e Tegan recitou-a aos rápidos hackers do outro lado da linha.

Enquanto a chamada conectava com a loja do Sedex, preparou-se a golpear a quem respondesse com uma pequena persuasão mental, nivelando o campo de jogo enquanto tinha a oportunidade. A linha foi atendida ao quinto tom e a voz de um jovem que se apresentava como Joey oferecia uma desinteressada saudação.

Tegan agarrou a onda à mente do vulnerável homem como uma víbora,

tão concentrado em tirar informação ao homem que apenas se deu conta de que Elise vinha para ele da cozinha. Sem uma palavra, soltou uma pesada bolsa de plástico frente a ele, uma caixa retangular no fundo se chocando contra a mesa.

Através da carinha sorridente amarela. “Obrigado”, o logotipo estampado na bolsa, Tegan viu uma direção de embarque a um tal Sheldon Raines –o mesmo Subordinado que Elise tinha matado no dia anterior.

Santo Inferno. Ela não podia ter...

Ele liberou a mente do empregado do Sedex de uma vez e cortou a chamada, genuinamente surpreso.

- Voltou de novo para este dia? Esses pálidos olhos violeta que sustentavam um olhar surpreendido eram claros e entusiastas. Pensei que poderia ser útil, e em caso de que o fosse, não queria arriscar deixando aos Renegados o ter.

Deus. Maldita seja.

Embora ela não o dissesse, Tegan podia dizer que a propriedade da Raça no Darkhaven de Elise era a única coisa que a mantinha de lhe recordar como não umas poucas horas antes ele a tinha assegurado que não havia nada que ela pudesse fazer para ajudar à Ordem nesta guerra. E se era um teimoso desafio ou uma valente inteligência os que a enviaram fora hoje, ele tinha que admitir –ao menos para si

mesmo- que a mulher não era nada se não surpreendente.

Ele estava contente pela interceptação, o que fosse que pudesse lhe demonstrar rendimento, mas se os Renegados –particularmente seu líder, Marek- estavam esperando o pacote, então devia ser de algum valor para eles. A pergunta continuava por quê?

Tegan tirou a caixa da bolsa e abriu a fita selada com uma das adagas de seu quadril. A direção de devolução parecia ser um dos escritórios corporativos compartilhados.

Provavelmente falso nisso. Gideon podia verificar esse fato, mas Tegan

apostava que Marek não seria tão descuidado para deixar uma pista de papel legítima. Esvaziou a caixa e os conteúdos –um grosso livro encadernado em pele selado- deslizou-se em sua mão. Tirando o plástico acolchoado longe da Antigüidade, grunhiu perplexo. Era um livro sem importância, meio vazio. Um jornal de algum tipo. Passagens escritas à mão rabiscados no que parecia ser uma mescla de Alemão e Latim cobria umas poucas páginas; o resto estava vazio exceto por credos símbolos rabiscados aqui e ali nas margens.

- Como o conseguiu, Elise? Teve que assinar por isso, ou deixar seu nome, algo?

- Não. O empregado ao cargo queria identificação, mas não tenho nenhuma. Nunca tive necessidade de uma quando estava vivendo no Darkhaven.

Tegan folheou as amareladas páginas do livro, vendo mais de uma referência a uma família chamada Odolf. O nome não me resultava familiar, mas ele estava disposto a apostar que era um companheiro de Raça. E a maioria das entradas eram sozinho repetições de algum poema ou verso. O que queria Marek de uma escura crônica como esta? Tinha que haver uma razão.

- Deu ao escritório de entregas algum tipo de informação que pudesse te identificar?- ele perguntou ao Elise.



- Não. Eu, humm... o troquei por algo. O empregado esteve de acordo em me dar a caixa em troca do iPod do Camden.

Tegan elevou a vista para ela, dando-se conta somente agora de que ela tinha feito a viagem de volta a seu apartamento sem a ajuda de música para bloquear seu talento. Não se surpreendia que ela parecesse fora de si quando entrou. Mas nada mais. Se ela sentia alguma moléstia persistente, ela não o mostraria. Elise se inclinou para diante para inspecionar o livro, concentrada completamente na tarefa a mão com o mesmo interesse que ele, sua mente se comprometeu totalmente.

- Crê que o livro poderia ser

importante?- Ihe perguntou, seus olhos escaneando a página que permanecia aberta na mesa.

-O que poderia significar para os Renegados?

- Não sei. Mas tão seguro como o inferno que significa algo para aquele que lhes lidera.

Ele não é um estranho para você, ou sim.

Tegan pensou em negá-lo, mas permitiu um vago giro de sua cabeça.

- Não, ele não é um estranho. Conheço-lhe. Seu nome é Marek. Ele é o irmão maior de Lucan.

-Um guerreiro?

- No passado ele era. Lucan e eu lutamos em muitas batalhas com o Marek a nosso lado. Confiamos nele com nossas vidas e teríamos dado a nossa por ele.

- E agora?

-Agora Marek tinha demonstrado ser um traidor e um assassino. Ele é nosso inimigo - não só da Ordem, se não de toda a Raça também. Somente que eles ainda não sabiam. Com “um pouco de sorte, tirar-lhe-emos antes que tenha oportunidade de fazer qualquer movimento que ele esteve planejando”.

- O que acontece se a Ordem falha?

Tegan lançou um olhar duro para ela.

- Roga que não seja assim.

Na silenciosa resposta, folheou várias páginas mais. Marek queria o livro por alguma razão, assim tinha que haver uma pista secreta em algum lugar da maldita coisa.

- Espera um segundo. Volta. - disse Elise de repente.

-É isso um grifo?

Tegan se tinha dado conta disso ao mesmo tempo. Ele se girou para o pequeno símbolo rabiscado em uma das páginas próximas a contracapa do grosso

volume. O padrão de arcos geométricos entrelaçados e florituras poderiam ter parecido meramente decorativos para um olho destreinado, mas Elise tinha razão. Eram símbolos dermaglíficos.

- Merda. - murmurou Tegan, olhando o que ele sabia seria a marca de uma linha de raça muito antiga. Não pertencia a ninguém chamado Odolf, exceto para estes com nome de outra Raça. Uma que tinha vivido – e morrido completamente- faz comprido tempo.

Que razão poderia ter Marek para escavar no passado?

Os gritos vinham do interior da sala do opulento estado do Berkshires, os

alaridos de angústia emanavam do mirante de um apartamento de cobertura no terceiro andar do imóvel. A câmara alardeava de uma parede de janelas com vistas limpas do vale abaixo.

Sem dúvida a paisagem era impressionante, banhado nos últimos abrasadores raios de sol do dia.

O vampiro estava rodeado escada acima por guardiões Subordinados claramente soava impressionado. Ele tinha sido tratado a um assento da fila dianteira do espetáculo UV durante os passados dezessete minutos e contando. Mais gritos se verteu pela escada central, a agonia traindo a debilidade dos soluços.

Com um suspiro aborrecido, Marek se elevou de uma cadeira de fino estilo Louis XVI e cruzou a habitação até as duplas portas de sua pouco iluminada suíte privada. Além da sala de interrogatórios do apartamento de cobertura, o resto das janelas da mansão estava em sombras durante o dia por persianas eletrônicas que bloqueavam o sol.

Marek se movia livremente pelo corredor de fora e se uniu a um de seus guardas Subordinados que esperavam para lhe servir. Com o assentimento do Marek, o humano subiu escada acima para informar aos outros que seu Professor estava de caminho e assegurar-se de que as janelas estavam cobertas a sua

chegada.

Tomou sozinho um momento para o vampiro cativo que estava balindo ficar esgotado. Marek escalou os amplos degraus de mármore, até acima e ao redor do segundo piso, depois acima e ao redor de novo, até o menor v<sup>o</sup> de escadas que se elevava ao apartamento de cobertura. Enquanto ele avançava, a ira despertou vida nele de novo.

Este era sozinho um dos vários frustrantemente exaustivos interrogatórios do vampiro em sua custódia o passado par de semanas. A tortura era divertida, mas raramente efetiva. Havia pouco entretenimento nos desenvolvimentos do dia de volta a Boston. O mensageiro



Subordinado despachou para obter uma importante entrega de noite para ele em vez de ir ao necrotério - um John Doe vítima de apunhalamento, segundo o contato do Marek no escritório do forense. Quando foi assassinado em plena luz do dia, isso se saía fora das regras da Ordem ou de qualquer intervenção da Raça, mas Marek ainda tinha suas suspeitas.

E ele estava muito interessado em descobrir como o pacote que ele estava esperando tinha desaparecido do escritório do Sedex esse mesmo dia. A perda era séria, mas ele tentaria reclamá-lo. Quando o fizesse, tomaria um grande prazer em perguntar pessoalmente ao ladrão que o tinha.

Mais adiante, no alto das escadas do apartamento de cobertura, um dos Subordinados de guarda abriu a porta para permitir a entrada do Marek na agora obscurecida habitação.

O vampiro estava nu, amarrado a uma cadeira por cadeias e grilhões de aço em cada tornozelo e pulso. Sua pele fedia da cabeça aos pés, emitindo o horrível doce fedor de suor e carne queimada.

- Desfruta das vistas?- Marek perguntava enquanto passeava por dentro e olhava ao homem com repugnância. Uma pena que ainda fosse inverno. Entendo que a vista aqui em cima são surpreendentes no outono.

A cabeça do vampiro caiu para baixo sobre seu peito, e quando tentou falar, o som não era nada mais que um gorjeio no fundo de sua garganta.

- Está preparado para me dizer o que preciso saber?

Um penoso gemido se deslizou fora dos inchados lábios cheios de bolhas do homem.

Marek ficou de cócoras ante seu prisioneiro, ofendido pela fetidez e a vista dele.

- Ninguém saberá que você falou. Posso te dar isso se cooperar comigo agora. Posso te enviar longe para que te cure, assegurar seu amparo. Isso é muito

fácil dentro de meu poder. Entende-o?

O vampiro choramingou e Marek sentiu um proibido cambaleio de convicção no doloroso som. Ele não tinha intenção de fazer verdade as mentiras com as que alimentava a seu prisioneiro. Eles eram meramente ferramentas que lhe indicavam onde a tortura e o sofrimento não tinham fim.

-Fala e te liberarei disto. -sussurrou, seu tom era tranqüilo e despreocupado apesar da urgente gula de nadar nele até ter a resposta.

-Me diga onde está.

Houve um click audível da garganta do prisioneiro enquanto tentava tragar

saliva, um vago tremor em sua cabeça enquanto lutava por subi-lo desde sua depressão em seu peito feito estragos. Marek esperou transbordante de esperança e despreocupado de que os

Subordinados permanecessem ao redor dele, podia provavelmente sentir que esperava vibrar, não gostava.

- Diga-me isso agora. Não precisa levar esta carga por mais tempo.

Um assobio começou a surgir de entre os lábios do vampiro, uma rápida e interminável exalação. Um estremecimento o percorreu, mas se reuniu consigo mesmo e o tentou de novo, expulsando o começo de sua confissão ao

fim.

Marek sentiu seus olhos abertos com antecipação, sua própria respiração interrompendo-se enquanto ele esperava as palavras que dariam começo a seu destino.

- Fo... Um olho descascado abriu uma fresta detrás das queimadas pálpebras do vampiro. A íris era âmbar brilhante de prolongado sofrimento, a pupila uma grossa fresta negra que se encontrou com o olhar do Marek e se queimou nele com ódio. O prisioneiro arrastava a respiração, depois cuspiu um grunhido baixo.

-Fo... da-se.

Com uma completa calma que não deixava transluzir a tormenta de ira que varria instantaneamente à vida dentro dele, Marek se elevou e começou a deliberar passeando para as escadas do apartamento de cobertura.

-Abram as persianas - ordenou aos guardas Subordinados. -Deixem a este desprezível despojo ao sol. Se ele não morrer quando tiver anoitecido, lhe deixem assar aqui com o amanhecer.

Marek abandonou a habitação, sem sequer estremecer-se quando os primeiros gritos de terror arrancaram de novo em seu despertar.

## ***CAPÍTULO 9***

Quando os últimos minutos do dia passaram entre o anoitecer, Tegan tomou o livro e suas armas, depois estendeu a mão e recolheu seu casaco escuro. Elise tinha passado a última hora ou mais — do momento em que lhe tinha dado o pacote de Sedex - lhe olhando pelo pequeno espaço de forma mais intensa sobre cada página do texto enquanto que ela trabalhava a beira do nervosismo para lhe perguntar outra vez sobre a ajuda dela a respeito de envolver-se mais na guerra contra os Renegados. Agora, quando ele se encolhia de ombros no impermeável de couro negro, ela sentia que essa era sua última oportunidade final.

- Tegan... eu espero que o livro lhes resulte útil.



- Isto vai. - Os golpes de uns olhos verdes chamativos estalaram sobre ela, mas ela podia ver que em sua mente se formava redemoinhos a nova informação que tinha em suas mãos. Ele piscou e era como se despedisse completamente agora, ele ansiava escapar e afastar-se dela.

- Você tem a gratidão da Ordem por isso.

- E o seu?

-O meu?

Quando ele se deteve brevemente, franzindo o cenho, Elise disse, - não é muito pedir, verdade? Você é a única pessoa que pode me ajudar a tratar com isto... meu engano.

Ensine-me a como silenciá-lo, como não sentir. Eu posso ser uma vantagem para você e à Ordem. Quero ajudar. Seu olhar de resposta a censurou com seu agudo fio.

- Trabalho sozinho. E você não sabe o que está pedindo. Além disso, já havíamos coberto esse terreno.

- Posso aprender. Quero aprender. Por favor, Tegan. Preciso aprender.

- E você pensa que sou o único que pode lhe ajudar?

- Penso que você é minha única esperança.

Ele se burlou disto, sacudindo a cabeça. Quando ele se afastou dela, Elise caminhou para ele, imperturbável, como se ela pudesse lhe impedir fisicamente de partir. Ela se aferrou um mero espaço do contato, e sua mão baixaram a seu lado.

- Não crê você que eu iria com alguém mais — qualquer outra pessoa — se eu pudesse?

Ele esteve em silêncio durante um momento, considerando-o, esperava ela. Mas então ele exalou uma maldição e alcançou a porta.

- Dei-lhe minha resposta.

- E eu lhe dei esse livro. Isso merece algo, não é assim?

Ele vociferou uma risada cortante e girou para ela.

-Você parece pensar que estamos negociando aqui. Não o estamos.

- Se esse livro contiver o conhecimento sobre as atuais relações com os Renegados, estou seguro que o complexo Darkhavens estaria tão interessado nele como você o estão.

Tudo o que precisaria é uma só chamada a qualquer das conexões da Agência de Imposição de meu marido e eu poderia ter ao recinto da Ordem alagada de agentes dentro de uma hora.

Isso era verdade. A fila do Quentin

dentro da Agência tinha sido o nível mais alto, e como sua viúva, o próprio prestígio político de Elise era importante. Ela conhecia pessoalmente a muitos dos indivíduos influentes do complexo Darkhaven. O simples conhecimento do nome do Quentin abriria dez vezes mais portas se ela sentisse a necessidade de utilizá-lo.

Tegan não necessitou que lhe explicassem esse fato. A cólera flamejou em seu olhar fixo normalmente gelado, o primeiro sinal de emoção que ela tinha visto nele.

- Agora você me está ameaçando. Seu sorrisinho frágil pôs um nó de medo em sua garganta. - Fêmea, dou-lhe uma

advertência razoável: você está jogando com fogo.

A pele de Elise se oprimiu de ansiedade, mas ela não podia retornar para trás.

Durante muito tempo, tinham-na mantida em uma cuidada caixinha, mimada e protegida. E se isso significava alimentar o temperamento de um guerreiro—inclusive um com genes mortais um como Tegan - com a finalidade de que a ajudasse a sair dessa caixa, então ela simplesmente teria que desafiá-lo e rezar para que ela saísse ao outro lado de uma só peça.

- Tanto se você o aprova como não,

formo parte desta guerra. Eu não fui procurar; os Renegados o trouxeram para minha porta quando Camden morreu. Tudo o que estou pedindo é que você me ensine como posso ser mais eficaz. Eu deveria supor que a Ordem daria a bem-vinda a qualquer aliado que eles pudessem conseguir.

- Isto não se trata da Ordem e você sabe. Isto é sobre vingança, olho por olho. Suas emoções estiveram sobre um ponto duro de ebulição desde que você observou o seu filho

Renegado ser eliminado diante de seus olhos.

As palavras ásperas do Tegan

cortaram nela como se fossem vidros, a realidade do que ele disse foi como ácido derramado nas feridas.

- Isto se trata de justiça, disse-lhe ela bruscamente. -Tenho que fazer isto bem! Maldita seja Tegan, eu tenho que lhe implorar?

Ela não deveria havê-lo tocado. Tinha estado tão desesperada para fazer notar seu ponto que antes que ela pudesse deter a si mesma, tinha estendido a mão e tinha posto sua palma sobre seu braço. Os músculos firmes do Tegan flexionados sob as gemas de seus dedos, estavam tão tensos como a expressão em seu rosto ilegível.



Ele não despojou seu braço de seu contato, mas seus frios olhos verdes estalaram mais à frente diante dela o equipamento de música que soava no fundo. Este se encontrou em silêncio a sua ordem mental. No silêncio resultante, o escuro e comovedor talento psíquico de Elise começou a despertar.

As vozes cresceram em sua mente, e do dilacerador brilho do olhar fixo do Tegan, que agora se posava nela com um propósito pedregoso, vigilante, ela sabia que ele lia todas os matizes de sua angústia. Ele os absorvia, ela se deu conta, sentindo-o tirá-los como um sifão em sua reação através do ponto onde estava tocando sua pele.

Elise lutou contra a terrível tormenta que derrubava sua mente, mas as vozes cresciam mais ruidosamente. Ela quase se cambaleou ante a obscenidade e a corrupção que enchia sua cabeça.

Tegan simplesmente a olhou como se ele pudesse estar estudando a um inseto debaixo do cristal.

Maldição, mas ele estava desfrutava disto, sublinhando seu ponto com cada segundo que passava do assalto emocional que ela tentava agüentar. Quando seus olhos se fecharam, Elise começou a entender que ele controlava de algum jeito a presa dolorosa que golpeava em seu crânio. Ele amplificava a entrada mais ou menos da mesma forma em

que era capaz de silenciar a música e televisão.

- Meu Deus, - ela ofegou. - Você é tão cruel.

Ele nem sequer tentou negá-lo. Inexpressivo, de modo desesperadamente estóico, ele rompeu o contato com ela e esteve de pé na contemplação silenciosa quando ela retrocedeu para trás longe dele, ferida que ela cuidou para lhe deixar ver.

- Lição número um, - murmurou ele com frieza. - Não conte comigo para nada. Eu sozinho te defraudarei.



Ele era um cretino e um bastardo, mas teria sido menos honesto dele deixar que Elise pense de alguma forma diferente. Deixando-lhe que observasse do outro lado do pequeno apartamento, com seu olhar fixo agudo cheio de desprezo, Tegan se dirigiu para fora pelo vestíbulo para fazer seu escapamento.

Talvez ele deveria sentir-se culpado por tratá-la tão asperamente, mas ele francamente não necessitava essa chateação. E ela estaria melhor ao contemplar a alguém mais para o que fosse que ela necessitava. Ele esperava o inferno que ia a ela.

Com o livro sustentado contra ele

debaixo de seu casaco, os passos de Tegan eram enérgicos quando ele caminhou para fora na noite escura. A curiosidade fez que ele cortasse ao longo de uma rua lateral, depois para acima sobre a que o levaria além da loja do Sedex. A descrição de Elise sobre o Subordinado e de tudo o que tinha transcorrido ali tinham sido informativa, mas parte dele se perguntava se havia algo mais que averiguar se ele fosse e interrogasse ao empregado.

Não a mais de cem metros do lugar, deu-se conta de que ele não era o único interessado na verificação de coisas, e ele tinha chegado ali muito tarde.

Tegan cheirou o sangue fresco

derramado. Muito dele. A loja estava escura por dentro, mas Tegan podia ver o corpo imóvel de um empregado que se encontrava atrás do mostrador. Os Renegados já tinham estado ali. Em um monitor por circuito fechado na esquina, um só quadro de vídeo foi congelado na tela. Tratava-se de uma foto imprecisa, mas reconhecível de Elise, capturando ao meio movimento, o pacote em suas mãos.

Maldita seja.

E certamente nos arredores agora, quão renegados tinham estado ali sem dúvida rastreavam a zona procurando-a.

Tegan deu a volta e arrastou o

traseiro novamente ao edifício de apartamentos, usando toda a velocidade sobrenatural que tinha ao seu dispor. Ele golpeou a sua porta, amaldiçoando o estrondo da música que provavelmente lhe afogava.

- Elise! Abra a porta.

Ele estava a ponto de atirar as fechaduras e a barcaça de dentro quando ele a ouviu do outro lado. Ela abriu sozinho uma greta da porta, fulminando-o com o olhar a ele. Antes que ela pudesse lhe dizer que se fosse à merda como o merecia, ele empurrou seu traseiro dentro com a maior parte de seu corpo e fechou de repente a porta.

- Pegue seu casaco e botas. Agora.

- O que?

- Faça-o!

Ela se estremeceu em sua vociferada ordem, mas ela não se moveu dali.

- Se você pensar que vou deixar você me enviar de volta.

- Renegados, Elise. Ele não via nenhuma razão suficiente para lhe ocultar a situação que havia em cima dela.

- Acabam de matar ao empregado na loja do Sedex. Agora eles estão procurando você.



Não temos muito tempo. Pegue suas coisas.

Ela empalideceu pelas notícias, mas piscou para ele já que ela não confiava absolutamente nele — o que a fez sensata, posto que não lhe tinha dado nenhuma razão para pensar que ela poderia fazê-lo. Sobre tudo depois do que fez a ela não faz alguns minutos.

- Tenho que tira-la daqui, - lhe disse quando ela vacilou outro segundo. -Agora.

Ela assentiu com profunda aceitação no olhar pálido ametista de seus olhos.

-Bem.

Não tomou nenhum tempo agarrar um

casaco de lã e empurrar seus pés em um par de botas. Em seu caminho à porta com ele, ela de repente se dobrou para trás.

- Espera. Vou necessitar uma arma.

Tegan retrocedeu duas pernadas e a agarrou pelo pulso.

- Eu te protegerei. Vamos.

Eles se apressaram a sair do apartamento—só para encontrar-se com um Renegado que olhava atentamente através do vidro da entrada do edifício, seus olhos selvagens de cor âmbar brilhavam intensamente quando estes se posaram sobre eles no vestíbulo estreito. Este curvou os lábios para trás manchados de sangue e grunhiu algo por cima de seu

grosso ombro, que sem dúvida era um chamado solicitando reforços da rua.

- OH, Meu Deus, ofegou Elise.

— Tegan...

- Volta para dentro. Ele empurrou o livro que ele levava em suas mãos e empurrou suas costas para seu apartamento.

- Permanece aí dentro até que eu venha por ti. Ponha os ferrolhos sobre a porta.

Ela o obedeceu imediatamente, com seus passos em uma retirada rápida, a porta se fechava firmemente quando o Renegado que se encontrava fora assumiu

seu caminho para o edifício. O outro lhe seguiu, ambos os rostos absorvidos lançavam um olhar lascivo psicótico através de suas presas alargadas, ambos eram grandes vampiros armados para suportar.

Eles começaram a vir para ele, e Tegan passou à ofensiva, surgindo em uma postura perto da porta de Elise. Ele se estrelou contra o que tinha em frente, conduzindo a esse

Renegado até o que estava detrás dele.

O Renegado que tinha estado na parte inferior da fila enganou ao da esquerda no último segundo, esquivando da queda

quando Tegan tomou o seu companheiro sob um agarre assassino.

A comoção atraiu a um dos residentes do edifício ao vestíbulo, mas o humano jogou um olhar à confrontação e sabiamente decidiu sair fora.

- OH, merda!- ele chiou então imediatamente se girou para trás novamente dentro de seu apartamento, fechou de repente a porta, e lançou todas as fechaduras. Totalmente impassível Tegan saltou rápido e com força sobre o Renegado ele o sustentou no chão, rasgando uma de suas lâminas através da garganta do sanguessuga.

Este rugiu e chispou debaixo do

veneno rápido do bordo de titânio da adaga, destilando o sangue derramado quando seu corpo começou uma fusão acidental rápida.

- Seu turno, - disse Tegan ao outro quando tentou livrar do caminho.

O vampiro lançou seu braço para fora, tratando de atirar um golpe no Tegan com sua lâmina, mas era um movimento descuidado, inclusive para um Renegado. Quando este tinha a possibilidade de vir a ele, este vacilou, começou a avançar pouco a pouco ao lado, tirando coisas para fora. Distraindo, Tegan compreendeu naquele próximo momento, quando ele ouviu o choque repentino de uma ruptura de cristais que vinha do apartamento de

Elise.

- Filho de uma Puta, - grunhiu ele quando o grito da fêmea se disparou através das paredes.

O Renegado escolheu esse segundo para voar para ele, mas Tegan estava preparado para o ataque. Ele saltou fora do caminho do Renegado, aterrissando em uma posição baixa detrás dele e subiu rapidamente com sua lâmina. Ele atravessou ao bastardo no movimento de uma fração de segundo e saiu disparado pela porta de Elise antes que o vulto morto do Renegado golpeasse o chão.

Usando a vontade mental e a força bruta, Tegan rompeu a porta do

apartamento de suas dobradiças e assaltou dentro. Elise estava no chão, de barriga para baixo, sua coluna vertebral apanhada debaixo da pesada bota do Renegado que tinha entrado pela janela. Ela sustentou o livro apertado sobre seu peito, protegendo-o com seu corpo.

Jesus Cristo.

Ela tinha sido ferida de algum jeito na luta; um corte em seu braço superior era de cor vermelha brilhante, polida com manchas de sangue fresca. E o aroma e a vista dela tinham enviado a seu atacante Renegado em um ataque de baba de Sede de sangue. Em vez de ir pelo livro, sobre o qual o trio sem dúvida tinha sido enviado para recuperar, o Renegado sobre



Elise parecia enraizado em apenas uma só coisa - apagar sua insaciável sede.

- Tegan!- gritou ela com seu olhar fixo iluminado sobre ele. Ela começou a revolver-se para empurrar o livro para longe dela, pois se encontrava embaixo dela agora, pois ela queria passar-lhe a ele embora sua vida estivesse em jogo.

-Não permita que eles o tenham. Toma o livro, Tegan!

Vai à merda, pensou ele, suas têmporas golpeavam com a necessidade de derramar mais sangue de Renegados. Ele foi atrás do Renegado que se encontrava sobre Elise, lhe fazendo cair com um feroz golpe de sua mente. Sem

tocar ao bastardo, usando só sua vontade e as chamas de sua selvagem cólera, Tegan lançou ao Renegado contra a parede mais longínqua e lhe sustentou ali, duzentos e cinqüenta libras<sup>4</sup> do golpe, de vampiro selvagem suspenso a 1 metro do chão.

Ele viu a fome nos olhos do Renegado, aquelas pupilas que havia em suas fendas se fixaram em Elise, embora Tegan apertasse sua apreensão mental ao redor da garganta do Renegado, matando-o por graus. As presas largas gotejavam saliva, a mente dentro do crânio enorme já não era capaz de qualquer outro pensamento, além de alimentar a sede.

Tegan desprezou este elemento de sua

espécie — o conhecia melhor que à maioria, sabia que a exterminação era a única solução para os vampiros perdidos na enfermidade. Mas não era o dever ou a fria lógica o que lhe fizeram tirar sua lâmina e conduzi-la no coração do Renegado. Era o aroma de urzes-e - rosa do sangue derramado de Elise, o sabor forte amargo de seu medo, que se aferrou no ar como uma névoa. Este bastardo a tinha ferido a ela, uma fêmea inocente, e isso era algo que Tegan não podia suportar.

Ele deixou ao Renegado morto derrubar-se ao chão, instantaneamente esquecido.

- Estas bem?- perguntou a Elise,

dando-a volta para vê-la chegar a seus pés detrás dele.

Ela saudou com a cabeça.

- Estou bem.

- Então saíamos daqui.

Quando eles golpearam a rua, Tegan tirou de um puxão seu telefone celular abrindo-o e marcou com velocidade ao recinto.

- Necessito que me recolham, disse ao Gideon quando o guerreiro apareceu na linha.

- Envia-a rápido.

Havia uma fração de vacilação, sem dúvida porque Tegan, o sempre solitário, nunca tinha solicitado respaldo.

-Está machucado?

- Não, estou bem. Mas não estou sozinho. Jogou uma olhada à ferida de Elise e ela jogou para fora uma maldição.

- Estou com uma fêmea do complexo Darkhaven. Ela está sangrando, e justamente acabo de despedir a três Renegados aqui no centro da cidade. Tenho a sensação de que vão vir mais rápido.

E de ser assim, ele e Elise podiam ser capazes de sacudir-se a seus perseguidores temporalmente, mas

enquanto que eles deixassem um rastro de aroma de sangue, os Renegados os rastrearão como sabujos.

- Ah, merda, - respirou Gideon, entendendo o fato mesmo como Tegan o fez.

- Onde está neste preciso momento?

Ainda em marcha, Elise se apressou a estar junto a ele, Tegan deu sua localização e a direção a que ele se dirigia.

- Sim, tenho-a já aqui mesmo, disse Gideon sobre uma conversa ao fundo enquanto ele escrevia a máquina algo em um teclado no recinto.

-Colocando o rastreamento do GPS nos outros agora pode ver quem esta mais perto... Bom, parece que Dante e Chase estão patrulhando ao norte de você aproximadamente há uns quinze minutos.

- Diga-lhes que eles deverão estar aqui em cinco minutos. E, Gideon?

- Sim.

- Os faça saberem que a fêmea ferida que esta comigo... deixa que eles saibam que é Elise.

-Merda, T. É a sério?- A voz do Gideon se deixou cair baixo, incrédulo.

- Que estas diabos fazendo com essa mulher?

Tegan escutou o bordo da suspeita cautelosa no tom do vampiro, mas ele a ignorou.

- Só diga a Dante que arraste seu traseiro.

## ***CAPÍTULO 10***

Elise lutou por seguir o passo de Tegan enquanto cortavam por uma escura rua, depois outra. Ela sabia que ele ia devagar por ela; nenhum humano se igualava na incrível velocidade a aqueles possuídos da Raça. O Renegado que ia atrás de seu rastro era mortalmente rápido também. Não antes que Tegan terminou sua chamada com a comunidade, ele se deu conta da nova ameaça que havia sobre



seus talões.

- Por aqui. - disse ele, agarrando sua mão e empurrando-a por volta de um estreito beco entre dois edifícios de era Colonial.

Entre eles, Elise ouviu fortes pisadas de botas, depois de repente, um vazio silêncio, seguido um segundo mais tarde de um forte som metálico. Ela jogou um olhar por cima de seu ombro e viu que outro Renegado estava sobre eles agora. O grande vampiro tinha sido transportado pelo ar, saltando e aterrissando sobre uma metálica escada de incêndios que se aferrava à lateral da velha estrutura de tijolo. Saltou de novo, depois subiu balançando-se à chaminé para lhes seguir

de acima.

- Tegan, ali acima!

- Sei.

Sua voz era nefasta, sua mão agarrou firmemente a sua enquanto se aproximavam do final do beco. Esse apertão era sólido como o aço, uma promessa muda de que ele não estava a ponto de deixá-la ir. Elise tirou forças, forçando a suas pernas a trabalhar mais duro, ignorando os alaridos de seus pulmões e a queimação em seu braço onde o Renegado que a atacou tinha aberto uma ferida.

Enquanto eles limpavam o beco e entravam na rua adjacente, um carro

esportivo escuro vinha rugindo do semáforo e parou com um forte derrape em frente deles no meio derretido. A porta traseira se abriu.

- Entra.

Tegan a empurrou ao interior do veículo e Elise engatinhou pelo assento de pele, seu coração pulsando em seu peito. Em um movimento tão rápido logo que notou nada nela, o caminhou ao redor, tirou uma adaga e a lançou para o beco. De algum lugar da escuridão veio um grito de dor, depois o grunhido baixo e angustiante de um Renegado encontrando sua morte as mãos da adaga de titânio do Tegan.

Tegan mergulhou no interior do esportivo junto a Elise e fechou a porta traseira.

- Vamos, Dante. Há mais no caminho. Vêm a nós de acima.

Nesse instante uma coisa pesada golpeou o teto do veículo. Em um repique de chiados de pneumático, Dante deu a volta, deslocando ao Renegado sobre o capô. Uma rápida manobra em ziguezague o atirou fora do carro completamente, e enquanto o asilvestrado vampiro rodava na estrada, o guerreiro com roupas de couro no assento de passageiro apareceu por fora de seu guichê e encheu sem piedade ao Renegado com uma chuva de balas. O guerreiro que apertava o

gatilho gritou um áspero grito de batalha enquanto uma rajada aparentemente sem-fim de disparos rasgou como trovões na metade da noite.

Quando finalmente morreu, Dante exalou um juramento irônico.

- Somente um pouco excessivo ali, amigo. Mas acredito que o Renegado te entendeu.

Não houve resposta de humor do nefasto sentado junto a Dante, somente o frio golpe metálico e o chiado de uma arma sendo carregada.

- Está bem?- perguntou Tegan desde detrás de Elise, afastando a atenção dela longe da violência.

Ela assentiu, respirando com muita dificuldade para falar, o medo ainda fazendo que seu coração corresse contra seu peito. Ela era muito consciente do corpo do Tegan junto ao dela, o calor dele uma estranha comodidade. Suas musculosas coxas pressionavam ao lado das dela, seu braço atirado casualmente sobre a parte traseira do assento dela. Elise sabia que a propriedade exigia que ela pusesse espaço entre eles, mas ela estava muito agitada para mover-se.

E enquanto o esportivo corria na noite, a mente dela absorvia o estrondo da corrupção da cidade, seu talento gretando-a.

- Vêm aqui. - murmurou Tegan. Ele pressionou sua palma ligeiramente sobre sua frente, fazendo-a entrar em transe com um toque e silenciando sua dor antes que pudesse começar. Suas mãos eram suaves sobre ela, inclusive embora seu rosto estivesse desagradavelmente elegante.

- Assim está melhor?

Ela não pôde conter seu aliviado suspiro.

- Sim, muito melhor.

Levou-lhe um momento apartar sua mão. Quando ele o fez, Elise sentiu um par de olhos fixos nela do assento dianteiro do passageiro do veículo. Ela olhou e se encontrou com o olhar

desaprovador do guerreiro sentado ali. O olhar azul era intenso sob as claras sobrancelhas e a escura boina tricotada, mas não o bastante amistosa.

Querido senhor.

- Sterling. -sussurrou ela, surpreendida.

Ele não disse nada, o silêncio desdobrando-se interminavelmente.

Não lhe tinha visto durante quatro meses - não da morte do Camden essa terrível noite fora de sua casa. Sterling tinha caminhado sozinho essa noite, quão última alguém no Darkhavens tinha ouvido dele. Elise sabia que ele se tinha culpado a si mesmo por levar a vida do Camden -



ela também o tinha feito. Essa culpa se perdeu, entretanto, e lhe vendo tão inesperadamente agora fazia que o coração lhe doesse ao lhe dizer quão causar pena ela estava... por tudo.

Mas os olhos que uma vez a olharam com nobre compaixão, inclusive afeiçoado, agora a rechaçavam com uma lenta piscada e um giro de cabeça. Sterling Chase já não era mais seu cunhado. Ele era um guerreiro, e se ela esperava lhe reclamar como seu aliado – como seu último familiar- essa esperança se afastava enquanto o esportivo rugia fora da cidade, para os escritórios centrais da Ordem.

- Está Lucan ainda acima? Perguntou

Tegan enquanto Gideon e os outros se reuniam com ele a sua chegada à comunidade.

- Chegou de patrulhar faz vinte minutos. Decidiu ficar depois de que chamasse.

- Bem. Preciso lhe ver. No laboratório tecnológico?

Gideon agitou sua cabeça.

- Está em seus aposentos com Gabrielle. Que demônios está ocorrendo, T?

- Procura que tenha ajuda médica para essa ferida. - disse ele em vez de responder, gesticulando ao braço

ensangüentado de Elise e já se afastando com o livro que ela tinha interceptado, pelo corredor para os aposentos privados de Lucan na comunidade.

Ele encontrou ao líder da Ordem na habitação que sua companheira de Raça desfrutava mais: a biblioteca que estava alinhada com estantes do chão ao teto e uma tapeçaria de artesanato que simbolizava a Lucan com armadura de cota de malha e escarranchado sobre um cavalo de guerra medieval sob uma lua crescente raiada pelas nuvens. Havia um castelo na cúpula enterrando-se no fundo, seu parapeito fumegando e sob assédio - uma declaração de guerra instigada por Lucan.

Tegan recordou a noite representada no intrincado trabalhos de agulha. Ele recordou o açougue que tinha vindo antes. E depois. Tinha estado ali com Lucan quando a Ordem foi concebida com sangue e ira - dois deles e outros seis unindo-se juntos a uma promessa de lutar pelo futuro de sua raça, a Raça.

Jesus, isso tinha sido faz uma vida. Faz várias vidas.

Muitas mortes tinham açoitado à Ordem neste momento, ambos com suas filhas e sem eles. A maioria dos guerreiros originários se perderam entre o tempo e o combate. Somente Tegan, Lucan e o irmão maior de Lucan, Marek - agora seu mais perigoso adversário, havendo

recentemente ressurgido para designar-se líder dos Renegados - tinham sobrevivido ao quadro original de oito.

Enquanto Tegan se detinha na porta de entrada aberta da biblioteca, Lucan consultou uma coleção de fotografias de cor que Gabrielle dispersou ante ele sobre a mesa do centro da habitação. Ela tinha um dom que se estendia fora de seu olho artístico para a beleza: as lentes da câmara de Gabrielle conseguiam freqüentemente convocações de vampiros, ambos os da Raça e Renegados. Era em parte a maneira em que ela e Lucan se conheceram o verão passado; agora não era estranho para os companheiros de Raça retornar de ocasionais excursões de um dia à

cidade e a periferia com fotografias que eram úteis para os esforços de reconhecimento da Ordem.

Mas esta particular coleção era algo diferente.

Inclusive à distância, o olho do Tegan foi assaltado com vibrantes imagens iluminadas pela luz do sol dos terrenos e jardins em pleno inverno da mansão. O gelo brilhava sobre os ramos como diamantes, e em um dos brotos um cardeal vermelho foi capturado perto, uma rajada de espantosa cor em meio de um campo de fresca neve branca. Um poucas fotografias foram tomadas na cidade, algumas mostravam meninos em um dos parques da zona, envoltos em

brilhantes trajes de neve, formando grandes bolas de neve para uma família de homens de neve que permaneciam meio completos.

Todas as coisas que os da Raça não tinham freqüentemente oportunidade de ver, os guerreiros especialmente.

A mulher de Lucan tinha tomado as fotos simplesmente por prazer, lhe trazendo imagens de um mundo vívido à luz do dia que existia fora do alcance dele.

Tegan apartou a vista das fotos com um encolhimento mental de ombros; não era correto para ele compartilhar esta alegria. Não lhe pertencia, e estava

completamente seguro de que não tinha vindo aqui procurando carinho.

-Não é como suas chamas ao calvário, Tegan, assinalou Lucan. Houve um sorriso persistente nos olhos cinza do formidável guerreiro enquanto ele encontrava o olhar do Tegan ao outro lado da habitação, mas ele se limpou instantaneamente.

- Temos novos problemas espreitando em nosso caminho?

- Poderia ser.

O líder da Ordem assentiu severamente, entendendo com um único olhar intercambiado que a noite estava a ponto de dirigir-se ao sul.



Direção sul pensou Tegan. Sustentou o curioso livro sob seu braço, mas o antigo protocolo lhe fez duvidar de discutir o potencialmente inquietante tema da Ordem diante de uma mulher. Não escapou a sua atenção que em vez de sair da habitação ou solicitar intimidade com Gabrielle, Lucan alargou sua mão para agarrar a dela. O ligeiro assentimento que ele a deu enquanto ela se sentava junto a ele foi de respeito e solidariedade.

A afirmação foi clara: eram uma unidade e enquanto Lucan caminhasse através do fogo para protegê-la, o venerável guerreiro não guardaria segredos com ela. Sem dúvida a mulher não teria outra saída.

Tinha sido assim entre o casal desde o dia que ela chegou à comunidade como companheira de Lucan. O mesmo podia dizer-se do Gideon e Savannah, que levavam juntos mais de trinta anos e era igualmente um sólido casal. Dante e Tess eram duas metades de uma unidade também, embora somente levassem juntos uns poucos meses. Os companheiros de Raça tinham suas liberdades, inclusive aqueles vinculados a membros da Ordem, mas não havia um homem entre toda a nação vampírica que não abandonasse e aprovasse o que Elise tinha estado fazendo os anteriores meses que tinha estado vivendo na superfície. O que ela tentava seguir fazendo, inclusive se a matavam.

- Me diga de que vai isto, disse Lucan, indicando ao Tegan que se aproximasse da biblioteca. - Gideon disse que chamou e que estava com uma mulher ferida do Darkhaven.

Tegan arqueou uma sobrancelha reconhecendo-o.

- Elise Chase. Já não é do Darhaven, está na rua.

- Foi?

- Depois da morte de seu filho. Esteve vivendo por si mesmo na cidade.

- Jesus. O que a ocorreu esta noite?

Tegan sorriu, sem acreditar ainda na

tenacidade da mulher.

- Atraiu alguma atenção não desejada dos Renegados. Vieram atacá-la em seu apartamento.

Ele abandonou o fato de que um dos bastardos chegou a ela antes que ele pudesse lhe deter. O pensamento ainda lhe queimava, ia dirigida para si bulindo sob sua elegante aparência.

Gabrielle franziu o cenho.

- O que queriam de Elise?

- Isto. - Tegan tirou o livro e Lucan o agarrou, franzindo o cenho enquanto tocava o apagado utensílio sobre a antiga coberta, depois folheou algumas das

amareladas páginas.

-Estava esperando a meia-noite a que o recolhesse um Subordinado. Alguém tinha muita pressa pelo tê-lo.

O olhar de Lucan foi sério. Nenhuma pergunta sobre quem era esse alguém.

- E a mulher do Darkhaven?

- Ela o interceptou.

- Cristo. O que há sobre o servo humano do Marek?

- O Subordinado está morto, afirmou simplesmente Tegan.

- Marek deve ter descoberto isto e

tinha desatado a seus cães de caça para encontrar o livro. Teria sido bastante fácil localizar a Elise da câmara de circuito fechado da loja.

- O que é, algum tipo de livro? Perguntou Gabrielle, tratando de ver ao lado de Lucan as páginas.

- Parece ser, disse Tegan.

-Aparentemente pertencia a uma família chamada Odolf. Ouviu algo deles, Lucan?

O vampiro agitou sua escura cabeça enquanto folheava o livro de novo. Antes que Tegan pudesse lhe indicar o molesto símbolo da parte traseira do livro, Lucan folheou o mesmo. Logo que seu olho se

iluminou sob o sinal dermaglífico feito à mão, murmurou uma maldição.

- Santo Céu. É o que penso que é?

Tegan deu um nefasto assentimento.

- Sem dúvida reconheceu a marca.

- Dragos, disse Lucan, um peso escuro pendurando nessa única palavra.

- Quem é Dragos? Perguntou Gabrielle, esforçando-se por ver ao lado de Lucan o glifo rabiscado na página.

- Dragos é o nome de um vampiro muito velho da Raça, explicou Lucan.

- Foi um dos membros originários da

Ordem - uma primeira geração de vampiros.

Como Tegan e eu, Dragos foi convertido a vampiro por uma das antigas criaturas que começou a raça vampiro tal e como a conhecemos. Dragos lutou junto a nós quando a Ordem declarou guerra a nossos pais estrangeiros.

Gabrielle assentiu, sem mostrar surpresa ou confusão. Evidentemente Lucan já a havia informado sobre as origens de outro mundo da Raça, assim como da sangrenta guerra que se elevou dentro da Raça durante o século quatorze da era humana.

Foi uma época apoteótica,



abundância de traições e violência - a maioria disso levado a cabo pelas selvagens criaturas de longa vida de um planeta longínquo que rondava de noite e se alimentava com indiscrição, algumas vezes aniquilando povos completos de humanidade. Os Antigos estavam famintos e eram brutais, podendo supremo. Sem a

Ordem para intervir, tinham sido uma pestilência sedentos de sangue que faziam que inclusive o maior dos Renegados parecesse um menino de fraternidade comportando-se mau.

O Olhar do Gabrielle foi de Lucan ao Tegan.

- O que ocorreu ao Dragos?

- Assassinado em batalha faz uns anos na guerra com os Antigos, facilitou-lhe Tegan.

- Pode estar seguro disso? Perguntou ela.

- Até o verão passado, todos acreditavam que Marek também estava morto.

Lucan deu um firme assentimento.

- Dragos está morto, amor. Vi seu corpo com meus próprios olhos. Nenhum da Raça pode ressuscitar quando sua cabeça é arrancada.

Tegan recordava aquela noite muito bem. Foi um momento que marcou muitas perdas, começando com a companheira de Raça do Dragos que se tirou a vida ao escutar as notícias da morte deste. Kassia tinha sido uma mulher boa e bondosa, tão próxima como uma irmã a Sorcha. Não passou muito tempo da morte da Kassia até que Tegan perdeu a Sorcha também. Momentos escuros nos que preferia não pensar, inclusive agora. Tinha aprendido a suprimir a dor, mas ainda tinha tantas lembranças...

Tegan esclareceu sua garganta.

- O que nos traz de volta no nome do Odolf. Quem é? E que pode significar para o Marek?

- Possivelmente Gideon possa averiguar algo sobre sua identidade, sugeriu Lucan, estendendo o livro de volta ao Tegan enquanto ficava de pé.

-A base de dados não é um registro completo, mas é tudo o que temos.

- Vocês dois continuem com sua investigação interpôs Gabrielle, quando se dirigiam ao corredor.

- Vou ver Elise. Sonha como se tivesse passado muito esta noite. Talvez queira um pouco de companhia e algo que comer.

Os olhos de Lucan se obscureceram enquanto sustentava o olhar da mulher. Ele sussurrou algo baixo no ouvido dela,

depois posou um beijo em seus lábios. Houve um débil matiz rosa em suas bochechas enquanto ela rompia o abraço.

Tegan apartou o olhar do beijo e começou a caminhada para o laboratório do Gideon.

Lucan estava detrás dele rapidamente, Gabrielle se dirigia em direção oposta para procurar Elise.

Era impossível não dar-se conta da calma que envolvia ao guerreiro quando estava perto de sua companheira. Não faz muito, Lucan tinha sido um poderoso barril procurando uma chama para estalar. Tinha tido um controle férreo, mas Tegan lhe conhecia mais que a qualquer outro da

comunidade, e sabia que Lucan tinha estado a uns poucos passados do completo desastre.

A luxúria de sangue era o defeito fatal de todos os da Raça – um ponto de inflexão que podia empurrar inclusive ao vampiro mais estável até o bordo de um vício permanente.

Todos os da Raça precisavam consumir sangue para sobreviver, mas alguns foram mais longe. Alguns se convertiam em Renegados, e tinha assombrado ao Tegan descobrir que Lucan estava cambaleando-se sobre o fio desse abismo. Tinha estado a ponto de lhe perder.

Até que apareceu Gabrielle.

Retirou-lhe do serviço por dizê-lo de algum jeito, deu a Lucan o que necessitava através de seus vínculos de sangue, e foi claro que ela continuou para fazer assim cada momento que compartilhavam juntos.

- Está bem emparelhado, disse Tegan enquanto Lucan lhe alcançava e andava a pernas a seu lado no corredor.

Ele tinha carregado de elogios, mas soava áspero, quase uma acusação. Lucan não pareceu surpreso pelo tom áspero, mas não picou o azulejo como podia ter feito em outra ocasião.

- Penso em ti e Sorcha algumas vezes,

quando olha a Gabrielle e imagino como minha vida seria sem ela. Estou tão seguro quanto o inferno não é um lugar que eu goste de visitar freqüentemente. Como o superou?

- Passa-se, murmurou Tegan, muito ajustadamente incluso para seus próprios ouvidos.

- E o único fantasma com o que estou interessado em falar agora é Dragos.

Lucan abandonou o tema enquanto os dois entravam no laboratório tecnológico.

Gideon estava em seu posto habitual detrás do largo console, teclando algo em um dos muitos computadores.



- O que têm? Perguntou no momento que entravam na habitação, seus olhos e dedos nunca deixavam sua tarefa.

Tegan pôs o recibo e o livro sobre a mesa.

- Necessito que comprove a origem deste pacote, mas primeiro investiga no arquivo o nome Odolf.

- Já o tem. O vampiro agarrou um teclado sem fio, pô-lo em seu regaço e começou a teclar. - - Procuro arquivos criminais, nascimento, morte...?

- Algo que esteja relacionada, disse Tegan, olhando a tela do monitor encher-se de uma lista de dados. Seguiu executando e executando, sem encontrar

nada de nada. Depois de um arquivo situado no alto da tela enquanto o programa procurava mais resultados.

-Tem um?

- Morto, replicou Gideon. Um tal Reinhardt Odolf, da comunidade Darkhaven do Munich. Fez-se Renegado em Maio de 1946. Morto ao ano seguinte por suicídio solar.

Outra entrada, este é Alfred Odolf, perdido pela luxuria do sangue em 1981. Hans Odolf Luxuria de Sangue, 1993. Um par de pessoas desaparecidas no arquivo... aqui há uma mais para ti: Petrov Odolf, Darkhaven de Berlin.

Lucan se aproximou para jogar uma

olhada melhor ao computador.

-Também morto?

- De fato não. Ainda não. Petrov Odolf, ingressado por reabilitação. Segundo os arquivos, este menino foi Renegado durante os últimos anos e um pupilo da Agência de aplicação na Alemanha.

- É ele coerente? Perguntou Tegan.

-Pode ser interrogado? O mais importante, pode confiar-se em que suas respostas são válidas?

Gideon agitou sua cabeça.

- O arquivo não está completo sobre

sua condição atual, somente que está respirando e sob a supervisão da instituição em Berlim.

- Berlim, né?- Lucan se girou com um olhar interrogante para o Tegan.

-Crê que pode pedir favores ali?

Tegan se afastou do monitor e tirou seu telefone móvel.

- Suponho que é um bom momento como qualquer para investigar.

## *CAPÍTULO 11*

Elise olhava para baixo à ferida curada em seu braço esquerdo, e a seguir a Tess, cujas mãos dotadas tinham apagado todos os rastros do sangrento corte e reparado a carne rasgada com apenas um toque.

- Isto é incrível. Quanto tempo tem este talento?

- Mas ou menos toda minha vida, suponho. - Tess empurrou uma mecha que se levantava de seu cabelo loiro como o mel detrás de seu ouvido e deu um pequeno encolhimento de ombros.

- Durante muito tempo, não o utilizei. Somente desejava que este partisse você sabe?

Então assim eu poderia ser... normal.

Elise assentiu, entendendo completamente.

- É muito afortunada, entretanto, Tess. Sua capacidade é uma de força. Isto trabalha para o bem.

As sombras pareceram lotar os olhos de água da companheira de raça.

- Agora isto é, assim. Graças sobre tudo a Dante, que é. Antes que eu o encontrasse, não tinha nenhuma idéia por que era tão diferente de outras mulheres.

Tratei meu talento como uma maldição. Agora desejaria que este fosse mais profundo. Há muito mais que desejaria que pudesse fazer - como com Rio, por exemplo.

Elise conhecia o guerreiro do que Tess estava se referindo. Ela o tinha visto em uma das outras salas de enfermaria quando ela foi conduzida aqui embaixo pelo Gideon.

Quando eles passaram sua porta aberta, Rio tinha elevado à vista de onde ele estava em uma cama de hospital, um lado de seu rosto se encontrava deformada por velhas queimaduras, os músculos de seu peito e o torso nu estavam cheios de cicatrizes de metralha e

os formões curados que indicavam algumas lesões muito severas. Seus olhos de cor topázio se encontravam embotados debaixo da queda de seu comprido cabelo marrom escuro. Elise não tinha querido olhar fixamente, mas a angústia que ela viu em seu rosto a deteve - até mais que a devastada condição de sua pessoa.

-Não posso tirar velhas feridas e cicatrizes, - disse Tess.

-E algumas das piores as pessoa levam estão em seu interior. Rio é um bom homem, mas ele está prejudicado de modo que ele nunca poderá repor-se, e não há nenhum talento das companheiras de raça que possam apagar esse tipo de danos.



-Talvez o amor?- Elise sugeriu com esperança.

Tess sacudiu sua cabeça quando ela dirigiu suas mãos ao grifo em direção contrária para abri-lo e as ensabouu bem.

-O amor o traiu uma vez. Isso é o que o deixou da forma em que ele se encontra agora.

Não acredito que ele deixe a alguma pessoa conseguir esse final outra vez. Tudo para o que ele esta vivendo é para voltar para a ponta do campo com os outros guerreiros. Dante e eu estamos tratando de convencê-lo para que tome as coisas lentamente, mas quando se tenta frear a Rio, ele só empurra de forma mais

difícil.

De algum pequeno modo, Elise podia relacionar-se com a necessidade determinada do guerreiro de adotar medidas, embora só fosse em nome da vingança. Ela era conduzida por uma necessidade similar e, como Rio, ouvindo outros aconselhá-la para que ela se distanciasse não fazia que necessitasse a queimadura menos.

De fora do quarto da enfermaria se escutou uma suave caminhada de passos femininos, acompanhados pelo estalo rápido, rítmico de um companheiro quadrúpede. Savannah e um alegre terrier marrom apareceram na entrada. A bonita companheira de raça do Gideon ofereceu

a Elise um cálido sorriso.

-Tudo preparado aqui?

-Acabamos de fechar acima, - disse Tess, secando suas mãos com uma toalha de papel e inclinando-se para arranhar o queixo do pequeno cão que evidentemente adorava. A baba saltou por toda parte dela, empapando a Tess com úmidos beijos. Savannah entrou e com cuidado percorreu seus dedos sobre o braço curado da Elise.

-Bom como novo. Assombrosa verdade?

-São todas assombrosas - respondeu Elise, querendo-o dizer totalmente.

Ela tinha encontrado com Savannah e Gabrielle faz um momento, quando ambas as mulheres tinham vindo abaixo para comprovar pouco depois a sua chegada ao recinto. Savannah com sua cútis de moça magnífica e seus olhos marrons aveludados, imediatamente tinha feito a sensação de que Elise estava em casa com seu comportamento aprazível, humanitário. Gabrielle era doce também, uma beleza com o cabelo ruivo que parecia sábia além de seus anos. E logo estava Tess bonita, tranqüila, quem tinha tomado o cuidado de Elise tão compassivamente como ela poderia fazê-lo com seus próprios familiares.

Elise não se sentia humilhada ante todas elas. Depois de ter sido exposta no

complexo Darkhavens, onde se considerava que os guerreiros da Ordem ao mais eram uma facção antiquada, perigosa dentro da raça no pior dos assuntos dos vampiros, uma equipe mortal que exercitavam vigilantes a justiça — era surpreendente encontrar às mulheres inteligentes, amáveis, boas que tinham tomado aos membros da Ordem como seus companheiros. Ela não podia ver nenhuma destas mulheres que se ligassem a algo menos que um macho de honra e integridade. Elas eram muito fortes e inteligentes para isso, com muita confiança em si mesma.

Surpreendentemente, elas pareceram tão agradáveis e cálidas, não distintas das fêmeas Darkhaven que Elise

considerava suas amigas.

-Posto que vocês terminaram aqui, por que não vêm vocês duas comigo?- disse Savannah, rompendo-se nos pensamentos de Elise.

-Gabrielle e eu acabamos de fazer alguns sanduíches e uma salada de frutas. Você deve ter fome, Elise.

Estou... ou ao menos, eu deveria ter- confessou ela silenciosamente. Tinham passado várias horas desde que ela tinha comido e seu corpo se sentia esgotado, pela necessidade de mantimentos, mas a idéia da comida sustentava pouco atrativo. Tudo era corriqueiro, inclusive as coisas das quais ela estava acostumada

desfrutar quando Quentin estava vivo.

-Quanto tempo passou para você, Elise?- O tom do Savannah era cauteloso, em questão.

- Ouvi que você perdeu a seu companheiro faz aproximadamente cinco anos...

Ela sabia o que a mulher lhe estava perguntando, é obvio. Tinha estado ela tanto tempo sem sangue? No complexo Darkhavens seria considerado uma grosseria fazer perguntas sobre o vinculo de sangue de outra mulher com seu companheiro até pior por perguntar a uma viúva sobre se ela usou o sustento do outro na ausência de seu companheiro —

mas aqui, entre estas mulheres, não parecia haver nenhuma razão de ocultar a verdade.

-Quentin foi assassinado por um Renegado no cumprimento do dever faz cinco anos e dois meses. Não voltei para ninguém para minhas necessidades — nem nenhum deles. Nem tampouco eu.

-Cinco anos sem o sangue da Raça em você é muito tempo, - reconheceu Savannah.

Por sorte ela não tirou colação a outra implicação na confissão de Elise: que ela não tinha tido outro amante em todo este tempo tampouco.

-Seu corpo envelhecerá. Disse Tess,



com um olhar de curiosidade em seus olhos, talvez tristeza. -Se não tomar a outro macho como seu companheiro.

-Finalmente morrerei, respondeu Elise.

-Sim, sei. Sem o sangue da Raça para me sustentar em um estado da saúde perfeita, preciso trabalhar meus músculos e fazer exercícios para estar em forma, justo como qualquer outro humano. E, como qualquer outro ser humano, meu corpo começará a avançar durante os anos — já o tem feito. A tempo, como qualquer outro ser humano, sucumbirei à velhice.

Os olhos escuros de Savannah eram pormenorizados.

-Isso não te incomoda, o pensamento de morrer?

-Somente quando penso que eu poderia ir a minha tumba sem ter feito uma diferença neste mundo. É por isso que eu...

Ela olhou para baixo, ainda encontrando-o difícil de falar sobre a coisa que a motivou para deixar o complexo Darkhaven e começar outra vida.

-Perdi a meu filho faz quatro meses. Ele esteve comprometido com Carmesim, e as drogas lhe converteram em Renegado.

-Sim - disse Savannah, tendendo a

mão para fora para tocar brandamente seu ombro.

- Ouvimos o que aconteceu. E como ele morreu. Sinto-o tanto.

- Eu também, Tess acrescentou. -Ao menos o laboratório de Carmesim foi destruído.

Tegan se assegurou pessoalmente.

A cabeça do Elise se elevou pela surpresa.

-O que quer dizer você, pessoalmente?

- Ele arrasou o lugar, disse Tess.

-É tudo o que Nikolai, Kade, e Brock estiveram falando desde que eles retornaram.

Evidentemente Tegan entrou sozinho e sem ajuda fechou a operação antes que outros tivessem chegado até a cena. Então ele queimou o edifício até os alicerces.

- Tegan fez isso? Elise estava surpreendida. E ela estava bastante segura que ele tinha comprometido que a Ordem era responsável por fechar o laboratório, não ele pessoalmente. Por que lhe deixaria acreditar isso se ele tinha sido o responsável?

- Niko disse que Tegan saiu daquele depósito ardente como algo fora de um

pesadelo, continuou Tess.

- “Então ele partiu na noite sem nenhuma explicação”.

E daí ele foi a seu apartamento para observar dentro a ela, Elise compreendeu agora.

- Venha, vamos falar um pouco mais enquanto você come. Gabrielle esta esperando por nós na sala de jantar acima.

As três mulheres saíram da enfermaria, com o pequeno cão de Tess que trotava atrás delas, e caminharam por um labirinto confuso de corredores no coração do recinto subterrâneo da Ordem. Elas estavam quase no elevador quando uma porta de cristal golpeou ao abrir-se

em algum lugar próximo e as profundas vozes masculinas encheram a zona. Elise reconheceu a voz do Sterling entre eles, mas parecia mais áspera do normal, falando de patrulhas noturnas e atormentando-o com sua recontagem dos Renegados mortos como se isso fora alguma espécie de esporte para ele.

A voz do outro macho rodou com um acento exótico, fazendo que Elise imaginasse um quadro de ondas turquesa do oceano e postas do sol de ouro. Era Dante, ela compreendeu, quando os dois guerreiros armados dobraram sobre a esquina e o que acompanhava ao Sterling se aproximou para varrer ao Tess em um abraço apertado.

- Olá, anjo, - ele disse com voz lenta e juntou sua boca contra seu pescoço enquanto que ela riu do assalto amoroso repentino. Seus olhos cintilavam ambarinos com a faísca de seu desejo para sua mulher, emoção que ele inclusive não tentou ocultar.

- Senti saudades, - sussurrou ela, acariciando seu cabelo escuro.

- “Sempre que te perde”.

- Bom, agora estou em casa.- As palavras eram um som profundo quando ele a alcançou por debaixo e entrelaçou seus dedos com os seus. Elise poderia ver as pontas de suas presas quando deu a sua companheira de raça um sorriso lento, e

torcido.

- E eu tenho sede de você, Tess.

O sorriso da fêmea estava cheio de desejo.

- Eu justamente estava a ponto de ir desfrutar de uns sanduíches com minhas amigas. Savannah riu.

- Acredito que encontre algo melhor. Economizaremos uns quantos sanduíches.

O senhor sabe, que você provavelmente vai necessitá-los.

Tess brilhou sobre seu ombro quando Dante a levou longe. O casal partiu a



pernadas juntos, não deixando a ninguém no quarto com a dúvida do que resultaria logo em privado entre eles.

Quando o pequeno terrier de Tess começou a ladrar enquanto Dante a levava, Savannah se inclinou para recolher ao cão.

-Vêem aqui, querida besta. Encontrarei algo para você também. - Ela jogou uma olhada sobre Elise.

- Somente vou ver que Gideon esteja no laboratório. Eu estarei justo detrás de você, de acordo?

Elise assentiu. E quando ela girou a cabeça longe de Dante e Tess que partiam, ela se encontrou com o Sterling que a

olhava fixamente do outro lado do corredor. Seus olhos a censuraram, recolhendo seu aspecto — da parte superior de seu curto cabelo a sua camisa manchada de sangue, calças, e as botas úmidas de inverno. Havia desaprovação em seus olhos, inclusive pior que a reação inicial do Tegan sobre ela. Ela viu que o olhar fixo do Sterling baixou a suas mãos, a seus dedos, que se enroscavam ansiosamente na prega de sua camisa. Ele contemplou sua aliança de casamento, marcando um músculo que fez tic-tac em sua mandíbula sombreada pela barba.

- Não vem correndo a me dizer olá! -  
lhe perguntou no silêncio insuportável.

- Temos que falar um com o outro em algum momento, verdade? Mas Sterling não disse nenhuma palavra.

Com uma sacudida vaga de sua cabeça, ele simplesmente se deu a volta e andou a pernas afastando-se, deixando-a só no comprido corredor.



Tegan ficou tenso quando as luzes acesas estalaram sobre a piscina coberta. Ele tinha ido ali depois de fazer sua chamada ao Darkhaven de Berlim, procurando solidão e os meios de funcionamento de um excesso de vapor. Ele estava zangado, mas não lhe surpreendeu que Gideon não tivesse sido capaz de conseguir a origem

legítima do envio do Sedex pelo Marek. A cadeia do vampiro com seus Subordinados tinham que ser extensa. Aquele jornal tinha sido provavelmente transpassado como uma fortificação de substituição com meia dúzia de paradas antes de chegar a Boston, só para turvar seu rastro.

Quanto ao livro em si mesmo, inclusive com a capacidade psíquica impressionante de Savannah de ler a história emocional de um objeto não tinha resultado proveitosa ali.

Gideon sabia que sua Companheira de raça podia esclarecer o livro, mas o sacrifício a levaria a loucura profunda — a Sede de sangue que consome a mente —

da pessoa que tinha escrito em suas páginas.

Frustrado por tudo isto, Tegan tinha nadado alguns minutos, e agora se sentou na esquina do espaço abovedado, com as pernas nuas estava sentado escarranchado sobre uma cadeira de madeira de teça, seu cabelo e as cueca negras do traje de banho se aferravam a sua virilha ainda úmida pela água. Ele tinha estado desfrutando do tempo a sós e a escuridão — ou tinha sido assim, até que as filas de luzes presas em cima da piscina piscaram acendendo-se parecidas com as luzes largas da sala de interrogação.

Ele se levantou, esperando para ver que Rio coxeasse com a Tess para a ronda

da terapia. Mas não era nenhum deles os que saíram do quarto das duchas que estava na área de fundo.

Era Elise.

Ela não o viu quando ela entrou dentro descalça, usando um traje de banho branco como a neve que estava talhado pelos lados e se mantinha unido por uns anéis delicados de bronze. A frente do mesmo se inundava abaixo, outro anel centrado entre o fluxo perfeito de seus peitos. E o atrevido traje era quase tão grande como a surpresa de está-la vendo aqui; Tegan nunca teria adivinhado que a reservada viúva Darkhaven pudesse observá-la diretamente assim com tal roupa presunçosa.

E maldito seja, fez que ela nunca se olhasse tão bem.

Uma consciência profunda, primitiva despertou nele quando ele observou apartar longe a toalha de banho que ela tinha jogado ao redor de seu pescoço. Ela a deixou cair sobre os azulejos no bordo da água, depois cedeu sobre o primeiro passo inundando-se no extremo baixo da piscina.

Silenciosamente, Tegan avançou pouco a pouco de volta para seu caminho atrás na esquina, logo que respirando sobre as sombras magras que lhe ocultavam. Embora fosse evidentemente claro que seu corpo era mais ágil do que deveria ser pela falta da fortificação do

sangue de Raça, Elise era encantadora. Ela estava maravilhosamente formada, da elegância de suas largas pernas e os suaves brilhos de seus quadris, às magras curvas de sua cintura, peitos, e delicados ombros.

Ele tinha visto indiretas de sua figura quando ela tinha saído da ducha em seu apartamento ontem à noite, e quando ela tinha estado inconsciente no futon, somente que o grosso traje tinha oculto mais do que este revelava. O pingo do material branco elástico que ela levava agora só acentuava seus atrativos. De uma maneira considerável.

Ela andou a pernas debaixo na água, depois começou uma lenta nadada



para o centro da piscina. Repentinamente, ela mergulhou por debaixo, desaparecendo de sua vista até que ela reapareceu de novo no extremo longínquo para sair por ar. Quando seu rosto rompeu a superfície da água, ela abriu seus olhos e lhe descobriu. Seu pequeno grito afogado ressonou no quarto cavernoso.

- Tegan.

Ela trasladou seu braço para agarrar-se ao bordo da piscina, mas manteve seu corpo submerso como se a água pudesse protegê-la de seu fixo olhar intruso. -Pensei que estava sozinha aqui.

-Eu também. - Ele saiu sob as luzes, e não faltou a cor do rubor em suas

bochechas quando ela rapidamente apartou a vista de sua próxima nudez.

Ele se perfilou mais perto ao bordo e sorriu com satisfação um pouco quando ela se afastou, indo para o centro da piscina.

-Seu braço se vê melhor.

- Tess se ocupo de minha ferida, disse ela.

- Gabrielle e Savannah me alimentaram e me deram alguma roupa nova. Savannah disse que estaria bem se vinha aqui para nadar...

Tegan se encolheu de ombros, vendo a água de passagem, braços ágeis e as

pernas que se moviam sinuosamente debaixo da superfície.

- Faz o que queira. Você não precisa me explicar nada.

Ela sustentou seu olhar fixo através da piscina.

- Então por que me faz sentir que eu o faça?

-Eu o faço?

Em vez da resposta, ela girou e começou a nadar em um passo fácil, pondo mais distancia entre eles.

- Foi capaz de averiguar algo sobre o livro?

- Tratando de trocar o tema, verdade?

- Ele olhou sua marcha para trás ao extremo profundo, e por algum motivo absurdo, isto tomou cada onça do controle de seus impulsos para que ele não mergulhasse e a seguisse.

- Pode ser que tenhamos um avanço de algo em Berlim. Dirijo-me ali amanhã de noite.

- Berlim? Ela alcançou o borde da piscina e deu volta com um cenho franzido nele.

- O que há em Berlim?

- Algum de nós poderiam ser capaz de persuadir para que nos dêem informação.

Infelizmente, nossa melhor opção agora mesmo é um Renegado. Ele esteve refrescando sua participação de suas caças em um tanque de sujeição durante os últimos anos passados.

- Um centro de reabilitação? Perguntou Elise. No assentimento do Tegan, ela disse:

- Estes lugares são controlados pelos encarregados da Agência de Imposição.

- E?

- Então, o que te faz pensar que eles lhe permitirão entrar? Estou segura que é consciente de que a Ordem não tem a muitos admiradores no complexo

Darkhavens. Eles nunca aprovaram seus métodos na hora de tratar com o problema da Raça de vampiros que se converte em Renegados.

Ele tinha que dar crédito à fêmea: ela estava a par de sua política, e ela tinha razão sobre a Agência de Imposição que tinha a intenção de bloquear o acesso da Ordem ao Renegado cativo. A chamada do Tegan a seu velho aliado em Berlim, Andreas Reichen, só tinha confirmado o que ele e Lucan tinham esperado. A única maneira de ver Petrov Odolf era através de um montão de papelada e idiotices burocráticas.

Supunha-se que Reichen poderia lhe conseguir ao Tegan uma audiência

totalmente.

Elise sabia isso também.

- Tenho conexões na Agência. Talvez se fosse contigo...

Tegan se mofou.

- De maneira nenhuma.

-Por que não? É tão obstinado que rechaçaria minha ajuda até em algo como isto?

- Eu trabalho sozinho, por isso.

-Inclusive se isto significa dar um golpe na cabeça contra uma parede? Agora ela ria, atordoando-o com suas

brincadeiras abertas.

- Eu teria pensado que fosse mais elegante que isso, Tegan.

A cólera cravou nele, mas ele a conteve, negando-se a deixar sua ceva nele. Com um movimento de sua cabeça, Elise girou ao redor e se dirigiu novamente para trás ao extremo da piscina, nadando com movimentos atrevidos.

- Eu deveria partir, - murmurou ela.

Tegan manteve o ritmo com ela, passeando com o passar do bordo da piscina.

- Não me permita interromper sua



natação. Eu estava a ponto de sair de todos os modos.

- Quero dizer, que eu deveria deixar o recinto. É óbvio que não pertenço aqui.

- Você não pode voltar para seu apartamento agora, - lhe informou bruscamente.

- Os Renegados haverão revirado o lugar do reverso. Marek terá a seus espões introduzidos por toda parte da vizinhança, te buscando.

-Eu sei isso.

Seu magro corpo se deslizou pela água, quase ao final da piscina. -

- Não sou o suficientemente idiota para pensar que posso voltar ali.

Tegan riu entre dentes, convencido de que talvez ela tivesse recuperado seu julgamento por fim. - Então adivinho que Harvard lhe convenceu que voltasse para o complexo Darkhaven?

- Harvard? Como é que Sterling agora é um de vocês?

- Um de nós, - disse Tegan, ouvindo a acusação em seu tom entrecortado.

Não é que ela tratasse de ocultar a mesma.

Ela nadou sobre os passos e saiu da água, evidentemente também

picada preocupando-se de que Tegan olhava abertamente a seu corpo molhado. Seus olhos concentrados na marca de nascimento que montava o bordo interior de sua coxa, desenhado ali infalivelmente como um míssil termo-dirigido que se fechava no objetivo.

A saliva se acumulou em sua boca quando ele olhou os riachos da água deslizar-se para debaixo de suas lisas coxas, nuas. Sua pele se sentia firmemente por toda parte, o calor se deslocava por suas veias, e nas marcas dos dermaglifos que cobriam seu corpo e a declaravam uma da Estirpe. Suas gengivas lhe doíam com a saída repentina de suas presas.

Ele afiançou suas mandíbulas juntas,

pondo freio a alarmante sacudida da fome.

Ele não desejava olhar à fêmea, mas maldito se ele pudesse arrancar seus olhos longe dela agora.

- Sterling não me convenceu de nada, - disse ela quando agarrava sua toalha e se cobria com ela. - Ele nem sequer me fala, se quer saber a verdade. Penso que ele deve me odiar depois do que aconteceu o outono passado.

Tegan estudou seus elegantes olhos cor lavanda.

- É isso realmente o que pensa — que ele te odeia?

- “Sterling foi irmão de meu

companheiro — pelo matrimônio, ele é meu irmão”. Seria completamente impróprio.

Tegan se mofou.

- Os machos vão à guerra com seus próprios irmãos quando querem à mesma mulher.

O desejo podia dar uma maldição sobre a propriedade.

Elise sustentou a toalha fechada entre seus peitos e estabeleceu o ritmo dele.

- Eu não gosto aonde se esta dirigindo esta conversa.

- Você tem sentimentos por ele?

- É óbvio que não. Ela olhou ao Tegan, claramente, evidentemente, horrorizada.

- E que direito tem você para me perguntar isso?

Nenhum absolutamente, mas de repente era importante para ele que soubesse. Ele esteve de pé ali, deliberadamente bloqueando seu caminho se por acaso ela inclusive pensasse em esquivá-lo longe dele.

- Ele te deseja. Ele te tomaria em sua cama se você o tivesse deixado. Inferno, talvez ele nem sequer necessite sua permissão.

- Agora estas sendo grosseiro.

- Eu só estou assinalando a verdade. Não me diga que você não foi consciente de que Chase ardia por ti. Qualquer pessoa com olhos em sua cabeça pode ver isso.

- Mas somente você seria bastante ordinário para dizê-lo.

Aquele olhar fixo cor violeta pálida cintilou com indignação e durante um segundo ele se perguntou se estava a ponto de receber alguma bofetada. Ele bem esperava algo. Ele a queria zangada. Queria seu ódio sobre ele, especialmente agora, quando o aroma de sua cálida pele, úmida perfurava a pele de seus sentidos. Cada curva de seu miúdo corpo

se marcava nos olhos de sua mente.

Ele estava suficientemente perto para tomá-la em suas mãos. Muito perto, porque neste matiz íntimo, ele podia ver a agitação de seu pulso que revoava freneticamente em sua garganta, e ele era muito consciente de que não havia ninguém para detê-lo se ele atirava de seus braços e tomava o sabor proibido dela.

- Você pendura sua insensibilidade na desculpa da verdade, - disse ela, com uma ferocidade que se arrastava em sua VOZ.

- Assim que talvez possa me dizer por que encontrou necessário me mentir



sobre o que aconteceu o laboratório Carmesim.

Tegan estreitou um olhar duro nela, A pergunta levantou uma espécie de alarme dentro dele.

- Eu não te menti sobre nada.

Ela não se estremeceu sob seu fulgor, só sustentou seu olhar fixo de forma mais estável, desafiando-o.

- Foi você quem destruiu o laboratório, não a Ordem. Você pessoalmente, Tegan. Ninguém mais. Ouvir tudo.

Um vaio baixo escapou dele. Ele retrocedeu, sabendo que ele era o que se

retirava agora, mas incapaz de parar seu ímpeto anterior de amparo. Elise se moveu com ele, seu corpo úmido, quase nu estava muito perto. Tentação muito maldita.

Por que faria algo assim, Tegan? Não posso acreditar que tivesse qualquer aula de aposta pessoal na vista do laboratório arrasado. Então me diga. Por quê? Fê-lo por mim?

Ele não disse nada, incapaz de expressar-se e debruando perigosamente perto de uma emoção que ele não queria sentir.

Ela elevou a vista para ele ferozmente. O silêncio era pesado,

inamovível.

- Onde está agora sua verdade, guerreiro?

Tegan forçou uma mofa, escutando a raspagem de sua risada sem senso de humor em sua garganta.

- Adverti-te uma vez, mulher. Estas jogando com fogo. Não serei o suficientemente cavalheiro para te advertir outra vez.



Elise fechou seus olhos quando Tegan grunhiu uma maldição e andou com passo majestoso longe dela. Ela não se

atrevia a mover-se, logo que desenhou um fôlego no momento que os passos rápidos do Tegan lhe levaram a saída da piscina. Ela o escutou partir. Só então ela mesma se permitiu ceder no alívio.

Que demônios estava pensando ela? Havia ela perdido completamente o julgamento, provocando a um guerreiro como ele para a cólera?

E era a cólera que ela viu em sua expressão. Uma fúria inequívoca, ardendo sem chammas à fúria se acendeu em seus olhos verdes claros quando ele a tinha contemplado provavelmente não menos que um instante longe de repartir golpes a destro e sinistro contra ela. Havia ela sido uma suicida, quando ele a tinha acusado

ontem de noite? Como se sua reputação desumana fosse algo que se deixasse passar, empurrando-o como ela para sua responsabilidade se conseguia matá-la.

Exceto não era cólera o que ela tinha estado procurando faz um momento. Ela tinha querido ver alguma espécie de sentimentos nele...

Sentimentos que ele pudesse ter por ela. Que era algo completamente absurdo.

Não obstante, ela se perguntava. O tinha estado perguntando, desde aquela noite de princípios de novembro quando Tegan a tinha levado a sua casa do recinto. Elise não queria pensar que havia algo entre eles. O senhor sabia que ela

não necessitava uma complicação como essa em sua vida agora mesmo.

Mas nos momentos tensos antes que Tegan deixasse o quarto, algo em efeito tinha estado ali. Apesar de seu comportamento frio, a cor se elevou em seu Gen Único dos dermaglifos.

As marcas formosas se formaram redemoinhos como tatuagens elaboradas, cambiáveis através do peito musculoso do Tegan, os braços, e o torso... e abaixo, debaixo do traje de banho negro apertado que descaradamente evidenciou sua profana sexualidade. E quando ela tinha estado de pé ante ele, o suficientemente perto para sentir sua respiração patinar quente através de sua pele, aqueles glifos

incríveis tinham começado a palpitar em sombras de cor Borgonha, anil, e ouro — as cores do despertar do desejo.

## ***CAPÍTULO 12***

-Né, T. Parece que está amarrado a Berlim amanhã de noite - disse Gideon enquanto ao laboratório tecnológico. Ele esfregou uma mão através de seu bicudo cabelo loiro, despenteando-se inclusive mais do que já estava antes e amplificando seu habitual aspecto de gênio louco.

- Conseguimos autorização da AFA<sup>5</sup> para nosso jato privado. O piloto estará esperando no terminal da companhia Logan ao entardecer. Terá que

parar a repor em Paris, mas chegará a Berlim com uma hora a mais antes do amanhecer do dia seguinte. Tegan assimilou as notícias com um vago assentimento. Tinham passado um par de horas desde seu encontro com Elise na piscina, e seu sangue estava ainda tamborilando em suas têmporas, seu corpo ainda vivo com um comichão de consciência que estava francamente começando a lhe incomodar.

Ao menos tinha um plano de fuga. Amanhã de noite estaria a caminho fora do país, pondo vários milhares de quilômetros entre ele e a mulher que estava lhe conduzindo a uma inusitada distração. Não parecia que sua missão em Berlim fora a ser fácil; ele provavelmente



estaria fora por uma semana, possivelmente mais. Um bom tempo para separar de sua mente a Elise.

Sim, como ele tinha feito tão efetivamente nos quatro meses anteriores desde que tinha conhecido pela primeira vez à mulher.

Levá-la a casa aquela noite da comunidade tinha sido um engano. Algum estúpido impulso do que ele raramente se dava o gosto, e, em ocasiões, geralmente vivia para lamentar-se. A maneira em que ele reagia à noite anterior somente o remarcava como a afiada ponta de uma faca.

Ele tinha fome dela, e não podia

enganar-se com a esperança de que ela não havia visto grandes evidências desse fato. Ele não tinha podido dominar a transformação de seus glifos em sua presença, somente eliminando sua mal disposta excitação só por estar perto dela.

Jesus Cristo, ele precisava desaparecer, e desaparecer logo.

Ao outro lado do laboratório, Dante e Chase estavam revisando táticas com o Nico e os novos recrutas. Um par de cabeças se levantaram enquanto Tegan passeava pelo interior e se deixava cair em uma cadeira junto ao Gideon no conjunto de computadores e monitores de vigilância da comunidade.

- Está bem?- perguntou Gideon, lhe olhando fixamente com uma sobrancelha arqueada.

- Está desprendendo calor como um radiador.

-Nunca estive melhor - Tegan lançou a seu interlocutor o alto-falante do telefone perto de seu cotovelo.

- Dá ao Reichen os detalhes do vôo e vê se podem conseguir em algum lugar os trajes a cargo do centro de contenção.

Tegan marcou a linha privada da comunidade Darkhaven de Berlim e foi imediatamente passado com o Andreas Reichen.

-Tudo está em ordem - ele disse ao vampiro alemão, sem preocupar-se com o encantado 'olá, como está' em sua impaciência por pôr em marcha à missão.

-Hora esperada de chegada no Aeroporto Tegel é dentro de dois dias antes que amanheça. Crie que pode me conseguir seu lugar antes que me faça maior?

Reichen pôs-se a rir.

- É obvio. Terei um carro esperando a te recolher. - Sua profunda e acentuada voz rodou através do alto-falante.

- Passou muito tempo, Tegan. Não esqueci minha dívida contigo por sua ajuda com nosso... probleminha aqui faz

um tempo.

Tegan recordava essa vez. O pequeno problema da comunidade Darkhaven de Berlim tinha comprometido uma série de ataques de Renegados sobre seus residentes, vários terminando em truculentos assassinatos. Tegan tinha ido como uma unidade de comando de um só homem, rastreando a célula de Renegados pelos espessos bosques do Grunewald depois de exterminar os predadores sedentos de sangue que tinham estado aterrorizando a região. Isso tinha sido, merda... faz quase duzentos anos.

-Seremos decentes se conseguirmos nos infiltrar dentro da Agência de Contenção - disse ao Reichen.

- Ah, isso está resolvido, meu amigo. O chefe de segurança telefonou faz sozinho um momento antes que você chamasse. O diretor da agência aqui em Berlim me deu licença específica para acessar ao complexo. Não há problema em deixar passar a seu emissário no complexo para interrogar ao Petrov Odolf.

- Meu emissário...

Enquanto as palavras saíam de sua boca, a suspeita começou a ferver em seu sangue, Tegan ouviu o suave movimento das portas de cristal do laboratório tecnológico enquanto se abriam para deixar passar a alguém dentro. Sabia quem era esse alguém, inclusive antes que

visse a mandíbula do Chase esticar-se ao outro lado da habitação. Tegan girou sua cadeira giratória e encontrou a Elise ali, olhando culpada de algum pecado.

- Que demônios tem feito?

- Eu não tive nada que ver - disse Reichen ao alto-falante.

- Assumi que era algo que você iniciou.

O líder alemão da comunidade Darkhaven de Berlim estava ainda falando, mas Tegan não estava escutando uma palavra. Elise caminhou para frente, seus passos um pouco vacilantes. Uma das outras companheira de raça tinha dado roupa para trocar-se. A túnica tricotada e

o jeans azul escuro eram uma melhora sobre o caos do revelador traje de banho, mas ainda assim não ocultava suas pequenas e femininas curvas.

O que somente chateou mais ao Tegan.

- O que pensa que está fazendo, esquece-o. Disse-lhe isso, trabalho sozinho.

- Não esta vez. Os preparativos já estão feitos com a Agência e o complexo de contenção. Estão me esperando.

- Isto deve ser uma fodida brincadeira.

- Vou completamente a sério. Vou



contigo.

Tegan a rechaçou com um breve olhar e voltou para sua chamada com o Reichen.

- Não haverá nenhum emissário do Darkhaven me acompanhando. Somente eu.

Andreas, e nós vamos entrar ainda para ver a esse Renegado, inclusive se tivermos que entrar pela força.

- Tegan, acredito que me interpretou mal. A voz do Elise era inquebrável detrás dele e perigosamente valente.

- Não estava te pedindo permissão.

Ele ficou gelado, estupefato com a

coragem da mulher.

- Estarei em contato - disse ao Reichen, depois cortou a conexão com um excessivo golpe do teclado numérico.

- Sou a que entregou o jornal à Ordem. -disse Elise enquanto ele se girava a olhá-la.

- Sem mim, não teria sabido nada do tipo ao que quer interrogar. Sem mim, não poderia te permitir entrar em seu âmbito, somente para falar com ele. Vou contigo.

Tegan saltou de sua cadeira. Elise saltou para trás, surpreendida como primeira amostra de bom sentido que ele tinha visto nela desde que entrou no

laboratório. Ele a imobilizou com um fechado olhar que percorreu com mordaz e deliberada lentidão desde suas ruborizadas bochechas até as pontas de seus sapatos emprestados.

- Não está em condições para viajar. Se olhe, está débil, pouco mais que pele e ossos. E não falemos do fato de que não pode estar perto dos humanos sem sofrer enxaquecas e hemorragias nasais.

-Dirigi-lo-ei.

-Ele se burlou.

-Como?

Ela franziu o cenho, baixando seu olhar enquanto a voz do Tegan retumbava

ao redor deles.

- Que diferença vai haver entre agora  
- solicitará a veia de um vampiro para  
reforçar sua força? Porque essa seria a  
diferença.

As bochechas dela subitamente se  
alagaram de cor.

- Possivelmente algum deles se  
ofereça a te servir. -disse Tegan,  
grosseiro agora, assinalando a quão  
guerreiros atendiam à conversação em um  
tenso silêncio.

- Merda, Tegan. - advertiu-lhe  
Gideon a seu lado.

- Te relaxe, pelo amor de Deus.

Tegan deixou de emprestar atenção a tudo exceto a expressão estupefata da garota do Darkhaven.

- Isso é o que tomaria o sangue de raça da Elise percorrendo todo seu corpo. Nada menos. Sem isso, seu talento continuará te dominando, como faz agora. Somente seria um aporrinho.

Ele viu a faísca de indignação em seus olhos, mas era sua humilhação a que lhe golpeava como um golpe ao estômago. Considerava-se insensível até o extremo falar publicamente dos vínculos de sangue entre uma mulher e seu companheiro, inclusive pior, falar disso com companhia mista.

Sugerir que uma companheira de raça sem vínculos tomasse a um homem só para alimentar-se estava além do profano.

- Sou viúva - disse ela tranqüilamente.

- Estou de luto.

- Cinco anos. - recordou-a Tegan, sua voz soava tensa inclusive para seus próprios ouvidos.

- Onde estará em outros cinco? Ou dez? Está-te deixando morrer e sabe. Não me peça ajuda para consegui-lo mais rápido.

Ela lhe olhou calada, sua delicada garganta funcionando enquanto ela tragava

saliva no que provavelmente era um soluço. Possivelmente uma maldição lhe mande direto ao inferno, o que era provavelmente onde se estava dirigindo inclusive antes deste feio show.

- Tem razão, Tegan. - ela sussurrou, sem um risco de debilidade ou um problema em sua voz. .

- Tem razão... e concedo que exponha sua opinião.

Com os ombros quadrados, ela se deu a volta e caminhou tranqüila fora do laboratório, uma visão de estóica dignidade. Tegan se sentia como um imbecil, vendo-a ir-se em rígido silêncio. Depois que ela desapareceu de sua vista,

ele exalou uma aguda maldição.

- Que caralho estão olhando?- ladrou ao Chase, quem se tinha levantado da mesa em que estava sentado. O ex-agente do Darkhaven tinha tido sua mão posta na culatra de um revólver pendurado ao outro lado de seu peito. Sua expressão era nada menos que assassina.

- Que lhe deem. - grunhiu Tegan. - Vou daqui.

Nada surpreendente Chase estava direito sobre seus passos. Ele deu ao ombro do Tegan um forte empurrão enquanto os dois saíam ao corredor fora do laboratório.

- Filho da puta. Ela não merecia esse



tipo de trato, de todos menos de alguém como você.

Não, não o merecia. Mas era necessário. Não havia maneira de que voltasse a estar perto de Elise de novo, somente deixando-a ser seu cúmplice nesta missão a Berlim. Ele precisava fechá-la, e de forma dura. Assim tinha ficado como um grande idiota, por fazê-lo publicamente. Ele só tinha reafirmado o que todos já pensavam dele.

Tegan se encontrou com o olhar furioso do Chase e esteve afetado por um sorriso cruel.

- Se preocupa muito pela mulher, Harvard? Porque não vais consolar a

como está morrendo por fazer. Somente nos faça um favor a todos e mantém ela longe de mim.

Chase elevou seu rosto, olhos azuis irradiando ódio.

- É um idiota, sabe?

- Sim. - encolheu-se de ombros Tegan.

- A última vez que o comprovei, não estava fazendo campanha por nenhum prêmio do Senhor cordialidade.

- Arrogante filho de...

Abrindo seus lábios, Tegan assobiou através de suas alargadas presas enquanto

se tornava em cima de Chase, cortando o insulto de resposta. Ele meio esperava que o irado vampiro lhe obrigasse a lutar. Parte dele ansiava conhecer os sentimentos de tortura e ira do Chase, e enquanto se torsionava como se tivesse razão agora, ele não rechaçaria uma oportunidade de machucar seus nódulos em um pequeno mano à mão.

Mas Dante interveio sem problemas, saindo do laboratório no mesmo segundo para agarrar o braço do Chase e fisicamente apartar ao guerreiro do caminho do Tegan.

- Merda, Harvard. Não consiga que lhe matem agora que quase já te treinei. Que maldita perda seria, né?

Depois de uns poucos segundos de interferência, Chase se acalmou, mas seus olhos, todavia irradiavam calor para o Tegan incluso enquanto Dante atirava dele pelo corredor.

No laboratório, Gideon tinha voltado para seu teclado. Nikolai, Brock e Kade retornaram ao trabalho também, todos eles atuando como se Tegan não tivesse atuado como um bastardo sem coração diante de uma mulher indefesa.

Tegan amaldiçoou em voz baixa. Ele tinha que sair dali, e a maneira em que as coisas estavam indo, o vôo de amanhã de noite a Berlim não ia ser suficientemente logo.

Ele tinha um lugar ao que podia ir, o lugar ao que sempre ia quando a merda começava a cair em cima. Algumas vezes desaparecia dali durante noites de ponta; nenhum de seus companheiros da Ordem tinha estado ali. Era seu próprio inferno privado, um lugar vazio e abandonado, cheio de morte. Justo agora, soava como umas fodidas férias.

Elise permanecia de pé no centro de uma grande e em sua maioria livre habitação na comunidade, sentindo-se como se tivesse tido o vento golpeando a de cara. Ela estava ainda tremendo por sua confrontação com o Tegan, mas se era de humilhação ou ódio, ela não estava segura. O que ele tinha feito diante de seus companheiros de raça

era indesculpável, incrivelmente frio. Ele tinha que saber que o que ele sugeria era blasfemo e profanamente insultante, não só para ela, a não ser para quão guerreiros tinham estado na habitação escutando. Somente as mais baixas mulheres que viviam entre os de Raça se prometeriam em um vínculo de sangue sem um compromisso solene e um profundo amor compartilhado.

O vínculo de sangue era a comunhão mais sagrada entre uma companheira de raça e o homem que ela escolhia como dele. A intimidade final, era muito freqüentemente um ato sexual, e a gente nunca entrava na ligeira. Usar o sangue de um vampiro só para a longevidade e fortaleza da gente mesmo não se fazia

simplesmente. Não por ninguém que

Elise conhecesse.

Mas ela não podia negar que as observações do Tegan sobre ela tinham sido verdades.

O que ele havia dito era cruel e cru... e completamente acertado. Ela estava consumindo-se com gosto, o que era sua direito como companheira de raça viúva. Mas ela queria ter uma parte ativa em frustrar os planos dos Renegados, e era idiotice de sua parte pensar que poderia fazê-lo se continuava como estava.

Elise olhou a baldia habitação ao redor dela. As brancas paredes sem

janelas não continham cor para nada - nenhuma arte ou fotografia agradável, como se tivesse visto o resto da comunidade. Nenhum sofá, nem equipamento eletrônico ou computadores, nem livros. Nada de expressão pessoal.

Perto da parede mais longínqua havia uma alta cabine negra e um banco negro de madeira junto a esta, sob o qual havia dois pares de largas botas negras de pele, preparadas com precisão militar. Havia uma grande cama na habitação adjacente, mas inclusive isso não era particularmente tentador. Somente lençóis cinza de bronze de um canhão e uma manta de cor carvão dobrada aos pés do colchão de matrimônio. Elise nunca tinha visto os barracos de soldados, mas se



imaginava que se pareceria com isto... possivelmente não tão frio e impessoal.

Ela sabia onde estava, é obvio. Ela tinha sabido onde se dirigia quando navegava pelo labirinto de corredores depois de tirar a vergonha que tinha suportado dentro da sala de controle da Ordem.

Ela sabia o que estava a ponto de fazer agora, mas isso não fez saltar a seu coração nada quando ouviu os passos do Tegan aproximando-se da porta aberta de suas estadias privadas.

As largas pernadas se ralentizaram, depois cessaram totalmente enquanto o ar se revolia frio, anunciando sua chegada.

Seu imenso corpo encheu o marco da porta, seus musculosos braços cruzados sobre seu peito, suas poderosas coxas vestidos de denim<sup>6</sup> desdobrados em postura de batalha. Ele não falou primeiro, mas não havia necessidade de palavras quando seus olhos verdes esmeralda se estreitavam sobre ela, tão afiados como gemas e tão frios como uma geleira.

- Tegan.

- Se está procurando uma desculpa, pode esquecê-lo.

Elise manteve esse ameaçador olhar enquanto se forçava a aproximar-se dele.

- Não estou aqui para isso. - Ihe disse, surpreendida de que não houvesse tremor em sua voz para a maneira em que seu pulso estava saltando-se de suas veias.

- Vim aqui para te dizer que tinha razão ali atrás. Necessito a força de um vínculo de sangue, mas não procuro um companheiro. Necessito um acerto sem complicações, com alguém que não vá preocupar se do que faço, ou quando me afastar... assim que escolho a você.

## CAPITULO 13

Todo um sabichão, a resposta apática que poderia ter saído de seus lábios fugiu, junto com todo o sangue em seu cérebro. Tegan estava ali na entrada de suas

habitações privadas, golpeado estúpido com a comoção do que ele acabava de escutar. Ele estava tão seguro como o inferno que nunca viu vir esta chegada.

E embora todo o sentido comum lhe dissesse que negasse a Elise essa proposta — encerrou a maldita idéia antes que outro segundo passasse — sua boca não parecia capaz de um discurso. Uma imagem mental erótica queimava imediatamente sua mente: os lábios de Elise pressionando contra sua pele, a doce língua cor rosa lambendo nele, sua boca desenhada profundamente em sua veia.

Ele queria isso, compreendeu-o em um instante de incredulidade.

Necessitava-o tanto que ele se estremeceu com a força da mesma idéia.

- Jesus Cristo - ele murmurou, encontrando sua voz por fim.

- Você estas louca. E eu me parto. Só vim para agarrar algumas de minhas coisas e cair fora daqui.

Quando ele andou com passo majestoso para frente, significava que se despedia dela e sua absurda proposta sem outra palavra, Elise ficou em seu caminho. Ele a fulminou com o olhar baixo, mas ela não se estremeceu muito quando baixou o olhar mortal que tinha murchado a guerreiros e a Renegados por igual.

- Do que estas fugindo, Tegan? - Os

suaves olhos cor lavanda se fixaram nele em forma de provocação desafiante.

- Estou segura de que não posso ser eu quem te assuste.

Ele se mofou da idéia, rechaçando deixá-la ver como perto da verdade ela poderia estar.

- Sabe você o que estas pedindo? Se seu tirar de meu sangue, uma parte de ti estará unida, vinculada a mim para sempre enquanto estejamos vivos. É uma conexão inquebrável.

- Sei muito bem o que a obrigação de sangue implica. Tudo da mesma.

Seu repentino rubor parecia indicar

que ela também era consciente da natureza sexual do ato. O sangue de vampiro tinha uma qualidade altamente afrodisíaca. Nas fêmeas sem a marca das companheiras de raça, o efeito era freqüentemente uma forte forma de desejo feroz; em fêmeas como Elise, que eram capazes de ter descendentes de Estirpe, beber o sangue da Raça quase sempre as enviava em um frenesi de fome sexual acalorada que exigia ser apagada.

- Não sou ao que você está acostumada - lhe disse severamente, a única advertência que ele podia pensar agora.

- Não pense que seria amável, gentil contigo. Eu não te demonstraria

nenhuma piedade.

Seu pequeno sorriso era um pouco zombador.

- Eu logo que contaria com que você o quisesse.

Com isso, ela se apartou e andou a pernadas diante dele, sua coluna vertebral impecavelmente erguida quando ela entrou em seu dormitório para esperá-lo. Tegan passou seus dedos por seu cabelo, sabendo que tinha aproximadamente dois segundos para conseguir controle sobre si mesmo e afastar-se deste inegável desastre. Necessitava de mais tempo para ele para pensar nisto, e ele não sabia se teria a



vontade para rechaçá-la.

Na habitação contígua, ele escutou o suave ruído dos sapatos de Elise que golpearam o tapete quando os tirou. Se ele pensava que podia demovê-la de levar isto adiante, pelo visto tudo o que ele tinha feito era fortalecer sua resolução. Ela tinha jogado a luva<sup>7</sup> aqui, e ele nunca tinha sido a classe de macho que retrocedia ante um desafio.

Inclusive agora, quando cada instinto de sobrevivência que ele possuía pedia a gritos que fugisse e corresse de uma situação que tinha escrita a palavra catástrofe por toda parte.

Os momentos largos foram marcados

pelo tic-tac. E de todos os modos ela esperava. Tegan grunhiu um juramento escuro.

Então, com apenas um pensamento consciente para ordená-la, ele fechou a porta de suas habitações com a vontade de sua mente e se dirigiu para o dormitório detrás dela.



Algo da resolução do Elise vacilou quando Tegan entrou detrás dela em seu dormitório. Havia uma intensidade selvagem em seus passos grandes, lentos, constantes e com o olhar fixo que não piscava amestrada sobre ela. De repente ela se sentiu como se estivesse de pé ante

um depredador enquanto este media suas opções, preparando-se a aproximar-se para a matança.

- Como você quer fazer... - Ela deixou que o rastro das palavras se apagasse, incerta em como proceder agora que ela realmente o tinha ali.

- Onde me coloco...?

- A cama, - foi sua resposta plaina.

Ele começou a tirar sua camisa de ponto negro, expondo seus grifos marcados em seu peito. Sua tonalidade normal de henna estava cada vez mais profunda agora, já não eram as sombras neutras que indica um aprazível humor, a não ser estavam ruborizando-se cada vez

mais escuras, os padrões começavam a saturar-se. Elise se sentou sobre o mesmo bordo do colchão e deu volta a sua cabeça para apartar a vista dele. Ela escutou a acumulação do tecido quando Tegan pôs sua camisa a um lado e vinha mais perto da cama.

- Você esta vestida, - disse ele, seu fôlego quente fazendo cócegas a lado de seu pescoço nu.

Sua presença tão próxima a ela era quase tão alarmante como suas palavras. Elise girou com um ansioso olhar sobre ele.

- Quer que me dispa? Não vejo a razão pela que eu deveria.

- Você o fará. - disse ele, não deixando lugar a nenhum argumento.

- Se eu fosse um macho Darkhaven cultivado e não o cru guerreiro que eu sou, duvido que você esperasse que eu te recebesse totalmente vestida.

Isso era verdade. O respeito pelo ato da criação do laço de sangue entre um vampiro e uma companheira de raça exigia que ambas as partes se entregassem um ao outro sem ocultações, coação, ou reserva. Nus em corpo, em compromisso, e intenção.

Tegan chegou até abaixo para desabotoar a cremalheira de seu jeans azul.

Quando eles cederam em sua pélvis ajustada, os olhos do Elise caíram involuntariamente na cadeia de músculos tensos que o definiam, e ao padrão que se arrastava dos dermaglifos que de forma evidente seguiram em todo seu caminho até debaixo de sua nua e torcida virilha. Ele não levava nada debaixo, ela se consumiu em um estado de pânico imediato.

- Por favor. - ela ofegou.

- Tegan, por favor. Vai você... esta acalorado?

Ele não respondeu, mas sim lentamente tirou do zíper sem interrupção e arrastou acima o zíper. Ela não podia

menos que notar que o botão em cima ficou desfeito, expondo um pequeno v de sua suave pele avermelhada.

- Esta é a única concessão que você consegue esta noite. - disse ele em um profundo som.

-Você ainda tem tempo para reconsiderá-lo. Mas não muito. Agora te dispa, ou me peça amavelmente que te deixe partir.

Ele a estava provando. Ela sabia que ele a estava empurrando deliberadamente agora, provavelmente, tão seguro de que poderia fazê-la trocar de opinião com algumas palavras ameaçadoras.

Em realidade, ela deveria ter medo.

Não só de estar a sós com um guerreiro como o era Tegan, mas também do ato íntimo, sagrado que ela estava a ponto de profanar de beber de um macho do que ela não tinha nenhuma intenção de tomar como seu companheiro. Verdadeiramente, ela estava degradando a ambos lhe pedindo ao Tegan atendê-la em um serviço como este, e se ele se sentisse indignado pelo simples pensamento — ou por ela — ela poderia logo que culpá-lo.

- O que é o que vai fazer Elise?

Ela se levantou, muito consciente de que ele a estava olhando, esperando que ela partisse. Com apenas o mais leve tremor de seus dedos, ela começou a levantar a prega de sua túnica e o passou



por cima de sua cabeça.

A respiração quente do Tegan se deteve. Ele se encontrava ainda ao lado dela, mas ela podia sentir o calor que rodeava a ele quando ela deixou seu Top na cama.

Ela cruzou seus braços sobre o sutiã de cor branca de modesto algodão que ela levava, e se deu a volta com um olhar interrogante sobre ele.

Quando Tegan finalmente falou, sua voz era grossa, obstruída pelos pontos de suas presas brancas reluzentes.

- Suas calças também. Pode manter o resto no momento.

Ela se despojou de suas calças tão rapidamente como podia fazê-lo, logo se sentou novamente no bordo da cama.

- Te mova no meio, e faça frente a mim sentada em seus joelhos.

Quando ela se escapuliu ao centro do colchão extragrande, Tegan subiu na cama também. Ele se colocou diante de seus joelhos, até que só um pé do espaço os separava. As pupilas no coração de sua íris verdes começaram a emagrecer-se, reduzindo-se de forma gradual, em fatias verticais. Quando ele separou seus lábios para falar, suas presas pareciam enormes.

- Última oportunidade, Elise.

Ela deu uma sacudida de cabeça,

incapaz de uma conversaçãõ agora. Tegan grunhiu algo repugnante em seu fôlego, logo atraiu seu pulso até sua boca. Com seus olhos sobre os dela, ele expôs suas presas e os afundou na carne debaixo de sua mão.

O sangue vermelho escuro gotejou da ferida, caindo brandamente, de maneira constante, na cobertura cinza.

- Vêem aqui. -disse ele, oferecendo seu braço para ela, seus lábios manchados de carmesim por sua mordida.

Com seus olhos fechados, o coração gaguejando em seu peito, Elise se apoiou para frente. Ela pôs suas mãos debaixo de seu grosso antebraço e com cuidado

levantou suas espetadas sangrantes a sua boca. Ali, foi quando ela vacilou, sabendo que dali não haveria volta a atrás. Com um grande gosto, ela estaria atada a este macho mortal. Consciente sempre dele, como um calor vivo que zumbiria em suas veias, até que o tempo devesse vir por um ou outro deles para morrer.

Mas ela seria mais forte também. Sua tortura psíquica diminuiria e seria muito mais fácil de dirigir. Seu corpo rejuvenesceria, requereria de menos trabalho para mantê-lo em forma e saudável.

Sua promessa ao Camden não estaria tão oca uma vez que ela tivesse um pouco do poder do Tegan percorrendo por suas

veias.

Mas utilizá-lo a ele querendo isto?

Ela jogou uma olhada para cima e o encontrou olhando fixamente abaixo a ela, seus lábios retraídos para trás e brilhantes, sua respiração que rastelava tosca por seus dentes.

Seus dermaglifos eram lívidos com a cor agora, surpreendentemente formosos em tantos músculos esculpido e pele dourada.

- Faz-o. - grunhiu ele, com seu fixo olhar feroz enquanto se aventurava a tomá-la em sua boca... amaldiçoando ela por isso.

Elise se inclinou sobre seu pulso e com cuidado abriu sua boca para recebê-lo.

Imediatamente em que seus lábios tocaram sua pele, Tegan grunhiu, formando um arco bruscamente. Elise extraiu brandamente, usando sua língua para dar uma volta nas aberturas duplas em sua pele. Seu sangue estava quente e formigava quando esta se deslizava por debaixo de sua garganta, enchendo-a de um calor que logo se converteu em um rugido pelo inchaço, sentindo-se afligida.

Isto a golpeou tão rápido que ela gemeu da intensidade, sentindo-se entristecedora instantaneamente. O calor ferveu através de suas extremidades e seu

coração, palpitou com força, rodando como uma maré.

Ela não tinha estado preparada para uma reação tão rápida, tão atordoante. Tudo dentro dela se encontrava fundido, transformada em líquido e sem ossos... sem sentidos.

Quando ela tratou de separar-se, Tegan colocou sua palma na parte posterior de sua cabeça. Seus dedos grandes atravessaram seu crânio, fazendo uma toca através de seu cabelo. Não havia negação de sua força, mas a pressão com a qual ele a sustentou era ligeira. Mas também era inflexível.

Elise jogou uma olhada para cima a

ele, ansiosa agora. Talvez isto não tivesse sido uma boa idéia absolutamente. Talvez ela tivesse estado equivocada.

Os olhos do Tegan brilharam, suas pupilas afundadas pelo âmbar aceso.

- Você não deveria ter começado algo se não estivesse disposta a terminá-lo. - Seu rosto era cruamente sério, implacável.

- Toma mais. Você sabe que o necessita.

Seu fôlego serrou sobre o dela em seu convite. Deus lhe ajudasse, mas ela realmente necessitava mais. Já ela podia sentir que o sangue do Tegan se mesclava com o seu próprio, palpitando em seus



templos. Ela lambeu seus lábios, saboreando o gosto selvagem, do potente sabor sobre sua língua.

O queixo do Tegan estava visivelmente rígido.

- Cristo. - ele grunhia para fora fortemente. Seus dedos eram uma imensa presença de calor que a queimava através de sua nuca e até toda a comprida parte traseira de sua cabeça. Ele poderia havê-la empurrado para baixo tão facilmente, mas ele sozinho a sustentou ali, sob sua oferta que enrolava aquele poder da raça.

- Toma mais de mim, Elise.

Ofegando agora, cada terminação nervosa se acendeu disparando-se dentro

dela como uma saudação de explosões sensoriais, ela baixou sua cabeça e se encerrou sobre ele uma vez mais.



Tegan aspirou um fôlego agudo quando Elise sujeitou sua boca a seu pulso e tomou outro gole comprido de suas veias abertas. Ela gemia enquanto tragava cada vez mais dele.

Sua fome se elevava. A avareza por mais fez que seus puxões fossem mais fortes, mais profundos, mesmo que ela se saciava a si mesma com ele. Sua língua era uma demanda úmida, quente contra sua pele, mas era a raspagem ligeira de seus dentes os que fizeram que a quebra de

onda sexual do Tegan se fizesse até inclusive mais difícil do que já era para ele.

Ele sabia que ele não estava sozinho em sua excitação. Ele podia sentir a resposta de seu corpo; ele absorvia seus pensamentos e emoções através das pontas de seus dedos, que estavam sepultadas nas capas sedosas de seu curto cabelo loiro, que descansavam contra o calor de sua nuca. Ele sentiu prazer com uns poucos movimentos com sua pele suave, depois apartou sua mão, quando as sensações chegaram a fazer-se muito intensas.

Jesus, ela ardia com a necessidade — ambas tanto a sede física e quão carnal o

sangue da raça inspirava às fêmeas que nasciam com a marca de nascimento que tinham a forma de uma lagrima e uma meia lua.

Absurdamente, Tegan lutou para distanciar-se da gravidade do que estava acontecendo. Ele tentou ocupar sua mente em um inventário mental clínico de suas características — algo que o distraía dos movimentos eróticos de sua boca sobre ele - mas foi inútil. Elise era muito real, estava muito quente, a forma de sua coluna vertebral arqueada e lhe serpenteava com cada lance comprido de sua boca. Sua respiração levantou rápida e profunda, e seus lábios faziam ruídos deliciosamente molhados na tranqüilidade do quarto.

Suas pálpebras estalaram como se pedir a permissão e Tegan fora pego pela cor ametista encantadora de seus diafragmas agora que a fome e o desejo os tinha obscurecido. Suas bochechas ruborizadas agora que seu sangue se encontrava já em seu sistema, seus lábios manchados de uma brilhante cor vermelha, formosos onde se sustentaram rapidamente a seu pulso.

- Finaliza-o. - lhe disse, com a língua áspera, sua própria boca seca como um osso.

- Toma até te encher.

Com um gemido gutural, Elise o empurrou para baixo por suas costas e o

seguiu até ali, nunca rompendo o contato enquanto ela avançava lentamente junto a ele na cama, seu braço levantando-se para acomodá-la para que continuasse com sua alimentação.

Inclusive embora ele se encontrasse duro como o granito em seu jeans, Tegan desejava não permanecer separado de toda a catástrofe inteira que jogava para fora ante ele. Ele teve que temperar-se por volta de fora da mulher incrivelmente desejável que se retorcia agora contra ele com somente um sutiã de algodão modesto e uma calcinha, lançando para fora erótico calor como um forno.

E suas emoções o afundavam. Sua

necessidade era tão crua, tão honesta.

Cristo, ele tinha esquecido o que se sentia com isto. Ele não queria pensar no tempo que tinha transcorrido desde que ele tinha estado com uma fêmea. Não queria reconhecer como de vazia — como teimosamente casto, física e emocionalmente — sua vida tinha sido assim durante os cinco séculos passados.

Ele não queria pensar na Sorcha...

Ele não podia pensar nela, não quando Elise o conduzia ao bordo com cada gemido e suspiro e a felina de seu corpo ao lado dele. Para sua surpresa, ele desejava tocá-la muitíssimo — não para

dobrar seu talento psíquico um pouco mais, simplesmente somente para tocá-la.

Alcançando sua mão livre, Tegan remontou seus dedos ao longo da suave linha de seu ombro e a parte superior de seu braço. Sua pele se arrepiou pela zona que ele havia tocado. Debaixo do algodão branco fino de seu sutiã, seus mamilos se apertaram em pérolas duras. Ele passou seu polegar sobre um broto de calhau, sua respiração se encolheu na parte posterior de sua garganta quando ela se arqueou sobre ele sem inibições, a febre de sangue de sua alimentação a fazia não conhecer nenhuma vergonha.

Ele poderia tomá-la, Tegan sabia. Ela provavelmente o esperava, já que era



estranho que o ato da bebida do sangue com uma companheira de raça se terminasse sem o sexo para liberar à fêmea de sua necessidade.

Mas ele não a tinha tratado com nenhuma consideração, e uma parte cruel dele queria fazer bem nessa promessa. Especialmente posto que ele era o que estava sendo utilizado neste cenário. As pernas de Elise se dobraram e curvaram à medida que ele continuava com a exploração tateante de seu corpo. Ele remontou seus dedos ao longo do pendente de seu estômago plano, depois sobre a labareda elegante de seus quadris. Ela era líquidas em seus movimentos, ondulantes e arqueando-se quando sua amamentação em seu pulso se fez mais

urgente. Com um gemido baixo, entrecortado, ela abriu suas pernas para ele e moveu sua mão abaixo onde ela o necessitava. Ela sujeitou com braçadeiras suas coxas juntas, sustentando-o a ela e moendo quando ele vacilou em tocá-la sozinho.

Foi muito para resistir, inclusive até para ele.

Ele passou seus dedos ao longo da fenda úmida protegida por sua calcinha e ela se sacudiu como se ele a tocasse com uma chama aberta. Ele a acariciou ligeiramente outra vez, com mais propósito, sentindo suas necessidades mais apertadas com cada movimento de seus dedos.

- Tegan. - ela ofegou, desviando a sua cabeça para olhá-lo com olhos aturdidos, brilhantes, Tegan... por favor... faz algo.

Ela pôs sua mão debaixo da sua, mas ele já estava em marcha. Ele deslizou seus dedos debaixo da parte de algodão úmido entre suas pernas. Os cachos chamativos estavam empapados e suavizados, as pétalas de seu sexo cedendo o passo facilmente quando ele deslizou seu polegar com o passar do vale delicado entre eles.

Deus, ela era tão suave. Como veludo e cetim. E o aroma dela...

A fragrância de sua excitação era uma

combinação demolidora de urzes e rosas e chuva da primavera fresca.

- Por favor, ela sussurrou, forçando-o em um ritmo urgente quando ele poderia haver-se tomado seu tempo para desfrutar dela. Mas sua necessidade tinha ido muito longe. Ele não tinha mostrado nenhuma piedade, e enquanto ele sabia que ele era um bastardo de coração frio, ele não podia lhe negar seu alívio.

- Bebe um pouco mais, - disse ele, sua voz reduzida a cascalho grosso em sua garganta.

- Eu tomarei conta do resto.

Elise o obedeceu, sujeitando seu pulso quando Tegan a acariciou para uma

liberação demolidora. Ela se perdeu onda detrás onda de extremo prazer, seus dentes humanos desafiados morderam com força sobre ele quando seu clímax se ondulou através de seu corpo.

Para o momento em que tinham terminado, as presas do Tegan palpitavam, seu pênis se esforçava por ser liberado e sepultado profundamente dentro do interior úmido, quente do corpo de Elise. Ele apartou sua mão dela, seus sentidos transbordados com o perfume embriagador de sexo e sangue e cálida, lânguida fêmea.

Ele desejava lhe separar as pernas de par em par e montá-la como um animal.

Queria tanto isto que sua cabeça palpitava com o impulso de rasgar longe os jeans de algodão que lhe tinha feito conservar e cair nela em uma selvagem, fúria luxuriosa.

OH, sim.

Isso é justo o que ele precisava fazer para realmente aproveitar esta má situação e a enviaria diretamente a um maldito desastre de proporções nucleares. O que ele realmente precisava era conseguir fodidamente sair dali. Machucava que ele não tivesse feito isso antes que ela tivesse conseguido incitá-lo em lhe solicitar sua veia.

Com um grunhido de frustração,

Tegan aliviou seu braço da boca frouxa de Elise e atraiu as feridas aos seus lábios. Ele selou as espetadas com sua língua, lambendo longe a última gota de sangue e tratando de não provar a Elise em sua pele. Ele inclusive até falhou nisso.

- Tenho que ir. - disse ele, pouco disposto a olhá-la e ser tentado a mais idiotices em uma só noite. Ele se moveu à borda mais longínqua da cama e balançou seus pés abaixo no chão. Ele agarrou sua camisa e atirou dela sobre sua cabeça.

- Se você insistir em vir comigo a Berlim, esteja pronta amanhã de noite. Partimo-nos pontualmente ao anoitecer.

## ***CAPÍTULO 14***

A espera até a manhã seguinte pareceu interminável para Elise. Vestiu-se e saiu sigilosamente da habitação do Tegan com absoluta vergonha imediatamente depois de que ele a deixasse ali, de algum jeito conseguindo encontrar seu caminho à habitação que Gabrielle tinha preparado para ela na comunidade sem ser vista. Uma vez dentro da confortável suíte, escondeu-se como um ermitão, fingindo dor de cabeça para poder comer a sós e não ter que enfrentar-se ao escrutínio das outras mulheres ou, Deus não o quisesse, a qualquer dos guerreiros por algo que pudessem saber sobre o que tinha ocorrido entre o Tegan e ela.

Não é que Tegan tivesse falado do



que ambos tinham feito.

Dava asco a ele, se não era pelo uso dele enquanto o sangue dela corria então mais definitivamente por sua humilhante reação durante o acontecimento. Ela logo que podia pensar nisso agora, e não supunha que pedir desculpas ao Tegan seria suficiente para desculpar seu comportamento.

Caso lhe desse uma oportunidade de tentá-lo.

Nas seguintes vinte e quatro horas a que ele se foi, não pareceu que ninguém tivesse ouvido dele. Ele não havia dito aonde ia - somente tinha posto suas roupas e um par de botas negras de combate,

depois deixou a Elise só em seu quarto como se não se atrevesse a estar perto dela durante outro segundo. Compreensível, é obvio. Ela tinha envergonhado a ambos.

Parte dela considerava abandonar a idéia de ir com ele a Berlim - guardar o que ficava de orgulho, se ainda tinha. Mas já tinha levado as coisas muito longe, e era tarde para tornar-se atrás agora.

Ela podia sentir o sangue do Tegan dentro dela, o murmúrio de poder que golpeava em suas têmporas e em cada um dos pontos de seu pulso. Cinco anos sem sangue de raça em seu corpo a tinha minado mais do que se deu conta, mas beber do Tegan era uma revelação.

Sentiu-lhe fluindo por seus músculos, ossos, e células, dando-a uma vitalidade que quase tinha esquecido que fosse possível. Inclusive seus sentidos estavam afinando-se, chegando a ser mais precisos, somente depois de um sorvo das veias do guerreiro de Gen Um.

E devido à conexão de sangue com ele, ela sentia o preciso momento quando Tegan entrava na comunidade. Ele estava ali, em algum lugar, sua chegada como uma luz lhe piscando em uma esquina escura de sua mente.

Esta era a conexão que nunca poderia romper com ele agora - uma consciência profunda até a medula dele. Ela sempre estaria vinculada ao Tegan,

consciente do Tegan a um nível elementar, até o dia que um deles morresse.

Deus, o que tinha feito ela?

Elise perambulou pelo salão de sua habitação, ansiosa agora de que chegasse o momento de ir-se com o Tegan a Berlim. Possivelmente ela deveria aventurar-se a sair pela comunidade para lhe encontrar e assegurar-se de que ele não tentava sair sem ela.

Possivelmente deveria ela esperar a que viesse à por ela? Ela deixou cair um suspiro e se dirigiu para a porta. Ao segundo um golpe soou do outro lado. Não era Tegan; seus sentidos diziam isso. Elise abriu a porta e esteve

estupefata de encontrar um rosto familiar fora.

- OH. Ela baixou a vista, surpreendida e envergonhada.

- Olá, Sterling.

Ela não podia lhe olhar agora, especialmente quando ele estava ali com genuína preocupação em seus olhos.

- Ouvi que não te encontrava bem. Savannah me disse que tinha estado sozinha todo o dia, assim que eu... eu quis comprovar e me assegurar que está bem.

Elise assentiu.

- Estou bem. Somente é uma dor de

cabeça. Para ser honesta, necessitava algum tempo sozinha.

- É obvio. A voz do Sterling era instruída, quase covarde. Ele deixou um comprido momento passar antes de falar de novo.

-Não posso acreditar o que te fez no laboratório, porque ele sentisse a necessidade de dizer o que disse.

- Não. Não o sinta por mim. Não há necessidade, Sterling.

Ele exalou agudamente, a ira irradiando de sua rígida postura na soleira da porta.

- Tegan se excedeu. Não tinha direito

a te falar assim. Não espero que tenha suficiente honra para desculpar-se pelo que te disse, assim vim eu para fazê-lo por ele.

- Não tem que fazê-lo, disse ela, elevando o olhar a esses familiares e pétreos olhos azuis.

-Sim tenho que fazê-lo. - insistiu ele.

- E não só pelo comportamento do Tegan, mas sim pelo meu próprio. Ah, Jesus, Elise.

O que ocorreu ao Camden aquela noite fora do Darkhaven... eu sinto tanto. Lamento tanto tudo o que ocorreu. Se pudesse ter trocado de lugar com ele se pudesse ter sido eu o convertido em

Renegado... eu em frente dessa pistola quando o gatilho disparou...

- Sei. Ela estendeu a mão a seu cunhado, e amavelmente apertou seu musculoso antebraço.

- Eu também o sinto.

Ele deu um sério olhar, que tentava destituir seu pesar com uma rígida agitação de sua cabeça. Mas ela não podia deixar que o resto ficasse sem dizer agora.

- Sim, me escute, por favor. Culpei-te pela morte do Camden, Sterling, e me equivoquei. Fez tudo o que pôde para lhe salvar. Sei o que te custou. Sou a única que te deve uma desculpa. Sente-se



responsável por ele... por mim... e eu deixei que seu ombro carregasse com isso quando não deveria fazê-lo. Não é justo para você.

Algo tenro se moveu através dos rasgos dele. - Nunca foi uma carga.

- Não a tua, claro, - disse ela, tão amável como podia ser.

- Esteve mal de minha parte que nunca te assinalasse esse fato. Deveria me haver assegurado que entendia como me sentia.

Ele continuava rígido com as palavras, sua mandíbula estava tensa.

- Sterling, nunca quis te fazer mal, ou

te fazer acreditar que podíamos de algum jeito, em algum momento.

- Nunca foi outra coisa a não ser correta, Elise.

Seu abreviado e cuidadoso tom era quebradiço para os ouvidos dela.

- Mas ainda te faço mal.

Ele lentamente agitou sua cabeça.

- Todas minhas decisões foram minhas. Não tem nada para lamentar.

- Não esteja tão seguro nisso, - murmurou ela, pensando em todos seus enganos passados, não ao menos naqueles que demonstravam ser a blasfêmia de um

vínculo de sangue que tinha instigado com o Tegan.

Ela sentiu a presença do guerreiro mais forte dentro dela, e soube que onde fora ele estava na comunidade agora, ele estava aproximando-se. Ela podia lhe sentir na quente patinação ao longo de seus membros, e no picor dos finos cabelos nas costas de seu pescoço.

- Aprecio sua preocupação, Sterling, verdadeiramente. Mas tudo está bem. Eu estou bem.

Suas sobrancelhas castanhas claro estavam tecidas juntas em um cenho franzido.

—Não parece bem. Parece ruborizada.

Tem a pele arrepiada em seus braços.

- Não é nada.

Ele olhou seu rosto, que estava provavelmente rosa com cor de ambos a recente alimentação do sangue do Tegan e a repentina inundação de vergonha da que Sterling logo adivinharia a causa de sua inquietação por ele.

A claridade veio sobre ele instantaneamente. Era evidente na queda de sua expressão, depois a brilhante ira que enchia seus olhos de fogo índigo.

- O que te fez?

- Nada. - disse ela, cheia de humilhação sem ser culpa do Tegan.

- Bebeu dele.

Era uma acusação que Elise não poderia negar.

- Não é nada. Não se preocupe por mim.

- Menosprezou-te te fazendo pensar que tinha que fazer isto? Seduziu-te para beber dele? Sterling bufou um juramento, suas presas emergindo cheios de ira.

- Matar-lhe-ei. Se te forçou, juro-te, que esse bastardo vai pagar.

- Tegan não me forçou a fazer nada. Eu fui a ele. Foi minha decisão. Pedi-lhe que me deixasse lhe usar. Foi minha obra, Sterling. Não teve que ver nada com ele.

- Você foi a ele? -ele a olhou como se lhe tivesse pego.

- Bebeu dele por própria vontade. Jesus, Elise, por quê?

- Porque fiz uma promessa ao Camden que faria o que pudesse para me assegurar que ninguém mais fosse ferido pelos Renegados ou os que lhes servem. Fiz uma promessa, mas não posso cumpri-la se meu corpo não é forte. Tegan tinha razão. Necessitava sangue de raça, e ele me deu isso.

Sterling varreu sua mão através de seu cabelo, depois por seu rosto. Quando estendeu o braço para sustentá-la pelos ombros, seus olhos estavam selvagens de

dor, seus dedos agarrando-a forte.

- Não tinha que te haver degradado com um estranho, Elise. Maldita seja, poderia ter vindo a mim. Deveria ter vindo a mim!

Ela saltou ante o violento arremate de sua voz, e na ferocidade de seu bonito rosto.

Quando tentou liberar-se de seu forte agarre, ele somente a agarrou mais forte ainda.

-Eu me teria preocupado com você. Eu te teria tratado bem. Não sabe isso?

- Sterling, por favor, me deixe. Está-me fazendo mal.

-Eu o faria enquanto a dama o pede, Harvard.

A elegante ordem vinha a uns poucos passos longe do corredor. Tegan estava ali, vestido com um pulôver cor grafite e calças negras. Seus braços estavam cruzados, um grosso ombro inclinando-se contra a parede branca de mármore.

Tudo em sua postura dizia que ele não poderia estar preocupado pelo pequeno conflito entre Elise e o irmão de seu falecido companheiro, mas os olhos do Tegan diziam uma história diferente. Seu olhar estava fixo no Sterling, imperturbável. Ameaçador com sua firmeza sobre o outro homem.



Elise elevou suas mãos para tocar as que ainda lhe sujeitavam com força.

- Sterling, por favor...

Ele a olhou, afetado, e a soltou de uma vez.

- Sinto muito. Agora sou o único que ultrapassou meus vínculos. Não ocorrerá de novo, prometo-lhe isso.

- Claro que não. - disse Tegan, seu tom estranhamente protetor inclusive embora não se moveu de sua posição ao outro lado do corredor. Enquanto Sterling retrocedia, claramente angustiado por seu incomum comportamento, Tegan finalmente apartou a vista dele para olhar a Elise.

- O avião está preparado. Vem ou não?

Elise tragou saliva, e deu um tremente assentimento de cabeça.

- Vou.

Covardemente, afastou-se do Sterling. Ela sentiu seus olhos sobre ela enquanto ela se afastava para o vestíbulo. Pesado e intratável olhar de seu cunhado permaneceu com ela enquanto ela se aproximava do Tegan e caminhava a distância do corredor até seu lado.

Chase ficou no vestíbulo um momento depois de que Elise e Tegan desaparecessem de sua vista. Não podia

dizer que estava surpreso de que Elise lhe rechaçasse. Essa dor levava ali comprido tempo, e sabia que o tinha procurado.

Ela nunca tinha sido dele, não importava como ele tivesse desejado que as coisas fossem diferentes. Ela tinha pertencido a seu irmão. No coração dela provavelmente ainda era assim, inclusive embora ela finalmente tivesse trocado suas roupas brancas de viúva de luto por roupas de rua.

E agora uma parte dela pertencia irrevogavelmente ao Tegan.

Essa era a verdade que lhe golpeava. Tegan, o mais mortífero da Ordem, o mais frio. O único com menos consideração por

sua própria vida, ou a de alguém mais.

Ainda em sua necessidade, Elise tinha ido a ele. Deitou-se Tegan com ela no processo? Chase rechaçou considerar essa possibilidade, embora fosse virtualmente insólito para um vampiro da Raça pôr a uma mulher sobre sua veia e não sentir o impulso sexual para tomar seu corpo. Tegan não era alguém que vangloriava-se de suas conquistas - em todos os meses que Chase tinha estado na Ordem, ele nunca tinha ouvido um só alarde de algum tipo do guerreiro - mas as muitas noites que Tegan passava fora da Comunidade deixavam alguma dúvida de que o guerreiro tivesse suas próprias e privadas ânsias de dar a talha. Uma mulher protegida como Elise não

era provavelmente mais que um momento de diversão para um frio indivíduo como Tegan.

-Maldita seja. - murmurou Chase, golpeando a parede do corredor com seu punho.

Era um fútil exercício que só lhe trouxe mais dor. Mas agora, dava a bem-vinda à dor. Queria sangrar. Quanto melhor se podia levar-se uns quantos Renegados no processo. Foi ofendido pelo vestíbulo e encontrou a Dante esperando fora do laboratório tecnológico com o Nico, Broca e Kade. Todos eles estavam armados como Chase, preparados para a patrulha da noite.

Dante lhe deu um precavido assentimento de saudação enquanto ele se aproximava seus olhos cor uísques se estreitaram pensativamente.

- Foram-se. - disse ele, como se Chase devesse estar aliviado de ouvi-lo.

- Está bem, Harvard?

- Parece que necessite um fodido abraço de grupo?- ele disse bruscamente.

- Estarei melhor quando meus pés toquem a calçada e minhas mãos estejam manchadas de sangue de Renegados. Ninguém jogará a fumado Renegados esta noite, ou preferem ficar aqui pensando nisso?

Ele não esperou uma resposta, dirigiu-se para o elevador do edifício com um escuro e mortal objetivo, os outros guerreiros formando filas atrás dele.

## *CAPÍTULO 15*

Elise dormitou a maior parte das nove horas do vôo a Berlim. Tegan, entretanto, seguia estando acordado. Ele nunca tinha desfrutado particularmente dos modernos meios de transporte, e enquanto que ele poderia apreciar a eficácia do percurso do jato para propulsar-se mais de trinta mil pés<sup>8</sup> sobre a terra a quinhentas milhas<sup>9</sup> por hora, e estar apanhado dentro de várias toneladas de metal não se

encontrava dentro de sua lista de coisas por fazer antes de morrer. Ele sentiu como o jato privado começava sua descida para o aeroporto Tegel do Berlin. Poucos minutos mais tarde, o avião estava aterrissando.

- Já chegamos. - disse a Elise quando o movimento da aterrissagem a despertou.

Ela se estirou ocultando um bocejo com sua mão.

- Estive dormindo todo este tempo?

Tegan se encolheu.

-Você precisava descansar. Seu corpo ainda está ajustando-se ao sangue que consumiu. Pode tomar um dia ou dois



para habituar-se.

Ela se ruborizou de uma cor muito mais profunda que a cor rosada em que se tornaram suas bochechas por sua alimentação da noite anterior. Movendo seu rosto como se tratasse de lhe ocultar sua reação, ela levantou a cortina na pequena janela oval a seu lado e olhou para fora sobre a paisagem urbana da cidade.

- É formoso. - disse sua voz agradavelmente áspera pelo sonho.

- Nunca estive em Berlim. E você?

-Uma vez. Estive faz muito tempo.

Ela fez um pequeno sorriso de

reconhecimento pela elegância minimalista da fuselagem, e depois jogou uma olhada longe outra vez. Não tinham falado do que aconteceu entre eles, e Tegan não tinha interesse algum em abrir o assunto. Já era bastante mau que ele não pudesse tirar os olhos dela -a sensação incrível de seda de seu corpo- e jogá-la fora de sua cabeça no tempo que se foi do complexo. Ele tinha estado esperando que ela desistisse da idéia da viagem a Berlim, e ele inclusive tinha considerado uma mudança dos planos que a deixariam atrás.

Ele não quis pensar no por que se obrigou a ir procurá-la, e o porquê depois interveio quando a encontrou em uma discussão com o Sterling no corredor. A

sacudida de possessividade que ele havia sentido quando viu as mãos de outro homem sobre ela. Ele podia culpar desta situação à energia do enlace de sangue, mas o problema era que a conexão que tinham era somente na metade. Ele não tinha tomado o sangue de Elise, assim não havia motivos para sentir-se possessivo por ela absolutamente.

Por vários compridos séculos, ele tinha estado aperfeiçoando seu estado geral de apatia como uma armadura e fazia muito tempo que se enganhou em sua própria pele, assim a menos que ele a quisesse, ele não deveria sentir esta maldita coisa.

Mas ele o sentia.

Apenas um olhar a Elise acionou uma tormenta de sensações indesejadas, não sendo menor a luxúria que apertou cada polegada de sua pele e fez que seu pênis voltasse para a vida. Ele sabia bem o que queria dela. Havê-la visto enquanto se alimentava de seu pulso tinha amplificado somente o desejo que estava já ali. Agora ele a desejava com uma necessidade que estava destinada a ser desastrosa.

Porque se ele a tivesse nua debaixo dele, não haveria poder que o detivesse de tomar sua veia e fazê-la sua companheira ao mesmo tempo. Ela o surpreendeu enquanto a olhava fixamente quando se apartava repentinamente da janela.

-Um Rolls Royce negro acaba de chegar à pista de aterrissagem.

- Esse deve ser Reichen.

-Quem?

-Andreas Reichen. Tegan se levantou tão rápido como o avião se deteve.

-Ele fiscaliza o maior Darkhavens da área. Permaneceremos com ele em sua mansão fora da cidade.

A porta da cabine estava aberta e os dois pilotos uniformizados saíram para dar ao Tegan uma sacudida de cabeça de saudação enquanto que se preparavam para desembarcar. Eram ambos humanos, ambos de primeira classe, e disponível

para os vãos privados da ordem. Assim que os pilotos sabiam, trabalhavam para uma corporação muito privada, muito rica que exigia anonimato e lealdade absoluta em troca de um bom cheque.

Para a maioria dos seres humanos, isso era o bastante. Para os poucos que provassem não ser dignos de confiança, recompensavam-lhes com um borrão da mente e um retrocesso rápido a sua memória.

- Desfrute de sua estadia em Berlim, Sr. Smith.- disse o capitão quando abriu a porta do jato sobre o lance de degraus que esperava e que tinha sido colocado ao lado do avião.

Ele deu a Elise um sorriso Cortez enquanto que ela caminhou diante dele para sair do avião.

- Senhorita Smith.- disse-lhe cortesmente.

- Um prazer lhe servir. Que tenha um dia agradável.

Na pista de aterrissagem, um condutor saiu da limusine negra e abriu a porta para seu passageiro na parte posterior do veículo. Andreas Reichen saiu do carro enquanto que Tegan e Elise baixavam a escada e caminhavam para o carro.

Ele parecia mais o executivo rico que o libertino que Tegan sabia que era, sua

camisa cinza e calças negras que tinham apenas uma ruga debaixo da queda de seu sobretudo adaptado. Somente seu cabelo escuro levava seu lado hedonista longe: ele o usava comprido e solto, as ondas grossas castanhas que se levantavam na brisa hibernal que varria o pavimento.

- Bem vindos, amigos. -ele disse com sua voz de barítono tão rica e tal e como Tegan a recordava. O vampiro não tinha trocado muito absolutamente nas muitas décadas desde que Tegan o tinha visto no passado, somente em seus olhares de estrela de cinema, que eram uma fonte sem complexos de orgulho para ele, mas também em sua avaliação evidente para a beleza feminina.



- Andreas Reichen.-ele ronronou, oferecendo a Elise sua mão.

- Sou Elise Chase. -ela respondeu.

- É um prazer lhe conhecer.

Quando ela levantou sua mão para aceitar sua saudação, Reichen capturou brandamente seus dedos e os trouxe para seus lábios para um beijo casto, inclinando sua cabeça escura sobre sua mão. - Encantado. E é uma honra poder lhe dar a bem-vinda a meus domínios.

Elise lhe deu um sorriso tímido.

- Obrigado, S. Reichen.

O alemão franziu o cenho como se fora ferido por sua formalidade.

- Você deve me chamar Andreas, por favor.

-Muito bem. Se você me chamar Elise.

- Será uma honra, Elise. Ele demorou um momento antes que finalmente a deixasse para saudar o Tegan.

- Dá-me gosto lhe ver outra vez, meu amigo, e tão melhor que seja sob circunstâncias mais agradáveis que antes.

- Isso segue sendo assim. - disse Tegan, sem cuidar de sua atitude severa para pôr fim aos cumprimentos.

- Segue estando tudo bem para a visita da contenção?

- Sim, tudo está em ordem. Reichen indicou o veículo desocupado.

- Por que não nos adiantamos? Klaus levará sua bagagem.

- Isto é tudo - disse Tegan, levantando uma bolsa de pele negra que continha seu equipamento de combate e algumas armas adicionais.

-Só o suficiente para estar um par de dias. Não pode durar muito conseguir o que precisamos tirar do renegado do Odolf.

As bochechas cinzeladas do Reichen

mostraram umas covinhas gêmeas com seu sorriso de resposta. -Não me surpreendem que você esteja no negócio, Tegan, mas o que há sobre a senhora?

Elise sacudiu sua cabeça.

- Esta viagem foi tão precipitada, que não tive muita ocasião de me preparar.

- Não há nenhum problema. - disse Reichen.

- Encarregar-me-ei disso. Tenho contas em várias casas de desenhista no Ku´damm.

Chamarei do carro e farei que tragam algumas objetos exclusivas ao Darkhaven esta noite para ambos.

Ele tirou seu telefone celular e começou a falar inclusive antes que todos estivessem sentados na limusine. Tegan entendia um pouco de alemão a partir dos velhos tempos, - quando a raça existia sobre toda a Europa- o suficiente para saber que Reichen ordenava os vestidos mais custosos e os sapatos em uma gama o que ele conjeturava eram para Elise por suas medidas.

Quando ele marcou a outro armazém e pediu a alfaiate que enviasse umas peças de roupa para homem dentro de uma hora, Tegan o lançou um olhar ameaçador.

-Que inferno está acontecendo, Reichen?

-Uma recepção, é obvio. Recebê-lo-ei no darkhaven esta tarde. Não muito freqüentemente o Darkhavens de Berlim consegue receber a tal companhia estimada. Há gente dentro da agência da aplicação que particularmente insistiram que era necessário lhe saudar corretamente.

-Posso apostar. -Tegan bufou.

- Não tenho nenhum interesse em desfilar ao redor de um bando de burocratas do Darkhaven, como se fosse um macaco. Não se ofenda Reichen, mas os restos de seus companheiros podem beijar meu...

O alemão limpou fortemente sua

garganta como se queria recordar ao Tegan que uma senhora estava presente e que devia cuidar seu vocabulário. O sofisticado e estirado Darkhaven e suas maneiras sem defeitos. Uma velha parte oxidada do Tegan reconheceu que Elise não necessitava provavelmente ouvir o que se dizia da sociedade que a tinha educado. Até recentemente ela era uma parte desse mundo - e ainda estaria se não fora pelas mortes de seu companheiro e de seu único filho.

Reichen sorriu, arqueando uma sobrancelha escura quando Tegan se trago o resto de seus pensamentos.

Mas havia uma faísca de satisfação que cintilava nos olhos escuros do

Reichen que tinham pouco que ver com sua educação de colher de prata. Era humor, torcida diversão.

- Realmente, Tegan, a recepção se arrumou em honra de sua encantadora companheira. Possivelmente você não era consciente de que Quentin Chase era uma das figuras mais respeitadas da agência da aplicação, nos estados e ao exterior.

Reichen inclinou galantemente sua cabeça ao Elise em sua direção.

- É uma grande honra para nós receber à viúva do diretor Chase.

Tegan franziu o cenho enquanto lançava uma rápida olhada ao Elise. Ela



parecia menos surpreendida pelo aviso, como se gostasse da classe de atenção que descrevia Reichen. Mas ela viveu nessa classe rarefeita da sociedade todo o tempo.

Merda.

Não tinha estado brincando quando disse que ela poderia trazer a agência inteira da aplicação sobre a ordem com uma só chamada Telefônica. Ele sabia que seu companheiro tinha estado bem conectado, mas ele não tinha tido nenhuma idéia de que posição gozava Elise no Darkhaven.

-Sua hospitalidade me aflige, S. Reichen... Andréas. - ela corrigiu

imediatamente.

-Obrigado por nos acolher com tão graciosa satisfação.

Tegan agora olhava fixamente a ela, vendo como caiu facilmente no papel diplomático com o Reichen. Ela não tinha sido tão grandiosamente apropriada com ele ontem à noite no complexo. Não, com ele ela tinha sido insensível e exigente, perfeitamente querendo utilizá-lo para conseguir o que ela necessitava.

E por que não?

Ele sabia como o Darkhavens via a ordem. À exceção de alguns varões atuais, quem tinha sido impressionados pela ordem ao destruir a guarida dos renegados

em Boston no verão, a maior parte da sociedade de vampiros comparavam à ordem com uns pitbulls selvagens. Esses dentro da agência da aplicação, o grupo cujas políticas de captura e de reabilitação funcionavam em oposição direta à ordem com seus métodos do bolso-e-etiqueta de tratar aos renegados mortais, eram os mais altos em seu desprezo.

Pouco se pergunta que Elise, como a companheira de raça de um de seus funcionários mais altos, pensaria no Tegan como nada mais que meios a um extremo.

Que a deixasse beber dele, queimou ao Tegan como uma lambida da luz do sol de meio-dia em sua pele. O fato de que

ele desejasse essa mulher quase lhe fez saltar do carro em funcionamento até que o golpeasse o amanhecer. Sim, era uma maldita coisa que ele o visse claramente agora, antes que se permitisse fazer algo ainda mais estúpido com a fêmea.

## *CAPÍTULO 16*

Elise passou roçando suas mãos por cima dos estaleiros brilhantes de cor índigo de seda que a cobriam. O vestido sem mangas de desenho exclusivo era impressionante, mais de uma dúzia de peças de alta costura que Andréas Reichen havia trazido esse mesmo dia da cidade para sua seleção. Ela escolheu o vestido mais singelo com a cor menos dramática, querendo não ter que assistir à recepção da noite absolutamente.

Ela tinha sido tratada como uma rainha todo o dia, e inclusive depois de um relaxante momento de descanso, ela não estava de muito estado de ânimo para

as horas de socialização que a esperavam no grande salão de baile do imóvel à beira do lago que se encontrava abaixo. Mas os anos de prática no braço do Quentin lhe tinham ensinado o que se esperava de um membro da família do Chase: o primeiro dever. Esse tinha sido seu credo pessoal, e ainda Elise tinha aprendido a abraçá-lo também. Desse modo, depois de uma ducha rápida em sua suíte de convidada, ela se tinha posto o tipo adequado de vestido cor púrpura escuro e um par de sandálias com gemas incrustadas, depois acomodou seu cabelo curto com certa aparência de estilo e se dirigiu fora de sua habitação pronta para representar sua parte.

Ou ao menos, ela pensava que tinha

estado preparada.

Logo que ela descendeu pela curvada escada que comunicava a ala das habitações que estavam acima, o estrondo de vozes e a música elegante fizeram uma pausa. Isto seria a primeira recepção pública a qual ela tinha assistido desde a morte do Quentin. Até que tinha deixado o complexo Darkhaven faz quatro meses, ela se tinha mantido de luto, levando posta a túnica branca larga e a bandagem cor escarlata que declarava que era uma companheira de raça viúva. Como tal, ela teria podido isolar-se em sua casa, vendo só a aquelas pessoas que ela desejava, e evitando cuidadosamente as olhadas fixas compassivas e sussurros que só lhe recordariam a ausência do Quentin

muito mais.

Não haveria nada mais que evitar, ela compreendeu, ao ver o Andréas Reichen caminhar a pernas para ela através do vestíbulo de mármore da direção do concorrido salão de baile. Ele estava impressionante em um smoking negro e sua cortante camisa branca. Seu cabelo escuro estava retirado para trás de seu rosto em uma cauda solta em sua nuca, luzindo aquelas maçãs do rosto muito afiadas e sua mandíbula quadrada forte. O sorriso cálido do bonito alemão a pôs algo cômoda imediatamente quando ele se aproximou.

- Uma eleição perfeita. Você parece deliciosa. - disse ele, seus olhos escuros



que a observaram da cabeça até os dedos do pé quando ele tomava sua mão e levantava seus dedos a sua boca. Seu breve beijo em forma de saudação era um sussurro suave e cálido como o veludo. Ele a soltou e fez uma leve inclinação com sua cabeça, e quando seu olhar fixo alcançou seu rosto, ele franziu o cenho.

- Algo está mau? Há algo que não seja de seu gosto?

- Tudo está bem, - lhe assegurou.

- É sozinho... que eu não tenho feito isto em muito tempo. Estando fora em público, é isso. Durante os últimos cinco anos, estive de luto.

O cenho franzido do Reichen se fez

mais profundo na compreensão.

- De luto, todo este tempo?

- Sim.

- Ah, Deus. Você deve me perdoar, mas eu não sabia. Sinto muito. Você só tem que dizer a palavra e me despedirei de cada um. Eles não têm que saber por que.

- Não. - Elise sacudiu a cabeça.

- Não, eu nunca pediria a você que fizesse isso, Andréas. Você passou por tantos problemas, e é só uma reunião agradável, depois de tudo. Eu posso passar por isso. Eu desejo passar por isso.

Ela não podia menos que olhar ao redor dos amplos ombros do Reichen, procurando um rosto que ela conhecia. Inclusive embora Tegan dificilmente pudesse ser considerado amistoso, lhe era familiar, e rude ou não, sua força seria uma comodidade para ela. Pela baixa corrente em suas veias, ela poderia senti-lo em alguma parte da mansão, perto, mas fora de seu campo de visão.

- Você viu ao Tegan?- perguntou ela, tratando só de parecer um pouco interessada na resposta.

- Não desde que chegamos esta manhã. - Reichen se riu entre dentes quando ele a levava longe da ampla escada, para o salão de baile.

-Não o veremos em nenhuma parte perto da recepção, estou seguro. Ele jamais esteve para nenhuma das reuniões sociais.

Não, ela não se imaginava que ele fosse.

- Conhece-lhe bem?

- OH, não particularmente. Mas nesse assunto eu duvido de que poucos possam afirmar conhecer esse guerreiro bem. Pessoalmente, sei tudo o que preciso saber para considerá-lo um amigo.

Elise era curiosa.

- Como assim?

- Tegan veio em minha ajuda faz algum tempo, quando a área estava tendo um repentino, mas persistente problema com um grupo de Renegados. Isso faz uns anos, a princípios de 1800... 1809, a crise do verão.

Duzentos anos pareceria muito tempo para os ouvidos humanos, mas Elise mesma tinha estado vivendo entre a Raça durante mais de um século, depois de ter sido resgatada dos bairros baixos de Boston pela família do Chase quando ela ainda era uma menina pequena. As comunidades Darkhaven da Raça tinham existido em várias partes da Europa e os Estados Unidos durante muito mais tempo que isso.

- As coisas devem ter sido muito diferentes para você então.

Reichen grunhiu como se recordasse aqueles tempos.

- As coisas eram diferentes, sim. Os complexos Darkhavens não eram quase tão seguros como estes o são agora. Nenhuma cerca eletrônica, nenhum sensor de movimento, nenhuma câmera de segurança para advertir de violações. Normalmente, nossos problemas com os Renegados eram incidentes isolados, um ou dois vampiros com vontade débil que sucumbiam à Sede de sangue e causavam um pouco de estragos na população humana antes que eles fossem capturados e retidos. Mas isto era

diferente. Estes Renegados tinham começado a atacar às pessoas e à Raça por igual. Eles se tinham unido em sua caça, fazendo isto por esporte, isso parecia. Eles conseguiram infiltrar-se em um de nossos complexos Darkhavens. Antes que a primeira noite se terminou, eles tinham violado e matado a várias mulheres e tinham matado a vários machos da Raça também.

- É obvio. - Reichen lhe ofereceu seu braço e ela tomou alegre. - Venha, apresentar-lhe-ei à reunião e me certificarei de que tenha do que você tem gosto.

Elise se estremeceu, imaginando o terror que devem ter atravessado de forma

direta os corações dos residentes da área com tal episódio de violência.

- Como fez Tegan para lhe ajudar?

- Ele tinha estado vagando claramente pelo campo quando ele entrou no Grunewald e se encontrou com um macho Darkhaven ferido de minha comunidade. Quando Tegan escutou o que estava passando, ele apareceu em minha porta com uma oferta para nos ajudar. Teríamos-lhe pago qualquer quantidade, é obvio, mas ele não aceitaria nenhum honorário como intercâmbio. Não sei como ele o fez, mas ele perseguiu a cada um daqueles

Renegados e os matou a todos eles.



- Quantos se encontravam ali?

A expressão do Reichen era nada menos que de temor.

- Dezesseis dos selvagens doentes.

- Meu Deus, - ofegou Elise, mais à frente pelo assombro.

- Tantos...

- O Berlim Darkhaven que você vê hoje pôde ter sido apagado de toda existência se não fosse pelo Tegan durante aqueles passados anos. Ele rastreou e matou a dezesseis

Renegados sem ajuda, então simplesmente continuou seu caminho. Não

tive notícias dele outra vez a não ser até muitos anos mais tarde, depois de que ele se instalou em Boston com os poucos membros restantes da Ordem.

Elise não tinha nenhuma palavra para o que lhe acabavam de haver dito. Parte dela se surpreendeu pela história do Reichen das ações heróicas do Tegan, mas outra parte dela foi alagada de repente por um profundo calafrio de terror que a fez estremecer-se. Ela sabia que Tegan era um guerreiro perito — um extremamente letal indivíduo — mas ela realmente não tinha nem idéia da classe de violência que ele era capaz de fazer.

E pensar que ela o tinha forçado a outra noite. Acossando-o a ele na

blasfêmia de um vínculo de sangue que ela tinha iniciado com ele. Como ela devia havê-lo insultado, e, entretanto, por algum milagre, ele não tinha arremetido contra ela apesar de que ele tinha todo o direito de desprezá-la por lhe usar.

- Meu deus!

Se todas as coisas horríveis que lhe tinham feito acreditar sobre os membros da Ordem fossem remotamente verdades, ela provavelmente não estaria de pé aqui. Como ela se encontrava, suas pernas se sentiam um pouco fracas debaixo dela. O zumbido em suas têmporas aumentava, distraíndo-a como um enxame de mosquitos que rodeavam seus ouvidos.

- Andréas, penso que eu... eu realmente poderia fazer uso de uma taça agora.

- É óbvio. Reichen lhe ofereceu seu braço e ela de boa vontade tomou.

- Venha, eu apresentarei aos convidados e me assegurarei de que você tenha o que deseja.



Tegan esperou até que eles se foram antes que ele descendesse do piso superior desembarcado da mansão. Ele tomou as escadas, embora ele pudesse ter saltado facilmente sobre um lado do corrimão de mogno esculpido em

mármore à recepção que se encontrava três pisos abaixo.

Depois de um dia de estar encerrado na mansão em espera do anoitecer, ele tinha estado em caminho a sair a procurar afanosamente de sangue e Renegados quando o som da voz de Elise o deteve em seus passos acima. Ele jogou uma olhada bem a tempo para ver o varrido do Reichen sobre ela, cheio de seu habitual encanto escuro quando ele beijou a mão de Elise pela segunda vez desde que se reuniu com ela. Ele a tinha chamado deliciosa e Por Deus, ela o estava.

O vestido cor índigo que ela tinha posto abraçava sua pequena figura em todos os lugares corretos, uma maravilha

arquitetônica de capas de seda entrecruzada e fluídas, saias transparentes. Seus ombros nus e seu curto cabelo loiro acentuavam a linha elegante de sua garganta, que atraiu o olho do Tegan como um farol. Seu pulso tiquetaqueou freneticamente debaixo de seu ouvido, um batimento do coração que ressonou em suas próprias veias, inclusive agora mesmo que tinha desaparecido de sua visão.

Maldição, ele precisava alimentar-se. Quanto mais cedo melhor.

Vestido para partir ao combate, Tegan se dirigiu diretamente pelo vestíbulo dianteiro da mansão, impaciente por conseguir fugir fora do lugar. Ele andou a

pernadas além das portas duplas totalmente abertas do grande salão de baile, fazendo caso omissos do som forte do quarteto de cordas e o zumbido caótico de muitas conversações que se encontrava em curso no interior da recepção.

Ele tratou de fazer caso omissos da visão de Elise no braço do Reichen quando o alemão afável a atraiu ante a multidão de seus companheiros. Ela se via tão elegante e refinada brilhando em meio da reunião, ajustando-se perfeitamente entre a elite dos Darkhavens.

Este era seu mundo; não podia haver dúvida alguma desse fato agora que ele a via envolta dentro dele. Ela pertencia aqui, e seu lugar estava fora nas ruas,

manchando suas mãos com o sangue de seus inimigos.

Sim, pensou ele, sentindo uma quebra de onda de cólera atravessá-lo dentro dele. Ele pertencia a qualquer lugar, exceto aqui.



Enquanto ela estava dando um passeio mais longe do salão de baile no braço do Reichen, Elise explorou a multidão de cinquenta ou mais, reconhecendo vários rostos de eventos aos quais ela tinha assistido com o Quentin no passado. Todo mundo a estava observando — tinha sido assim do instante em que ela tinha entrado na



habitação. As conversações se detiveram brevemente, as cabeças se deram à volta. O quarteto de cordas que estava soando perto ao outro lado da habitação, caindo à música em um suave sussurro enquanto Andréas Reichen a apresentava à multidão.

Apresentou a uma pessoa atrás de outra, uma linha vertiginosa de nomes e rostos que eventualmente começaram a empanar sua mente. Ela aceitou as ofertas de condolências pela morte do Quentin e escutou com não pouco orgulho quando muitos dos representantes da Agência de Imposição da zona relatavam novamente suas transações com seu respeitado companheiro. Mais de uma pessoa perguntou sobre a natureza de

seus negócios, em Berlim, mas ela esquivou as perguntas engenhosamente como pôde. Não parecia prudente discutir os negócios da Ordem em uma arena tão pública, e seria quase impossível de mencionar sua associação com os guerreiros sem explicar como ela tinha chegado a conhecê-los em primeiro lugar.

Como de comocionados e horrorizados poderiam ficar estes diplomáticos machos Darkhaven se chegassem a inteirar-se que ela tinha estado nas ruas de Boston caçando subordinados somente uns quantos dias antes?

Embora certa parte rebelde dela

quase desejasse poder soltar aquela verdade, embora só fora para ver como aos civis lhes detinha a respiração e trocavam de cor. Em vez disso, Elise simplesmente bebeu um sorvo do vinho que Reichen havia trazido para ela tão logo depois de que chegou, sua atenção estava somente centrada parcialmente no agente de imposição que tinha estado entretendo seu ouvido durante quase aproximadamente quinze minutos seguidos.

Olhando diretamente por debaixo de seu nariz aquilino a ela, o imponente vampiro loiro se apressou rapidamente a impressioná-la de como ele tinha servido à Agência a maior parte de sua vida — torturas de mais de cem de capturados e

historia de guerra que lhe pareceu uma obrigação o descrever-lhe com grande detalhe. Ela assentia e sorria nos momentos apropriados, perguntando-se quanto tempo teria ela antes que o golpeasse com a parte inferior de sua taça.

Aproximadamente três segundos depois, ela se decidiu, casualmente tomando o último sorvo de fino vinho francês.

- Seus anos de serviço são elogiáveis, agente Waldemar, - disse ela, já se livrando da conversação. - você pode me desculpar, por favor? Estou temendo que este vinho vá diretamente a minha cabeça.

O arrogante agente balbuciou algo sobre o fato de que ela não tinha escutado ainda sobre o tempo no qual ele requereu uns vinte pontos de sutura depois de um encontro com um Renegado, mas para fora do Tiergarten, mas Elise somente lhe deu um sorriso cortez, enquanto ela se deslizava pelo nó mas grosso da multidão.

Em meio dos corpos perfumados, vestidos de seda, uma mão feminina a alcançou devorando-a para fora e a sujeitou para abraçá-la. - Elise?- OH, meu Deus, é tão agradável verte!

Ela foi varrida em um apertado e quente abraço. Quando ela retrocedeu, uma inundação de prazer a consumiu ao ver o rosto de uma velha, querida amiga.

- Anna, olá. Você está fantástica.

-Eu. E você — Quantos anos aconteceram desde que nos vimos mutuamente? Os moços estavam tão jovens nesse então. Tinham eles seis anos de idade, a última vez que estivemos todos reunidos?

- Eles tinham sete anos, - disse Elise, golpeada imediatamente por uma rajada de sua memória. Camden e o filho da Anna Tomas tinham chegado a ser rapidamente amigos, passando um verão inteiro juntos antes que a Agência resignara novamente ao companheiro da Anna ao estrangeiro.

- Não posso acreditar como voa o

tempo-, exclamou a outra companheira de raça, tomando depois as mãos do Elise entre ambas as mãos delas.

- Ouvimos o que aconteceu com Quentin, é obvio. Estou tão triste por sua perda.

Elise tentou um sorriso.

- Obrigado. Esse foi... um momento difícil. Mas eu me estou adaptando à vida sem ele o melhor que posso.

Anna moveu sua língua.

- E o pobre Camden. Eu sozinho posso imaginar quão difícil foi para ele também, perdendo a seu pai quando ele logo que tinha entrado na adolescência.

- Como está ele confrontando-o? Veio ele contigo a Berlim? Sei que a Tomas emocionaria vê-lo.

Pareceu que todo o sangue se drenou fora de sua cabeça com as perguntas bem-intencionadas. A dor em seu coração estava ainda mais sensível por estar recentemente perdida. Tão sensível que apenas ela pôde encontrar sua voz para falar.

- Camden é... bom, ele não está aqui, atualmente. Houve um acidente faz uns meses em Boston. Ele, um... se encontrou com alguns problemas, e ele... Ela teve que tomar uma pausa para empurrar as palavras de sua boca.



- Camden foi assassinado.

Anna ficou branca pelo choque.

- OH, Elise! Perdoe-me não tinha nem idéia.

- Sei que você não sabia. Está bem. A morte do CAM foi repentina, e não muita gente sabe.

- OH, minha querida amiga. Você esteve atravessando por tanta tragédia, não é verdade? Você deve ser a fêmea mais forte que conheço. Perder tanto em tão pouco tempo... teria-me destruído, estou segura. Penso que eu me envolveria para cima e simplesmente me deixaria desvanecer.

Elise pôde havê-lo feito também. O Senhor sabia que ela tinha querido fazer isso mesmo ao princípio. Mas a cólera atirou dela com o sofrimento inicial.

A vingança tomaria o resto de sua vida.

- Você faz o necessário a fim de sobreviver, - ouviu-se ela mesma dizer à fêmea afetada que a observava com tanta compaixão que lhe ferroava. - Você somente faz... o que seja necessário.

- É obvio, - respondeu Anna. Sorriu ela, mas era um esforço cambaleante que não mascarou completamente seu desconforto com o giro estranho da conversação.

- Quanto tempo estará na cidade? Possivelmente se tiver tempo, poderia te mostrar os arredores da cidade. Temos alguns belos parques e museus...

- Talvez. Elise deu uma olhada a sua taça como se ela acabasse de recordar que estava vazia. Você me desculpa? Mas acredito que tomarei um pequeno passeio e encherei minha taça.

- Sim, - disse Anna com uma compaixão que ainda abrandou seus olhos.

- Foi bom verte, Elise. De verdade. Elise lhe deu à mão um suave apertão.

- A ti também.

Quando ela começava a afastar-se, um estrondo de conversações atravessou a multidão. Elise logo que teve que voltar para ver o que o provocava; ela sentiu a perturbação profundamente dentro de seus ossos, e um cálido picor de sua consciência se instalou em seu peito.

- Pelo amor de Deus, - murmuro o Agente Waldemar que se encontrava alguns pés longe dela. Ele e vários de seus amigos estavam abrindo espaço, com enorme desprezo, para a entrada do salão de baile.

- Você pensaria que ele pelo menos teria a decência para vestir-se em conseqüência para um evento como este.

Selvagens desprezíveis, cada um deles.

Elise girou a sua cabeça e viu o Tegan fazendo seu percurso na reunião. Ele era uma visão alarmantemente severa, vestido totalmente em roupas de combate e repleto com armas. Seu cabelo avermelhado muito comprido era extravagante ao redor de sua cabeça e seus amplos ombros, revestidos de couro, e havia uma letal acuidade em seu olhar fixo de olhos verdes quando ele casualmente explorou a multidão.

Ele tinha que reconhecer como de espantoso ele estava vendo-se ante estes mimados civis, mas ele só se mofou daqueles poucos indivíduos que se atreveram a lhe contemplar quando ele

andou a pernadas entre eles.

-Justo um olhar com esse tosco Gen Único de bárbaro, - Waldemar riu, muito para seus companheiros da Agência divertindo-se com sorrisos de suficiência.

- As gerações mais jovens podem ser impressionadas pelos métodos particularmente violentos da Ordem depois daquele risco de espetáculo do verão passado em Boston — mas eles somente precisam jogar um olhar penetrante para observar aos guerreiros pelo que eles realmente são: os valentões incivilizados que sobreviveram muito tempo em seu propósito.

O grupo dele riu entre dentes, tão

pomposos em seus smoking de seda, sua arrogância que os enrolava a eles como um vento azedo.

Elise odiou como os machos Darkhaven olhavam ao Tegan. E em uma pequena esquina, de sua envergonhada consciência, ela sabia que tinha sido culpada da mesma coisa em algum outro momento. Tinham-na criado em uma família da agência quase da infância, ensinada a acreditar que a Ordem consistia exatamente no que este homem afirmava que eles eram.

E quando ela foi ao Tegan assim mesma, Elise teve que reconhecer que ela tinha estado julgando mal e injustamente a todos.

-Me diga, Agente Waldemar, - disse Elise, ficando diretamente diante do macho da Raça e olhando fixamente para cima com sua surpreendida expressão.

- Vive no complexo de Berlim Darkhaven muito tempo?

Ele inchou seu peito com orgulho.

- Cento e trinta e dois anos, minha estimada senhora. Como mencionei a maior parte deles passados ao serviço com a Agência. Por que o pergunta você?

- Porque me ocorre que enquanto você e seus amigos estão ao redor de festas elegantes, acariciando as costas e condenando à Ordem como obsoletos, os guerreiros estão nas ruas arriscando suas



vidas todas e cada uma das noites para proteger uma nação que não se incomodou muito para lhes dar obrigado por seus esforços nos passados últimos cem anos.

Waldemar empalideceu, mas então suas ligeiras sobranceiras loiras baixaram perigosamente.

- Você é a viúva do Quentin Chase, assim serei amável e não a carregarei com os fatos a respeito de como justamente brutais podem ser esses valentões. Mas lhe asseguro senhora, que eles são assassinos desalmados, todos e cada um deles. Especialmente aquele, - disse ele, sua voz baixa e conspiradora.

- Ele cortaria sua garganta enquanto

dorme se ele sentisse a necessidade disso, você entende minhas palavras.

- Aquele, - disse Elise, sabendo que Tegan estava mais perto todo o tempo. Suas veias se iluminaram como cabos vivos, suas têmporas zumbiam. Mas ela estava furiosa e mais enfurecida cada segundo. - Aquele guerreiro que você insultaria tão livremente é a razão principal de que quaisquer de vocês estejam parados aqui esta noite.

- É claro que sim! - mofou-se Waldemar, claramente incrédulo.

- É sua memória histórica tão curta nesta área que você se esqueceu do grupo de Renegados que descenderam sobre os

Darkhaven faz duzentos anos, matando a muitos de seus cidadãos? Foi esse guerreiro quem tirou dela sobre si mesmo para caçar a esses Renegados pela terra. Ele salvou sua comunidade sem ajuda, e ele não pediu nada em troca. Não penso que um pouco de respeito a ele neste momento estaria desconjurado.

Nenhum dos machos Darkhaven disse uma palavra quando ela terminou sua afronta e esperou sua reação. Eles olhavam por diante dela agora, o Agente Waldemar era o mais pálido de todos eles. Quando o grupo deles se retraía lentamente para trás na aglomeração de moídos corpos, Elise deu volta ao redor e se encontrou colocada de pé menos de uma polegada de distância do Tegan. Ele

a fulminou com o olhar, observando ao redor tão zangado como nunca lhe tinha visto alguma vez antes.

- Que demônios crê que estas fazendo?

## ***CAPÍTULO 17***

Tegan sabia que era um engano caminhar para a recepção. Ele tinha estado a três metros de distância da mansão indo a pé quando a urgência lhe golpeou repentinamente para que retornasse e fizesse sua presença conhecida a todos os idiotas do Darkhaven que pensavam que eram melhor que ele.

Ou possivelmente somente queria fazer sua presença conhecida à mulher que tinha girado sua cabeça de dentro para fora do momento que a conheceu pela primeira vez. Uma parte masoquista dele queria fazer uma reclamação aqui, inclusive embora o esperasse por completo que ela estivesse horrorizada por sua presença - muito mais que qualquer que lhe visse passeando em sua encantadora festa vestido para lutar.

O que ele nunca esperava era ouvir Elise elevar-se em sua defesa como se o precisasse estar protegido de um grupo de idiotas com smoking e gravata. Ele não podia recordar a última vez que sentiu a dor da humilhação, mas ele o sentia agora, ficando ali somente com Elise enquanto o

resto da multidão se apartasse.

- Me perdoe, - disse ela, ignorando suas exigências de que ela se explicasse. Sem esperar a que ele falasse, ela simplesmente se afastou. Tegan permaneceu ali, seguindo-a com seus olhos enquanto ela posava sua taça de vinho vazia sobre a bandeja de um garçom e se dirigiu à parede de portas acristaladas que davam à grama e os jardins traseiros do lago do imóvel. Quando ela saiu fora sozinha, Tegan pronunciou uma maldição e foi atrás dela.

Ela estava a meio caminho da água no momento que ele a alcançou, a erva congelada rangendo sobre os magros talões de seus sapatos.

Tegan a sujeitou pelo braço e a fez parar.

- Quer me explicar de que ia aquilo?

Ela se encolheu de ombros.

-Eu não gostava do que estava ouvindo. Esses honestos consigo mesmos e camisa finas estavam equivocados, e precisavam ouvi-lo.

Tegan exalou profundamente, sua respiração nublando-se com o frio ar.

-Olhe, não necessito que ninguém saia em minha defesa - especialmente não com um grupo de idiotas assim. Brigo minhas próprias batalhas. A próxima vez, guarde sua preocupação.

Seus olhos se estreitaram na escuridão enquanto lhe olhava fixamente.

-Não, não pode aceitar nem sequer o gesto menor de amabilidade de alguém, verdade, Tegan?

- A última vez que o comprovei, estava fazendo-o bem eu sozinho.

Ela riu dele. Jogou sua bonita cabeça para trás e riu de verdade, em sua cara.

- É incrível! Pode lutar contra um exército de Renegados sozinho, mas morre de medo de que alguém possa preocupar-se com você. Ou inclusive pior, que você pudesse estar tentado de preocupar-se por alguém.



- Não sabe nada sobre mim.

- Alguém sabe?- Ela deu um puxão de seu braço para soltar-se de sua ligeira sujeição.

Seu rosto parecia rígido ante a luz da lua, seus suaves rasgos se desenhavam tensos.

-Vai Tegan. Estou cansada e só... quero estar sozinha neste momento.

Ele olhou ascender sua larga saia índigo sobre seus pálidos tornozelos enquanto ela começava outro passeio longínquo para o escuro lago resplandecendo ao bordo do profuso terreno. Ela se deteve nas sombras de um velho abrigo de navios na

borda, seus braços ao redor dela.

Tegan considerou que fazer enquanto ela perguntava, só girando-se ao redor e deixando-a ter seu espaço. Mas agora ele estava zangado e não ia deixar que lhe fizesse um desprezo e simplesmente se afastasse.

Ele estava completamente preparado para atá-la presumindo que soubesse algo do que ele tinha sido ou pensando que ela pudesse saber possivelmente como se sentia ele, mas enquanto ele aparecia detrás dela, viu que ela estava tremendo. Não só estremecimento do frio, mas sim realmente...

Jesus Cristo estava ela chorando?

- Elise...

Ela agitou sua cabeça e se girou para mover-se longe da grama, fora de seu alcance.

-Disse que fosse!

Tegan foi direto atrás dela, movendo-se mais rápido do que seus olhos humanos seriam capaz de lhe seguir. Ele se deteve em frente dela, bloqueando seu caminho. Os olhos pálidos e cheios de lágrimas ascenderam e se alargaram antes que ela se girasse para lhe evitar. Ela não deu um único passo. Ele estendeu o braço, sujeitando-a, seus dedos envolvendo seus trementes ombros.

Sua dor se deslizou através dele

imediatamente que suas mãos fizeram contato. Ele não tinha evitado a situação, mas a maioria do que ela estava sentindo era algo muito pouco afável que a ira que ele acendia nela.

Tegan sentiu suas emoções escorrerem-se através de suas unhas, registrando a fria dor da perda. Estava afresco de novo, como uma ferida estripada aberta antes que tivesse cicatrizado por completo.

- O que ocorreu ali dentro?

- Nada, - ela mentiu sua grossa voz com aflição.

- Passará, verdade?

As poucas palavras que ele a havia dito em seu apartamento quando ele cruelmente tinha rechaçado seu luto. Rechaçava-lhe agora, seus brilhantes olhos lavanda se atreveram a lhe dizer algo, ou tanto como pensar que ele podia oferecer consolo.

Ele queria oferecer isso a ela. Essa compreensão lhe golpeou forte, diretamente no centro de seu peito. Ele não queria vê-la dolorida.

Ele queria... Deus, ele não sabia o que queria quando chegou esta mulher.

- Sei o que está suportando, - ele admitiu tranquilamente.

- Entendo a perda, Elise. Eu também

estive assim.

Ah, demônios.

O que estava fazendo ele? Alguma antiga parte dele se elevava em um defensivo pânico logo que as palavras deixaram sua língua. Ele não tinha arejado fora sua história durante anos. Sabia que estava expondo a suave tripa de uma fera um longo tempo dormido, mas era muito tarde para revogar a entrada.

A expressão de Elise trocou de angustia a tenra surpresa. Uma simpatia que ele não estava seguro de estar preparado para aceitar.

- O que perdeu Tegan?

Ele arrojou seu olhar sobre a água iluminada pela lua e o brilho de luzes brilhando ao outro lado do caminho, recordando uma noite que tinha revivido mil vezes em sua mente. Mais de quinhentos anos de cenários sem-fim imaginados que ele podia ter, deveria ter que forma diferente- mas o resultado nunca trocava.

- Seu nome era Sorcha. Ela foi minha companheira faz muito tempo, quando a Ordem era nova. Ela foi seqüestrada pelos Renegados uma noite quando estava fora de patrulha.

- OH, Tegan, - Elise suspirou.

-Eles... a fizeram mal?

- Ela está morta, - ele respondeu um simples feito constatado.

Ele não acreditava que ela queria saber os horríveis detalhes de como seus raptos a haviam devolvido, abusada e violada, uma concha rota do que ela tinha sido. Só Deus sabia que ele não queria falar sobre a culpabilidade e a ira que se quebrou nele quando Sorcha havia tornado viva só apenas, drenada de sangue e de humanidade. Para seu horror, ela havia tornado como um Subordinado.

Tegan tinha perdido sua mente, claramente perdeu seu próprio controle, nesses dias escuros que seguiram ao seqüestro e devolução de sua companheira. Ele tinha caído sob



o domínio da luxúria de sangue, e tinha estado mortalmente perto de converter-se em um

Renegado. Tudo por nada.

A morte, quando finalmente sobreveio a Sorcha, tinha sido piedosa.

- Não posso trazer-la de volta, e não posso me afastar do que ocorreu.

- Não, - disse Elise brandamente.

- O que podemos fazer. Mas, quanto tempo se tarde antes de deixar de nos culpar por tudo e desejar ter feito as coisas de forma diferente?

Ele a olhou de novo agora, não

acostumado a este sentimento de afinidade. Mas era a pena em seus olhos o que fazia que algo dentro dele se abrandasse somente um pouco.

- Você não deu a seu filho a droga que lhe corrompeu, Elise. Não empurrou a esse abismo.

- Não o fiz? -Pensei que estava lhe protegendo, mas lhe tinha muito perto todo o tempo. Ele se rebelou. Queria ser um homem, era um homem - mas não podia ousar perder a meu filho porque ele era tudo o que ficava. Quanto mais tentava lhe manter mais perto, mais forte ele se afastava.

- Todos os meninos sofrem isso. Não

significa que você causasse sua morte.

-Discutimos a última noite que lhe vi,  
- disse ela.

-Camden queria ir a uma festa que ele não vai mais, acredito que ele o chamou assim.

Ali havia uns poucos jovens Darkhaven que tinham indo desaparecendo, assim estava preocupada porque algo pudesse lhe ocorrer. Proibi-lhe de ir. Disse-lhe que se fosse que não retornasse a casa. Era somente uma ameaça vazia. Não o dizia de verdade.

- Jesus, - murmurou Tegan.

-Todos dizemos coisas que

lamentamos Elise. Estava somente tentando lhe proteger.

- Em vez disso lhe matei.

- Não. A luxúria de sangue lhe matou. Marek e o humano ao que pagou para criar o Carmesim mataram a seu filho. Não você.

Ela cruzou seus braços ao redor de si e deu um silencioso movimento de cabeça. Ele não sentiu falta a súbita inundação de lágrimas que enchiam seus olhos.

- Estas tremendo, - disse Tegan enquanto se tirava sua jaqueta de couro e a colocou nela antes que ela pudesse rechaçá-la.

- Faz muito frio. Não deveria estar aqui fora.

Não com ele, pensou ele, tão tentado de tocá-la agora.

Antes de poder deter a si mesmo, estava elevando sua mão à bochecha dela e secou a umidade que corria por sua pele. Ele acariciou sua face, deixando seu polegar percorrer o outro lado de seus lábios. Era muito fácil recordar quão doce tinha sido sua boca, pressionada contra seu pulso. Como de quente sua língua tinha estado quando lhe lambeu, extraindo força de seu sangue.

Como o sentimento de seu corpo, faminto e retorcido junto ao dele, tinha-

lhe acalorado. Ele quis isso de novo, com uma ferocidade que lhe aturdiu.

- Tegan, por favor... não, - Elise suspirou, fechando seus olhos como se soubesse a direção de seus pensamentos.

- Não faça isto se não quiser. Não me toque como se seu não... se não o sentir.

Ele levantou o queixo dela, meigamente esfregando as pontas de seus dedos sobre suas pestanas suaves como pétalas, resistindo a que lhe vissem. Os olhos dela se abriram lentamente, escuras pestanas emoldurando dois olhos de bela luz ametista.

- Me olhe, Elise. Diga-me o que crê que estou sentindo, - ele murmurou,

depois inclinou sua cabeça sobre a dela e pressionou sua boca sobre os lábios abertos dela.

A calidez de seu beijo era como uma chama, faiscando o frio espaço em seu peito. Ele deixou seus dedos embrenharem-se no curto e sedoso cabelo de sua nuca, sustentando-a contra ele enquanto ele deslizava sua língua pelo fio de seus lábios. Apartou-lhe com um ofego, tremendo nos braços dele enquanto saboreava o úmido veludo de sua boca.

Quando suas mãos se levantaram para lhe tocar, Tegan era o que tremia aturdido pela sensação de ser sustentado, assombrado por quanto ele o necessitava -

quanto ele a necessitava. Tinha passado tanto tempo desde que permitiu a si mesmo esse tipo de intimidade. Os sinais de solidão tinham sido seus únicos consolos, mas isto...

As ânsias por esta mulher lhe queimavam com sua intensidade. Suas gengivas vibravam com a aparição de suas presas. Inclusive detrás de suas fechadas pálpebra o podia dizer que sua íris arrojavam luz âmbar, evidência de seu desejo pela Elise. Sua pele estava tensa, seus dermaglifos picantes com a repentina urgência de sangue que aprofundaria sua cor em vívidas sombras de índigo, bordo e ouro. Sabia que ela tinha que sentir a ereção de seu pênis, o qual fazia de cunha entre seus corpos, empurrando



contra o abdômen dela.

Elise tinha que ser consciente de todas as respostas do corpo dele para ela —ela tinha que saber o que significava— ainda não lhe tinha afastado. Os dedos dela se enredaram mais profundamente em seus ombros, lhe sustentando com uma intensidade que ele logo podia entender.

Ele era o único que podia retroceder, rompendo contato com uma baixa e murmurada maldição. Quando ele elevou a vista para a mansão, ele viu vários rostos encostados ao cristal, senhores do Darkhaven de Elise lhes olhando com um aberto desdém.

Elise também lhes viu. Ela seguiu seu

olhar para a congelada grama e os jardins, mas quando ela se girou de novo ao Tegan, não havia nem sequer um risco de vergonha em sua expressão. Somente doce respeito, e o persistente calor do desejo nos olhos dela.

- Deixe que olhem, - disse ela, acariciando a mandíbula dele ante sua desaprovadora audiência.

- Não me preocupa o que eles pensem.

- Deveria. Esse é seu mundo, que está ao outro lado desse cristal. Ela estava segura como o inferno que não podia ficar aqui com ele por mais tempo, não quando seu beijo estava prendendo fogo ao

sangue dele.

- Deveria retornar dentro.

Ela olhou de volta para a luz dourada que irradiava o salão de baile e lentamente agitou sua cabeça.

- Não posso retornar ali. Eu olho e tudo o que vejo é uma bonita jaula. Faz-me querer correr antes que a armadilha se feche sobre mim de novo.

Tegan estava surpreso ante a sincera confissão.

- Não é feliz no Darkhaven?

- É tudo o que conheci. Quentin era tudo o que tinha conhecido. Sua família

me acolheu quando era menina e me elevei como um dos seus depois de que chegasse ao Darkhaven. Devo-lhes tudo pela vida que me proporcionaram.

Tegan grunhiu.

- Isso soa a gratidão. Nada errôneo com isso, mas o que me perguntava era se foi feliz ali.

Ela lançou um olhar pensativo sobre ele.

- Era na maior parte, sim. Especialmente depois de que Camden viesse.

- Disse que se sentia enjaulada.

Ela assentiu ligeiramente.

- Nunca fui muito forte, fisicamente. Meu dom fez difícil para eu deixar Darkhaven por um comprido tempo, e Quentin o pensou de forma sensata para que eu me fosse a algum lugar por mim mesmo.

Ele só queria me proteger, estou segura, mas às vezes era... sufocante. Depois estavam todas as obrigações da Agência e as expectativas impossíveis que vinham de ser um membro da família Chase. Era uma fina linha que tinha que ser percorrida sempre - a lealdade à Agência não importa o que, saber seu lugar e mantê-lo, nunca ousava falar sem rotação. Não posso te dizer como de

frequentemente queria gritar, só para me provar que podia. A maioria dos dias, ainda queria.

- O que te detém?

Franziu-lhe o cenho por cima do ombro.

- O que?

- Adiante. Grita agora se quiser. Não te deterei.

Elise riu. Ela olhou à casa que havia detrás deles.

- Isso faria a suas línguas estremecer-se, não? Pode imaginar os contos que contarão amanhã sobre como aterrorizou a

uma mulher civil indefesa? Sua reputação nunca se recuperaria.

Ele se encolheu de ombros.

- Com mais razão para fazê-lo, se me perguntar.

Elise exalou um comprido suspiro, sua respiração saía em forma de vapor com o frio ar. Quando se giro para lhe olhar uma vez mais, houve uma luz suplicante brilhando em seus amplos olhos lavanda.

- Não posso retornar ali esta noite. Ficará comigo aqui fora, Tegan... somente durante um momento?

A visão do Marek ardendo de ira

enquanto escaneava o plano de vôo que um de seus Subordinados tinha procurado do aeroporto de Boston umas poucas horas antes. Um avião privado tinha programado uma viagem pela tarde no ultimo minuto até Berlin a noite anterior, levando dois passageiros, um que era seguro era um membro da Ordem.

Tegan, sem dúvida, apoiou-se na descrição visual proporcionada pelo espião do Marek.

Mas a mulher que lhe acompanhava era um mistério. Tegan era um solitário consumado, e tentou enquanto pôde Marek não podia imaginar que obrigaria ao estóico e letal guerreiro a tolerar a presença de uma mulher por mais que uns



poucos minutos necessários.

Ele não tinha sido assim sempre, entretanto. Marek recordava bem a profunda devoção do guerreiro à mulher que tinha tomado como sua companheira - Jesus podia ter passado quinhentos anos? Ela era bonita, recordava Marek, com escura beleza cigana e um doce e confiado sorriso.

Tegan tinha estado unido a ela. Quase lhe tinha destruído a perder de forma tão selvagem.

A pena não lhe durou sempre.

O fato de que Tegan estivesse em Berlin agora eram notícias preocupantes. Isso Associado com o livro que Marek

tinha perdido - um livro que lhe tinha levado muito tempo encontrar - e o estava olhando um fodido desastre na criação. A ordem tinha o livro agora, Marek não tinha dúvidas.

Quanto tempo lhes levaria pôr todas as peças em seu lugar? Ele teria que trabalhar rápido se queria ir por diante deles.

Por desgraça para ele, era de dia e a menos que queria arriscar-se a um bronzeado letal a nove metros muito perto do sol, ele teria que esperar até que obscurecesse antes de poder ir ao estrangeiro e controlar a situação pessoalmente.

Até então, teria que convocar alguns olhos e ouvidos de Subordinados em seu lugar.

## ***CAPÍTULO 18***

Tegan abriu a porta de madeira da cabana que se encontrava na linha de praia do lago e levou a Elise dentro. Ela não podia ver bem na escuridão, mas Tegan a tinha firmemente pega da mão, caminhava seguro enquanto que ela o fazia cautelosamente sobre o piso de larguras que se encontrava sob seus pés. O espaço do tamanho de um grande navio estava vazio pelo inverno, a água parcialmente congelada que se achava na base do edifício.

- Deve haver um desvão por aqui acima, disse Tegan, dirigindo-a para uma escada de madeira.

- Como sabe?

- Esta era a cabana do guarda parques no passado. Acredito que não há agora necessidade de um encarregado, assim Reichen o transformou para trazer algum de seus muitos brinquedos.

Elise levantou os extremos de sua saia e o grande casaco de pele do Tegan e subiu as escadas com ele. Na metade da parte superior ele abriu uma porta que revelou um espaço largo com postes e vigas. Era rústico, mas ao mesmo tempo acolhedor. O clarão da lua se derramava

sobre a janela alta que estava sobre o lago. Um jogo de grandes selas de pele estava flanqueando um sofá colocado para desfrutar de melhores vista do lago, e na parede do leste se encontrava uma chaminé construída com tijolos.

-Conhecendo o Reichen, isto deve ter eletricidade, - disse Tegan desde alguma parte detrás dela. Um segundo mais tarde, um abajur de mesa se acendeu a vontade ao outro lado da habitação.

- Realmente, se a você não importa, penso que prefiro a escuridão.

- É pacífica.

A luz piscou para apagar-se e foi substituída uma vez mais pelo afresco e

pálido resplendor da lua. Elise sentiu o olhar do Tegan sobre ela, enquanto se encaminhava para a janela e olhava para fora na noite. Os pés dela se afundaram em um tapete branco de felpa, ela se precaveu ao jogar uma olhada para baixo na forma amaciada e irregular do revestimento do chão. Em um impulso, tirou-se as elegantes sandálias com o pé e deixou que os dedos de seus pés se deslizassem sobre a calidez da pele luxuosamente grossa. Algo de sua ansiedade se perdeu imediatamente. Ela desfrutou do movimento tranquilo da água fora, e a escuridão reservada do desvão. Sua tensão se estava evaporando, mas seu pulso ainda pulsava fortemente pelo beijo do Tegan. Ela não tinha esperado que ele fosse tão tenro com ela,

ou que se abrisse e compartilhasse com ela parte de seu passado.

Não contava com seu desejo.

Ele a desejava e ela o desejava também.

O espaço ao redor deles pulsou virtualmente com esse conhecimento, o ar espesso com tudo que estava implícito entre eles.

- Isto é uma má idéia, - murmurou Tegan quando ele se colocou ao lado dela, sua voz baixa foi um grunhido que enviou uma vibração profunda até seus ossos.

- Você não devia estar sozinha comigo agora.

Elise se deu a volta para olhá-lo e se impactou com o leve resplendor âmbar em seus olhos. Não se tinha desvanecido com o beijo que se deram. Tampouco o calor de seu corpo.

Ela podia senti-lo irradiando para ela, impregnando o casaco de pele que a cobria. Tegan descobriu seus dentes e presas em um sorriso de aspecto doloroso.

- Em caso que você não se tenha dado conta, isto é o sinal para fazer uma rápida retirada.

Ela não se moveu. Não tinha absolutamente nenhum desejo de ir-se agora, embora soubesse que Tegan não



seria o tipo que permitisse segundas oportunidades. Lançando-lhe um olhar intenso, observou a forma em que se aproximou dela e tirou o casaco de seus ombros. Ele o colocou na cadeira detrás dela. Enquanto que se endireitava, roçou seus dedos sobre a curva nua de seu braço. Seu tato estava quente, mas ela tremeu com essa sensação. O desejo se desatou dentro dela. Queria que ele a tocasse, essa necessidade lhe tirou um gemido de sua garganta.

Tegan gemeu, suas sobrancelhas marrons baixavam sobre as brasas que brilhavam intensamente em seus olhos. Ele retirou sua mão rapidamente.

- Não, - disse torpemente.

- Não, esta é uma muito má idéia. Tomarei mais do que você está disposta a dar.

Quando ele se deu volta como se pretendesse ir-se, Elise se moveu para ele e levantou sua mão ao lado de seu queixo rígido.

- Tegan, espera. Não quis que você se fosse.

Ela se aproximou mais a ele, até que seus corpos se roçaram na escuridão. Ela ouviu sua rápida respiração assobiar através de seus dentes e presas quando se levantou sobre os dedos de seus pés diante dele. Sentiu o ataque de calor que caiu em espiral nos músculos de seu

corpo um instante antes que ela pressionasse seus lábios com os dele. Provou a ferocidade de sua fome pela maneira em que ele envolveu seus braços ao redor dela e a arrastou mais profundamente em seu abraço, sua boca lhe exigia enquanto que ele tomava seu beijo tentativo e o convertia em algo escuro e febril.

Ele gemeu, e Elise sentiu as extremidades de suas presas rasparem contra seus lábios enquanto que ele deslizava sua língua sobre seus lábios. Deixou-o entrar, deleitando-se com a erótica invasão, incapaz de queixar-se quando abruptamente ele se retirou.

Seu peito se levantava com cada

respiração áspera que arrastava a seus pulmões. Ele a olhou fixamente com suas sobrancelhas arqueadas, o verde de seus olhos alagados totalmente pela luz ambarina, suas pupilas reduzidas a umas frestas no centro do ouro ardente. Inclusive na escuridão, coberto por sua roupa negra de combate, ela podia ver que estava totalmente excitado. Havia sentido a crista grossa de seu sexo pressionando contra ela um momento antes que ele se separasse. Sabia que se lhe retirasse suas armas e sua camisa negra veria seus dermaglifos do Gen Um que se agitavam com cores lívidas. Ele nunca tinha parecido mais um depredador que neste momento um varão de grande alcance da casta que poderia tê-la debaixo dele em um instante.

Mais rapidamente que isso, se ele o queria.

Possivelmente ela deveria lhe temer, agora mais que nunca. Mas não era o medo que lhe dava a sensação de que seus joelhos não a detinham. Não era medo que impulsionava a seu coração a pulsar freneticamente em seu peito. Nem foi o medo que fez que seus dedos tremessem enquanto ela alcançou lentamente a cremalheira de sua blusa na parte de atrás e começava a baixá-la.

Antes que os minúsculos dentes da cremalheira se abrissem mais de uma polegada, Tegan fechou sua mão ao redor da sua, acalmando-a. Ele a deteve ali, seu braço apanhado brandamente detrás dela

enquanto que deslizava sua mão livre entre seus corpos. Seus dedos se moveram sobre o detalhe de seu vestido de decote baixo, delineando o bordo da seda escura que emoldurava a parte superior de seus peitos. Havia uma possessividade deliciosa em seu tato, na maneira em que ele a refreou enquanto que sua outra mão vagava livremente sobre seu corpo.

Quando a beijou de novo, foi descaradamente carnal, profundo, uma reivindicação de sua boca que imitou o duro impulso de seu quadril enquanto se pressionava contra ela. A mão em suas costas se moveu para diante e quando abriu seus olhos ficou aturdida com seu olhar, esses olhos ambarinos que lhe

ordenavam que entendesse quão próximos estavam de cair em um poço sem fundo. Se ela caísse abaixo com ele, não haveria volta. Ele tomaria seu corpo e seu sangue. Não havia confusão na selvagem promessa de seus olhos.

Como se queria sublinhar este ponto, Tegan acariciou com sua mão, o oco de seu pescoço, para cima. Ele descobriu seu pescoço e se dobrou sobre ela, arrastando sua língua ao longo da trajetória de sua carótida. Suas presas eram sutis, mas inequívocos, queimaram-lhe enquanto sua boca se movia a um ponto delicado debaixo de seu ouvido.

Um tremor de incerteza a percorreu com o pensamento de onde dirigia.

Ela realmente não deveria estar aqui. Não deveria fazer isto...

Tegan soltou uma risada que soou cruel, escura e satisfeita. Ele a apartou imediatamente, virtualmente empurrando-a fora de seu alcance.

- Vá - disse ele, sua voz tão profunda que ela apenas a reconheceu. - Saia daqui antes que façamos algo que depois ambos lamentaremos.

Ela subiu sua mão até o lado de seu pescoço, onde podia sentir ainda o calor persistente de sua boca. Seu pulso agora golpeava ruidosamente em seus ouvidos. Quando moveu seus dedos longe de seu pescoço, viu que as pontas de seus



dedos tinham pequenos rastros de sangue.

Deus santo, tão perto tinha estado de mordê-la?

O olhar faminto do Tegan seguiu cada um de seus movimentos.

- O que está esperando?

- Disse que saia rapidamente daqui!- gritou-lhe, um grunhido animal que a obrigou a obedecer.

Elise agarrou suas sandálias do piso ao lado dela e correu fora da cabana tão rápido como seus pés o permitiram.

Tegan se desabou na cadeira mais próxima logo que ouviu que a porta da

cabana se fechou de repente ao sair Elise.

Ele se revolia na necessidade física dela, todos seus sentidos da Raça se apertavam com a profundidade de sua fome pela fêmea. Jesus cristo, tinha estado apenas a uma fração de segundos de afundar suas presas nela. Esse roce involuntário de sua pele, que lhe permitiu somente o mais ligeiro gosto de seu sangue a sua língua, tinha-o posto virtualmente no bordo. Estremeceu-se com a doçura de urze e rosas que ainda permanecia em sua boca. Suas presas palpitarão, junto com outra parte de sua anatomia, ambos igualmente vorazes. Ambos que o amaldiçoavam por ter deixado ir ao Elise.

A única coisa que lhe tinha encaixado a sua intuição, foi sua repentina inundação de ansiedade. Através da conexão de seu tato, ele havia sentido a sacudida de medo que eliminou seu desejo e não no momento adequado. Ela tinha sido muito flexível, também ao aceitar, inclusive quando ele a tinha empurrado deliberadamente para que entendesse a que rumo queria ele que fossem as coisas.

Para onde queria ele ainda levar as coisas com ela. Sim, direto ao inferno, com ele à cabeça.

Agarrou os braços da cadeira do clube, enterrando seus dedos na pele delicada para impedir dar um salto sobre

seus pés e sair detrás dela. Que era precisamente o que desejava fazer.

A parte dele que era mais selvagem que humana se sentia obrigado a render-se. Era um depredador no coração, e nunca podia haver sentido mais o que fez nesse momento, seus olhos de vampiro lhe devolviam seu reflexo no cristal da janela da cabana, suas presas alargadas e afiados como folhas de barbear.

Cada um de seus escuros instintos estava enfocado em uma coisa: Elise. Apenas um gosto dela e já ardia com a necessidade de mais. Como estaria de perdido, se não conseguisse alguma vez encher sua boca desse néctar delicioso que percorria suas veias?

Ah, merda. Ele estava com sérios problemas. E precisava alimentar-se.

Nem tanto para o sustento como para a distração. Porque se não apagava pela menos a fome que se pegava como garras a ele, ia ter à deliciosa Elise sobre suas costas e debaixo dele antes que a noite terminasse.



Elise não deixou de correr até que chegou à mansão e encontrou a porta de entrada.

Sabia que devia ir dentro. Era tarde e fazia frio. Seus pés nus e molhados estavam congelados, seu corpo tremia

com o ar invernal da noite. Era consciente do perto que esteve de cometer um engano com o Tegan; deveria estar agradecida de que lhe tenha dado a oportunidade de escapar do que poderia demonstrar ser somente um engano com um dilacerador final.

E, entretanto...

Encontrava-se a só uns passados do mármore que lhe conduzia à segurança, e ainda assim sua mão rechaçava abrir a porta. O medo que havia sentido fazia momentos na cabana se converteu em outra coisa, algo que seguia sem resolver, mas o bordo afiado do mesmo seguia estando aí.

Havia-se sentido ansiosa, temerosa dos poucos minutos apaixonados pelo Tegan.

Todos muito conscientes de sua fome por ela, e se surpreendeu ao dar-se conta de como sua fome se acendia, agora, depois de ter fugido dele como uma covarde sentia-se... vazia. Elise se separou da elegante casa senhorial. Isto não era o que queria. Logo que seus pés golpearam a fria grama, levantou sua saia úmida e correu detrás da mansão. Correu através dos largos jardins, e ficou sem fôlego enquanto que alcançava a escura construção de tijolos e madeira que estava perto da água. Abriu a porta e subiu rapidamente as escadas até o desvão, pronta para deixar que Tegan

tomasse o que desejasse dela.

Mas a cabana estava vazia. Foi-se.



Tegan se deslocava pela cidade, movendo-se com a velocidade sobrenatural que fazia a toda a Raça invisível aos olhos humanos. Estava satisfeito no momento que teve na cabana do Reichen nas bordas do lago do Darkhaven. Estava alegre pela rajada de ar frio que lhe ajudou a esclarecer sua mente depois da próxima catástrofe com Elise. Mas estava alegre, sobretudo pela quantidade de gente que se encontrava rondando as ruas obscurecidas do Lichtenberg em Berlim, estava no



deprimido Distrito do Leste. Fila atrás fila de vinte andares de edifícios de concreto de grande altura que se elevavam sobre o setor oriental de Berlim, que só se acrescentavam ao mal-estar geral do lugar. Havia poucos turistas a esta hora da noite. Somente a cara sombria dos trabalhadores que se apressavam a trocar de volta ou os bares imundos que atendiam à classe operária que não saía da GDR<sup>10</sup> nesta vida.

Tegan explorou os arredores com o olho de um caçador. Procurava Renegados, mas pelo visto não havia nenhum perto. Enquanto que Boston tinha sido virtualmente invadida pelos bastardos com sede de sangue, cortesia do Marek e seu recente

reaparecimento, Berlim e a maioria das cidades importantes tinham tido uma mínima atividade de renegados por ano.

E maldito se não me beijarem o traseiro. Porque agora, Tegan teria acolhido com satisfação uma boa luta com seus inimigos, se tivesse a eleição a respeito.

Teve que forçar sua agressão para inclinar-se enquanto que espreitava em uma das ruas solitárias que o levariam mais profundo no distrito. Viu sua presa na noite, não fazendo caso de um par de prostitutas com as que tropeçou, em um bar que estava em seu caminho. Passou a um lado delas com um grunhido zangado.

Não se alimentaria de uma fêmea. Não o tinha feito em todo este tempo... não desde que Sorcha tinha morrido.

Foi sua decisão, algo que se havia auto imposto como castigo por falhar à moça inocente que tinha feito mal em confiar nele para mantê-la segura de seus inimigos. Mas ao longo deste tempo, Tegan desenvolveu uma aversão a alimentar-se de fêmeas, ainda menos atar-se a uma companheira de raça, converteu-se em um ato de desespero.

Converteu-se em um ato de simples sobrevivência.

Sua fome era muito profunda. E sabia

por experiência quão fácil era perder o controle. Já tinha experimentado a luxúria de sangue no passado, e não podia permitir cair de novo nisso.

Que se houvesse sentido tentado pela Elise esta noite o tinha confundido seriamente. Nunca tinha querido ter a outra fêmea em sua boca ou em sua cama por um comprido período de tempo que de algum jeito se converteu em séculos. Tinha sido por sua própria vontade, que se tinha dedicado à missão de acabar com os Renegados.

Mas agora...?

- Merda, - disse entre dentes as presas fortemente sujeitas.

Agora estava a dois segundos de arrastar seu traseiro de novo ao Darkhaven onde provavelmente Elise estava tremendo de medo do que lhe podia haver feito a ela –a ambos- se tivesse permitido o impulso de beber dela.

Em troca seguiu para frente, sua vista fixa em um trio de cabeças rapadas com roupas negras de couro e cadeias. Os cordões brancos de suas botas brilharam intensamente à escassa luz vertida pelas intermitentes luzes. Assobiaram a uma mulher anciã que se cobria com um véu e vinha para eles em cima da calçada. Seus olhos escuros se reduziram para evitar fazer frente à ameaça, e quando começou a cruzar a rua para sair de seu caminho,

a equipe de neonazistas correu detrás dela, burlando-se com feios insultos racistas.

Empurraram-na contra a parede de um edifício próximo, e um deles lhe roubou sua bolsa. A mulher gritou e lutou enquanto a arrastavam repentinamente no beco adjacente onde estava seguro de que a situação pioraria.

Tegan se moveu rapidamente, sentindo que a raiva da batalha o transformava.

O primeiro das cabeças rapadas não soube nem que o golpeou até que foi arrojado vários metros na rua. Sabiamente, levantou-se, e lançou um

olhar ao Tegan, e começou a correr em direção oposta. Seus companheiros tomaram um pouco mais positivamente.

Enquanto que um deles arrastava à anciã mais longe no beco pela correia de sua bolsa, o outro tirou uma navalha e fez uma pontada ao Tegan. O tipo falhou. Mas por outro lado é malditamente difícil golpear um alvo que se coloca diante de si um segundo, e repentinamente está detrás ao seguinte, torcendo seu braço fora de seu lugar. O de cabeça rapada gritou de agonia, deixando cair a navalha enquanto que caía sobre seus joelhos no pavimento.

Tegan soltou a respiração tranqüilamente enquanto que suas mãos

picavam por acabar com o imbecil, que merecia a morte por ter golpeado com seus punhos a uma mulher anciã e indefesa.

-Saia rapidamente de minha vista - gritou ao humano que choramingava, lhe mostrando suas presas para assegurasse que o tipo se desse uma boa idéia do inferno que ia fazer acontecer se decidia ficar.

- Ah, merda! -ofegou o humano, de maneira alta e clara. Levantou-se sobre seus pés e começou a caminhar com seu braço deslocado pendurando inutilmente a seu lado. Tegan jogou uma olhada pelos arredores do corredor onde o último dos cabeças raspadas finalmente tinha deixado



de lutar pela bolsa da anciã. Rasgou a bolsa e deixou cair seu conteúdo.

- Onde está seu dinheiro, cadela?

- Tem que ocultar algo aqui dentro para brigar como o fez!

A mulher se arrastou adiante para recuperar uma pequena foto emoldurada, do pavimento lamacento.

- Minha fotografia, - choramingou seu alemão tingido com um leve acento árabe.

- É tudo o que ficou do meu marido.

- Você o arruinou!

O cabeça raspada ria.

- OH meu coração está triste por você.

- Lixo estrangeiro repugnante.

Tegan agarrou ao indivíduo como se fosse um fantasma. Enganchou sua mão como uma braçadeira ao redor da parte posterior do pescoço da cabeça raspada e o lançou longe da mulher. De rabo de olho, viu-a recolher seus pobres pertences e apressar-se pelo beco.

- Hey, übermensch<sup>11</sup>, - disse Tegan ao redor de uma polegada longe do ouvido do humano.

-Alguma vez te cansa de aterrorizar as mulheres mais velhas? - Possivelmente

queira terminar em um hospital próximo, né? Arrumado a que você realmente faz mal aos meninos do bairro.

-Ou poderia ser um verdadeiro câncer.

- Vai-te a merda, - o vândalo lhe respondeu em inglês.

- Talvez te mostre o necrotério, imbecil.

Tegan sorriu, mostrando suas presas.

-Que divertido.

-Ali é exatamente aonde te dirige.

O humano logo que teve ocasião de

gritar antes que Tegan rasgasse sua garganta e começasse a alimentar-se.

## ***CAPÍTULO 19***

Tegan conseguiu evitá-la completamente durante o dia seguinte. Elise não sabia aonde ele foi toda a noite, ou onde ele passou as horas antes do anoitecer, quando o momento de sua reunião nas instalações de contenção da Agência de Imposição se aproximava. Ele não falou com ela — logo que teve que fazer algo quando a viu - os quarenta e cinco minutos que estiveram dentro do automóvel com o chofer do Reichen que tomou detrás dirigir-se ao sul da cidade à localização onde o Renegado Odolf estava contido.

A entrada foi aberta e fechada por um sistema de segurança automatizado. Não havia nenhum sinal que indicasse o que estava ao outro lado das altas, sólidas portas de ferro, mas era evidente a alta voltagem, a parede do perímetro parecida com a de uma fortaleza que sem importar independentemente do que se mantinha dentro do interior significava que permanecesse ali. Quando o carro se aproximou, Elise viu uma magra corrente de luz vermelha magra que varreu ligeiramente através o veículo desde um dos dispositivos eletrônicos montados que flanqueavam a entrada. Um momento depois, a parede de ferro se dividiu diante deles.

O condutor do Reichen aliviou o

automóvel quando esteve dentro, só para deter-se brevemente ante outro sistema de portas altas. Um quarteto de guardas armados da Raça abordou desde ambos os lados o veículo e abriram as portas. Elise não perdeu de vista o grunhido profundo da garganta do Tegan, quando todos eles saíram para fora, levados a cabo virtualmente a ponta de pistola.

Outro macho da Raça se apresentou agora, depois de ter saído de uma porta sem janelas construída e incorporada no interior das portas do complexo. Ele parecia sério e distinto em seu traje de cor cinza escuro e pescoço de tartaruga alto negro, sua barba de cor marrom avermelhada estava recortada em um precisa barba de cabrito.

- Senhora Chase. -disse ele, saudando-a com uma breve inclinação da cabeça.

- Bem vinda. Eu sou Heinrich Kuhn, o diretor desta instalação, Se você esta pronta, escoltaremos-la dentro agora mesmo. Ele contemplou aos dois machos que estavam com ela, logo jogando ao Tegan uma simples olhada.

-Seus... acompanhantes podem esperá-la aqui, se você me permitir, por favor.

- Absolutamente não. - A profunda voz do Tegan, a primeira que ele tinha pronunciado da saída do imóvel do Reichen, cortou o ar como uma espada.

Ignorando a repentina mudança do som de metal quando os guardas levantaram suas armas sobre ele, ele caminhou para Elise, colocando-se entre o Diretor da Instalação e ela em uma postura de inequívoco amparo.

- Ela não vai entrar ai sozinha.

- Estará absolutamente segura. - disse o diretor, intencionalmente dirigindo-se a Elise, em vez do Tegan, como se o guerreiro não justificasse uma explicação direta.

- O paciente estará retido, é obvio, e ele também foi sedado com sua alimentação, que deverá terminar agora de um momento a outro. Não haverá nenhum



perigo, eu posso lhe assegurar.

-Não deve ser por pouco que você tenha a este renegado fechado atrás de três metros de pedra sólida, grunhiu Tegan, com seus olhos verdes cintilando.

- Ela não vai entrar naquela cela de contenção que sustenta ao Renegado sem mim.

Dois dos guardas golpearam rápidos e ligeiros olhares nervosos ao diretor, como se eles esperassem sua ordem de mover-se ainda mais temendo a idéia de enredar-se com o guerreiro de Genes Únicos com uma reputação letal amplamente aceita.

E bom eles deviam duvidar. Elise não

tinha nenhuma dúvida de que se as coisas se intensificavam aqui, iriam necessitar muito mais que uma equipe de segurança Darkhaven treinado para controlar ao Tegan. Andreas Reichen parecia compreendê-lo também, e o alemão encontrou evidentemente a idéia extremamente divertida, sorrindo enquanto que ele retrocedia, e viu o adequado civil revolver-se.

- Senhora, por favor, - disse o diretor em um tom diplomático evidentemente falso.

- As visitas à instalação são raramente concedidas a alguém devido à tensão que tendem a causar aos residentes no tratamento. Para a complacência do

Diretor Chefe da Agência de Imposição, fizemos uma exceção para você com esta entrevista, mas eu sou resistente a pensar o que a mera vista de um guerreiro dentro da clínica poderia fazer ao progresso de meu paciente. Você deve ser consciente que sua classe se deleita em estremecer ao aflito entre nossa raça. Praticamos a piedade aqui, não a má vontade.

Tegan se burlou.

- Estou indo dentro com ela. Essa não foi uma pergunta.

Inclusive embora ele mantivesse seu olhar fixo estreitado sobre o diretor da instalação de contenção, Elise sabia que Tegan já tinha avaliado aos quatro

guardas e os tinha desprezado como qualquer classe de ameaça verdadeira. Por debaixo do casaco comprido que ele usava o guerreiro também estava armado com uma pistola de aspecto desagradável e várias adagas mortais embainhadas através de seu torso e em seu quadril.

Ele não fez nenhum movimento para alcançar qualquer de suas armas, mas Elise sabia de vê-lo em ação que se necessitaria menos de um segundo para que ele convertesse a extensão contida do pavimento em um cemitério empapado em sangue.

- Eu gostaria que Tegan me acompanhasse dentro, - disse ela, tomando o controle da situação. Ela viu os

olhos do Tegan deslizar-se sobre ela para percorrê-la durante um instante, antes que ele dirigisse de volta seu frio olhar fixamente sobre o diretor.

- Senhora, realmente não acredito...

- Tegan vem comigo. - Elise tirou sua jaqueta e cobriu o comprimento de seu braço.

Ela sorriu amavelmente, mas seu olhar era tão firme, constante como seu tom.

-Temo-me que devo insistir Diretor Kuhn.



O manejo de Elise sobre o diretor de instalação presumido era impressionante. Ela conhecia os Darkhaven e o protocolo da Agência de Imposição e entendeu só a que distancia ela poderia dobrar a ambos. Sua posição social como a viúva do Quentin Chase lhe transferiu bastante vantagem, que ela não duvidou em pôr a seu uso.

O fato que ela se pôs do lado do Tegan quando ela menos mal poderia lhe haver abandonado para lutar seu caminho interno para interrogar ao Renegado Odolf — e teria estado dentro de todo seu direito de fazê-lo justamente, depois de como as coisas terminaram entre eles ontem à noite — lhe impressionou até mais. Elise estava fresca sob a pressão,

uma consumada dama e um tato equilibrado.

Ela , ele teve que admitir embora fora somente para si mesmo, um ativo malditamente valioso.

A realidade de que ele pudesse posar apenas seus olhos apagados sobre ela com os atrativos, completamente comerciais calças navais e a fresca blusa branca que ela tinha posto somente amplificou sua apreciação dela. A prova daquela apreciação provocou o despertar de uma dura, pesada presença detrás da cremalheira de seu traje negro quando ele abandonou ao Reichen para que esperasse com o condutor e seguiu o vaivém cheio de graça dos quadris da Elise pelo

segundo jogo de portas, para a instalação de contenção que estava adiante.

Tegan não fez caso da quantidade enorme de empregados da clínica que ele passou.

Ele vagamente registrou o revolver precipitado dos pés dos civis todos ao redor dele — ao mesmo tempo os que queriam conseguir sair fora do inferno de seu caminho como aquelas poucas almas audazes, atrevidas que saíram detrás de suas estações de monitores ou das portas das salas de reuniões para jogar uma olhada ao estrangeiro escuro, perigoso que espreitava através de seu meio.

O diretor da instalação conduziu ao



Tegan e Elise mais profundamente pelo lugar, através de uma atrás de outra série de portas asseguradas. Finalmente, eles baixaram a um vestíbulo de concreto comprido e pararam diante de uma pesada porta de aço que tinha impresso Centro de Tratamento. O diretor pressionou um código em um teclado numérico montado pela parede, logo pôs seu rosto diante de um explorador e esperou enquanto que uma luz tomou uma rápida lida de suas retinas.

- Por este caminho, - disse ele, aspirando quase imperceptivelmente para baixo a longitude de seu nariz quando sustentou a porta aberta para que Elise e Tegan pudessem passar a outro vestíbulo mais.

O interior do espaço estava tenuemente iluminado e tranqüilo, à exceção das luzes de alerta gemidos e grunhidos que soavam de forma selvagem não completamente mascarada pela suave música clássica transmitida de um lugar remoto por meio de um sistema eletrônico através de alto-falantes elevados. As portas fechadas estavam alinhadas uma ao lado da outra em ambos os lados do corredor, algumas com pequenas janelas que deixavam ver dentro através do ocupante da habitação. Algumas das habitações se encontravam vazias, mas outras continham a Renegados em diversas e variadas etapas de tratamento, todos eles sujeitos com correias de restrições que cobriam todo seu corpo. As barras de aço pesadas equipadas com

fechaduras eletrônicas sustentavam as portas fechadas, selando aos pacientes para dentro de suas habitações.

Tegan jogou uma olhada em uma das janelas quando passou, tendo à vista o patético babar, de um vampiro da raça viciado no sangue, seu débil corpo revestido com uma bata de cor branca suja, sua calva cabeça barbeada e ainda com pequenas almofadinhas esportivas de contato diminutas de um encontro recente da terapia de eletrochoque. Os olhos ardentes cor âmbar do Renegado estavam à meia haste, postos-se a rodar para trás de seu crânio pelo uso de qualquer sedativo que lhe tivessem dado.

- Então, esta é a versão Darkhavens

da Betty Ford, né?- Tegan fez um sorriso sem senso de humor.

- E as pessoas como vocês tem a ousadia para dizer que a Ordem não tem nenhuma misericórdia.

Elise disparou a ele um olhar para repreendê-lo, mas Kuhn ignorou a indireta completamente. Caminhou através deles para a última das celas de contenção, detendo-se brevemente para introduzir o código de acesso. Quando a luz tênue da entrada cintilou de cor verde em cima sobre a porta, o diretor disse:

- Posto que esta alimentação ainda esteja em curso, nós teremos que esperar na sala de observações até que eles

terminem. Somente deveriam ser outros poucos minutos.

Tegan seguiu a Elise dentro do interior do vestíbulo e estava ali para confortá-la e mantê-la estável quando ela fisicamente retrocedeu no mesmo momento em que ela conseguiu seu primeiro vislumbre do procedimento que estava ocorrendo ao outro lado do cristal unidirecional que estava sombreado.

- Meu Deus! , ela ofegou, com uma de suas mãos elevando-se até sua boca.

No quarto adjacente o Renegado chamado Petrov Odolf se encontrava contido com umas correias sobre uma mesa de exame arrumada à medida mesma

que se encontrava aparelhada com um espécime fora de seu alcance. Ele estava nu à exceção dos múltiplos jogos de braceletes grossos de metal, que se sujeitavam agarrados a cada uma de suas extremidades, ao redor do torso e do pescoço, e através da largura de sua frente. Sua barbeada cabeça se encontrava envolta em uma mascasse de corda e — uma malha de arame sustentava imóveis sua enorme mandíbula e suas maciças presas para o tubo que dirigia o sangue fresco correndo através da boca do anfitrião que tinha a tarefa desagradável de alimentá-lo. O renegado se zangou consigo mesmo em algum momento durante o procedimento, deixando visível um atoleiro de urina debaixo da mesa que adicionava somente

mais degradação de todo este assunto.

E logo se encontrava a fêmea.

Tegan exalou uma maldição eloqüente quando seu olhar fixo seguiu o tubo cheio de sangue que corria da boca do Renegado ao interior do antebraço da fêmea jovem, que se encontrava deitada em outra mesa de exame a uns poucos pés de distância dele. Com um vestido em forma de coque de cor branca da clínica sem mangas. Ela estava ainda deitada sobre suas costas, cheia em realidade, mas suas sardentas bochechas reluziam marcas de arranhões.

- Você enviou a uma fêmea ali dentro com essa besta?

- Ela é sua companheira de raça, - respondeu Kuhn.

- Eles tinham estado juntos durante muitos anos antes que ele sucumbisse à sede de sangue e se convertesse em Renegado. Ela esteve vindo cada semana a alimentá-lo, e para obter seu próprio sustento a partir dele também. Ela deve manter sua própria saúde e longevidade, a fim de que possa continuar cuidando dele. Verdadeiramente, ele é muito afortunado ao ter sua lealdade e devoção. A maior parte de nossos outros pacientes não têm nenhuma companheira de raça para que cuide deles, assim que eles têm que ser alimentados a partir de doadores humanos.



Elise agora avançou pouco a pouco mais perto do cristal, evidentemente transpassada pelo que ela estava vendo, mesmo que ela se encontrava completamente repelida.

- Como faz para encontrar a esses outros doadores, diretor Kuhn?

Ele se encolheu de ombros quando lhe olhou detrás dele sobre seu ombro.

- “Nunca temos a necessidade de procurar longe. Estudantes universitários complacentes a filiam-se a estudos médicos em troca de pouco dinheiro, prostitutas, pessoas sem lar... e os drogados, se estivermos muito desesperados.

-Bom, a merda, - Tegan arrastou as palavras com voz preguiçosa, cheia de sarcasmo.

- Isto é uma verdadeira operação com classe o que vocês fazem aqui.

- Nenhum dano se fez a qualquer sujeito, falando em termos gerais, disse Kuhn com um molesto sorriso.

- Os procedimentos se fiscalizam de forma muito próxima e nenhum de nossos anfitriões recrutadas mantêm a memória intacta depois. Retornamo-los simplesmente a suas vidas com um pouco de dinheiro em efetivo dentro de seus bolsos mesmo que eles não teriam conseguido de outra maneira. Um pouco

de tempo passado aqui é a melhor coisa que pode passar a alguns de quão desafortunados recrutamos como doadores.

Tegan estava preparado para cuspir um comentário cortante sobre o pomposo macho Darkhaven, mas tinham passado menos de vinte e quatro horas desde que ele em si mesmo tinha estado caçando por sangue nas obscurecidas ruas do Berlim. Ele tinha matado, embora ele bem pudesse justificá-lo com o fato de que havia um humano criminoso a menos ao redor para poder amedrontar às mulheres indefesas. Mas isso não o convertia em nenhum santo padroeiro por nenhuma parte. No fundo, todos os da Raça que atuavam livremente, eram uns depredadores desumanos.

Alguns somente tratavam de ocultar a realidade detrás de paredes estéreis brancas, e uma frota de equipe clínica.

- Justo agora mesmo, - anunciou o diretor da instalação, quando um pequeno assobio soou no console, perto da janela de visualização.

- O procedimento de alimentação será completado. Logo que o paciente se encontre sozinho e tranqüilo, poderemos entrar.

Eles esperaram a que Odolf fosse desligado de seu tubo de alimentação. O vampiro combateu a remoção, sua insaciável adição ao sangue fez que a mordesse e grunhiu detrás da máscara de

malha metálica quando os assistentes cortaram o fornecimento. Ele lutou contra as restrições que tinha seu corpo, mas o esforço foi vão e ineficaz, não cabendo dúvida de quão sedativos Kuhn tinha mencionado anteriormente.

Os dermaglifos do Renegado ainda se encontravam em plena ebulição de cores púrpuras profundas, logo vermelhas e depois a negro, as cores que representava uma fome feroz, as mesmas que viajavam com o passar do padrão de marcas que subiam por seu peito nu e sobre seus ombros.

Suas enormes presas cintilavam brancas como ossos com seu súbito rugido de protesto. Suas pupilas estavam fixas

em pequenas ranhuras verticais, as íris lançavam labaredas de luz ambarina cada vez que ele tentava levantar sua grande cabeça acima da mesa. Inclusive embora ele se encontrasse drogado, o sabor do sangue, para avivar até o ponto da loucura — como o faziam todos os Renegados.

Tegan sabia que a conhecia. Ele tinha vivido a mesma semelhante sede, quando tinha estado zangado com o mesmo inferno. Ele não tinha progredido tão longe como renegado como este macho, felizmente, mas ele tinha estado terrivelmente perto da maldita coisa. Ver este macho viciado no sangue de perto foi um forte aviso de como tinham sido esses obscuros meses nos que Tegan tinha lutado para combater e desfazer-se de sua

própria debilidade, quando tinha acontecido.

Quando Petrov Odolf sacudiu suas cadeias em sua inutilidade, sua companheira de raça se levantou da mesa que estava junto a ele e com cautela se aproximou até onde ele estava. Ela posou suas mãos sobre seus flancos, embora estivesse claro pela angústia que desprendiam seus olhos que ela tinha muitos desejos de tocar a seu companheiro. Ela disse algo com um sussurro para ser escutado pelos monitores de áudio da cela, então ela se apartou e caminhou para a porta da sala de observação, limpando com um lenço os rasgões de suas bochechas sardentas.

Kuhn abriu a porta para ela, e ela pareceu assustar-se ao ver que ela tinha tido uma audiência. Seu rosto ardeu cor vermelha, e seu olhar fixo abatido expressava que sentia vergonha.

-Me desculpem, murmurou ela, tratando de ir diretamente até o vestíbulo exterior.

- Você esta bem? Elise perguntou brandamente.

A companheira de raça deu um assentimento tremente. Com um soluço enganchado em sua garganta, quebrado e cru.

- Me desculpe, por favor?



- Por este caminho, - disse o Diretor Kuhn quando a fêmea do Renegado abandonou sua companhia e se dirigiu fora pelo corredor.

- Eu somente posso lhe permitir não, mas de dez minutos com ele, Senhora Chase. E devo reiterar que penso que é melhor se o guerreiro não entrasse.

- Realmente, - Elise disse sua voz por completo da autoridade confiante, - Eu queria tratar de que Tegan realizasse a entrevista sem mim.

- Que— sem você? As sobrancelhas do Kuhn se estreitaram juntas furiosamente.

- Esse não era o término de nosso

acerto absolutamente.

- É-o agora. Eu não vou estar disposta a deixar a esta pobre mulher aqui, em tal estado de angústia, - disse ela, depois logo jogou uma olhada ao Tegan.

- Tegan falará com o Petrov Odolf. Confio nele nisto, Diretor Kuhn, e você pode fazê-lo também.

Ela não esperou para ouvir o Diretor da instalação discutir seu desacordo, somente cruzou a pernas a sala de observação e foi detrás da companheira de raça do Odolf que se encontrava afligida como um míssil teleguiado em um desenho ajustado e afiado.

Tegan se encontrou tentado a sorrir, mas em vez disso ele dirigiu um olhar plaino sobre o Kuhn.

- Depois de você, disse ele, desafiando ao diretor a que tratasse de não lhe dar acesso a aquela cela de contenção.

## ***CAPÍTULO 20***

Elise encontrou à companheira de raça um pouco mais adiante no corredor. A mulher estava sentada sobre um banco acolchoado, seu rosto apertado entre suas mãos. Ela estava chorando tranqüilamente, mas seus soluços contidos agitavam todo seu corpo.

- Lamento-o muito, - murmurou Elise, insegura de se devia meter-se em um momento tão privado, ainda muito movida pelo que ela tinha visto para simplesmente deixar que a companheira de raça sofresse sozinha. Ela pegou um pequeno pacote de lenços fora de sua bolsa e lhe tendeu enquanto se aproximava da mulher.

- Quer um?

Os olhos castanhos claro debruados de vermelho subiram até encontrar-se com o olhar de Elise. - Sim, obrigado. Sempre penso que serei forte por ele, mas é tão difícil.

Nunca resulta fácil, lhe ver como está.

- É obvio, - disse Elise, tomando assento junto a ela.

- Sou Elise, por certo.

- Irina, ela respondeu brandamente.

- Petrov é meu companheiro.

- Sim, sei. O diretor nos disse isso.

Ela baixou o olhar enquanto agarrava um dos lenços de papel.

- É da América?

- Boston.

- Muito longe. O diretor Kuhn me informou que algumas pessoas deveriam

ver a meu companheiro, mas não podia me dizer por que. O que querem do Petrov?

- Só precisamos lhe fazer algumas pergunta, Irina. Isso é tudo.

Havia um brilho preocupado no olhar da mulher.

- Esse homem que está contigo- não é da Raça Darkhaven.

- Não. Tegan é um da Ordem. O é um guerreiro.

- Um guerreiro? Irina se voltou visivelmente rígida, suas sobrancelhas se elevaram.

- Mas Petrov não tem feito mal a

ninguém. Ele é um bom homem. Não tem feito nada mal.

- Está bem, - assegurou-a Elise, pondo sua mão sobre os trementes dedos da ansiosa mulher.

- Tegan não está aqui para lhe fazer mal, prometo-lhe isso. Somente para falar com ele.

- Sobre o que?

- Necessitamos informação sobre a linha familiar de seu companheiro. Precisamos falar com ele e ver se reconhece um símbolo particular de dermaglifo.

Irina suspirou e deu um pequeno

movimento a sua cabeça.

- Ele apenas me reconhece já. Não acredito que te seja de muita ajuda. Elise sorriu simpática.

- Temos que tentá-lo. É muito importante.

- Dá-me sua palavra de que não lhe farão nenhum dano?

- Sim. Dou-te minha palavra, Irina.

A companheira de raça olhou a Elise durante um comprido momento, esses quentes castanhos olhos investigando, mergulhando na verdade.

- Sim, - disse ela ao fim.



- Acredito-te. Confio no que me está dizendo.

Elise apertou a mão da mulher.

- Quanto tempo estivestes unidos você e Petrov pelo sangue?

- Fará cinquenta e sete anos este verão. Havia orgulho na afirmação, e amor. Mas a tristeza alagava sua voz enquanto ela continuava. Ele esteve neste... este lugar... durante os últimos três anos.

- Sinto-o muito, - disse Elise.

- Pensei que ele seria mais forte que a debilidade que poluiu o seu pai e seus irmãos- pensei que meu amor poderia ser

suficiente, sabe? Mas ele foi enfeitado por demônios que nunca entendi.

- Faz três anos, nas semanas antes que lhe perdesse por sua enfermidade, ele era um homem diferente.

- Por quê?- perguntou Elise cuidadosamente, sem querer bisbilhotar no que tinha sido uma época dolorosa para a mulher.

- Ele trocou em muitos aspectos depois de que seu irmão maior se voltasse renegado e morreu. Acredito que possivelmente Petrov sabia que se aproximava o dia em que ele também cairia. Era como se uma terrível carga tivesse caído sobre ele. Ele se separou

de tudo- de mim também. Ele chegou a ser reservado, escrevendo durante horas em seu estudo, somente para queimar seus papéis até ficar feitos cinza. Consegui recuperar uma página, mas estava cheia de tumulto, somente tantas loucuras que o não podia - ou não me explicaria.

- Petrov começou a alimentar-se em excesso há horas tardias da noite, enquanto eu dormia. Ele se voltou bastante louco com o tempo. Ele me atacou uma noite em um ataque de luxúria de sangue, e me dei conta que era momento de que nos separássemos.

- Deve ter sido tão difícil para você, Irina.

- Sim, - ela sussurrou.

- A luxúria de sangue é uma coisa terrivelmente sedutora. Sei que Petrov nunca voltará para casa. Eles raramente voltam para casa deste lugar. Mas ainda assim, tenho esperanças.

A companheira de raça fez ondular sua mão enquanto uma fresca ronda de lágrimas caía de seus olhos.

- Me escute continuando com isto. Preciso me trocar estas atrozes roupas de alimento e chegar a casa. Obrigado por falar comigo. E obrigado por isso, disse ela, tirando outro lenço de papel e esfregando seus úmidos olhos.

- De nada.

Elise ficou junto à Irina, e deu um breve abraço enquanto a outra mulher reunia forças para ir-se. Uma vez que ela se foi, Elise caminhou de volta pelo corredor à cela de contenção do Petrov Odolf. Tegan estava justo saindo, e não parecia contente. O diretor Kuhn estava detrás dele, alegando algo de assegurar-se de que a comodidade e as dose perfeitamente aceitáveis do paciente.

- O que acontece?

Tegan passou uma mão por seu cabelo.

- Odolf está tão medicado que está virtualmente catatônico. Não lhe tiraremos nada nestas condições.

- Necessitam-se sedativos adicionais para um procedimento de alimentação, pela segurança do paciente e do doador de sangue. Declarou Kuhn, indignado.

- E a outra meia dúzia de drogas que lhe subministraram?- questionou Tegan.

- Só nosso protocolo normal para fazer claro que nossos pacientes estejam cómodos todo o tempo.

- Não pôde falar com ele depois de tudo? Perguntou Elise, ignorando a voz do Kuhn e centrando-se no Tegan.

- Um minuto depois de que entrasse dentro, e logo que estava consciente. Chegamos tão longe.

- Então voltaremos amanhã, Elise se dirigiu ao chefe da agência.

- Estou segura de que o diretor Kuhn pode fazer que esteja mais lúcido quando voltarmos. Verdade, doutor?

- Reduzir a medicação de um paciente é um enorme risco. Não seremos responsáveis se ele causar algum machucado a algum de vocês se essa for sua petição.

Elise olhou ao Tegan, que deu um gesto de assentimento.

- Está bem. Espere-nos amanhã pela tarde a esta hora, e tenha ao Petrov Odolf acordado e claro de memória para quando chegarmos.

A boca do Kuhn ficou tensa, mas inclinou sua cabeça com sinal de conformidade.

-Como desejar, Madame.

Embora Tegan estivesse tranqüilo, ela sentiu seus olhos sobre ela todo o momento enquanto deixavam o centro de tratamento e foram escoltados de volta aonde o carro do Reichen e o condutor esperavam. O que seja que tivesse passado entre eles ontem à noite no varadouro, e a pesada consciência que tinha permanecido nas horas posteriores, estavam ainda presente agora. Somente estar perto dele, seu corpo se agitava com um inquieto calor.



Ela sabia que parte disso era a conexão que ela compartilhava com ele através de seu sangue, mas havia outra parte dela que respondia a ele também. Era essa última parte, a elementar, feminina e comovedora, isso a preocupava muito mais, porque depois da maneira em que ele a tinha deixado ontem à noite, parecia que ela estava sozinha em seu desejo.

Tegan era estóico e silencioso com ela, apartando-se enquanto o condutor do Reichen abria a porta traseira do Rolls-Royce a ela enquanto eles se aproximavam do carro. Ela olhou o interior do veículo enquanto ela começava a entrar e estava surpreendida de encontrá-lo vazio.

- Onde está Andreas?

O condutor curvou educadamente sua calva cabeça.

- Pede desculpas, madame, foi chamado brevemente para atender um assunto pessoal na cidade. Ele me pediu que contatasse com ele uma vez você e o cavalheiro tivesse completado sua reunião aqui.

- Recolher-lhe-emos agora.

- OH. Está bem, Klaus. Obrigado.

Elise se deslizou ao interior da zona privada de passageiro da luxuosa limusine sedam.

Tegan seguiu, sentando-se a seu lado, um braço musculoso atirado sobre as costas do suntuoso assento de pele. Suas coxas estavam estendidas indecentemente amplas enquanto ele se encurvava e a olhava sob um arbusto de seu grosso e alvoroçado cabelo.

Ele estava considerando-a nesse exasperante silêncio de seus brilhantes e verdes olhos, fixos nela durante tanto tempo que ela podia logo que suportar o peso de seu ilegível escrutínio.

Os poucos minutos que demorou a alcançar o centro de Berlin pareceram uma hora. E inclusive pior, quanto mais longe conduziam ao coração de toda essa humanidade, as têmeoras de Elise

começaram a palpitar com a entrada de falatório de centenas de pensamentos escuros e feias vozes dizendo entre dentes seus corruptos impulsos em seus ouvidos. Ela girou sua cabeça para os escuros cristais do guichê do carro, sentindo a aglomeração de seu dom físico apertando todo o ar fora do veículo.

Senhor somente faz que a condução termine logo. Tudo o que ela queria era arrastar-se até a cama e pôr as anteriores noites detrás dela.

- Dirigia-o bem.

A profunda voz do Tegan a tirou de seu crescente pânico. Ela tinha estado tão distraída, que ela não se deu conta de

que ele finalmente tinha começado a falar.

- Perdoa?

- Voltando para a agência de contenção. Esteve bem, a maneira em que dirigiu ao Kuhn... e o resto. Estou impressionado.

Os elogios a esquentaram, em sua maioria porque ela sabia quão estranho era vindo do Tegan. Ele não era do tipo que mimam, ou repartem palavras amáveis a menos que ele as sentisse.

- Oxalá tivéssemos tido melhor sorte com o Odolf.

- Tiraremos o que necessitamos dele amanhã.

- Isso espero.

Ociosamente, ela esfregou sua vibrante têmpora, um movimento que Tegan seguiu com seus olhos.

- Vai tudo bem?

- Bem, - disse ela, estremeçando-se um pouco enquanto o carro parou ante um semáforo no centro de uma abarrotada intercessão no centro da cidade. Os pedestres cruzavam em frente deles, uma grossa corda de gente cujos pensamentos estralavam na cabeça de Elise como um grande trovão. - Estarei bem uma vez estejamos fora da cidade.

Tegan a olhou.

- Necessita mais sangue, - disse ele, sem soar muito feliz pela idéia.

- Depois de tanto tempo sem ele, te alimentar somente uma vez não vai manter-te.

- Estou bem, - insistiu ela, desejando que fosse verdade.

- Não vou tomar nada mais de você, Tegan.

- Não me estava oferecendo.

A humilhação a alagou em sua nefasta afirmação do fato.

- Não estava me oferecendo à primeira vez tampouco, verdade? Eu

forcei sua mão aquela noite na comunidade, Tegan. Sinto muito.

- Esquece-o. Viverei.

Bem, o claramente fechava a porta ao tema. De fato, parecia absorto e tenso, mais do que o habitual. Elise tinha visto quão horrorizado Tegan tinha estado pelas práticas na prisão de contenção.

Ela também tinha visto a maneira em que ele olhava ao Petrov Odolf, comedido e febril da luxúria de sangue que lhe tinha roubado o julgamento e, provavelmente, sua alma.

Tegan, quem era normalmente tão imparcial e imóvel, havia sentido um nível de simpatia pelo Renegado dessa



cela. Incrivelmente, parecia que, entretanto Tegan podia inclusive relatar a condição penosa do vampiro.

Elise logo que podia imaginar isso, vendo como rigidamente o guerreiro mantinha seu autocontrole. Ou possivelmente estava tão tenso porque sabia o que era perder sua compreensão...

Ela podia ter considerado isso com mais profundidade, mas uma onda fresca de náuseas a assediou enquanto outro grande grupo de gente passava ao lado do carro enquanto esperavam pelo semáforo.

Em um fluido movimento, Tegan se aproximou do assento junto a ela.

- Vêem aqui. Farei-te entrar em transe.

- Não. - Ela se afastou dele, sem querer sua pena.

- Não, preciso tratar isto comigo mesma. É meu problema, como você disse. Quero tratá-lo eu sozinha.

Graças a Deus, o veículo estava movendo-se de novo, girando uma esquina para uma rua lateral fora da exclusiva rua principal com suas brilhantes tenda e multidões. Era melhor aqui, mas ainda uma luta para suportar juntos sob a constante surra da mente dela. Sua mente era como um receptor de rádio quebrado, interceptando sobre os

piores mantimentos, bombardeando-a com incontáveis contribuições até que a cacofonia parecia consumi-la.

- Encontra uma em que possa te centrar, - disse Tegan ao lado dela. Sua respiração era cálida, seus tenros dedos, mas autoritários enquanto ele tomava sua mão. Seu polegar varreu toda sua pele, com doçura. Conectando-a com a terra.

- Tudo o que precisa é uma Elise. Uma voz com a que possa tratar sozinha. Separa a das outras. Deixa que o resto se vá. As deixe que caiam.

Sua profunda voz era quase hipnótica, treinando-a mais na dor de seu dom para que pudesse aprender a utilizá-lo. Com os

olhos fechados, ela seguiu suas indicações, peneirando o terrível ruído para encontrar algo que pudesse aproveitar. Lentamente, pouco a pouco, desmarcou a pior das vozes em sua mente até que ouviu a que doía menos.

- Se centre nessa, - murmurou Tegan, ainda sustentando a mão, ainda guiando-a com suas palavras e a protetora calidez de seu roce.

- Empurra uma voz mais próxima, inclusive enquanto as outras começam a dispersar-se ao redor. Não podem te tocar. É mais forte que seu dom, Elise. Seu poder está em você, em sua própria vontade.

Ela sentia tudo o que ele estava dizendo. Ela sabia que era verdade. Com os dedos dele envolvendo os seus, sua voz um baixo ronrono perto de seu ouvido, ela acreditou que era forte. Ela acreditou que poderia fazer isto...

-Sente sua força, Elise, - treinou-a Tegan.

- Não há pânico aqui, só calma. Seu dom não te possui... você o controla.

E assim estava, ela se deu conta só agora- sabendo que o que Tegan estava mostrando era sozinho uma débil luz do controle que ela era capaz. Ele estava abrindo uma porta em seu subconsciente, e onde quer que esteja era o que seu dom

de companheiro de raça originou dentro dela, Tegan estava guiando-a dentro desse lugar, deixando-a ver o poder de seu próprio potencial.

Era uma revelação. Suas têmperas ainda vibravam do ataque de dor psíquica, mas era uma apagada e manejável pulsação agora que ela estava concentrando-se, aperfeiçoando sua destreza. Ela quis seguir trabalhando-o, para evitar empurrar-se, mas o exercício era também exaustivo. A única voz que ela suportava para começar a deslizar-se fora de seu alcance, combinou-se com o ruído.

Fora de seu corpo e sua mente, ela sentia o carro diminuindo até deter-se. Pisadas aproximando-se, dois pares,

unidas pela eficiente caminhada do rápido modo de andar do condutor enquanto corria ao redor do veículo para abrir a porta.

Logo que se abriu, o roce do Tegan desapareceu.

Elise piscou, ascendendo seu olhar para encontrar ao Reichen fora do carro, dando um breve beijo na boca a uma bela mulher. Ela estava envolta em um prateado casaco de pele e de onde Elise podia dizer, pouco mais debaixo dele. Ao lado de sua graciosa garganta havia uma flor rosa, somente uma marca pálida de um casulo de rosa para indicar o lugar onde Reichen sem dúvida se alimentou dela fazia somente um

momento.

- Um prazer como sempre, minha querida Helene, - disse ele enquanto os dois se foram.

- Consente-me tanto.

Evidentemente, o negócio pessoal do macho Darkhaven era de uma natureza muito pessoal.

A brilhante boca da mulher curvava em um sorriso felino em seu encanto. Ela não esperou no carro a que ele a deixasse, mas rodeou assombrosamente sobre uns saltos de agulha chapeados e se passeou de volta ao interior de uma porta não assinalada vermelha do edifício onde o carro do Reichen permanecia ocioso.



- Meus agradecimentos pelo serviço de espera, o alemão disse enquanto andava até a limusine e tomava assento junto ao Tegan e Elise.

-Não implica que não desfrute de sua companhia, mas esperava que terminassem mais tarde sua entrevista. Terminaram rápido.

Tegan riu.

- Eu também, pelo visto.

Reichen se pôs a rir, imutável enquanto não fazia nada no assento e o carro arrancava.

Ele cheirava a perfume caro, sangue e

sexo. Não é que lhe preocupasse, Elise pensou enquanto lhe considerava. Seu grande e saciado sorriso dizia que não podia estar em um estado mais familiar e feliz.

Andreas Reichen era um homem muito atrativo, misterioso e sofisticado, mas inclusive sua sensualidade provocadora empalidecia junto à arruda aparência do Tegan. Elise virtualmente se queimava do calor da coxa do Tegan onde pressionava simplesmente contra a sua. Sua cabeça estava inclinada, os olhos tampados sob a grossa franja de suas pestanas.

Ele manteve seus braços cruzados sobre seu peito agora, e ela sentia falta do

quente sentimento de seu roce. Ela morria, especialmente enquanto a limusine navegava através das ocupadas ruas da cidade e o dom de sua companheira de raça continuava sacudindo seus sentidos. Em lugar disso ela tentou usar a breve lição que ele a tinha dado, agarrando o que o a tinha mostrado e exercendo-o contra a aglomeração de sua dor psíquica.

Mais que nada, ela queria agarrar a mão do Tegan de novo e sentir sua tranqüilizadora força. Mas somente pôs uma medida de distância entre eles. Ele se afastou dela no assento, um imperceptível movimento de sua coxa que deixou um buraco de espaço em seu lugar.

Quando chegaram um momento

depois ao Darkhaven à borda do lago, Tegan saltou fora do carro logo que Klaus freou para parar em frente da entrada.

- Tenho que informar à Ordem, - disse ele, mantendo seu olhar apartado. Ele se foi irado antes que Elise ou Reichen pudessem sair do carro.

- Tudo é trabalho para ele, - remarcou Reichen com um movimento de cabeça.

- Posso te conseguir algo de comer em casa, Elise? Deve estar faminta.

Ela estava esfomeada, de fato, tendo comido por última vez a meio-dia.

- Seria encantador, obrigado.

Elise deixou que Reichen a ajudasse a sair do carro e tomou o braço que oferecia enquanto caminhavam pela entrada principal do imóvel. Mas todo o momento, os pensamentos dela estavam fixos no Tegan, e em sossegar o forte — e evidentemente somente por sua parte-desejo que ele incitava nela.

## *CAPÍTULO 20*

Elise encontrou à companheira de raça um pouco mais adiante no corredor. A mulher estava sentada sobre um banco acolchoado, seu rosto apertado entre suas mãos. Ela estava chorando tranqüilamente, mas seus soluços contidos agitavam todo seu corpo.

- Lamento-o muito, - murmurou Elise, insegura de se devia meter-se em um momento tão privado, ainda muito movida pelo que ela tinha visto para simplesmente deixar que a companheira de raça sofresse sozinha. Ela pegou um pequeno pacote de lenços fora de sua bolsa e lhe tendeu enquanto se aproximava da mulher.

- Quer um?

Os olhos castanhos claro debruados de vermelho subiram até encontrar-se com o olhar de Elise. - Sim, obrigado. Sempre penso que serei forte por ele, mas é tão difícil.

Nunca resulta fácil, lhe ver como está.

- É obvio, - disse Elise, tomando assento junto a ela.

- Sou Elise, por certo.

- Irina, ela respondeu brandamente.

- Petrov é meu companheiro.

- Sim, sei. O diretor nos disse isso.

Ela baixou o olhar enquanto agarrava um dos lenços de papel.

- É da América?

- Boston.

- Muito longe. O diretor Kuhn me informou que algumas pessoas deveriam ver a meu companheiro, mas não podia me dizer por que. O que querem do Petrov?

- Só precisamos lhe fazer algumas pergunta, Irina. Isso é tudo.

Havia um brilho preocupado no olhar da mulher.



- Esse homem que está contigo- não é da Raça Darkhaven.

- Não. Tegan é um da Ordem. O é um guerreiro.

- Um guerreiro? Irina se voltou visivelmente rígida, suas sobrancelhas se elevaram.

- Mas Petrov não tem feito mal a ninguém. Ele é um bom homem. Não tem feito nada mal.

- Está bem, - assegurou-a Elise, pondo sua mão sobre os trementes dedos da ansiosa mulher.

- Tegan não está aqui para lhe fazer mal, prometo-lhe isso. Somente para falar

com ele.

- Sobre o que?

- Necessitamos informação sobre a linha familiar de seu companheiro. Precisamos falar com ele e ver se reconhece um símbolo particular de dermaglifo.

Irina suspirou e deu um pequeno movimento a sua cabeça.

- Ele apenas me reconhece já. Não acredito que te seja de muita ajuda. Elise sorriu simpática.

- Temos que tentá-lo. É muito importante.

- Dá-me sua palavra de que não lhe farão nenhum dano?

- Sim. Dou-te minha palavra, Irina.

A companheira de raça olhou a Elise durante um comprido momento, esses quentes castanhos olhos investigando, mergulhando na verdade.

- Sim, - disse ela ao fim.

- Acredito-te. Confio no que me está dizendo.

Elise apertou a mão da mulher.

- Quanto tempo estivestes unidos você e Petrov pelo sangue?

- Fará cinquenta e sete anos este verão. Havia orgulho na afirmação, e amor. Mas a tristeza alagava sua voz enquanto ela continuava. Ele esteve neste... este lugar... durante os últimos três anos.

- Sinto-o muito, - disse Elise.

- Pensei que ele seria mais forte que a debilidade que poluiu o seu pai e seus irmãos- pensei que meu amor poderia ser suficiente, sabe? Mas ele foi enfeitiçado por demônios que nunca entendi.

- Faz três anos, nas semanas antes que lhe perdesse por sua enfermidade, ele era um homem diferente.

- Por quê?- perguntou Elise

cuidadosamente, sem querer bisbilhotar no que tinha sido uma época dolorosa para a mulher.

- Ele trocou em muitos aspectos depois de que seu irmão maior se voltasse renegado e morreu. Acredito que possivelmente Petrov sabia que se aproximava o dia em que ele também cairia. Era como se uma terrível carga tivesse caído sobre ele. Ele se separou de tudo- de mim também. Ele chegou a ser reservado, escrevendo durante horas em seu estudo, somente para queimar seus papéis até ficar feitos cinza. Consegui recuperar uma página, mas estava cheia de tumulto, somente tantas loucuras que o não podia - ou não me explicaria.

- Petrov começou a alimentar-se em excesso há horas tardias da noite, enquanto eu dormia. Ele se voltou bastante louco com o tempo. Ele me atacou uma noite em um ataque de luxúria de sangue, e me dei conta que era momento de que nos separássemos.

- Deve ter sido tão difícil para você, Irina.

- Sim, - ela sussurrou.

- A luxúria de sangue é uma coisa terrivelmente sedutora. Sei que Petrov nunca voltará para casa. Eles raramente voltam para casa deste lugar. Mas ainda assim, tenho esperanças.

A companheira de raça fez ondular

sua mão enquanto uma fresca ronda de lágrimas caía de seus olhos.

- Me escute continuando com isto. Preciso me trocar estas atrozes roupas de alimento e chegar a casa. Obrigado por falar comigo. E obrigado por isso, disse ela, tirando outro lenço de papel e esfregando seus úmidos olhos.

- De nada.

Elise ficou junto à Irina, e deu um breve abraço enquanto a outra mulher reunia forças para ir-se. Uma vez que ela se foi, Elise caminhou de volta pelo corredor à cela de contenção do Petrov Odolf. Tegan estava justo saindo, e não parecia contente. O diretor Kuhn estava

detrás dele, alegando algo de assegurar-se de que a comodidade e as doses perfeitamente aceitáveis do paciente.

- O que acontece?

Tegan passou uma mão por seu cabelo.

- Odolf está tão medicado que está virtualmente catatônico. Não lhe tiraremos nada nestas condições.

- Necessitam-se sedativos adicionais para um procedimento de alimentação, pela segurança do paciente e do doador de sangue. Declarou Kuhn, indignado.

- E a outra meia dúzia de drogas que lhe subministraram?- questionou Tegan.



- Só nosso protocolo normal para fazer claro que nossos pacientes estejam cômodos todo o tempo.

- Não pôde falar com ele depois de tudo? Perguntou Elise, ignorando a voz do Kuhn e centrando-se no Tegan.

- Um minuto depois de que entrasse dentro, e logo que estava consciente. Chegamos tão longe.

- Então voltaremos amanhã, Elise se dirigiu ao chefe da agência.

- Estou segura de que o diretor Kuhn pode fazer que esteja mais lúcido quando voltarmos. Verdade, doutor?

- Reduzir a medicação de um

paciente é um enorme risco. Não seremos responsáveis se ele causar algum machucado a algum de vocês se essa for sua petição.

Elise olhou ao Tegan, que deu um gesto de assentimento.

- Está bem. Espere-nos amanhã pela tarde a esta hora, e tenha ao Petrov Odolf acordado e claro de memória para quando chegarmos.

A boca do Kuhn ficou tensa, mas inclinou sua cabeça com sinal de conformidade.

-Como desejar, Madame.

Embora Tegan estivesse tranqüilo,

ela sentiu seus olhos sobre ela todo o momento enquanto deixavam o centro de tratamento e foram escoltados de volta aonde o carro do Reichen e o condutor esperavam. O que seja que tivesse passado entre eles ontem à noite no varadouro, e a pesada consciência que tinha permanecido nas horas posteriores, estavam ainda presente agora. Somente estar perto dele, seu corpo se agitava com um inquieto calor.

Ela sabia que parte disso era a conexão que ela compartilhava com ele através de seu sangue, mas havia outra parte dela que respondia a ele também. Era essa última parte, a elementar, feminina e comovedora, isso a preocupava muito mais, porque depois

da maneira em que ele a tinha deixado ontem à noite, parecia que ela estava sozinha em seu desejo.

Tegan era estóico e silencioso com ela, apartando-se enquanto o condutor do Reichen abria a porta traseira do Rolls-Royce a ela enquanto eles se aproximavam do carro. Ela olhou o interior do veículo enquanto ela começava a entrar e estava surpreendida de encontrá-lo vazio.

- Onde está Andreas?

O condutor curvou educadamente sua calva cabeça.

- Pede desculpas, madame, foi chamado brevemente para atender um

assunto pessoal na cidade. Ele me pediu que contatasse com ele uma vez você e o cavalheiro tivesse completado sua reunião aqui.

- Recolher-lhe-emos agora.

- OH. Está bem, Klaus. Obrigado.

Elise se deslizou ao interior da zona privada de passageiro da luxuosa limusine sedam.

Tegan seguiu, sentando-se a seu lado, um braço musculoso atirado sobre as costas do suntuoso assento de pele. Suas coxas estavam estendidas indecentemente amplas enquanto ele se encurvava e a olhava sob um arbusto de seu grosso e alvoroçado cabelo.

Ele estava considerando-a nesse exasperante silêncio de seus brilhantes e verdes olhos, fixos nela durante tanto tempo que ela podia logo que suportar o peso de seu ilegível escrutínio.

Os poucos minutos que demorou a alcançar o centro de Berlin pareceram uma hora. E inclusive pior, quanto mais longe conduziam ao coração de toda essa humanidade, as têmporas de Elise começaram a palpitar com a entrada de falatório de centenas de pensamentos escuros e feias vozes dizendo entre dentes seus corruptos impulsos em seus ouvidos. Ela girou sua cabeça para os escuros cristais do guichê do carro, sentindo a aglomeração de seu dom físico

apertando todo o ar fora do veículo.

Senhor somente faz que a condução termine logo. Tudo o que ela queria era arrastar-se até a cama e pôr as anteriores noites detrás dela.

- Dirigia-o bem.

A profunda voz do Tegan a tirou de seu crescente pânico. Ela tinha estado tão distraída, que ela não se deu conta de que ele finalmente tinha começado a falar.

- Perdoa?

- Voltando para a agência de contenção. Esteve bem, a maneira em que dirigiu ao Kuhn... e o resto. Estou impressionado.

Os elogios a esquentaram, em sua maioria porque ela sabia quão estranho era vindo do Tegan. Ele não era do tipo que mimam, ou repartem palavras amáveis a menos que ele as sentisse.

- Oxalá tivéssemos tido melhor sorte com o Odolf.

- Tiraremos o que necessitamos dele amanhã.

- Isso espero.

Ociosamente, ela esfregou sua vibrante têmpora, um movimento que Tegan seguiu com seus olhos.

- Vai tudo bem?



- Bem, - disse ela, estremecendo-se um pouco enquanto o carro parou ante um semáforo no centro de uma abarrotada intercessão no centro da cidade. Os pedestres cruzavam em frente deles, uma grossa corda de gente cujos pensamentos estralavam na cabeça de Elise como um grande trovão. - Estarei bem uma vez estejamos fora da cidade.

Tegan a olhou.

- Necessita mais sangue, - disse ele, sem soar muito feliz pela idéia.

- Depois de tanto tempo sem ele, te alimentar somente uma vez não vai manter-te.

- Estou bem, - insistiu ela, desejando

que fosse verdade.

-Não vou tomar nada mais de você,  
Tegan.

- Não me estava oferecendo.

A humilhação a alagou em sua nefasta afirmação do fato.

- Não estava me oferecendo à primeira vez tampouco, verdade? Eu forcei sua mão aquela noite na comunidade, Tegan. Sinto muito.

- Esquece-o. Viverei.

Bem, o claramente fechava a porta ao tema. De fato, parecia absorto e tenso, mais do que o habitual. Elise tinha visto

quão horrorizado Tegan tinha estado pelas práticas na prisão de contenção.

Ela também tinha visto a maneira em que ele olhava ao Petrov Odolf, comedido e febril da luxúria de sangue que lhe tinha roubado o julgamento e, provavelmente, sua alma.

Tegan, quem era normalmente tão imparcial e imóvel, havia sentido um nível de simpatia pelo Renegado dessa cela. Incrivelmente, parecia que, entretanto Tegan podia inclusive relatar a condição penosa do vampiro.

Elise logo que podia imaginar isso, vendo como rigidamente o guerreiro mantinha seu autocontrole. Ou

possivelmente estava tão tenso porque sabia o que era perder sua compreensão...

Ela podia ter considerado isso com mais profundidade, mas uma onda fresca de náuseas a assediou enquanto outro grande grupo de gente passava ao lado do carro enquanto esperavam pelo semáforo.

Em um fluido movimento, Tegan se aproximou do assento junto a ela.

- Vêem aqui. Farei-te entrar em transe.

- Não. - Ela se afastou dele, sem querer sua pena.

- Não, preciso tratar isto comigo

mesma. É meu problema, como você disse. Quero tratá-lo eu sozinha.

Graças a Deus, o veículo estava movendo-se de novo, girando uma esquina para uma rua lateral fora da exclusiva rua principal com suas brilhantes tenda e multidões. Era melhor aqui, mas ainda uma luta para suportar juntos sob a constante surra da mente dela. Sua mente era como um receptor de rádio quebrado, interceptando sobre os piores mantimentos, bombardeando-a com incontáveis contribuições até que a cacofonia parecia consumi-la.

- Encontra uma em que possa te centrar, - disse Tegan ao lado dela. Sua respiração era cálida, seus tenros dedos,

mas autoritários enquanto ele tomava sua mão. Seu polegar varreu toda sua pele, com doçura. Conectando-a com a terra.

- Tudo o que precisa é uma Elise. Uma voz com a que possa tratar sozinha. Separa a das outras. Deixa que o resto se vá. As deixe que caiam.

Sua profunda voz era quase hipnótica, treinando-a mais na dor de seu dom para que pudesse aprender a utilizá-lo. Com os olhos fechados, ela seguiu suas indicações, peneirando o terrível ruído para encontrar algo que pudesse aproveitar. Lentamente, pouco a pouco, desmarcou a pior das vozes em sua mente até que ouviu a que doía menos.

- Se centre nessa, - murmurou Tegan, ainda sustentando a mão, ainda guiando-a com suas palavras e a protetora calidez de seu roce.

- Empurra uma voz mais próxima, inclusive enquanto as outras começam a dispersar-se ao redor. Não podem te tocar. É mais forte que seu dom, Elise. Seu poder está em você, em sua própria vontade.

Ela sentia tudo o que ele estava dizendo. Ela sabia que era verdade. Com os dedos dele envolvendo os seus, sua voz um baixo ronrono perto de seu ouvido, ela acreditou que era forte. Ela acreditou que poderia fazer isto...

-Sente sua força, Elise, - treinou-a Tegan.

- Não há pânico aqui, só calma. Seu dom não te possui... você o controla.

E assim estava, ela se deu conta só agora- sabendo que o que Tegan estava mostrando era sozinho uma débil luz do controle que ela era capaz. Ele estava abrindo uma porta em seu subconsciente, e onde quer que esteja era o que seu dom de companheiro de raça originou dentro dela, Tegan estava guiando-a dentro desse lugar, deixando-a ver o poder de seu próprio potencial.

Era uma revelação. Suas têmporas ainda vibravam do ataque de dor



psíquica, mas era uma apagada e manejável pulsação agora que ela estava concentrando-se, aperfeiçoando sua destreza. Ela quis seguir trabalhando-o, para evitar empurrar-se, mas o exercício era também exaustivo. A única voz que ela suportava para começar a deslizar-se fora de seu alcance, combinou-se com o ruído.

Fora de seu corpo e sua mente, ela sentia o carro diminuindo até deter-se. Pisadas aproximando-se, dois pares, unidas pela eficiente caminhada do rápido modo de andar do condutor enquanto corria ao redor do veículo para abrir a porta.

Logo que se abriu, o roce do Tegan desapareceu.

Elise piscou, ascendendo seu olhar para encontrar ao Reichen fora do carro, dando um breve beijo na boca a uma bela mulher. Ela estava envolta em um prateado casaco de pele e de onde Elise podia dizer, pouco mais debaixo dele. Ao lado de sua graciosa garganta havia uma flor rosa, somente uma marca pálida de um casulo de rosa para indicar o lugar onde Reichen sem dúvida se alimentou dela fazia somente um momento.

- Um prazer como sempre, minha querida Helene, - disse ele enquanto os dois se foram.

- Consente-me tanto.

Evidentemente, o negócio pessoal do macho Darkhaven era de uma natureza muito pessoal.

A brilhante boca da mulher curvava em um sorriso felino em seu encanto. Ela não esperou no carro a que ele a deixasse, mas rodeou assombrosamente sobre uns saltos de agulha chapeados e se passeou de volta ao interior de uma porta não assinalada vermelha do edifício onde o carro do Reichen permanecia ocioso.

- Meus agradecimentos pelo serviço de espera, o alemão disse enquanto andava até a limusine e tomava assento junto ao Tegan e Elise.

-Não implica que não desfrute de sua

companhia, mas esperava que terminassem mais tarde sua entrevista. Terminaram rápido.

Tegan riu.

- Eu também, pelo visto.

Reichen se pôs a rir, imutável enquanto não fazia nada no assento e o carro arrancava.

Ele cheirava a perfume caro, sangue e sexo. Não é que lhe preocupasse, Elise pensou enquanto lhe considerava. Seu grande e saciado sorriso dizia que não podia estar em um estado mais familiar e feliz.

Andreas Reichen era um homem

muito atrativo, misterioso e sofisticado, mas inclusive sua sensualidade provocadora empalidecia junto à arruda aparência do Tegan. Elise virtualmente se queimava do calor da coxa do Tegan onde pressionava simplesmente contra a sua. Sua cabeça estava inclinada, os olhos tampados sob a grossa franja de suas pestanas.

Ele manteve seus braços cruzados sobre seu peito agora, e ela sentia falta do quente sentimento de seu roce. Ela morria, especialmente enquanto a limusine navegava através das ocupadas ruas da cidade e o dom de sua companheira de raça continuava sacudindo seus sentidos. Em lugar disso ela tentou usar a breve lição que ele a tinha dado, agarrando o

que o a tinha mostrado e exercendo-o contra a aglomeração de sua dor psíquica.

Mais que nada, ela queria agarrar a mão do Tegan de novo e sentir sua tranqüilizadora força. Mas somente pôs uma medida de distância entre eles. Ele se afastou dela no assento, um imperceptível movimento de sua coxa que deixou um buraco de espaço em seu lugar.

Quando chegaram um momento depois ao Darkhaven à borda do lago, Tegan saltou fora do carro logo que Klaus freou para parar em frente da entrada.

- Tenho que informar à Ordem, - disse ele, mantendo seu olhar apartado. Ele se foi irado antes que Elise ou

Reichen pudessem sair do carro.

- Tudo é trabalho para ele, -  
remarcou Reichen com um movimento de  
cabeça.

- Posso te conseguir algo de comer  
em casa, Elise? Deve estar faminta.

Ela estava esfomeada, de fato, tendo  
comido por última vez a meio-dia.

- Seria encantador, obrigado.

Elise deixou que Reichen a ajudasse  
a sair do carro e tomou o braço que  
oferecia enquanto caminhavam pela  
entrada principal do imóvel. Mas todo o  
momento, os pensamentos dela estavam  
fixos no Tegan, e em sossegar o forte — e

evidentemente somente por sua parte-desejo que ele incitava nela.

## ***CAPÍTULO 21***

Tegan fechou seu telefone celular depois de apresentar seu informe ao Complexo e se inclinou sobre o ridículo sofá de veludo frufu em sua sala privada no Darkhaven. Estava zangado, por que a noite só significou um estancamento com o Petrov Odolf, e mais confundido que interessado em admitir a realidade da luxúria de sangue que ele tinha comprovado na facilidade. Ver o Odolf e aos outros renegados era um maldito bom aviso do fogo que ele tinha caminhado depois da morte da Sorcha. Ele tinha conseguido golpear a sua luxúria



de sangue todos estes anos, mas a luta tinha sido brutal. E a fome estava sempre com ele, inclusive quando mais duro tentava negá-lo.

Estar perto de Elise só aumentou seu desejo. Maldição, mas essa fêmea punha seu sangue em uma lenta e crescente ebulição. Esse momento a sós, enquanto a tocava no carro do Reichen, sua viagem através de sua angústia psíquica tinha sido um engano colossal. Fez somente que compreendesse o muito que desejava ajudá-la. Que não desejava vê-la sofrer. Que, apesar dos séculos de uma apatia religiosa afiada com pedra, estava começando a preocupar-se, foi realmente começando a ter sentimentos por ela, uma audaz e complicada beleza do Darkhaven

que poderiam ter a opção de qualquer varão, da casta ou de outra maneira. Compreendeu que realmente lhe importava Elise. Queria a ela... e sabia que era somente uma questão de tempo para que voltasse a estar com ela, o depredador que antes tinha sido. O tato de sua suave pele lhe tinha feito recordar como de bom tinha sido sentir seu corpo pressionado contra ele, como encaixava sua deliciosa boca em seus próprios lábios... como inclusive o gosto menor de seu doce sangue tinha estado na ponta de sua língua.

Cristo.

Ele não tinha podido ser capaz de levar o automóvel muito mais rápido.

E a hora que ele tinha passado aqui somente em sua habitação, não tinha feito muito para esfriar a necessidade que o impulsionava a ir abaixo e encontrar Elise. Saciar-se com ela da maneira em que Reichen tinha podido tão livremente fazer com a mulher na cidade.

O fogo que Elise tinha alimentado nele do momento em que pôs seus olhos nela se dobrava, mas ainda queimava.

Possivelmente se poderia apagar, pensou Tegan, de pé no quarto de banho para girar a ducha. Deus sabia que ele queria ter a sensação de contenção da instalação fora de sua pele também. Vendo as pessoas aí encarceradas, a maioria dos renegados catatônicos lhe tinha

transportado de novo a um tempo horrível em sua própria vida, um que não tinha o desejo de reviver, inclusive na concessão da memória. Essa parte dele foi enterrada profundamente, aonde pertencia.

Despojou-se de sua camisa e as armas e a porção delas caiu em uma cadeira ao lado do sofá. Seus dedos estavam trabalhando na cremalheira de seu uniforme negro quando um golpe soou na porta fechada ao corredor. Ele não fez caso disso, perguntando-se se poderia ser Reichen procurando levá-lo um par de horas a pecar na cidade. Parte dele estava tentada com a idéia de algo com o propósito de apagar a fome que lhe derrotava e que tinha pela Elise.

O golpe soou outra vez, e esta vez Tegan abriu a porta com um pensamento. Enquanto que a porta abria de par em par, ele se surpreendeu -e ficou um pouco furioso- ao ver o motivo de sua frustração de pé ali. Justo o que não necessitava nesse momento. Formosa como nunca, ainda usava as calças da marinha que ela tinha levado na clínica, a visão de Elise era uma dose importante da gasolina para agitar seu fogo.

- Que infernos você está fazendo aqui? Sua voz era dura, mais áspero do que pretendia.

Elise não retrocedeu.

- Pensei que podíamos falar.

- O que aconteceu a um certo jantar com o Reichen?

- Não. Isso foi faz quase uma hora. Eu... esperei durante algum tempo para ver se você saía de sua habitação, mas quando não o fez, decidi vir a você.

Ele a olhou fixamente por um minuto, depois cortou mentalmente a ducha e se deu a volta para pegar sua camisa e a pistola das armas.

- Estava já de saída.

- OH! Ela o olhava como se o duvidasse.

- O que poderia ser tão urgente de repente?

- Apenas uma pequena coisa chamada dever, amor. Eu não gosto de passar minhas noites sentadas sobre meu traseiro quando poderia estar lá fora matando algo. Ele o disse deliberadamente para lhe dar uma sacudida elétrica, e provavelmente teve um pouco de satisfação pelo cenho franzido que enrugou sua frente.

- Tenho que sair deste lugar durante algum tempo. Devo estar na cidade, nas ruas, onde sou útil. Não perder meu maldito tempo sentado aqui.

Ele esperou que lhe desse espaço e se fosse alegremente. Sua atitude fria tinha assustado incontáveis varões da casta, inclusive entre a Ordem, assim não

esperou que esta fêmea ficasse muito tempo. Por um segundo, ele pensou realmente que ela ia retirar-se como ele tinha pensado que fizesse.

Mas então ela passeou pela habitação.

- Você não vai a nenhum lado esta noite. Ela disse com suavidade, mas decidida.

Houve temor em sua expressão, mas maldito seja se ela não fechou a porta detrás de si e não esperou para chegar a ele.

- Precisamos falar esta noite. Preciso saber onde estão as coisas. Onde nos encontramos, Tegan.



Ele a olhou fixamente.

-Você pensa que é sábio encerrar-se aqui dentro comigo? Não demorará muito para que Reichen e o resto desta casa se imaginem onde você está e para pensar o pior. Ele pode ser discreto quando for necessário, mas outros que vivem aqui.

-Não me importa o que pensam outros. Só preciso saber o que você pensa.

Ele se burlou, um som que ia mais carregado de brincadeira do que tinha pensado.

- Penso que você está mal de sua maldita cabeça.

Ela jogou uma olhada abaixo, e deu uma sacudida de cabeça.

- Estou confundida, eu te darei isso. Não sei se... eu não sei o que fazer com você, Tegan. Não do primeiro dia. Não sei como jogar a este jogo que parecemos jogar juntos.

-Eu não jogo a nenhum jogo, - ele disse seriamente.

-Não tenho o interesse ou o tempo.

- Merda!

Ele arqueou uma sobrancelha ante a inesperada blasfêmia. Ele estava disposto a empurrá-la de novo a obrigá-la a que se fosse, antes que ela conseguisse estar

mais perto de descobrir o que ele em realidade sentia. Mas o brilho da cólera em seus olhos lhe deteve.

Ela cruzou seus braços sobre seus peitos e avançou um par de passos mais perto dele, lhe deixando claro que se ele a pressionava, ela estava segura como o inferno de que ia pressionar mais.

- Como chama quando se comporta tão tenro comigo um momento, e ao seguinte está tão frio como o gelo?

- Você me beija, só para me afastar um minuto mais tarde. Assinalou com um suspiro frustrado.

- Você me olha às vezes como parecesse que realmente sente algo por

mim, mas então... uma piscada e é como se o sentimento alguma vez tivesse estado ali, em primeiro lugar.

- O que é isso, se não uma torcida idéia de diversão?

Posto que ela não estivesse a ponto de retirar-se, ele se afastou dela com um grunhido e se dirigiu à mala em que tinha todo seu armamento, não fazendo caso de sua tentativa de lhe provocar. Chegou e tirou de um compartimento oculto seus suplementos para o combate. Ele tirou uma adaga embainhada, e a seguir um clipe com suas balas de titânio para seu 9 mm somente para manter suas mãos ocupadas e não ter conhecimento da exasperante mulher que caminhava de

um lado para o outro detrás dele.

Incrivelmente, agitando seus dedos colocou suas armas em cima das almofadas do sofá de veludo. Sua visão estava à deriva, seu campo de visão que adquiria um bordo duro, pois suas pupilas estreitaram e sua inundação do fogo ambarino que o convertia em um caçador. Suas gengivas doeram com a aparição de suas presas, sua boca se sacudia com a fome logo que tinha sido capaz de evitar antes que Elise chegasse a sua habitação.

Agora que ela estava aqui, provocando-o com sua simples presença, ele não sabia quanto tempo poderia manter a raia à besta. Tinha-se quebrado sua correia do momento em que pôs olhos

nela. Detrás dele, escutou o som do grosso tapete persa com o movimento sutil de seus pés. Ele fechou os olhos, e seus sentidos se alagaram com o conhecimento dela.

Com o afiado, enfermo desejo dela.

- Você diz que não joga a nenhum jogo, mas você é o amo deles, Tegan. De fato, penso que você esteve jogando neles durante tanto tempo, que já não pode recordar como ser mais sério.

Ele foi apenas consciente de seus próprios movimentos quando se girou furioso para encará-la. Em segundos fechou a distância que havia entre eles - um segundo estava afastado de Elise e ao

seguinte se equilibrava sobre Elise como um trem de carga e a pressionava com a força de seu corpo até que ambos estavam pressionados contra a porta fechada.

Ele a fixou ali, entre a longitude dura e inflexível dele e a madeira grossa de carvalho da porta detrás dela.

- É isto suficientemente real para você, amor?

Ele assobiou as palavras nela, seus lábios encrespados detrás de suas presas. O desejo o tinha lívido transformado completamente no lado selvagem de sua natureza. Com um grunhido, ele dobrou sua cabeça e tomou sua boca em um beijo quente, exigente.

Ela gritou assustada, suas mãos que subiam para apoiar-se defensivamente contra seus ombros. Ele somente a beijou mais duro, empurrando sua língua além de seus dentes enquanto que ela ofegava para tomar fôlego.

Cristo, ela era doce. Quente e exuberante contra sua boca. Tão brandamente contra a rigidez abrasadora de seu corpo. Ele não quis sentir a esta excitação. Procurou como o inferno rechaçar esta necessidade que o consumia. Mas ele estava queimando com isso, e nada agora estaria negado para ele. Não deteria o peso de seu sangue, já que tudo nele, - todo o elementar de um varão- despertou com o delicioso sabor de Elise.



Quando detiveram seu beijo, ambos ofegavam. Muito. Seu corpo inteiro despertou com a força de sua fome, cada palpitação de seu pulso era um golpe que ele sentia que se repetia na Elise também.

- Ontem de noite no abrigo, senti seu medo, - ele sussurrou ferozmente, sustentando seu olhar amplo, pressionando a frente de seu corpo mais profundamente no seu. Seu pênis estava rígido, cada vez mais só com a sensação dela.

- Deixei-lhe ir em vez de tomar o que queria. Não vou perdê-la esta vez. Assim que temo, Elise, que não me vou preocupar com essa merda.

- Vóltei ontem à noite. Um pequeno som sem fôlego escapou de sua garganta, mas quando ela falou sua voz era firme.

- Não tinha medo de você, Tegan.

- Vóltei por você.

As palavras se afundaram em seu cérebro lentamente, acalmando-o enquanto que refletia o que ouvia.

- Ontem de noite, depois de que você me dissesse que lhe deixasse... tinha conseguido chegar até a casa e me dava conta de que não queria sair dessa casa. Queria estar com você.

Ela o olhou fixamente sem o tremor mais leve de incerteza. Onde suas mãos

tocavam seus braços, ele sentia somente a dócil aceitação, sabendo da entrega. Através da conexão de seu tato, ele leu seu desejo. Desejo que se irradiava para fora, que se filtrava nele.

- Quis estar nua com você, Tegan. Quis você dentro de mim, assim voltei. Mas já não estava.

### Inferno santo

Ele sabia que devia dizer provavelmente algo, mas não tinha voz. Somente uma mudez que não se conheceu antes. Seu peso se estabeleceu sobre seus pés, e seu impulso foi empurrá-la longe dele, em sua defesa tira-la de seu alcance, foi entristecedor. Mas se precaveu que

não poderia deixá-la ir.

Ele não poderia deixar de olhar nas piscinas de seus olhos lavandas. A inquebrável honradez, a ingenuidade da necessidade que viu em suas profundidades.

- Quero estar com você agora, Tegan... tão somente se você me quiser, inclusive um pouco.

Ele a puxou mais perto e silenciando sua dúvida com outro beijo. Ela pôs seus braços ao redor dele e o reteve contra ela, abrindo seus lábios e tomando sua língua enquanto que ele varreu dentro de sua boca da maneira que ele se propôs estar dentro de seu corpo. Ele a dirigiu ao

redor, longe da porta e para a cama que esperava seus lábios nunca que separavam. Mãos que vagavam, tocando, tremendo.

A roupa foi lançada longe rapidamente sob a força de sua necessidade. Tegan despojou a Elise da jaqueta de trabalho rapidamente com a blusa de seda branca que levava debaixo, deslizando-se livremente no que pareciam ser centenas de minúsculos botões até que ele tivesse revelado o encaixe e cetim que cobriam seus peitos. Correu suas mãos sobre o fino tecido branco, percorrendo-a com um olhar faminto enquanto que seus mamilos se levantaram com seu tato.

Colocou-a sobre a cama enquanto se

desfazia da calça azul marinho e os escorregou para baixo de suas pernas brancas e magras. Seu sexo estava oculto detrás de uma pequena parte de cetim branco. Tegan seguiu a linha do fino triângulo com seus dedos, acariciando brandamente o quente veludo de seu quadril e coxa interna. Seu polegar se deslizou debaixo do cetim para algo ainda mais sedoso. A habilidade e o calor úmido de seu gemido obrigaram-lhe a aprofundar nessa imensa, fenda úmida. Elise suspirou enquanto que ele esfregava ligeiramente suas pétalas cobertas de rocío e a pequena protuberância situada na parte superior de seu sexo.

Ele empurrou suas pernas à parte e seu olhar faminto se posou na minúscula

lua que tinha no interior de sua coxa direita. Tegan sorriu, divertido que ela o levasse em uma parte tão deliciosa de seu corpo. Ele desejou provar esse ponto brando nela desde a primeira vez que o viu. Agora ele beijou a pequena lágrima que caía na terrina de uma lua crescente, beliscando-a brandamente enquanto que voltava a olhá-la.

Deus, ela era formosa. Pura e decadente ao mesmo tempo.

Ele queria levar a festa lentamente, mas a necessidade de ambos era muito forte. Ele podia sentir a fome de Elise como pinceladas em cada carícia de seus dedos, e sabia que sua necessidade era tão forte como a sua, uma necessidade

sexual que enrolava até o ponto de dor.

Tegan se despiu com uma impaciência precipitada, afastando-os com o pé, enquanto que empurrava a Elise mais acima na cama. Ele retirou sua calcinha e subiu sobre ela, apoiando seus braços a ambos os lados de sua cabeça. Seu pênis pendurou abaixo entre eles, repleto e avermelhado, uma grossa lança de carne dura que deixou cair uma gota da umidade no berço de seu ventre. Os glifos do GEN um que lhe cobriam do ombro até a metade da coxa pulsavam com cores, o padrão vivo da luxúria variava do anil, o ouro, e o vinho.

- Isto é muito real para você, Elise? Sua voz foi reduzida a um grunhido



bestial, um discurso muito difícil pela presença de suas presas, que estavam completamente estendidos em resposta a seu desejo por ela.

- Jesus cristo... acredito que é muito real para mim, maldita seja.

Se ela tivesse dado a indicação mais leve de que estava insegura sobre o que estava a ponto de fazer, ele pode que tivesse encontrado a força para retroceder. Ele teria se forçado a retirar-se, embora estivesse quase fora de sua cabeça com a necessidade de possuí-la. Apesar de todas suas ameaças de traseiro duro, ele sabia, observando seu olhar aprazível, que lhe teria demonstrado misericórdia. Uma certa parte aterrada

dele esperava como o inferno que ela quisesse ir. Mas Elise não tremeu ante a besta selvagem equilibrada sobre ela. Ela levantou sua mão e a pôs ao redor da parte posterior de seu pescoço.

Firmemente, dirigiu-o para ela, a seus olhos bem abertos e fixos nos seus, e pressionou sua boca na sua.

Tegan a pressionou debaixo dele enquanto que ele demandou seus lábios em um beijo quente. Deus lhe ajudasse, mas ela satisfez cada impulso e cada parada, conduzindo-o grosseiramente quando ele sentia o golpezinho rude de sua língua que se deslizava dentro de sua boca, remontando a longitude de suas presas.

Sem romper o contato com seus lábios, ele se elevou em seus joelhos e se tomou na mão, dirigindo sua grossa ereção entre a abertura de suas coxas. Ela se arqueou até encontrá-lo, um tremor a percorreu quando a cabeça úmida de seu pênis se pressionou ao longo da base molhada de seu corpo.

Sua brincadeira era muito para agüentar, e ele estava muito excitado para ser paciente. Ele inclinou seus quadris para trás, e depois empurrou em sua úmida vagem com um comprido e duro movimento. Elise ofegou perto de seu ouvido quando ele caiu sobre ela e a penetrou até o punho. Seu corpo era pequeno debaixo do dele, seu sexo apertado e quente, um parafuso fundido ao

redor de seu pênis.

Ele pensou em tudo o que sabia a respeito de estar dentro de uma mulher, tudo o que ele pensou que a sensação incrível da Elise lhe recordaria, apagou-se ao senti-la envolta ao redor dele. Isto era diferente a algo que ele houvesse sentido antes, muito mais forte do que ele teria podido imaginar-se nunca. Ele estava conectado com ela, em mente e corpo, sentindo seu prazer vertendo-se nele por toda parte aonde seus corpos se tocavam. Elise era vibrante e forte, consumia-o. Depois de séculos de exílio do tato, da sensação, Tegan olhava o formoso rosto de Elise e se entregou assim mesmo até a cálida e úmida comodidade dela.

Ele não podia deixar de bombear seus quadris, não podia deter a crescente necessidade de perder-se dentro dela. Seu pênis se inchou com o aumento de seu orgasmo, e ele sabia que estava apenas a alguns segundos de uma explosão desesperada.

Ele grunhiu indo mais profundamente em sua apertada vagina. Sua voz era um cru roce em sua garganta.

- Ah, Cristo Elise!

Ele não podia freá-lo. Com uma quebra de onda dura, ele conduziu seus quadris para ela e explodiu como uma tormenta. Ele gritou com a força de sua liberação, depois do impulso da dura

onda que o estremeceu.

E ainda não era suficiente. Ele estava ainda erguido, ainda faminto por ela.

Ainda bombeava na luva aveludada do delicioso corpo da Elise.

Ele olhou fixamente abaixo em seus olhos escuros, precisando vê-la enquanto que lhe dava algo do mesmo prazer que lhe proporcionava.

- Fui ambicioso, ele murmurou, inclinando-se para beijá-la em desculpa. Ele não se atreveu a aproximar-se de sua deliciosa garganta, não quando suas presas palpitavam com outra necessidade que pedia para ser saciada.

- Se você quiser, podemos agora fazê-lo mais lento.

- Não te atreva, ela disse, envolvendo suas pernas ao redor de suas coxas para remarcar seu ponto.

Tegan riu entre dentes, e uma certa parte distante dele se perguntava quando foi a última vez que ele havia sentido realmente humor. Quando foi a última vez que ele havia sentido algo a respeito do que Elise provocava nele?

Ele não quis explorar o lugar no que parecia que ela tinha praticado uma abertura dentro dele. Quão único ele queria agora era isto.

- Isso é um momento longo para mim,

Elise. - sussurrou.

- E você se sente tão bem...

As palavras se foram apagando em um gemido enquanto que Tegan empurrava tão profundamente como ela podia tomá-lo. Ele se retirou e empurrou outra vez, sentindo as paredes de seu canal agarrar-se e contrair-se ao redor dele.

- Meu Deus, ele disse com um tom áspero pelo prazer. Outro orgasmo se apressava dentro dele.

O clímax de Elise se construía rapidamente também. Ela tomou mais profundo com cada furiosa investida de sua carne, agarrando-se em seus ombros e ofegando quando seu corpo superou sua



necessidade.

Tegan podia sentir seu prazer em cada movimento de seus dedos em sua carne, cada carícia de seda de seu núcleo. Sua emoção se filtrou nele por cada ponto de contato, alagou-o um excesso de sensação. Ele absorveu tudo o que lhe deu toda sua concentração em levá-la para uma forte liberação.

Ele a beijou apaixonadamente, com a língua, os dentes e as presas. Elise se reuniu com ele a cada polegada do caminho, e quando sentiu o beliscão de seus dentes humanos que se afundavam na carne de seu lábio inferior, ele se sacudiu violentamente, gemendo quando sua língua lambia a pequena ferida que ela tinha

feito. Ela chupou um pouco mais e ele esteve totalmente perdido, febril com o desejo de tê-la em sua veia.

Antes que o pudesse pensar melhor, Tegan se elevou detrás e cravou seu pulso com suas presas. O sangue gotejou em riachos constantes sobre seus peitos e garganta nus enquanto que lhe ofereceu o presente e pressionou brandamente seu braço em sua boca.

- Tome-a, ele disse.

-Quero te alimentar.

Com seus olhos travados nos seus, ela selou seus lábios ao redor de sua carne. Ela bebeu de seu pulso, sua língua criando uma fascinante sucção erótica. E

ao mesmo tempo, Tegan empurrou nela, tomando prazer carnal em cada grito de assombro e estremeção de seu corpo pela crescente espiral de sua liberação. Suas unhas arranharam sua pele onde ela agarrou seu braço, detendo-o rápido contra sua boca, atirando dificilmente de sua veia quando seu orgasmo a enganchou.

Ela se apartou em um tremor violento, gritando enquanto Tegan conduziu em um ritmo implacável, conseguindo seu próprio clímax feroz também. Ele se afundou profundamente, sentindo o ataque de sua semente que saía em um jorro quente de seu eixo, entrando em erupção de efusivas ondas, pois o sexo de Elise lhe ordenava como um úmido punho quente.

- Ah, demônios,- ele ofegou, rodando fora dela, passado, mas não satisfeito.

Nem sequer perto.

O aroma do sangue e do sexo estava amadurecido na habitação, uma fragrância potente que lhe recordou somente o lado selvagem de sua natureza. A parte que o tinha governado uma vez... quase o tinha destruído.

Ao lado dele na cama, Elise se arrastou mais perto. Seus peitos nus se pressionaram contra seu ombro enquanto que ela se inclinou sobre ele. Seus dedos eram suaves quando ela acariciou ligeiramente um lado de seu rosto e alisou seu cabelo suado de sua frente.

- Você não acabou.

Ele se burlou fracamente, ainda resistindo às réplicas sísmicas de seu orgasmo.

- Você obviamente não prestou atenção.

- Não, Tegan. Quero dizer... você não acabou.

Moveu seu braço sobre ele, aparecendo diante de sua boca. Uma flecha de alarme em seu cérebro, eliminando o impulso incondicional que lhe fez querer cair sobre ela como a besta que ele era e encher sua boca do gosto doce de urze e rosas de seu sangue.

Ele se levantou como se lhe tivessem pegado no traseiro, saltando sobre seus pés ao lado da cama. Ele lambeu a ferida em seu pulso, selando as perfurações com um eficiente varrido de sua língua.

- Você não pensa beber de mim?

- Não,- ele disse, forçando a palavra além de sua língua.

- Não posso fazer isso.

- Pensei que queria.

- Pensou mal, ele se quebrou.

Sua fome negada fez que sua voz tomasse um tom afiado. Ele jogou uma olhada a sua roupa e armas desprezadas,

perguntando-se que tão rápido poderia colocá-las e sair do quarto. Ele tinha que ir, antes que aceitasse a tentação que Elise lhe tinha apresentado, sentada nua e formosa em sua cama, embalando em seu regaço o delicado pulso delicado que ele tinha rechaçado cruelmente.

A respiração do Tegan se cortou ao passar sobre suas presas.

- Merda, ele disse, com sua voz grave e áspera, dura e de outro mundo.

- Isto foi terrivelmente longe. -  
Necessito... ah, infernos. Ele esfregou sua mão por seu rosto. - Preciso sair daqui.

- Não se incomode. Elise se arrastou da cama.

- É sua habitação, eu irei. Ela recolheu precipitadamente sua roupa, acomodando-se de um puxão a blusa e colocando a jaqueta, abotoando-a com os dedos seguros, constantes.

Ela tomou suas calças e os pês enquanto caminhava para a porta.

- Isto foi um engano.

- Um mais, no que a você concerne.

- Você ganhou, Tegan. Finalmente renuncio.

Ela saiu correndo, e ele se forçou para deixá-la ir.



## *CAPÍTULO 22*

Elise fechou a porta de sua habitação de convidados detrás dela e se afundou contra o tabuleiro de carvalho esculpido.

Ela se sentia como uma completa idiota.

Suficientemente mau era que se jogou ao Tegan como algum tipo de idiota sem sentido, mas ela teve que rematá-lo oferecendo seu sangue. Sangue que rechaçou.

É obvio não a surpreendeu que ele tivesse rechaçado. Beber dela irrevogavelmente completaria sua blasfêmia de um vínculo de sangue, um

fato que Elise tinha estado disposta a aceitar nestes acalorados momentos de paixão na cama dele. Ao menos Tegan tinha o bom sentido –o sensato autocontrole- de evitar esse tipo de desastre.

Seu óbvio terror à idéia de vincular-se a ela, inclusive sem nenhum dos votos que os verdadeiros companheiros compartilhavam, tinha chegado a Elise sem nenhuma surpresa.

Mas meu Deus doía.

Especialmente quando suas veias estavam vivas com o capitalista rugido do sangue dele dentro dela, e seu corpo ainda trovejava desossado da intensidade de seu

ato amoroso.

Ela era uma idiota ingênua, porque alguma esperanças dela havia em realidade pensado que eles compartilhavam algo mais que só uma atração física não desejada, ainda inegável. Tegan a tocou esta noite - quando a beijou tão faminto, depois rasgou seu próprio pulso para deixá-la beber dele — ela realmente acreditava que ela significava algo mais para ele que uma mera conquista. Ela tinha pensado que ele poderia verdadeiramente preocupar-se com ela.

Pior que isso, ela tinha esperado que ele o fizesse.

Depois de cinco anos de estar sozinha, pensando que nunca poderia sentir nada por outro homem, ela tinha permitido a seu coração abrir-se.

A um guerreiro, pensou ela com gravidade. Não havia pequena quantidade de ironia na idéia de que ela se apaixonaria por um dos membros escuros e perigosos da Ordem - especialmente depois que a ensinaram toda sua vida que eram selvagens sem coração, nos que nunca podia confiar-se.

E para ela preocupar-se com o Tegan, provavelmente o mais frio de todos... Bem, isso ia além da estupidez.

Ela tinha estado perguntando-se por

esse tipo de dor desde a primeira noite e durante todos esses meses, quando lhe deixou levá-la a sua casa da comunidade. Esta noite ele tinha feito um favor — a perdoou cometer um enorme engano que ela nunca poderia devolver.

Ela deveria estar agradecida pela pequena misericórdia, particularmente em um homem que reclamava não possuir a ninguém absolutamente.

Tegan era um rompe corações que ela não necessitava.

Enquanto ela cruzava a habitação ao banho anexo e acionou a água da ducha, ela não pôde evitar reviver os momentos que tinha passado com ele em sua cama.

Ela tirou as roupas e avançou para o quente jorro, sentindo suas mãos sobre ela, seus corpos mesclando-se juntos, ardendo de prazer.

Ela sofria por ele, inclusive agora.

Estaria miserável para sempre, o vertido de seu sangue dentro dela atando-a a ele com cadeias invisíveis.

Mas tanto como ela queria jogar a culpa de seus sentimentos pelo Tegan ao desafortunado feito de que ela tinha bebido dele—duas vezes agora—ela sabia que o problema ia inclusive, além disso.

Sim, Deus a ajude. Era muito, muito pior que isso.

Ela estava apaixonando-se por ele.

Possivelmente já o estava.

Tegan passou um bom momento sob uma castigada ducha gelada, e ainda assim seu corpo estava inflamado com pensamentos sobre Elise. Sua pele estava tensa, os dermaglifos pulsando sob o frio murro da água. Ele reforçou seus punhos sobre a parede revestida de azulejos em frente dele, lutando contra a urgência que lhe obrigava a espreitar a Elise em sua habitação de convidados e terminar o que eles tinham começado.

Cristo tinha querido terminá-lo alguma vez.

Sua visão era ainda afiada da fome dual que ambos centravam em uma mulher sozinha, suas presas pulsando com força, os largos pontos ainda não se afastavam. Ele deixou cair sua cabeça com um profundo e desigual suspiro. Esta necessidade pela Elise estava indo a pior, chegando a ser uma febre em suas veias.

Quanto tempo passaria antes que seu controle partisse sua muito ligeira atadura e selasse sua farsa de um vínculo de sangue? E se ele permitia a si mesmo ter um sabor tão doce como Elise, como poderia ele estar seguro de que sua sede não cresceria para lhe dominar de novo?

Era muito mais duro que resistir, sabendo que Elise se ofereceria tão



serviçalmente a ele, inclusive sem as promessas de amor e devoção que qualquer homem estaria privilegiado de dá-la. Ela tinha estado preparada para deixar tomar tanto por tão pouco em troca. Humilhava-lhe.

Envergonhava-lhe, porque ele tinha estado tão malditamente perto de tomar seu bonito pulso em seus dentes...

Com um rugido, Tegan arrastou seu braço atrás e deixou seu punho voar no implacável azulejo da ducha. O liso e brilhante azulejo se fez pedacinhos com o impacto, rompendo e desmoronando-se sob seus pés. A dor se estilhaçou em sua mão e pulso, mas ele o aceitou com gosto, olhando enquanto gotinhas de seu sangue

se formavam redemoinhos no ralo da ducha.

Não. Maldita seja não.

Ele era mais forte que essa necessidade animal que sentia pela Elise. Ele podia resisti-lo. Ele tinha que fazer.

Ele tinha conhecido Elise durante um montão de dias e ela estava de algum jeito sob sua pele, tinha obtido de algum jeito romper as paredes protetoras que lhe tinham levado várias vidas construir. Ele não podia permitir que as coisas se intensificassem entre eles.

E ele não o permitiria.

Inclusive se tinha que passar cada

momento livre fora de sua vista durante o resto de sua curta estadia em Berlim.

Tegan levantou sua cabeça e reduziu a água com um giro seco de sua mente. Saiu da ducha e envolveu uma das grossas toalhas brancas ao redor de seus quadris. Enquanto entrava em sua suíte, viu a luz de mensagem piscando em seu telefone celular. Marcou, esperando ouvir ordens da comunidade de que lhe necessitavam em Boston e tinha que retornar ali sem atraso.

Não tinha tanta sorte. Não é que devesse esperar que a boa sorte lhe proporcionasse algum tipo de ajuda. O destino tinha dado as costas fazia um longo tempo.

A mensagem do Gideon soou no alto-falante, grave e conciso: ele tinha conseguido notícias de que havia uma investigação feita sobre o vôo da Ordem cotada fora do aeroporto Logan. Não se tinha equivocado em que Marek estava relacionado, provavelmente logo estaria em Berlim o mesmo ou, pelo menos, interceptando contatos locais ou enviando fora antenas para determinar quanto sabia a Ordem, e que tentavam fazer com o conhecimento.

Merda.

Agora, mais que nunca, Tegan estava seguro de que eles estavam sobre algo grande com o Petrov Odolf e o livro que Elise tinha interceptado do correio que

era para o Marek.

Ele não necessitava mais desculpa que essa para rapidamente secar-se e vestir para umas poucas horas de patrulha pela cidade. Com armas atadas a seus quadris, coxa, e tornozelo, agarrou seu casaco e se dirigiu às escadas principais do imóvel.

Reichen estava passeando fora de um estúdio com painéis de mogno com um jovem casal Darkhaven enquanto Tegan se aproximou do vestíbulo. O jovem moço estava ruborizando-se extremamente sob uma flexível mecha loira, murmurando suas graças ao Reichen por algum favor recentemente concedido, enquanto sua bonita companheira de raça ruiva estava

sorrindo, suas mãos colocadas com carinho no alto de sua proeminente barriga de grávida.

- Felicidades a ambos! Disse Reichen em alemão.

- Tenho vontades de dar a bem-vinda a seu são e forte filho quando chegar.

- Obrigado por aceitar ser o padrinho, - disse a jovem mulher.

- É uma honra para mim também.

Ela ficou nas pontas dos pés para dar um beijo na bochecha do Reichen, depois tomou a mão de sua companheira e os dois se afastaram rapidamente, olhando um ao outro como se o mundo fora deles

não existisse.

- Ah, amor, - disse Reichen, jogando uma olhada ao Tegan com um largo sorriso uma vez que o feliz casal partiu.

- Possivelmente alguma vez arrastem suas espirais ao redor de nenhum de nós, né?

Tegan lhe deu um irônico olhar, mas nesse momento estava completamente de acordo com o cínico sentimento. Ele deu o último passo e viu o olhar do Reichen viajar até a mão que descansava sobre o traseiro de uma carregada e guardada Beretta. Arranhões e marcas de sangue danificavam os nódulos do Tegan de onde seu punho tinha mordido

o azulejo da ducha.

O alemão arqueou uma escura sobancelha.

- Tive um pequeno incidente acima, - disse Tegan.

- Pagarei pelos danos.

Reichen rechaçou a oferta com um corte de sua mão.

- Insultaria-me se o tentasse. Por minha conta, eu sou o único em dívida contigo.

- Esquece-o, - disse Tegan, somente um pouco menos incômodo com a gratidão que quão picado estava por estar fora da



casa onde Elise estava provavelmente lhe odiando agora.

- Preciso comprovar algumas coisas fora da cidade. Tivemos notícias de alguma atividade vindo de Boston, o que provavelmente significa problemas há caminho daqui.

A expressão do Reichen se limpou.

- Ouvi que aumentaram os problemas de Renegados em sua cidade. É verdade que havia dúzias deles alojados na convocação da Ordem destruída o verão passado?

- Não nos detivemos para contá-los, mas sim. Foi uma grande guarida.

O homem Darkhaven jurou brandamente.

- Os vampiros de raça convertidos em Renegados não são exatamente criaturas sociais. Ter tantos em um lugar é problemático por dizer ao menos. Não crê que estavam tentando organizar-se?

-É possível, - disse Tegan, sabendo bastante bem que era exatamente o que Marek estava planejando. Isso, antes que a Ordem tivesse estendido uma palhinha de C-4<sup>12</sup> de bem-vinda ao asilo abandonado onde o exército de chupa sangues do Marek tinha estado aquartelado.

- Tegan. Reichen esclareceu sua

garganta.

- Se você –ou a Ordem –necessita algo de mim, somente têm que pedi-lo. Espero que saiba isso. Não te pediria explicações de nenhum tipo, e te asseguro que a Ordem teria minha completa cooperação. E minha confiança.

Tegan viu franca honestidade nos olhos do homem Darkhaven, e uma entusiasta inteligência que parecia dizer que por todo seu temerário encanto e fanfarronice, Andreas Reichen não era alguém que fizesse gestos frívolos de aliança. Se oferecia sua amizade, ele também oferecia sua honra.

- Considera meus recursos como teus,

- acrescentou Reichen, baixando sua voz a um nível mortalmente sério e confidencial.

- Homens, dinheiro, braços, subterfúgio, ou inteligência... nomeia-o. Qualquer ferramenta que tenha a meu alcance está disponível para você e o resto dos guerreiros.

Tegan assentiu agradecido.

- Tem que saber que te alinhar com a Ordem não vai fazer você muito popular entre seus amigos Darkhaven, Reichen.

- Possivelmente não. Mas então, quem pode permanecer um bastardo honrado, de todos os modos?

O alemão deu uma palmada ao Tegan sobre o ombro.

- Me deixe te levar a cidade para que conheça alguém. Se necessitar informação sobre algum negócio turvo, ou movimento tendo lugar no ponto débil de Berlim, então deve falar com Helene.

- A mulher com a que estava esta noite?

- Sim. É uma querida amiga... com outros benefícios. Reichen sorriu.

- Ela é humana, não companheira de raça, no caso de perguntar.

Tegan o tinha estado perguntando, de fato. Ele não tinha sentido falta da

marca curativa sobre a garganta da mulher enquanto Reichen a tinha beijado como despedida na calçada, mas não tinha detectado nenhum tipo de aroma de sangue nela. Nada fora do insosso e acobreado sabor básico de células vermelhas Homo Sapiens. E não parecia que Reichen tivesse apagado a mente da mulher depois de alimentar-se dela.

- Ela sabe sobre você. Sobre os da Raça?

Reichen assentiu.

- Ela é de confiança, asseguro-lhe isso. Conheço-a há anos, e somos companheiros de negócios em seu clube também. Nunca traiu minha confiança.

Não trairá a tua tampouco.

Reichen alisou seu cabelo para trás para suas têmporas, depois gesticulou para a porta principal da mansão.

- Vamos. Deixe-me fazer algumas apresentações.

Um breve momento depois, Tegan se encontrava sentado em uma luxuosa cabine de veludo vermelho dentro de um bordel de alta qualidade chamado Afrodita. O lugar era de fanfarrear caro um recreio de adultos cheio de belas mulheres, suntuosos móveis, e uma quantidade de sortidos prazeres para ser tidos a um preço firmemente negociado à alta.

Tegan olhou com suave desinteresse enquanto mais de uma pequena orgia estava em movimento à plena vista do público.

A clientela do clube era quase exclusivamente humana, com a exceção do Reichen, quem evidentemente não era um estranho no estabelecimento. Ele se sentou em frente do Tegan na grande cabine, seus dedos brincando ociosamente com o passar do formoso braço da proprietária da Afrodita, a surpreendente Helene. Mais de uma de suas garotas tinha vindo para jogar um olhar ao Tegan. Tinham-lhe oferecido bebida, comida, companhia e umas quantas tentações não encontradas no menu geral do clube.



Enquanto a última bela prostituta se pavoneava afastando-se deles em seus cambaleantes saltos altos, Helene lhe disparou um ligeiro franzir de sobrancelhas.

- Se tiver gostos especificamente pessoais, estou segura de que posso prepará-lo para te acomodar.

Tegan se girou sobre o suave assento de veludo. Seus gostos pessoais se estreitaram a uma só mulher, e ela estava de novo no imóvel do Reichen, provavelmente desejando não lhe haver conhecido nunca.

- Agradeço a oferta, - disse a Helene,  
- Mas não vim aqui para relaxar.

- Esperávamos que pudesse estar a nossa disposição para nos ajudar a estar informados de alguma... atividade incomum que tenha lugar na cidade acrescentou Reichen.

-Requereria sua confiança total, é obvio.

- Naturalmente, - disse ela, assentindo astutamente.

- Estamos falando de jogar uma olhada sobre atividades humanas incomuns ou de algo mais?

- Ambas, - disse Tegan. Desde que Reichen a havia obviamente feito consciente da nação vampírica e confiava nela para guardar o segredo, Tegan não

viu obstáculos em palavras com tato. - -  
Estivemos vendo um aumento da população renegada nos EUA acreditam saber de onde vêm, mas há uma boa oportunidade de que estes problemas cheguem a posar aqui em Berlim. Se ouvir algo fora do normal, deve fazer-nos saber. A mulher humana inclinou seu queixo.

- Tem minha palavra.

Ela estendeu sua mão ao Tegan e ele tomou a oportunidade de ler as emoções da mulher. Seu tato lhe disse que não havia nada desonesto em seu propósito. Ela queria dizer o que havia dito, e sua palavra era boa.

Tegan a soltou e se inclinou para trás enquanto um dos empregados dela se aproximava da mesa.

- Um de meus clientes tomou muita bebida, - queixou-se a jovem.

- Está gritando e é grosseiro.

O sorriso de Helene era sereno, mas seus olhos estavam tão afiados como raios laser brilhando sobre um objetivo.

- Perdoe-me? Chama-me a obrigação.

Ela se levantou da cabine e docemente se moveu a um dos muitos gorilas para que a acompanhasse. Quando foi, Reichen subiu uma sobrancelha ao Tegan.

- É encantadora, não crê?

Tegan grunhiu.

- Tem seu atrativo, suponho.

Reichen estreitou seu olhar sobre ele agora.

- Tenho curiosidade. É o celibato algo ao que todos os da Ordem se mantêm fiéis?

A pergunta fez que a cabeça do Tegan subisse afiadamente. ´

- De que demônios está falando?

- Vi-te passar por diante de uma dúzia de mulheres perfeitas que se renderam a

seus pés pela oportunidade de te agradar. Nenhum homem tem esse tipo de controle. A menos que...

O homem Darkhaven riu entre dentes.

- A menos que os rumores que circulavam na recepção a outra noite sejam certos. Há algo entre você e a encantada Elise Chase? Algo mais à frente do negócio que os trouxe para ambos a minha cidade?

- Não há nada entre nós.

Ou ao menos não deveria havê-lo. E não haveria, depois do modo em que as coisas tinham ido esta noite.

- Não tenho nada que reclamar

absolutamente sobre a mulher.

- Ah. Estava fora de contexto. Perdoe-me por sugeri-lo sequer, disse Reichen, obviamente tomando à pista do tom abreviado do Tegan que dizia que o assunto não estava aberto a discussão.

Tegan ficou de pé.

- Tenho que sair daqui.

Ele estava subitamente ansioso para sair porta a fora, para patrulhar, longe da aberta carnalidade do clube. E não confiava em si mesmo para retornar ao imóvel com o Reichen quando tudo o que isso faria seria lhe pôr de novo perto de Elise.

- Não me espere acordado, - grunhiu ele, depois saiu fora do lugar e entrou na noite.

## ***CAPÍTULO 23***

Elise despertou pouco depois do amanhecer da manhã seguinte, depois de uma noite irregular de pouco sono. Em alguma parte durante a noite, seus instintos de sobrevivência tinham golpeado chutando dentro e se deu conta de que ela não poderia permanecer mais tempo aqui com o Tegan e esperar sair com seu coração intacto. Ela tinha que deixar Berlim e retornar a seu lar em Boston. Os poucos pertences que tinha com ela estavam metidas em uma pequena bolsa que se encontrava apoiada contra a



porta. Ela se meteu no banho e depois se vestiu, e chamou um táxi para que viesse a recolhê-la e a levasse a aeroporto.

Ela tinha insistido em vir aqui com o Tegan em primeiro lugar, primordialmente por sua promessa feita ao Camden, e porque ela desejava fazer sua parte para descobrir qualquer segredo que pudesse estar oculto dentro do velho livro que Marek tinha estado tão ansioso por ter. Mas falhava com o Camden – a falta de si mesmo – a cada segundo que ela desperdiçava com pensamentos do Tegan e o desespero de imaginar qualquer tipo de futuro com ele.

Ela tinha obtido o que tinha vindo a fazer aqui em Berlim: Petrov Odolf

séria interrogado, e as instalações de contenção esperariam ao Tegan outra vez hoje, com ou sem a escolta pessoal de Elise. Agora seu tempo seria melhor gasto de retorno a casa, onde os Renegados e seu líder ainda era uma ameaça imediata e mortal.

Um golpe soou na porta de sua habitação, seguida pela suave voz própria de uma das mulheres familiares do Reichen que vivia no complexo Darkhaven.

- Olá? Não tenho a intenção de lhe incomodar...

- Está bem, não há problema. Estou acordada. Entre.

Elise cruzou o quarto da janela, onde ela tinha estado caminhando de cima abaixo como uma pista nos últimos minutos. Ela abriu a porta, esperando ouvir que seu carro tinha chegado. A jovem companheira de raça esperava ali fora sorrindo timidamente enquanto sujeitava fora um telefone sem fio.

-Uma chamada para você, - disse ela.

-Você atenderá?

- É obvio. Elise pegou o telefone em seu ouvido enquanto a outra fêmea se retirava através do vestíbulo.

- “Olá? Fala Elise Chase.

Houve um momento de silêncio antes que a companheira de raça do Petrov Odolf se decidisse a falar.

- Sou Irina – nos encontramos ontem nas Instalações de contenção?

- Sim, é obvio. Há alguma coisa que este mau?

- Não. Não, nada está mau. Espero que você não se incomode que a chamasse por telefone. O diretor Kuhn me disse onde poderia localizá-la...

-Não, absolutamente. Elise se transladou novamente dentro de sua habitação de hóspedes e se sentou no bordo da cama.

- O que posso fazer por Você, Irina?

- Encontrei algo hoje, e me pergunto se poderia ser de utilidade para você.

- De que se trata?

“Pois bem, estava guardando algumas das coisas do Petrov no porão e encontrei uma caixa de sapatos que contém alguns dos efeitos pessoais de seu irmão defunto. São em sua maior parte... fotografias mundanas, joalheria, alguns artigos decorados com monograma do escritório, essa classe de coisas. Mas na parte inferior, encontrei algumas velhas cartas escritas à mão envoltas em um pedaço dobrado de pano. Elise, estas cartas que o irmão do Petrov

conservava... ele devia ter passado várias semanas as escrevendo, mas estão cheias de divagações sem sentido. Não posso estar segura, mas penso que poderiam ser as mesmas coisas estranhas que Petrov tinha começado a escrever antes que se convertesse em um Renegado.”

- OH, Meu Deus.

- Supõe que as escrituras poderiam ser de alguma ajuda ou utilidade para você?

- Realmente eu gostaria de vê-los para averiguar. - A excitação passou como um relâmpago pela Elise quando ela tirou uma pluma e um pedaço de papel de sua

bolsa.

- Você estaria disposta a me deixar os ter?

- Sim, é obvio. Por isso é que chamei por telefone.

Elise percorreu com o olhar sua bolsa apinhada, mordendo seu lábio inferior. Ela poderia sair para os Estados Unidos em qualquer outro momento. Esta nova informação potencial era mais importante.

- Posso estar em um táxi em simplesmente alguns minutos, Irina. Me dê sua direção e sairei logo que possa.



Um táxi Mercedes cor nata partiu lento ao final do passeio onde se encontrava a unidade fechada, a qual tinha estado sob vigilância do subordinado do amanhecer. De sua posição vantajosa ao longe de várias centenas de jardas, oculto pelo verde grosso do bosque circundante e olhando com atenção através de seus binoculares de alta potencialização, o subordinado observava como uma mulher loira magra se apressava para fora para alcançar o carro que esperava.

A puta dava a aparência de ter a combinação perfeita com a imagem de vídeo que ele tinha recebido via correio



eletrônico de seu Professor. Para estar seguro, ele tirou a fotografia de seu bolso da jaqueta e lhe deu outro olhar. Sim, essa era sem dúvida ela.

O subordinado sorriu quando a mulher entrou no táxi.

- Bem a tempo, ele murmurou, deixando balançar os binoculares do cordão ao redor de seu pescoço enquanto descia para baixo fora da árvore onde ele tinha estado escondendo-se.

Ele trotou para alcançar seu carro, que se encontrava abandonado perto de uma estreita e privada vereda. Ele montou, revolveu a chave, e se lançou depois atrás de sua presa.



Irina Odolf vivia em uma pequena e ordenada casa da cidade em uma rua residencial flanqueada de árvores nos subúrbios do oeste de Berlim. Elise estava surpreendida, embora não comocionada, de que a mulher tivesse decidido ter sua casa fora do complexo Darkhavens depois de perder a seu companheiro pela Sede de Sangue. Ela provavelmente teria feito o mesmo em sua situação.

- Havia tantas coisas que me recordavam o que me faltava depois de que ele partiu, - explicou Irina quando ela e Elise se sentaram a tomar uma taça de

café no salão cheio de luz. As portas de cristais bóia pelas persianas verticais faziam passar por cima o pátio comum da comunidade que estava remendado pela nova que se encontrava ao longo das partes traseiras das casas.

- Petrov e eu temos a muitos amigos em nosso Darkhaven, mas a vida ali sem ele era muito difícil. Suponho que se ele voltar para casa – quando ele retorne a casa, - ela emendou, ociosamente alisando o bordo de encaixe da toalha.

- Quando ele retorne a casa, então retornarmos ali e começaremos outra vez nossa vida.

- Espero que logo chegue esse dia

para ambos, Irina.

A companheira de raça olhou para cima com um sorriso com os olhos chorosos.

- Eu também o desejo.

Elise tomou um sorvo de seu café, fracamente consciente de um peso lento que se incorporava em suas têmporas. Tinha estado presente desde que ela entrou no táxi que havia a trazido até aqui, uma viagem que a tinha levado através do centro da cidade, onde o estrondo dos pensamentos humanos a tinha maltratado mentalmente através da janela do carro. Mas ela utilizou o enfoque que Tegan lhe tinha ensinado, e o pior de sua

dor psíquica se desvaneceu para um nível manejável.

Que ela estivesse perto de uma boa quantidade de humanidade era sem dúvida uma prova. A vizinhança da Irina era um grupo perfeitamente embalado de moradias, com um fluxo constante de carros que viajavam de cima abaixo através das ruas que se encontravam fora, trazendo até mais ruído para o falatório que enchia sua cabeça.

E debaixo do retumbar de descontente geral que ela percebia, Elise detectou algo mais escuro... simplesmente apenas fora de seu alcance.

- Gostaria de ver as cartas?

A voz da Irina atraiu bruscamente a Elise novamente à atenção.

- Sim, é óbvio.

Ela seguiu à fêmea fora do salão e por uma pequena estadia acolhedora que estava ao final do vestíbulo. O escritório de um homem estava depositado em um rincão convidando à leitura, o mobiliário masculino impecavelmente gentil e organizado, como se estivesse à espera da iminente chegada de seu proprietário.

Irina indicou a Elise a parte superior do escritório, onde uma caixa de sapatos aberta se encontrava junto com um velho tecido que se havia posto plano. Uma pilha de escritos dobrados descansava na

parte superior.

- São esses.

-Posso? Elise perguntou, estando ao alcance para tomar a coleção de cartas.

Com um assentimento de cabeça da Irina, ela desdobrou a primeira e percorreu com o olhar a página. Estava cheia de uns garranchos apressados, violentamente desiguais. As palavras eram apenas legíveis, escritas no que parecia ser em parte latim, por uma mão que pareceu pilotada pela loucura. Elise folheou os outros escritos, encontrando mais do mesmo nelas.

- Você pensa que isto significa algo?

Elise negou com a cabeça.

- Não posso estar segura. Eu gostaria de mostrar-lhe a alguém, entretanto. Você está segura de que não lhe importa se levo estas?

-Faça o que você queira com elas. Não tenho nenhum uso para elas.

- Obrigado.

Elise percorreu com o olhar a malha que se encontrava no escritório. Era incrivelmente belo e obviamente muito velho. Ela não pôde resistir a arrastar seus dedos sobre os pontos intrincados do desenho de jardim medieval.

- Isto é precioso. O detalhe é



incrível, como uma pintura realizada com uma agulha.

- Sim, é-o. Irina sorriu.

- E quem o fez teve um interessante sentido da fantasia também.

- Como é isso?

- Notei-o quando a peça estava envolta ao redor da pilha de cartas. Deixe-me lhe mostrar.

Ela dobrou o tecido em um quadrado diagonal, levantando um lado de modo que os desenhos que estavam mais abaixo nas esquinas esquerdas e superiores subindo um lado a fim de que se tocassem. No lugar onde se encontravam, os

delicados bordados ocultos revelaram a forma de uma lágrima caindo na concha de uma lua crescente.

Elise sorriu encantada pela inteligente arte da obra.

- A mulher que fez isto era uma companheira de raça?

-Aparentemente sim. - Irina cuidadosamente o alisou novamente outra vez.

-Devi ser da Idade Média, A você não parece?

Elise não podia responder, inclusive se ela tivesse tentado adivinhar. Nesse instante, uma rajada explosiva de dor

fatiou sua mente. Era ameaça pura, alguma maldade mortal... e isso estava repentinamente muito perto.

Dentro da casa.

- Irina, - ela sussurrou.

- Há alguém aqui.

-O que? O que quer dizer com que alguém.

Ela levantou alto sua mão para silenciar à mulher, brigando através do assalto mental quando sua mente se enchia dos pensamentos violentos do intruso.

-Tratava-se de um subordinado, enviado com uma missão para matar.

- Temos que sair daqui agora mesmo.

- Sair fora daqui? Mas eu não posso.

- Você tem que confiar em mim. Ele

matará a ambas se ele nos encontrar.

Os olhos da Irina saíram de controle por medo. Ela negou com a cabeça.

- Não há maneira de sair daqui. Só a janela.

- Sim. Apresse-se! Abra-a e você saia daqui. Estarei justamente detrás de você.

Elise silenciosamente fechou a porta do quarto, então arrastou a cadeira volumosa de couro diante dela enquanto

Irina se dedicou a abrir a janela da planta baixa. O subordinado guardou silêncio em seu sigilo enquanto ele rondava pelos arredores entrando mais à frente em busca de sua presa, mas a selvageria de seus pensamentos o traiu já que eram fortes como um alarme estridente.

Ele tinha sido enviado por seu professor para matá-la, mas ele tinha a intenção de alargar as coisas e imprimir muita força em seu trabalho. Faça-lhe sangrar. Faz que ela grite. Isso é o que ele desfrutava mais a respeito de seu trabalho.

E ele estava quase enjoado com a idéia de que ele conseguiria exercitar suas perversões em duas mulheres em

lugar de simplesmente uma. OH, Meu deus, Elise pensou, com repulsão surgindo acima da parte traseira de sua garganta.

Ela invocou o poder do sangue do Tegan que se encontrava dentro dela e de sua própria determinação, trabalhando furiosamente por concentrar-se através do frio conhecimento do que a espreitava.

- O ferrolho da janela está oxidada,-  
Irina disse ofegando, lutando em seu pânico.

- Isto não se abrirá!

Esse chiado preocupado chamou a atenção do subordinado como um farol. Os fortes passos golpeavam agora para o final do corredor. Elise agarrou um grosso

livro de uma prateleira e correu ao lado da Irina, investindo a encadernação pesada contra o marco da janela para afrouxar a fechadura oxidada e pegajosa.

- Aí vai, - Elise disse quando o mecanismo finalmente cedeu terreno. Ela deixou cair o livro e apartou a um lado o vidro, depois golpeou para fora a tela e a deixou cair ao chão que estava debaixo.

- Escale para fora, Irina. Vá agora!

Ela sentia que o Subordinado se aproximava do quarto onde elas estavam escondidas. Seus pensamentos eram maliciosos, malévolos, escuros com ameaça. Ela escutou seu rugido gutural um instante antes que ele se lançasse sobre a

porta. Ele arremeteu contra ela outra vez, e novamente outra vez. As dobradiças gritaram com o impacto, o marco rachando-se quando ele arremeteu à coisa outra vez com a força de um aríete.

- Elise!- Irina gritou.

-OH, Meu Deus! O que acontece?

Ela não respondeu. Não houve tempo. Elise se equilibrou pelas cartas, mas quando ela girou sobre um eixo com as cartas para a janela e para a única esperança de escapar, o subordinado empurrou a porta de par em par o suficientemente ampla para que ele entrasse dentro da habitação. Ele



jogou a cadeira que obstaculizava seu caminho e se equilibrou sobre ela, brandindo uma lâmina de caça de aspecto aterrador em sua mão. Ele grunhiu, e a extensão de seus rasgos deu o realce de uma cicatriz cruel que truncava sua frente e ainda por cima de sua bochecha direita. O olho nublado no caminho dessa cicatriz se encontrava brilhando com malícia.

-Não escapem tão logo, senhoras. Vamos ter um pouco de diversão.

Os dedos duros se sujeitaram ao redor do pescoço de Elise antes dela poder evitar o alcance do subordinado. Ele a adotou de um empurrão em cima da superfície do escritório e se recostou

sobre ela. Esbofeteando-a tão duro com a parte traseira de sua grande mão que sua visão vacilou e todo o lado inteiro de seu rosto ressonou de dor. Com um potente impulso de seu braço, ele plantou a ponta da lâmina na madeira ao lado de sua cabeça, colocando-a a menos de uma polegada deliberadamente, escassa.

Seu sorriso aberto estava cheio de humor sádico quando seus dedos fecharam mais apertados em seu pescoço.

- Jogue agradável e talvez possivelmente lhe deixe viver, - ele mentiu.

Elise chutou e se retorceu, mas seu agarre era implacável. Com sua mão

livre, ela tratava de procurar algo que estivesse perto para usá-la como uma arma. A caixa de sapatos estava sobre o escritório, derramando sua coleção estranha de gemas, imagens... e um abrecartas com um cabo de pérolas. Elise tentou não chamar a atenção para seu descobrimento, mas ela estava determinada a alcançá-lo para tomá-lo.

- Deixe-a ir!- Irina gritou.

- Será melhor que você não se mova,  
- grunhiu o subordinado, olhando para cima sobre ela em advertência.

- Assim é, cadela. Você fique ai, ou sua amiga aqui vai comer aço.

Elise fechou seus olhos quando Irina

soluçou na janela, paralisada pelo terror. Mas no momento em que o subordinado se distraiu, os dedos de Elise se fecharam em torno do punho do abre-cartas. Ela sabia que seria uma triste partida em contra da faca que seu atacante tinha, mas era melhor que absolutamente nada.

O segundo em que ela teve um agarre firme sobre o abrecartas, Elise subiu a arma provisória em um arco arrastado. Golpeou ao Subordinado ao lado de seu pescoço.

A espetada profunda lhe enviou a levantar-se sobre seus dois pés acima fora dela com um uivo, tentando agarrar com seus dedos a ferida sangrenta. Elise não se precaveu que ele tinha ido por sua faca

até que ele o conduziu para ela. Ela rodou fora, estreitamente livrando-se de seu irado ataque.

O subordinado tropeçou um pouco, ao pressionar sua mão contra seu pescoço e olhando aturdido quando a parte dianteira de sua camisa se tingiu de cor vermelha com o sangue derramado.

-Maldita cadela!

Ele arremeteu para ela outra vez, lançando seu peso sobre ela e golpeando-a para que caísse no piso. Elise se moveu agitadamente em um esforço para sair debaixo dele, mas ele era um homem grande e ele estava furioso agora. Ela conseguiu dar uma volta sobre

suas costas, o abrecartas ainda agarrado fortemente em sua mão, apanhado entre o braço do subordinado e as costelas.

Ela viu sua faca subir perto de seu rosto.

- Não,- ela ofegou, ficando sem fôlego, doente com o peso dele e o fedor virulento de seu sangue derramado.

- Maldita seja, não!

Com uma punhalada cega, ela cravou no subordinado o abrecartas. O qual entrou em suas costelas, outra ferida profunda que lhe enviou a uivar de dor. Ele se tornou para trás, engasgando-se e respirando com dificuldade, dando a Elise a probabilidade para apartar-se dele.

-OH, Meu Deus, Irina ficou sem fôlego, ficando com o olhar fixo no horror desprezível.

- O que acontece? Quem é esse homem? O que é que quer ele de nós?

- Irina, saia agora!- Elise gritou, agarrando as cartas e se separando de um empurrão à outra mulher para a janela aberta.

Ambas saíram apressadas, aterrissando na erva congelada de abaixo. Elise viu o subordinado quando se sentava dentro no piso, pálido pelo choque do acontecido e sem nenhuma intenção de ir a nenhuma parte rapidamente. Mas ela não se atrevia a

relaxar-se por um segundo.

- Temos que sair daqui, Irina. Você tem um carro?

A mulher não disse nada, seu rosto estava tão pálido como a neve de fora. Elise tomou seus ombros e se encontrou com seu fixo olhar afetado.

- Você tem um carro, Irina? Você pode conduzir?

Uma luz tênue de atenção retornou a seus olhos.

-O que? OH... sim... meu carro esta estacionado por ali. Junto ao beco.

-Então vamos agora. Temos que ir.



## *CAPÍTULO 24*

A comoção no vestíbulo do Darkhaven despertou ao Tegan de uma ligeira cabeçada em sua habitação de convidado. Algo estava mau. Realmente mal. Ele ouviu a voz de Elise, ouviu um elevado agudo em seu tom normalmente tranqüilo e saltou sobre seus pés em um instante, todos seus sentidos se ativaram em alerta máximo.

Nu exceto pelo par de jeans azuis que levava enquanto se dirigia fora do corredor, ele registrou os apagados sons de uma mulher gritando. Não era Elise, graças a Deus, mas ela estava ali abaixo também, falando rápido e claramente preocupada. Tegan chegou às escadas e

olhou para baixo para a entrada aberta do imóvel. O que ele viu lhe endireitou onde permanecia.

Elise, tendo retornado de algum lugar fora, estava coberta de sangue.

Maldita seja.

Ele se balançou sobre seus pés, seu estômago caindo como uma pedra nas imediações de algum lugar perto de seus joelhos. Elise estava empapada de escarlate. A parte dianteira de sua roupa estava manchada de um vermelho intenso, como se alguém tivesse aberto sua jugular.

Exceto não era seu sangue, ele se deu conta enquanto o aroma metálico disso vagou até suas fossas nasais. Era sangue

humano de alguém.

O alívio que sentiu ele nesse momento foi profundo. Até um desesperado tipo de ódio surgiu nele.

Ele pôs seus punhos sobre a grade e cambalearam suas pernas, caindo ao chão do vestíbulo em uma contida maldição. Elise apenas lhe olhou enquanto ele seguia os passos até ela, seu corpo tremendo com a imensidão de sua ira. Mas toda sua atenção estava afligida, a incoerente Irina Odolf, que se tinha derrubado em um banco estofado perto da porta principal.

Reichen veio da cozinha trazendo um copo de água. O estendeu a Elise.

-Obrigado, Andreas. Ela se girou e ofereceu à bebida a soluçante companheira de raça.

- Aqui tem, Irina. Bebe um pouco se puder. Far-te-á sentir melhor.

Tegan não podia ver nada errôneo com a outra mulher além da comoção. Elise, entretanto, parecia que acabava de entrar da fronteira. Uma marca corria ao longo de sua mandíbula e por cima até sua bochecha.

- Que demônios passou? E que caralho estava fazendo fora deste Darkhaven?

- Bebe, Elise convenceu, ignorando ao Tegan.

- Andreas, tem uma habitação tranqüila onde Irina possa descansar um momento?

-Sim, é obvio, - respondeu Reichen.

- Há uma sala de estar aqui no primeiro andar.

-Obrigado. Isso deveria bastar.

Tegan olhou a Elise tomando o controle com uma amável ordem que vinha facilmente a ela. Ele teve que admirar sua fortaleza em meio da óbvia crise, mas maldita seja, ele estava zangado.

-Quer me explicar por que esta aqui

arroxeada e banhada de sangue?

-Fui ver a Irina esta manhã, - Elise respondeu, ainda sem incomodar-se em encontrar seu olhar zangado.

- Um subordinado deve ter me seguido.

- Jesus Cristo.

- Ele irrompeu na casa da Irina e nos atacou. Tomei conta dele.

- Tomou conta dele, - disse Tegan com maus olhos.

-O que ocorreu? Lutou com o filho da puta? Matou-lhe?

- Não sei. Não esperamos a descobrir.

Ela apartou o copo de água longe da Irina, quem não estava bebendo muito de todos os modos, e o pôs no chão.

- Pode te levantar agora? ela perguntou à mulher, sua voz cuidadosa e preocupada.

Quando a companheira de raça assentiu, Elise a agarrou por debaixo do braço e a ajudou a ficar em pé. - Vamos levá-la-ei a outra habitação onde possa descansar, de acordo?

- Me permita, - disse Reichen, sem problemas movendo-se e agarrando o frouxo peso da Irina para ele. Ele a guiou

com cautela fora do vestíbulo para um par de portas duplas abertas frente à solene entrada.

Quando Elise começou a lhe seguir, Tegan lhe alcançou e a agarrou da mão.

- Elise. Espera.

Dada a eleição que tinha, ela se deteve. Então ela soltou um lento suspiro e se girou para enfrentar-se a ele.

- Realmente não necessito sua desaprovação agora, Tegan. Estou cansada, e quero tirar esta roupa. Assim se planeja me jogar um discurso, vai ter que esperar. Ele a puxou para ele e ela caiu silenciosa enquanto seus braços a rodeavam em um feroz abraço.



Ele não podia deixá-la ir. Ele não podia falar. Seu peito estava encolhido de emoção que não queria saber, mas logo que podia negá-lo. Rasgava-lhe, apertando como um parafuso de banco ao redor de seu coração.

Ah, Merda.

Elise podia ter sido assassinada hoje. Ela tinha conseguido sair, claro, mas ela esteve a sério perigo com esse subordinado e cabia a possibilidade de que as coisas terminassem mal.

Ele podia havê-la perdido enquanto ele dormia. Quando ela tinha estado fora de seu alcance, e ele tinha sido incapaz de protegê-la.

O pensamento lhe golpeou forte. Tão inesperadamente profundo. Tudo o que podia fazer ele agora era sustentá-la. Como se nunca quisesse deixá-la ir.

Elise tinha esperado ira do Tegan. Possivelmente arrogante censura masculina. Ela não podia ter estado mais surpreendida ao sentir seus braços sustentando-a forte.

Meu deus estava ele realmente tremendo?

Ela permanecia na cálida e forte jaula de seu abraço, e sentiu que algo de sua tensão começava a romper-se. O medo profundo até os ossos que ela mesma se negou a sentir agora começava a verter-se

em seus membros. Ela se inclinou na bem-vinda fortaleza do Tegan, trazendo suas mãos para cima para descansar contra os fortes músculos de suas costas, sua bochecha ileso permanecia apoiada sobre o doce plano de seu peito.

- Há alguns papéis, ela finalmente conseguiu dizer.

- O irmão do Petrov Odolf escreveu várias cartas. Pensei que poderiam ser importantes. Isso é pelo que fui ver a Irina.

- Não me importa isso, a voz do Tegan era densa, vibrando contra seu ouvido. Seus dedos pressionavam os ombros dela enquanto a afastava dele e a

olhava aos olhos. Esse olhar verde esmeralda era penetrante, tão intensamente séria.

- Jesus Cristo, não me importa nada disso agora.

- Poderia significar algo, Tegan. Há alguns estranhos versos...

Ele agitou sua cabeça, grunhindo agora.

- Pode esperar.

Ele estendeu sua mão e apagou uma mancha em seu rosto. Depois elevou o rosto dela para o dele. E a olhou durante um comprido momento antes de beijá-la.

Foi breve e tenro, cheio de doçura que roubou de Elise a respiração.

- Todo o resto pode esperar agora, disse ele tranqüilamente, uma escura ferocidade em sua voz. - Vêm comigo, Elise. Quero te cuidar agora.

Ele a guiou pela mão, fora do vestíbulo e pela escada principal até a habitação dela no segundo andar. Ela caminhou dentro com ele, deteve-se enquanto ele girou para fechar a porta atrás deles. E baixou o olhar até onde sua bolsa empacotada estava situada no chão.

Quando voltou a olhá-la, havia uma pergunta em seus olhos.

- Tinha estado planejando deixar

Berlin hoje. Ia retornar a Boston.

- Por mim?

Ela agitou sua cabeça.

- Por mim. Porque estou confusa com muitas coisas e estou perdendo a atenção sobre o que passa. A única coisa que deveria ocorrer.

- Sua vingança.

- Minha promessa, sim.

Tegan se aproximou dela, seu largo peito enchendo sua vista, irradiando uma calidez que ela queria tanto sentir contra ela de novo. Ela fechou seus olhos enquanto ele começava cuidadosamente a

desabotoar sua blusa manchada. Ele retirou a pegajosa seda de seu corpo e a deixou cair ao chão.

Possivelmente ela deveria haver-se sentido covarde ou ao menos resistente, lhe permitindo despi-la depois das horríveis coisas que tinham passado entre eles ontem à noite. Mas ela estava doente pelo sangue de sua roupa, e havia uma parte agitada e afligida por ela que dava a bem-vinda aos cuidados do Tegan. Seu roce era protetor, não sexual, todo firme força agora. Capaz e compassivo.

Suas arruinadas calças foram o seguinte em desaparecer, junto com seus sapatos e meias três - quartos. E depois ela permanecia ante ele com somente seu

sutiã e meias.

- O sangue do Subordinado empapou através de sua pele, disse ele, franzindo o cenho enquanto corria sua mão sobre seu opaco ombro e baixava ao longo da linha do braço. No banheiro contíguo a ducha estava ligada.

- Lavarei essas manchas.

Ela caminhou com ele para o espaçoso banho da suíte, sem dizer nada enquanto tirava com cuidado a última de suas roupas.

- Vamos. Disse ele, guiando-a ao redor da parede dos frisados cristais que separavam a grande zona de ducha do resto da habitação.



Quente vapor rodou ao redor deles enquanto se aproximaram da alcachofra da ducha.

- Vais molhar-se inteiro. - disse Elise quando Tegan se dirigia diante dela sem tirar seu jeans.

Ele meramente se encolheu de ombros. A água jorrou sobre ele, em seu leonado cabelo e desceu por seus grossos e agrupados músculos de seus ombros e braços. Arroios caindo em cascata corriam pelas belas linhas de seus dermaglifos, e sobre o obscuro desenho que cobria suas largas e poderosas pernas.

Olhou-lhe e sentiu como se estivesse

lhe vendo com olhos frescos... vendo-lhe pela primeira vez. Não se equivocava que ele era um homem letal e solitário, treinado para matar e quase perfeito em sua apatia. Mas havia uma surpreendente vulnerabilidade nele enquanto permanecia em frente dela agora, empapando-se, sua mão estendida sobre ela com bondade.

E se o guerreiro nele dava pausa antes, sua nova visão dele era inclusive mais desconcertante. A fazia querer correr a seus braços e permanecer ali, para sempre se ela pudesse.

- Dá um passo sob a água comigo, Elise. Eu farei o resto.

Ela sentiu seu pé mover-se junto a

seus dedos devendo descansar no quente centro da palma do Tegan. Ele a trouxe para a suave chuva da ducha. Apartou seu cabelo de seu rosto enquanto ambos se empapavam juntos.

Elise se fundiu na quente água e inclusive o maior calor do corpo do Tegan roçando contra ela. Deixou-lhe ensaboar sua pele e lavar seu cabelo, contente por seu cômodo roce depois de quão feio tinha sido seu dia.

- Sente-se bem?- perguntou enquanto a enxaguava, a baixa vibração de sua voz viajando através de seus dedos e para a pele e os ossos dela.

- É maravilhoso.

Muito, pensou ela. Quando estava com Tegan, especialmente assim, a fazia esquecer sua dor. Ele fazia tudo muito fácil para aceitar o vazio que tinha existido durante tanto tempo em seu coração. Sua ternura podia fazê-la sentir tão cheia, apartando-a da escuridão. Agora mesmo, enquanto a acariciava e a sustentava com tanta segurança entre seus braços, a fazia sentir querida.

Ele fazia muito tentador imaginar um futuro onde ela pudesse ser feliz de novo. Completamente de novo, com ele.

- Estou falhando em minha promessa a meu filho, - disse ela, forçando-se a afastar-se da comodidade do roce do Tegan.

- Tudo o que deveria me preocupar é me assegurar que a morte do Camden não foi em vão.

Algo cintilou em seus olhos, só para ser fechados um instante mais tarde pela queda de suas úmidas e inominadas pálpebras. Ele estirou um braço atrás dela e desligou a água.

- Não pode passar sua vida vivendo pelos mortos, Elise.

Estendendo o braço sobre ela, agarrou uma toalha dobrada das empilhadas na alta estante edificada no mármore da ducha. Quando passou a toalha a ela.

Elise encontrou seu olhar. O cativante

reflexo ali a devolveu de volta. Havia desolação olhando-a. A dor de uma velha ferida, ainda sem cicatrizar. Ela nunca o tinha percebido antes... porque ele nunca a tinha permitido vê-lo.

- Culpa a você mesma do que ocorreu a sua companheira, não é certo?

Ele a olhou durante um comprido e tranqüilo minuto, e ela estava segura de que daria uma distante negativa. Mas então exalou uma silenciosa maldição, moveu seus dedos pelo úmido cabelo de seu couro cabeludo.

- Não podia salvá-la. Ela dependia de mim para mantê-la a salvo, mas falhei. O coração de Elise se trancou com

um batimento do coração em seu peito.

- Deve havê-la querido muito.

- Sorcha era uma garota doce, a pessoa mais inocente que conheci. Ela não merecia a morte que teve.

Elise se envolveu com a toalha enquanto Tegan se sentava no banco de mármore que ocupava o comprimento da ducha. Suas coxas estavam estendidas, seus cotovelos descansando sobre seus joelhos.

- O que ocorreu, Tegan?

- Depois de seu seqüestro, umas duas semanas mais tarde, seus captores a enviaram de volta. Ela tinha sido violada,

torturada. Como se não tivesse sido suficientemente cruel, quem quer que a retivera também a alimentou. Ela voltou para mim como um subordinado daquele que a brutalizou.

- OH, Deus. Tegan.

- Enviá-la de volta foi pior que matá-la, mas suponho que deixaram essa tarefa para mim. Não pude fazê-lo. Em meu coração, sabia que ela se foi, mas não podia acabar com sua vida.

- É obvio que não, - assegurou ela amavelmente, seu coração quebrado por ele.

Elise fechou os olhos sobre uma oração brandamente sussurrada enquanto



ela se acalmava no banco junto a ele. Ela não se preocupou se por acaso ele rechaçava sua compaixão; ela precisava estar perto dele. Ele tinha que saber que não estava sozinho.

Quando ela pôs sua mão sobre seu ombro, ele não se estremeceu. Ele girou sua cabeça a um lado, encontrando seu compassivo olhar.

- Tentei fazê-lo melhor. Pensei que se tirava suficiente sangue dela e dava do meu- se podia alimentá-la de minhas veias e expulsar o veneno dela- possivelmente por algum milagre ela reviveria. Assim que a alimentei. Seguiu um alvoroço de sangue que durou semanas. Não tinha controle. Estava tão consumido pela culpa

e a necessidade de fazer que Sorcha ficasse melhor que não me dava conta quão rápido estava me deslizando para a luxúria de sangue.

- Mas não o fez, não? Quero dizer, não devia fazê-lo, está sentado aqui agora.

Ele riu bruscamente, um vasto e amargo som.

-OH, deslizei-me direito. Caí como todos os viciados fazem. A luxúria de sangue me teria convertido em Renegado se não tivesse sido por Lucan. Ele deu um passo, e me pôs em uma cela de pedra para esperar que a enfermidade desaparecesse. Durante vários meses, estava quase esfomeado, me alimentando

só das menores quantidades necessárias para me manter respirando. A maioria desses dias rezava por morrer.

- Mas sobreviveu.

- Sim.

- E Sorcha?

Ele agitou sua cabeça. Lucan fez por ela o que eu não fui suficientemente homem para fazer. A liberou de seu sofrimento.

O coração de Elise se cambaleou ao compreender.

- A matou?

- Foi um ato de misericórdia, - respondeu Tegan.

- Inclusive embora lhe odiasse por isso durante os seguintes quinhentos anos. Ao final, Lucan mostrou mais compaixão da que eu fui capaz. Eu a teria mantido viva só para me economizar sofrer a culpa de sua morte.

Elise pôs sua palma sobre as fortes costas do Tegan, comovida por sua confissão e pelo amor que lhe tinha sido arrebatado faz tanto tempo. Ela tinha acreditado que ele era frio e sem sentimentos, mas era sozinho porque ocultava suas emoções bem. Suas feridas eram mais profundas do que o que ela nunca podia ter suposto.

- Lamento tudo o que passaste Tegan. Agora o entendo. Entendo... tanto agora.

- Sim?

O lóbrego e estreito olhar que encontrou seus olhos era penetrante em sua intensidade.

- Quando te vi abaixo, coberta de sangue. A interrompeu abruptamente, incapaz de formar as palavras.

- Ah, merda... alguma vez quis sentir esse tipo de medo e dor de novo, entendendo? Não quis conseguir essa aproximação a alguém de novo.

Elise lhe olhou em silêncio, ouvindo suas palavras, ainda insegura de que ele

pudesse as estar dizendo. Ele realmente queria dizer que se preocupava com ela?

Seus dedos eram uma ligeira pluma contra o insípido batimento do coração de sua arroxeadada bochecha.

- Importa-me, - disse ele, uma rápida resposta, em resposta à pergunta que tinha lido com seu roce. A trouxe sob proteção de seu braço, somente sustentando-a, seu polegar golpeando ociosamente seu braço.

- Contigo, acredito que seria muito fácil preocupar-se muito, Elise. Não acredito que seja um risco que possa permitir tomar.

- Não pode ou não o fará?

- Não há diferença. Só semântica.

Elise inclinou sua cabeça contra seu ombro. Ela não queria ouvir isto agora. Não queria deixar ir. - Assim, onde nos deixa isso agora? Aonde vamos daqui, Tegan?

Ele não disse nada de uma maneira ou outra, somente a sustentou perto e lhe deu um tenro beijo em sua frente.

## ***CAPÍTULO 25***

O resto do dia transcorreu como um borrão, entre a busca de táticas e recopilação de informação. Ao entardecer, Reichen tinha enviado um par de seus colaboradores à Residência da

Irina Odolf. No relatório que tinham dado, assinalavam que o Subordinado se foi evidentemente por seus próprios meios, embora certamente Elise tivesse atrasado ao bastardo, o que era notório pela quantidade de sangue que se encontrou no lugar. Armado com a descrição dele, Reichen já se encontrava na cidade em busca de possíveis pistas.

Tegan esperava como o inferno que encontrassem ao filho da puta do Subordinado porque estava esperando para terminar o que tinha começado Elise. Quanto a ela, a Tegan teria encantado ter a Elise entre seus braços, ou melhor, ainda, nua em sua cama, sabia perfeitamente que era só um caminho que o introduzia em um território bastante complicado. Em vez



disso, ele tinha derrubado sua atenção no jornal que tinha interceptado do Marek, e ao montão de cartas que Elise tinha recuperado dos pertences do Petrov Odolf.

Em ambos os casos figuram as mesmas frases peculiares:

O castelo e o cercado se reunirão sob a lua crescente À Leste da fronteira desvie seus olhos Na cruz se encontra a verdade.

Era uma adivinhação de algum tipo, mas o que significava –se é que significava algo absolutamente- ainda não podiam decifrá-lo. Parecia que Petrov Odolf, tampouco o entendia, conforme

havia dito sua companheira de raça, as palavras eram somente garranchos compulsivos no momento em que se converteu em um renegado. Igual ao seu irmão, antes que ele. E da mesma forma que ocorreu com o que uma vez fora o dono do jornal, com os símbolos dos dermaglifos do Dragos escrito em suas páginas.

Tegan passeava pela cela de contenção do Petrov Odolf, observando com muito pouca paciência ao renegado. Ele e Elise tinham estado na instalação à última hora, conseguindo chegar exatamente a nenhuma parte em sua ronda de interrogatórios com o Odolf. Sua medicação estava reduzida, por isso ao menos o Renegado estava consciente,

mas muito longe de ser lúcido. Amarrado de pé com uma malha de aço vertical que enjaulava seu corpo, seus musculosos braços postos obrigadamente a seus lados, os pés encadeados juntos, Petrov Odolf parecia a cada pouco a perigosa besta que era. Sua grande cabeça caía sobre seu peito, seus olhos de cor âmbar brilhantes enquanto se deslocavam de um lado ao outro através da cela, sem emprestar atenção alguma. Ele ria e grunhia enquanto suas presas se alargavam para depois iniciar outra ronda de luta contra as restrições que lhe impediam de escapar.

- Nos diga o que significa. Disse Tegan. Falando sobre o ruído do metal que fazia o imbecil.

- Por que você e seu irmão escreveram essas frases? Odolf não respondia somente se debatia lutando contra as cadeias que o atavam.

- O castelo e o cercado se reunirão sob a lua crescente. Tegan recitou.

- “A leste da fronteira desvie seus olhos”, é uma localização? O que é que significa, Odolf? O que significava para seu irmão? O nome do Dragos te diz algo?

O renegado se moveu pela tensão e até seu rosto parecia que ia explodir. Ele moveu

sua cabeça para trás e para frente verdadeiramente furioso. Tegan lançou um suspiro

frustrado e se deu a volta para fazer frente à Elise.

- Isto é uma maldita perda de tempo.
- Não nos vai ser útil.
- Me deixe tentá-lo. Disse Elise.

Quando se moveu para frente, Tegan não perdeu de vista o fato de que Odolf a seguisse com um olhar selvagem através da habitação. Ao renegado lhe picava o nariz, e se queimava com o vício de seu corpo por obter esse sangue de aroma tão delicioso.

- Não te aproxime dele, advertiu-lhe Tegan, lamentando o fato de haver

prometido a Elise que não utilizaria as armas com o renegado, salvo como último recurso. Sua primeira linha de ataque era uma seringa de emergência com sedativos que lhe deu o Diretor Kuhn.

- Com isso é suficiente, Elise. Ela ficou a vários centímetros de distância do Renegado e quando falou sua voz foi suave, com paciência e compaixão.

- Olá, Petrov. Meu nome é Elise.

Os olhos do Odolf se voltaram cor âmbar e pareciam umas linhas elípticas. Estava ofegante pelo esforço, sua luta era aliviada por sua visão de Elise.

- Conheci a Irina. Ela é muito bonita. E te ama muito. Disse-me o muito que

significa para ela. Petrov Odolf seguiu em sua apertada jaula. Elise deu um passo adiante. Tegan grunhiu uma advertência, e embora Elise se detivesse não se mostrou de acordo com a preocupação.

- Irina está preocupada com você.

- Não é digno de confiança. Murmurou Odolf de maneira quase imperceptível.

- Que coisa não é de confiança?- perguntou Elise brandamente.

- Irina não é de confiança?

- Ninguém é de confiança. - O renegado sacudiu a cabeça para frente e para trás como se encontrasse em meio de uma crise. Quando passou, Odolf abriu a

boca e descobriu suas enormes presas e tomou uma profunda baforada de ar.

- Na cruz se encontra a verdade, ele murmurou em uma exalação.

- Desvie seus olhos... Desvie seus olhos.

- O que significa Petrov? Elise leu novamente toda a passagem para ele.

- Você nos pode explicar isso. Onde escutou isto?

- Leu-o em alguma parte?

- O Castelo e o cercado se reunirão, repetiu.



À Leste da fronteira, desvie seus olhos...

Elise avançou outro passo.

- Estamos tratando de compreender, Petrov. Conte-nos o que sabe. Poderia ser muito importante. Ele grunhiu, movendo a cabeça sobre seus ombros, estirando os tendões apertados de seu pescoço. -O Castelo e o cercado se reunirão sob a lua crescente... À Leste da fronteira desvie seus olhos... Na cruz se encontra a verdade.

- Petrov, por favor, - disse Elise. Necessitamos que nos ajude. Por que não é prudente?

Por que crê que ninguém está a

salvo?

Entretanto, o renegado estava fora de si, tinha a cabeça arremessado para trás, os olhos fechados enquanto pronunciava frases incoerentes uma e outra vez, respostas rápidas, em um sopro de loucura.

Elise olhou para o Tegan.

- Talvez tenha razão. Talvez isto seja uma perda de tempo. Estava a ponto de aceitar que Odolf era um caso perdido, quando de repente começou a rir dissimuladamente. Sua boca se abriu, baixou sua cabeça e começou a sussurrar em voz tão baixa que Tegan logo que podia escutá-lo. Tomou partes e peças da

adivinhação e, continuando, Odolf piscou e foi como se sua mente estivesse lúcida. De uma forma completamente racional, sua voz coerente quando disse: - Isso é o lugar aonde se esconde. O sangue do Tegan se gelou.

-O que disse? O que é que esconde aí Marek?

- Oculto longe. Disse Odolf e recaiu em sua loucura.

- Ocultar, ocultar... Na cruz se encontra a verdade.

Uma vez mais, Tegan examinou o glifo que tinham encontrado na revista. Uns glifos que pertenciam a uma linha da raça durante muito tempo extinta. Mas, de

novo, talvez Marek não fosse o único que reaparecia depois de que lhe tinha acreditado morto.

- É sobre o Dragos?

- Está vivo?

Odolf sacudiu a cabeça, seus olhos fechados serenamente. Lançou a coroa a adivinhação, somente um murmúrio exasperante, sua voz monótona.

- Maldita seja!- gritou Tegan, aproximou-se de um lado do renegado.

- Está Dragos escondido em algum lugar? Está aliado com o Marek, de algum jeito? Estão tramando algo juntos? Odolf simplesmente seguiu cantando, não

se deteve. Nem sequer quando Tegan moveu a jaula em que Odolf se encontrava, mostrou algum indício de estar consciente. O Renegado tinha a mente em branco.

- Merda! Tegan moveu uma de suas mãos através de seu cabelo. Seu telefone celular estava vibrando com uma chamada, no bolso de seu casaco. Abriu o telefone e gritou ao receptor: - Sim?

- Algum progresso? Disse Reichen.

- Não muito.

Detrás dele na jaula, Petrov Odolf fazia ruído, grunhindo e amaldiçoando. Nenhum dos dois quis persistir por mais tempo. Tegan fez um gesto a Elise para

que saísse com ele fora da cela do renegado para a sala de observação.

- Logo estamos saindo. Disse ao Reichen.

- Conseguiu algo com o subordinado?

- Sim, temos algo.

Estou na Afrodita com Helene. Viu a esse homem antes por aqui uma ou duas vezes. Havia alguns problemas com ele, de fato. Reichen esclareceu sua garganta e vacilou.

- Ele, ah, aparentemente trabalha para um Clube de Sangue aqui na cidade, Tegan.

- Provavelmente seja quem fornece as mulheres.

- Jesus!- Tegan olhou a Elise, seu corpo se oprimia com o pensamento de que ela pudesse ser tratada em algum lugar como escória. Embora os Clubes de Sangue entre a Raça eram ilegais, era também o lugar de entretenimento preferido de uma determinada classe de vampiros. Atendendo aos ricos e aborrecidos e aos que tendiam a ter apetites de tratamentos sádicos.

- Alguma idéia de onde está esse lugar?

- É obvio, para evitar a atenção, poucas vezes os clubes se reúne no

mesmo lugar.

Helene já realizou algumas investigações para você. E provavelmente tenha um pouco de informação dentro de uma hora.

- Vou em caminho.

- O que é que acontece? Perguntou Elise enquanto Tegan fechava seu celular e o devolvia ao bolso de seu casaco.

- Tenho que me reunir com um dos contatos do Reichen na cidade. Ela tem alguma informação sobre o subordinado que lhe atacou.

Elise arqueou uma sobrancelha e perguntou.



- Ela?

- Helene, respondeu Tegan.

-Ela é uma amiga humana do Reichen.

Viu-a noite passada, quando ele saía de seu clube, Afrodita.

Elise disse com o olhar que recordava muito bem à mulher meio nua que caminhava com o Reichen à beira da banquetta.

- Muito bem, então, disse com uma piscada rápida.

- Vamos conversar com ela.

Tegan a tirou do braço enquanto que ela começava a sair para o corredor.

- Não vou levá-la ao Clube de Helene, Elise. Eu posso retorná-la ao Darkhaven.

- Por quê? Elise se encolheu de ombros com indiferença. Não tenho medo de ir a uma discoteca.

As cruas imagens do que tinha visto Tegan no Afrodita à noite anterior voltou para sua mente com vívido detalhe.

- Não, é dessa classe de clube. Você poderia não se sentir cômoda ali. Confie em mim.

Seus olhos se ampliaram quando compreendeu a que se referia Tegan.

- Está-me dizendo que se trata de um

bordel? Ele não respondeu imediatamente, embora ela não o necessitasse para fazer uma idéia. Compreender isso lhe fez sentir-se triste.

- Esteve ali?

Tegan levantou ligeiramente seu ombro, perguntando-se por que diabos se sentiu mal por admiti-lo. - Reichen me levou ali para encontrar a Helene ontem à noite.

- Ontem à noite, repetiu enquanto seus olhos violetas ficavam fixos nele.

- Ontem de noite, saiu a um prostíbulo depois de que... OH! Bem. Já vejo.

- Não é o que você pensa Elise. Tegan teve o impulso repentino de lhe assegurar que nada tinha ocorrido enquanto ele esteve na Afrodita, mas Elise não parecia interessada em escutar suas desculpas. Com um rápido movimento, ela colocou sua capa e começou a abotoá-la.

- Acredito que estou pronta para ir, Tegan.

Ele ajustou seu passo para andar ao lado dela pelo corredor.

- Eu não devo demorar com o Reichen. Uma vez que termine, vou voltar para o Darkhaven e podemos tratar de decifrar o pouco que temos descoberto esta noite com o Odolf.

Elise levantou o olhar para ele.

- Podemos falar de caminho a Afrodita, disse. Vou com você.

Tegan a olhou fixamente e lançou um sorriso derrotado.

- Como queira então. Mas não diga que não lhe avisei.

Apesar de viver uma existência protegida no Darkhaven, Elise nunca considerou a si mesmo como uma puritana. Mas ao caminhar pela entrada traseira privada da Afrodita lhe deu uma imediata classe de erotismo.

Foram conduzidos ao interior por um homem enorme, muito musculoso, ele

usava um dispositivo de comunicação sem fio em seu ouvido, com um pequeno microfone que se estendia perto da barba que rodeava sua boca. Ele falava no microfone, presumivelmente informando a seu chefe que seus convidados tinham chegado, enquanto acompanhava Tegan e Elise através da planta principal do clube, que parecia um carnaval pelas grinaldas de cores que havia os acessórios de cobre gentil e o suntuoso mobiliário.

O salão e a zona do bar era um banquete visual. Formosas mulheres desnudas reclinadas nos sofás com estampado animal, algumas delas entretendo a um ou dois clientes com beijos e carícias à vista de todos. Havia

grupos beijando-se e acariciando-se, assim como homens vestidos com trajes de seda ou na sauna com olhadas absortas e quentes. Em um reservado perto da barra, um homem estava sendo atendido por quatro mulheres de uma vez. Elise logo que pôde compreender algo do enredo erótico de pernas e braços bronzeados. Inclusive com o suave ritmo da música que se filtrava dos alto-falantes, pôde escutar o som dos tambores de pele, os gemidos de prazer e os gritos roucos de liberação procedentes de virtualmente todos os rincões do salão. Rodeada de tanta gente,

Elise notava o zumbido degradado que lhe provocava seu talento mental, que tinha iniciado justo no momento em que

entrou no clube. Por fortuna, as maiorias dos golpes mentais que teve desde que entraram eram de natureza luxuriosa, alguns de maneira gráfica, mas nada o suficientemente preocupante para que lhe causassem dor. Recordava o treinamento que Tegan lhe tinha dado e procurou uma das vozes que lhe resultasse menos ofensiva para que enchesse sua cabeça. Sustentou-o, utilizando a outros como amortecedores enquanto caminhava pelo lugar. Quando jogou uma olhada ao Tegan, descobriu que ele a estava olhando, se notou qualquer dos encontros públicos que tinham lugar aí, não deu sinais de moléstia. Não, mas bem, ele parecia interessado em medir sua reação. Seu olhar era duro, penetrante. Sua mandíbula estava o suficientemente



firme, como para que se rompessem os dentes. A intensidade de seu olhar fez que seu interior se esquentasse.

Elise piscou e desviou o olhar, mas jogar uma olhada longe do Tegan, só significava estar mais a par do que acontecia no clube. Crua informação, transbordante de sexualidade, que somente lhe fez sentir-se mais consciente do Tegan e o conhecimento nítido do bem que se sentiam seus corpos juntos. Ela não pôde sentir-se mais aliviada, quando sua escolta os conduziu para o elevador que os levou ao quarto onde os esperavam. Dirigiu-os ao quarto piso. O elevador se abriu para uma suíte equipada como dormitório e escritório. Reichen ficou de pé para saudá-los, levantando-se da

cama luxuriosa aonde se encontrava acomodado com uma postura desajeitada. Seu traje branco, sua camisa desabotoada e seu pescoço ao descoberto, mostrando seu peito atlético, e sua fina calça cinza. Os dermaglifos do vampiro se formavam redemoinhos em seus peitorais, pondo à vista a beleza masculina. Parecia acostumado a ser admirado e só sorriu quando Elise e Tegan entraram na sala.

- Não sabia que acompanharia ao Tegan até aqui, disse tomando cavalheirescamente a mão de Elise.

- Espero que não esteja incomodando.

- Não, absolutamente, disse esperando que seu desconcerto não se notasse.

Reichen deixou à vista à alta morena que Elise tinha visto com ele a outra noite. A mulher levava um simples, mas sofisticado pulôver marfim e calças a jogo que pareciam mais pertencer a um escritório mais que a um bordel. Esta noite, seu comprido cabelo negro estava acomodado em um coque solto, detido por um par de brilhantes palitos de tartaruga marinha. Ela era a imagem da profissional, um curioso contraste com os monitores de tela plana que mostravam os canais de vídeo direto do clube, aí em seu escritório. Embora as telas mostrassem as imagens das pessoas na

planta principal do clube enquanto se retorciam e corcoveavam a mulher só sorriu gratamente ao Reichen e se adiantou para saudar Elise.

- Ela é Helene. - disse Reichen, ela é a proprietária do clube, e também é uma amiga de confiança.

-Olá. Disse Elise enquanto oferecia sua mão

- É um prazer te conhecer.

- O prazer é meu. Respondeu brandamente. Elise tomou a mão da mulher com a confiança gotejando nos brilhantes olhos escuros da Helen. Muito segura de si mesmo, dirigiu seu olhar para o Tegan e educadamente fingiu

desconhecimento, um gesto feito em deferência a Elise.

-Olá e bem-vindos a Afrodita, ambos.

- É bom ver-te de novo, Helene, disse Tegan, seu tom cortante para acalmar toda simulação.

- Reichen me há dito que você tem alguma informação.

- Assim é. A mulher retomou o tom do Tegan, claramente de negócios e chegou até ao computador portátil e se sentou no escritório. Ela abriu e escreveu algo no teclado. Detrás dela, uma das telas de vídeo montados na parede, voltou-se negra e imediatamente depois congelou uma imagem da câmara

de vigilância, emoldurando a um homem sentado na barra de abaixo do clube. A cicatriz no rosto do subordinado o identificou imediatamente.

- É ele, disse Elise. Ela podia sentir ainda suas mãos sobre seu corpo, podia escutar seus grotescos pensamentos, zumbindo em seus ouvidos.

- Ele veio aqui só um par de vezes. Foi uma moléstia muito desagradável para as garotas. Eu lhe proibi a entrada faz um par de meses, não foi até mais tarde que escutei rumores de sua participação nos Clubes de Sangue. Helene olhou a Elise.

- Teve muita sorte hoje, alegre-me que lhe tenha feito sofrer. Elise não sentiu

orgulho do que tinha feito. Mas mais que isso, ela se estremeceu por dentro, pela simples menção dos Clubes de Sangue. Foram desconhecidos em Boston por décadas, devido principalmente à criação do Organismo de Repressão de Operações Ilegais. Quentin especialmente o tinha tratado como pouco mais que um esporte organizado, onde os humanos eram os brinquedos cativos de membros retorcidos da Raça. Apesar disso, Irina e ela tinham estado ao alcance da mão de um dos fornecedores deste tipo de atividade que lhe provocava um calafrio até a medula. Tegan mostrou com o olhar que não lhe agradava a idéia mais do que gostava a ela.

- Conhece alguém que me leve a

algum clube da zona?

-Algum tipo de sócio que possa saber seu nome ou onde encontrá-lo? Helene assentiu e escreveu outra coisa em seu computador portátil.

-Travei amizade muito estreita com uns quantos amigos na polícia. Não é surpreendente que este subordinado não seja um estranho para a lei. A impressora a laser começou a funcionar e Helene tomou uma folha de papel que saiu da máquina.

- Tive a oportunidade de conseguir seu registro de detenção mais recente e sua última direção conhecida.

- Formosa e eficiente. - disse Reichen



com aprovação enquanto Helene passava o relatório ao Tegan. Elise viu como Tegan gravava cada extrato da informação, seus olhos se reduziram enquanto processava os dados. Ele olhou comprido momento ao Reichen.

-Pode levar a Elise ao Darkhaven?

- É obvio. Será um prazer.

- O que vais fazer Tegan?- Ainda quando fez a pergunta sabia bem a resposta. Ia matar ao subordinado que a tinha atacado. Podia ver a rosto do guerreiro em primeiro lugar, seu olhar fixo em seu objetivo, centrado, mortal.

- Tegan, só tome cuidado. -Seus olhares se encontraram durante um

momento, logo olhou de novo ao Reichen.

- Tire- a daqui. Vou retornar de novo ao Darkhaven assim que esteja terminado.

Elise queria abraçá-lo, mas Tegan já estava no elevador, um guerreiro solitário com um só propósito em mente. Isto era ele. O que ele seria sempre. Ela fechou os olhos enquanto as portas do elevador se fechavam detrás dele. Seguiu-o com seus sentidos enquanto descidia, seu vínculo de sangue, que estava vivo e quente em suas veias; era a única parte dele que verdadeiramente lhe pertencia, não estava realmente segura de que em algum momento pudesse ter mais.

## *CAPÍTULO 26*

Tegan se agachou sob uma chaminé, seus olhos passaram sobre uma janela bem iluminada e sem cortinas no edifício junto a ele. O Subordinado tinha estado falando no seu telefone móvel durante os últimos quinze minutos. A julgar pela velocidade de seus lábios movendo-se e o olhar de preocupação em seu rosto distorcido, parecia que ele estava tentando convencer a alguém de alguma merda séria. Sem dúvida seu Professor estava ao outro lado da linha, recebendo más notícias de que suas ordens não tinham sido levadas a cabo tal e como se planejaram.

A boca do Tegan se arqueou enquanto olhava ao Subordinado retorcer-se e perambular por seu imundo apartamento. O pescoço do humano estava amarrado com uma grossa toalha, uma mancha de sangue apareceu através da vendagem branca onde Elise tinha cortado ao bastardo. Seu peito nu estava forjado inspirando e exaltando marcando suas costelas enquanto falava, Tegan supunha que estava provavelmente com um pulmão perfurado também.

Junto a ele, uma mesa de café abarrotada com revistas pornô e garrafinhas de cerveja vazias, havia uma camiseta empapada de sangue e caixas abertas de provisões médicas.

Mais gazes de algodão, fita cirúrgica branca, inclusive um cilindro de sutura e uma torcida agulha de costurar. Evidentemente ele tinha estado ocupado com um kit de primeiros auxílios que tinha tirado da casa da Irina Odolf aquele dia.

Esforço esbanjado pensou Tegan com séria satisfação enquanto o Subordinado abruptamente terminava sua chamada e jogava o móvel sobre a mesa.

Ele desapareceu em outra habitação, depois saiu um segundo mais tarde, com cautela encolhendo-se em uma camiseta de flanela. Ele abotoou, deslizou o telefone ao bolso de seu jeans, depois agarrou seu casaco e se dirigiu à porta.

Tegan estava já na calçada no momento em que o Subordinado saía de seu edifício. Ele avançou no caminho do humano e empurrou ao menino de volta com uma afiada ordem mental.

- Que demônios! - O olhar molesto do Subordinado rapidamente se converteu em um de alarme quando Tegan lhe mostrou suas presas.

- OH, merda!

Ele se girou para correr de volta ao edifício, mas Tegan lhe bloqueou mais rápido que os olhos do humano puderam seguir. Estendeu a mão e agarrou ao subordinado pela garganta, fechando seus dedos ao redor do grosso pescoço.

-Aagh!- gritou o subordinado, lutando e resfolegando contra o repentino estrangulamento.

-Sim, isso provavelmente dói. Disse Tegan friamente. Apertou mais forte, aumentando a pressão só para permitir o menor golpe de ar passasse pelos pulmões do subordinado.

- Teve um pequeno problema na cidade hoje, não?

- Vamos....

O tato do Tegan lhe disse o resumo do subordinado do que ocorreu no lar da Irina Odolf. Leu à ira do subordinado, sua surpresa na resposta de Elise, seu angustiante intento de fazê-la sofrer por

isso profundamente, ela não tinha conseguido afastar-se dele.

- Quem te enviou detrás dela?- Tegan perguntou seguro de si mesmo, mas precisando escutá-lo.

- Quem é seu professor, maldito doente?

- Vá a merda vampiro. - exclamou o Subordinado, mas por dentro estava morto de pânico e com muita dor. Sua mente entregou o nome ao contato do Tegan, inclusive embora sua língua se negasse a falar.

Marek.

Veio como uma pequena surpresa



para o Tegan que o irmão de Lucan fora dono deste.

Ele não duvidaria que o poderoso vampiro tivesse uma conexão a comprido alcance de escravos de mentes humanas ao seu dispor. Deus sabia que o tinha tido muitos largos anos secretamente tendo confiança no escuro plano fora qual fora que o enganoso filho da puta estava trabalhando.

Mas não era ira para o Marek o que rodeava o punho do Tegan sobre a prejudicada garganta do Subordinado, tanto como o queria dizer-se a si mesmo que só estava paralisando uma perna mais do exército de seu inimigo. O que enchia a mente do Tegan enquanto asfixiava a vida

das desculpas de um homem era o frio conhecimento de que o humano tinha posto suas mãos sobre a Elise.

Pelo fato de que o subordinado tivesse desfrutado e rido, Tegan tentou tomar seu doce momento terminando com o bastardo.

- Não estava o cordeiro a seu gosto?

Elise voltou abruptamente sua atenção e encontrou com o olhar do Reichen ao outro lado da íntima mesa do restaurante.

- Não, é delicioso. Tudo foi incrível, Andreas. Não tinha que fazer isto.

Ele fez um gesto casualmente

desdenhoso com a mão, mas seu sorriso estava cheio de orgulho. -Que tipo de anfitrião seria se te deixasse ir todo o dia sem uma comida apropriada? Parecia adequado te trazer no melhor lugar da cidade.

Estavam sentados juntos na planta alta de um restaurante em um dos hotéis mais exclusivos de Berlim. Depois de saber que Elise não tinha comido durante várias horas, Reichen tinha insistido que eles se desviassem ali depois de que tivessem abandonado o clube da Helene.

Ele não estava comendo nada, é obvio. Os vampiros da Raça só podiam consumir comida preparada em quantidades mínimas - uma prática

reservada para momentos estranhos quando um vampiro o encontrava necessário para pretender ser humano.

Elise logo que tinha comido, a pesar do fato de que a comida e o vinho em frente dela não eram nada falta de surpresa. Tão faminta como estava, tinha pouco apetite. Ela logo que podia pensar em comer quando Tegan estava fora em alguma parte, lutando as batalhas dela.

Fora da janela a sua esquerda, a vida noturna da cidade titilava de vida abaixo. Ela olhou fora, deixando seu olhar perambular sobre o matagal de pedestres, tráfico apurado e a iluminada beleza da Porta do Brandenburgo.

Nenhum dos humanos ali fora tinha a mínima idéia sobre a guerra que estava elevando dentro da Raça. Poucos no Darkhaven sabiam algo. Estes que estavam em posição de saber que os conflitos de Renegados se escolhiam para apartar a vista, políticas de confiança e protocolo para manter as coisas no lugar apropriado. Todos continuavam com suas vidas, inconscientes, comodamente ignorantes, enquanto Tegan e os outros membros da Ordem sujavam suas mãos e arriscavam suas vidas para manter a frágil paz dentro da Raça e seu vínculo dependente à humanidade.

Ela tinha sido um desses muitos protegidos. Quando ela olhava ao outro lado da mesa ao bonito e sofisticado

Reichen, ela recordava quão fácil sua vida tinha sido antes. Ela tinha vivido no regaço acolchoado de riqueza e privilégio enquanto como companheira do

Quentin Chase. Uma parte dela se dava conta de quão fácil poderia ser retornar a esse tipo de existência, a pretender não ter visto nunca as terríveis coisas das que tinha sido testemunha fora estes Darkhaven passados meses, ou feito as terríveis coisas que ela mesma se convenceu que tinha que fazer em vingança pela morte do Camden.

Uma parte covarde dela se perguntava se não poderia ser muito tarde para retornar a sua antiga vida e esquecer que tinha conhecido ao guerreiro chamado

Tegan.

A resposta veio com a aceleração de seu pulso, uma emoção que ardeu com só pensamento dele.

Seu sangue nunca lhe esqueceria, não importava o longe que ela corresse. E tampouco seu coração.

- Preferiria provar outro prato? perguntou Reichen, inclinando-se sobre a mesa para tocar sua mão.

- Posso chamar o garçom se você...

- Não. Não, não há necessidade, lhe assegurou, sentindo-se grosseira e ingrata de sua amabilidade. Tegan provavelmente não necessitava sua preocupação. Ele

certamente não a queria. Ela não podia desconectar seus sentimentos por ele, mas isso não significava que ela tivesse que deixar que a consumissem.

- Obrigado por me trazer aqui, Andreas. Não posso recordar a última vez que tive comida e vinho tão maravilhoso. Quentin e eu desfrutávamos de agradáveis jantares juntos, mas desde sua morte, suponho que nunca vi nenhuma razão para fazer o esforço.

Reichen lhe deu um zombador franzimento de cenho, como se o nunca tivesse ouvido uma coisa mais absurda.

—Há sempre uma razão para desfrutar de todos os prazeres da vida, Elise.



Eu pessoalmente não acredito na privação. Em nenhuma forma.

Elise sorriu, sabendo que ele estava deliberadamente pondo o encanto agora.

- Com esse tipo de filosofia da vida, apostaria que tem quebrado muitos corações em sua época.

- Só uns poucos, admitiu ele, Sorrindo.

Ela se recostou em sua cadeira, um braço pendurado sobre o respaldo de sua cadeira, seu aristocrático perfil gravado em luz pelo quente brilho das tremulantes velas na mesa.

Com seu escuro cabelo deslizando-se

solto de sua cabeça, sua saia branca à medida desabotoada um entalhe mais do que era decente, Andreas Reichen tinha o olhar de um rei indulgente reconhecendo seus temas do alto de sua posição.

Mas havia um transtorno inquieto para seu ar praticado de indiferença, possivelmente um pingão de aborrecimento. Havia uma cínica sabedoria em seus olhos que indicava seu fácil encanto, o macho tinha visto mais escuridão que ela.

Elise se perguntava se, apesar de seu privilégio e suas obviamente maneiras libertinas, Andreas Reichen poderia ter um pouco de guerreiro nele também.

- O que há sobre a Helene? Elise não pôde resistir perguntar sobre a surpreendente mulher que não era uma companheira de raça, ainda parecia saber grande coisa sobre a nação vampírica devido a sua aparente relação com o Reichen.

- Você conhece ela... há muito tempo?

- Uns anos. Helene é uma amiga. Ela é minha anfitriã de sangue em ocasiões, e desfrutamos de nossa mútua companhia, mas é fundamentalmente um acerto físico.

- Não está apaixonado por ela?

Ele riu entre dentes.

- Helene provavelmente diria que não quero a ninguém mais que a mim mesmo. Não é falso totalmente, suponho. Nunca conheci a uma mulher que me tentasse a querer algo permanente. Então de novo, quem estaria suficiente louco para sair comigo?- perguntou ele, girando um deslumbrante sorriso nela que teria feito que qualquer outra mulher se emprestasse voluntária para a tarefa.

Elise tomou um sorvo de seu vinho.

- Acredito que é um homem muito perigoso, Andreas Reichen. Uma mulher estaria bem aconselhada de guardar seu coração perto de você.

Ele arqueou uma sobrancelha,

olhando desenvolto e sério ao mesmo tempo.

-Nunca quereria romper seu coração, Elise.

- Ah, - disse ela, inclinando sua taça para ele em uma zombadora saudação.

- E agora deste crédito a minha opinião.

Tegan retornou ao imóvel do Reichen em um estado péssimo. O subordinado que teria matado a Elise estava morto, e isso eram suficientes boas notícias. Mas enquanto apertava a última pausa do humano, Tegan tinha saído com duas notícias críticas.

A primeira, que Marek tinha dado ordens de matar a Elise a vários de seus contatos subordinados em Berlim e arredores. O que significava que Tegan precisava tirá-la da cidade logo que fosse possível.

Ele estava já levando a cabo esse plano. Acabava de falar ao Gideon, quem ia ver que o jato privado da Ordem estava com o tanque cheio e preparado para sair do Aeroporto Tegel em uma hora.

A segunda coisa que descobriu esta noite era que não importava quanto queria negá-lo, Elise lhe importava. Importava-lhe de uma maneira que logo que podia entender. Ele se preocupava com ela como seu próprio familiar –mais que isso,

de fato- uma verdade a que tinha chegado quando ela tinha retornado depois do ataque do subordinado coberta de sangue, ele a respeitava, não só por sua valentia, mas sim por sua fortaleza. Ela era uma extraordinária mulher, muito melhor do que o poderia esperar merecer.

Ele nem sequer tentaria resistir a ela. Caminhar com ela ao clube da Helene lhe tinha retorcido. Tudo o que ele tinha sido capaz de pensar era no que queria fazer com Elise. Ele tinha captado seu incômodo olhar enquanto eles passeavam pelo lugar, e não tinha sentido falta do fato de que sua respiração tinha golpeado em um rápido batimento do coração, seu pulso golpeando o suficiente alto para ele pudesse senti-lo como uma vibração em

seu próprio corpo.

Ela não poderia ter sabido quanto ele queria levá-la a uma dos luxuosos quartos da Afrodita, despi-la, e entrar até o interior de seu suave e úmido calor. Somente pensar nisso agora lhe dava uma ereção maciça.

E depois estava o fato de seu vínculo de sangue. Isso era o pior de tudo. Tão ofendido como deveria estar pela completa idéia, encontrou-se a si mesmo esperando o seguinte momento em que Elise levaria sua veia a sua boca. Gostava de saber que era seu sangue o que a mantinha forte, ajudando-a arrumar-lhe com o dom psíquico que tinha estado lentamente destruindo-a antes.



Seu sangue a manteria perto e viva para sempre se completavam seu vínculo. Tudo o que tinha que fazer era beber dela, e eles estariam unidos um ao outro inexplicavelmente.

Sim, isso era exatamente o que o queria.

E que merda, poderia também admití-lo — para si mesmo, ao menos.

Ele a queria.

O que lhe trazia de volta a seu estado atual de irritação. Ele entrou no Darkhaven, que estava tranqüilo exceto pelo montão de residentes que não tinham saído de noite. Tegan permanecia fora da habitação de convidados de Elise e

golpeou na porta. Não houve resposta. Tentou-o de novo, sentindo-se como um idiota enquanto uma das mulheres mais jovens se aproximava pelo vestíbulo.

- Boa tarde, - disse a mulher, Sorrindo com simpatia.

Tegan assentiu secamente e esperou até que ela passeou escada abaixo à planta principal da mansão. Ele golpeou uma última vez, depois abriu a porta e entrou na habitação vazia.

Onde demônios estava? E onde estava Reichen? Por que não tinham retornado ate agora?

Um sentimento de arrepio passou por

sua espinha, Cristo. Se algo tivesse ocorrido...

Ele se dirigiu até o par de portas francesas que abriam a um pequeno balcão com vistas à parte dianteira do imóvel, pensando, que ele não sabia. A rajada de ar frio lhe abraçou enquanto saía fora e escutava a noite que lhe rodeava.

Se um dos assassinos humanos do Marek tivesse conseguido encontrar a Elise enquanto estava longe...

Justo então, a elegante e negra limusine Rolls-Royce do Reichen apareceu na entrada, fazendo um elegante movimento enquanto parava na entrada

principal da mansão.

O alívio encheu ao Tegan enquanto o condutor dava a volta e abria a porta traseira de passageiro. Ele ajudou a Elise a sair, Reichen saindo diretamente detrás dela.

- Obrigado de novo pelo jantar, disse Elise enquanto Reichen caminhava diante dela e oferecia sua mão para ajudá-la a subir os degraus da mansão.

- Foi meu grande prazer. Verdadeiramente.

Algo primitivo e possessivamente masculino se elevou em atenção ao tom íntimo que Reichen estava usando com Elise.

- Possivelmente possa te seduzir para alargar sua estadia em Berlim, disse o senhor Darkhaven enquanto se aproximava uns centímetros a ela, sua grande constituição destacando sobre Elise e tampando-a da vista do Tegan.

- Eu gostaria muito de te conhecer melhor, Elise.

Tegan logo que podia conter seu grunhido enquanto Reichen estendia sua mão para tocá-la, depois se inclinou para entregar o que era inequivocamente mais que um beijo amistoso.

Ela não retrocedeu. Não lhe pegou ou escapou indignada.

E por que deveria ela?

Tegan não tinha dado nenhuma razão para não considerar outros homens. Não, ele virtualmente a tinha empurrado aos braços do Reichen. Ele deveria estar aliviado que ela pudesse procurar um companheiro. Ele estava tão seguro como o inferno que não tinha preço.

Elise merecia muito mais que ele—ou Reichen, mas isso que importava já. E Tegan ia dizer a ela, maldita seja.

Seu comportamento péssimo se dirigia mais ao sul cada segundo que ela permanecia ali fora com o homem Darkhaven, Tegan retrocedeu ao interior de sua habitação para esperá-la.

## *CAPÍTULO 27*

Elise se surpreendeu pelo beijo muito inesperado, seus dedos pressionados contra seus lábios. Tinha sido um beijo agradável, embora breve, mas, entretanto o contato que mantiveram para ela não significa nada já que não sentia absolutamente nada pelo homem arrumado que neste instante a observava de maneira incomoda, compreendendo de forma completa, em silêncio.

- Sinto muito, Andreas. Não devia lhe haver permitido fazer isto.

Quando ela olhou para baixo, envergonhada pelo acontecido, amavelmente lhe elevou seu queixo a fim

de que tivesse à vista outra vez.

-A culpa é minha. Deveria ter perguntado primeiro.

- Não, ele disse, corrigindo a si mesmo.

- Eu deveria ter reconhecido que seu coração já tinha falado e escolhido. Fiz-o, em realidade, mas suponho que quis estar seguro de que eu não tinha nenhuma possibilidade.

Eu não... tenho nenhuma possibilidade, verdade, Elise?

Ela sorriu para cima desculpando-se e lentamente negou com a cabeça.



- Ah. Eu temia isso. Bastardo afortunado. - Reichen exalou, tirando a correia de couro de seu cabelo que formava um acréscimo e passou sua mão nas ondas soltas, escuras.

- Eu penso que finalmente fiquei sem nenhum negócio que oferecer quando chegou este guerreiro. Depois de perder nisto, ao Tegan não ficará nada mais que aceitar que minha dívida para com ele esta paga por completo.

Elise ruborizou com entusiasmo em seu louvor, apesar de que não estava segura de que era válida. Tegan não tinha feito uma reclamação sobre ela, apesar de seus sentimentos por ele. De fato parecia que sua intenção era mantê-la a distância

dele. Ele se sentiria provavelmente liberado se ela pudesse repentinamente desenvolver um afeto e sentimentos por outro macho.

Mas isso não ia acontecer. Reichen estava correto; seu coração já não pertencia a ela para dar. Pertencia ao Tegan, sem importar se ele o queria ou não.

Ela olhou para cima aos destacados olhos escuros do Reichen.

- Você é um bom homem, Andreas. Um homem muito amável.

Ele ficou sem fôlego drasticamente.

- Alto, detenha-se eu rogo! Você

golpeou bastante meu orgulho por uma noite. Sou um demônio e um descarado, e você não pode esquecer isso.

Elise riu, e ficou nas pontas dos pés sobre os dedos de seus pés para beijar sua bochecha.

- Obrigado pelo jantar. Obrigado por tudo, Andreas.

Ele assentiu com a cabeça, então avançou a passos aumentados para abrir a porta da mansão para ela.

- Boa noite, formosa, - disse ele, e então esperou no vestíbulo enquanto ela começou a subir as escadas para sua habitação de hóspedes.



Tegan ouviu uma pausa leve de ruídos de passos fora da porta de sua habitação. Ele esperou silenciosamente, cautelosamente, quando o cabo de cristal deu volta e a porta se balançou para dentro. Elise deu só um passo para dentro, nesse momento ela se deteve brevemente, escutando. Seu vínculo de sangue que tinha com ele instantaneamente o delatou; ela podia sentir sua presença. Ele sabia pelo suave suspiro que ela deu seus olhos procurando no quarto escuro.

- Tegan?

Ela moveu de um puxão o interruptor de luz. Caminhado e entrando mais à

frente na habitação. Ele permaneceu quieto, a observando esfregar um frio de seus braços quando ela cruzou o tapete e foi à portas francesas que estavam abertas. Ela olhou para fora em cima do balcão, seus movimentos cautelosos, incertos.

- Tegan... está aqui fora?

O doce aroma dela foi à deriva até ele junto com a fria brisa da noite que entrou rapidamente do exterior. O aroma do Reichen estava nela também – uma nota baixa escura, almiscarada que colocou os dentes do Tegan de ponta. O ciúme cravado nele, cru e selvagem.

Puro instinto masculino.

Quando ela voltou para trás para fechar as portas, Tegan desceu da esquina do quarto onde ele tinha estado suspenso como se fosse uma aranha. Ele deslizou silenciosamente detrás dela, a estrutura de seu corpo bloqueando-a enquanto ela se girava ao redor sobre seu eixo e ficou sem fôlego.

Assustada, seus olhos se abriram de par em par.

- Tegan! Onde estava e...?

Ele puxou ela para ele em um abraço possessivo, inflexível e inclinou sua boca sobre a dela. Seu beijo era poderoso, enérgico. Puro instinto animal que coloca seu selo no que ele pretendia que fosse

dele, e só e exclusivamente dele.

Elise não lutou contra ele. Ele sentiu suas mãos subir ao redor de seu pescoço seus dedos unindo-se juntos em sua nuca e sujeitando-o mais perto. Devolveu-lhe o beijo, suspirando em sua boca quando ele empurrou seus lábios e os abriu afundando sua língua entre eles, precisando saboreá-la.

Precisando reclamá-la.

Cristo, ela o inflamava. Cada célula de seu corpo estava acesa com calor, com fome por ela. Ele não poderia ser cortês, não quando todo instinto primitivo que havia nele estava completamente acordado, plenamente excitado. Tudo o

que pertencia da Estirpe nele respondendo também, luxúria afiando suas pupilas e estirando suas presas. Ele esfregou sua pélvis contra as curvas sensíveis do corpo de Elise, deixando-a sentir a dura protuberância de seu pênis. Ela gemeu quando eles se pressionaram simultaneamente, seus batimentos do coração golpeando ruidosamente como um pequeno tambor em seus ouvidos.

- OH, Meu deus, Tegan, - disse ela, sua voz exalando ardentemente o ar quente quando ele finalmente se retirou da doçura exuberante de sua boca.

- Estou muito contente de que esteja aqui. Estive preocupada com você toda a noite.



Ele grunhiu, sob sua garganta.

- Sim, dava-me conta. Vi que tão preocupada estava você, lá embaixo nos braços do Reichen.

- Você nos viu...

Ele sorriu burlonamente, deixando ao descoberto suas presas.

- Eu ainda posso saboreá-lo em seus lábios.

- Nisso então você também deve saborear o fato de que ele não é o que eu quero,- disse ela, não sobressaltando-se absolutamente quando ele deixou a sua boca viajar ao longo de sua suave bochecha, até a pele sensível debaixo de

seu ouvido.

- É você, Tegan. Quero estar contigo. Em caso que não o tenha notado, apaixonei-me por você.

Ele grunhiu, retirando-se e retornando para sustentá-la mais estreitamente. Eram as palavras que ele queria escutar – as palavras que ele tinha estado preparado para tirar a força dela depois de vê-la apanhada nos braços de outro homem. Não obstante, derrubaram-no. Sua boca ficou repentinamente seca.

Ela era tão bela, tão corajosamente aberta.

Toda sua agressão se esfumou fora dele quando ele observou fixamente as

piscinas ametistas profundas de seus olhos. Ele acariciou com seus dedos ao longo da linha delicada de sua mandíbula, apenas capaz de tomar ar quando ela inclinou sua cabeça para um lado para ele, expondo a coluna vulnerável de sua garganta. Ele não podia resistir a tocar o lugar aonde seu pulso golpeava mais forte. O bater das asas do compasso do sangue debaixo das pontas de seus dedos era como uma imensa marca ardendo sobre sua pele. Ele deixou seu polegar remontar sobre a suave pele, e então amavelmente se dobrou para colocar sua boca em cima da tentadora oferta, sacudindo a artéria que levava o sangue e vida de Elise.

A saliva aumentou em sua boca,

afligindo-o e alagando-o com a necessidade de saboreá-la agora e selar sua união completamente.

Mas Tegan só a beijou.

Com mãos reverentes, ele elevou a prega de seu suéter e cuidadosamente o deslizou fora dela. Meigamente, ele acariciou sua pele suave. Ela suspirou quando ele acariciou seus peitos, os mamilos endurecendo-se ao máximo como escuros casulos de rosa debaixo do cetim de seu sutiã. Ele desatou o broche dianteiro que o unia e a deixou ao descoberto para seu olhar fixo e apreciativo.

- Tão belos, - ele disse asperamente,

deixando seus dedos deslizar-se ao longo da parte inferior dos suaves avultamentos cremosos.

Ele se inclinou ante ela e levou um mamilo rosado escuro a sua boca. Suas presas eram enormes agora, e tratou de ter grande cuidado para não passar o bordo afiado deles contra sua tenra pele enquanto ele se amamentava da carne empedrada com sua língua. Mas ele foi cuidadoso. Ele o sustentava como se ela fosse feita de vidro, cada polegada dela formosa e frágil. Um tesouro do qual era indigno, embora determinado a querer e abrigar.

Os braços da Elise baixaram ao redor de seus ombros. Ela se manteve

firme, arqueando-se para ele quando ele prodigalizou a mesma atenção no outro peito. Ele deixou sua boca viajar para debaixo de seu ventre enquanto que suas mãos trabalhavam para liberá-la de suas folgadas calças e sua calcinha. A pele de seus quadris era como o veludo contra sua palma. Ele beijou a curva magra de sua pélvis, então se deslizou para mais abaixo, no adornado teto de palha de cachos loiros entre suas coxas.

Separo-lhe as pernas e coloco sua boca em seu sexo, afundando sua língua no calor úmido de seu núcleo. Ela se estremeceu quando ele se deleitava com ela, seu corpo sentindo-se frouxo e leve em seus braços quando ele a recolheu e a levou a cama. Ela se recostou e o

observou debaixo de seus cílios pesados enquanto ele se despia para ela, a fome em seu fixo olhar como se fosse um calor físico em sua pele.

Nu e dolorosamente acordado, Tegan se colocou na beirada do colchão e deixou a ela tomá-lo para encher-se com os olhos. Ele conteve seu fôlego quando ela ficou direita para sentar-se então veio para ele engatinhando com as mãos e joelhos. Suas mãos se moviam de forma curiosa e tinham uma missão em particular, suaves mais firmes, quando ela tomou seu eixo inflamado e acariciou ligeiramente a extensão de suas bolas e de volta outra vez. Ela se lambeu os lábios, com olhos piscando alternativamente para os seus com interrogação.

Sua exalação baixa devia ter sido permissão suficiente. Tegan a observou descender sobre dele, aqueles lábios úmidos separando-se quando ela tomou a cabeça de seu pênis em sua boca. Ele gemeu, agachando-se para baixo para enterrar seus dedos em seu curto cabelo loiro quando ela o chupou com profundidade, torturando-o com vários movimentos lentos, estáveis, constantes de sua língua contra sua carne sensível.

Ela aumentou seu ritmo e isso fez que ele se balançasse rapidamente para o bordo de seu controle. Com um grunhido de completo prazer, ele arrancou à força a devastadora doce boca dela e a empurrou para baixo sobre o colchão. Ele subiu sobre dela e a beijou profundamente,



sentindo a ferocidade de seu desejo em cada lugar em que seus corpos se tocavam.

- Quer-me dentro de você, Elise?

- Sim, - ela ofegou, arqueando para cima para tratar de satisfazer seu corpo.

- Necessito-te dentro de mim, Tegan. Agora.

Ele estava mais que disposto a agradá-la. Empurrando com uma estocada larga, ele encheu seu canal apertado, tragando seu grito suave. Seu corpo absorveu a ele, as paredes de seu sexo sujeitando-o como um punho úmido, quente. Tegan bombeou seus quadris, observando o jogo de emoções

que estavam sobre o belo rosto de Elise.

-Você se sente tão bem, disse a ela, querendo somente satisfazê-la.

Sua mulher. Sua companheira. Seu amor.

Ele poderia sentir que seu orgasmo se contraía junto com o seu. Ela estava ofegando agora, contorcendo-se para receber cada estocada dura de seus quadris e gemendo em sinal de protesto com cada retiro leve. Ela voltou sua cabeça para o lado, onde seu braço a sujeitava para cima. Com um som deliciosamente animal, ela foi a toda pressa em seu pulso apanhando-o, fechando seus dentes bastante brancos

abaixo sobre sua pele. A faísca de sua dentada desafilada era uma dor erótica que o transpassou como uma flecha.

- Sim - Ele disse, olhando para baixo em seu olhar faminto.

Você deseja beber de mim enquanto que eu te faço gozar?

Ela assentiu com a cabeça fracamente e lhe deu outra dentada pequena em resposta.

- Você já o conseguiu, carinho. Mas não será o pulso desta vez. - Sujeitando-a contra ele, ele rodou sobre suas costas para ficar para cima, e a colocou escarranchada sobre dele.

- Quero te sentir em meu pescoço, Elise. Quero te sustentar enquanto você bebe de mim. Quero te sentir morder-me.”

Tocando-a, ele sentiu sua incerteza.

- Nunca o fiz dessa maneira antes.

- Bom, - disse ele, novamente agradado totalmente de ouvi-la.

- Nunca pedi antes a alguém que o faça desta maneira. Por conseguinte, quer fazê-lo você, Elise?

Ela franziu o cenho, mas seus olhos estavam presos em sua garganta.

- Eu não quero te machucar...

Ele riu entre dentes, adorando-a até mais por sua preocupação.

- Vêem aqui,- ele disse, envolvendo sua mão ao redor de sua nuca e dirigindo-a abaixo até a coluna exposta de seu pescoço. Afunda os dente em mim, Elise. Beba até encher-se.

Ela se dobrou sobre ele, seus corpos ainda unidos intimamente, seus olhos enlaçados juntos. Seu fôlego patinou calorosamente através de sua bochecha enquanto ela descendia.

Os cálidos lábios pressionaram debaixo de seu ouvido abrindo-se. Ele sentiu sua língua úmida, logo a dura linha de seus dentes, quando ela colocou sua

boca sobre sua veia.

No precisou o momento em que ela baixou para mordê-lo, Tegan quase explodiu dentro do interior dela. Ela rompeu sua pele em uma forte labareda, de deliciosa dor que envio a seus quadris a dar sacudidas para cima do colchão. Ele sujeito suas nádegas e o conduziu nela enquanto ela se amamentava da ferida que lhe tinha feito. Ela começou a montá-lo, inundando-se rapidamente com força, logo se elevando lentamente sobre a longitude de seu eixo. Os úmidos sons de seu beber tão perto de seu ouvido eram eróticos até o extremo, seus gemidos de prazer e seu chapinhar úmido eram a coisa sexual mais atrativa que ele jamais tinha escutado.

Quando ela atirou para trás sua cabeça e gritou com a ruptura de seu orgasmo, Tegan perdeu toda esperança de controle. Ele incorporou para sentar-se com ela, enganchando suas pernas ao redor dele enquanto que ele continuava balançando-se nela. Ela se aferrou a ele quando seu corpo se estremeceu ao redor de seu sexo, outra onda de liberação ondeando e esticando-se contra ele. Tegan dirigiu sua palma sobre sua radiante pele, inclinando-se para saborear a curva tentadora de carne aonde seu pescoço e seu ombro se encontravam.

Ele deveria havê-lo sabido melhor.

Ah, inferno. Talvez ele soubesse melhor e tivesse que fazer de qualquer

maneira.

O tambor de seu batimento do coração pulsou contra sua boca. Tegan o seguiu, subindo pela garganta da Elise até que sua boca se colocou no emplastro sensível de pele debaixo de seu ouvido. Ela choramingou quando ele vacilou ali, sua língua lambendo ao longo da linha de sua artéria.

Suas presas palpitavam com o ritmo de seu pulso, cada instinto da Raça que habitava nele elevando-se pela tentação que estava à só um fôlego longe de tomá-la.

As mãos da Elise subiram ao redor de sua cabeça.



- Tegan... OH, Deus... faça-o.

Ele mordiscou nela, simplesmente uma prova pequena de sua têmpera. Em resposta, ela se empalou a si mesmo mais profundamente sobre seu eixo, desintegrando-se contra dele quando outro orgasmo se estremeceu através dela.

Era muito para que ele o suportasse.

Tegan sustentou sua cabeça a um lado com uma mão e baixou sua boca para seu pescoço. Suas presas se afundaram facilmente, pontos agudos que penetravam sua pele sensível como uma faca quente através da manteiga. Ela gritou quando ele tomou o primeiro puxão comprido de sua veia. Seu corpo se arqueou gatunamente

em seus braços, depois aliviada em uma calma lânguida quando ele começou a beber.

E OH, Meu deus, ela era tão doce. Sua boca enchendo-se de uma súbita afluência de seu sangue, o aroma de urzes-e-rosas dela saturando seus sentidos. Ele estava sedento disso, não podia recordar alguma coisa que sentisse tão deliciosa como o sabor da Elise em sua língua, a essência vibrante de seu sangue correndo através de seu corpo, acendendo-o do interior.

Com cada um amortecido, o vinculante trago de sua veia, a fome do Tegan por ela foi cor rosa. A luxúria que tinha sentido por Elise antes era somente

um pálido indício do desejo que ele conhecia agora.

A posse o derrubou como uma tormenta. Ele rugiu com a necessidade desta mulher – sua mulher agora, irreversivelmente.

Irrevogavelmente.

Ele a deslizou debaixo dele permitindo à besta tomar o controle de sua cabeça.



Elise só poderia aferrar-se ao Tegan quando ele a cobriu com seu corpo e conduziu a ela para outro orgasmo

devastador. Ela se deleitou com a sensação de suas largas presas penetradas profundamente em seu pescoço, na sucção dura de sua boca enquanto que ele passava seu sangue sob sua garganta e completava sua união.

Agora não havia nada aprazível sobre ele. Seu autocontrole inquebrável se quebrou por completo, e ela não tinha conhecido nada bastante excitante como quando despertou Tegan cativada com a ferocidade que o tinha vencido no momento em que ele tomou o primeiro gole de seu sangue.

Ele a fez girar para fora em uma onda interminável de prazer, fazendo amor com ela até que ambos estiveram saciados e

ofegantes, permanecendo inertes nos braços de cada um. Quando tinha terminado, ele dirigiu sua língua sobre as marcas que lhe tinha deixado, selando a ferida com o beijo de um amante tenro.

- Está bem? Perguntou a ela, alisando seus dedos através de seu cabelo.

- Mm-hmm. - Elise assentiu com a cabeça, enjoada mais alegre ao mesmo tempo.

-Eu estou muito bem.

Ela nunca tinha estado melhor, de fato. Embora ela não tivesse podido evitar sua resposta quando disse ao Tegan que ela o amava, ele não havia devolvido o sentimento.

Um pouco tarde para se preocupar por isso, possivelmente, mas agora que o pior de sua fome tinha sido satisfeita, a realidade avançava pausadamente dentro outra vez ao bordo de danificar as coisas.

- Eu não disse essas palavras em muito tempo, Elise. Eu não pensei que alguma vez as diria outra vez

- Não faça isso. - Ela se incorporou para sentar-se e se moveu fora de seu alcance, desconcertada de que ele tivesse invadido suas emoções com seu toque. - E não pense que você tem a obrigação de dizer algo amável, pelo que acaba de ocorrer aqui.

- Não acredito que tenha que dizer

nada.

- Bom. Por favor, não o faça. “Não acredito que possa agüentar sua caridade neste preciso momento.”

Ele estendeu a mão e tomou a sua mão entre a sua.

- Se te disser que me incomodou muito ver-te beijando ao Reichen, e que nunca quero ver-te beijar a qualquer outro macho alguma vez na vida, isso não é porque sinto que tenha que te dizer isto.

Elise cravou os olhos nele, mal se atrevendo a respirar. Seus olhos cor âmbar se encontravam ardentes quando ele sujeito seu olhar fixo, suas pupilas ainda avivadas com o desejo. Quando ele

falou, sua voz era áspera, as extremidades de suas presas brilhando.

- Não sinto que tenha que ser amável, por isso que acabamos de fazer aqui, de modo que não seja porque estou te dizendo que você é diferente a qualquer outra mulher que tenha conhecido alguma vez. Eu não estava preparado para você, Elise. Sagrado Inferno... inclusive nem de perto.

Ela percorreu o olhar até onde suas mãos estavam unidas entre si, seus dedos firmes, forte e protetores, sempre tão suaves com ela embora eles estavam treinados para a guerra e o combate.

- Não seria caridoso de mim



absolutamente te dizer que espero que você nunca queira a outro macho tanto como você me quer. - Ele exalou uma risada irônica.

- Eu te amo? Sim, que Deus te ajude, mas o faço.

- Tegan,- ela sussurrou, subindo sua mão para detê-la contra sua bochecha. A mordida que lhe tinha dado já se estava curando, sua pele unindo os pequenos pontos. Ela tocou a marca meigamente vermelha, e logo voltou à vista para os olhos dele.

- Me beije outra vez.

Sua boca singular devorando-a enquanto ele atirava de seus braços. Logo

que tinham conseguido iniciar, um zumbido atraía para cima a cabeça do Tegan com um gemido.

- O que é isso?- Ela perguntou enquanto ele saltava fora da cama e agarrava seu telefone celular de suas calças jogadas.

- É nossa passagem de volta a Boston. Arrumei um vôo esta noite.

Ele respondeu à chamada, seu tom recortado e sério – de retorno ao modo do guerreiro em um instante.

- Sim. Correto. Aeroporto Tegel. Terminal corporativo. Saída dentro de uma hora.

Elise se deslizou fora do colchão e se colocou em cima onde Tegan estava parado, nu e primoroso. Ela envolveu seus braços ao redor dele, pressionando a frente de seu corpo contra os músculos duros de seu traseiro. Ela mordeu a paleta de seu ombro, sorrindo quando o arrepio se dispersou ao longo dos dermaglifos formosos de seus braços. Ela escutou um grunhido desço de interesse e não podia menos que sorrir quando lhe jogou um acalorado olhar a ela.

- Será melhor que você te prepare para dentro de duas horas a partir deste momento, ele instruiu à pessoa que se encontrava ao outro extremo da linha. - Simplesmente surgiu algo.

Elise jogou uma olhada para baixo quando ele se deu a volta para confrontá-la. Algo certamente tinha surgido – muito impressionantemente, de fato. Ela retrocedeu seu lábio apanhado em seus dentes quando Tegan desconectou a chamada, seus olhos suspeitos se arraigaram nela.

Ele jogou de um lado o telefone. Nesse momento ele se equilibrou.

## ***CAPÍTULO 28***

Dormiram a maior parte da viagem de volta a Boston, Elise se sentia feliz acurrucada nos braços do Tegan. Ele havia dito que o subordinado que a tinha

atacado na casa da Irina estava morto. Ele também a tinha informado que o escravo humano era somente um dos vários em Berlim que tinham sido ordenados pelo Marek de caçá-la. Elise tinha aceitado as notícias com seu habitual e tranqüilo entendimento, mas Tegan não podia evitar sustentá-la um pouco mais forte enquanto ela se acomodava em seu regaço.

Marek era um inimigo traiçoeiro. Ele tinha sido um formidável guerreiro, desumano na batalha, freqüentemente inecessariamente cruel. Tegan tinha conhecido bem ao irmão maior de Lucan, tinha crédulo nele com sua vida mais de uma vez no campo. Eles tinham lutado cotovelo com cotovelo nos Velhos Tempos, quando a Raça era jovem e

problemática com os Renegados ocupando um lugar comum. Marek tinha sido um dos membros originários da Ordem, mas ele sempre tinha sido o renegado. Ele obstaculizou as ordens de seu irmão- Lucan era o fundador da classe guerreira e nascido para ser líder, duas coisas que Marek parecia incapaz de aceitar. A impaciência e a arrogância eram os rasgos mais fortes do Marek, e as duas coisas que lhe acautelavam de conseguir o respeito que ele sentia merecer.

O fato de que tinha estado supostamente morto durante seis largos séculos somente para ressurgir em Boston com planos óbvios de dirigir a Ordem, parecia indicar que Marek tinha

aprendido de algum jeito a esperar seu momento. Ele tinha mostrado grande paciência permanecendo oculto tanto como pôde, e Tegan não tinha dúvida de que o vampiro tinha estado usando estes anos para seu benefício. Ele tinha um plano, e era lento, mas certamente pondo-o em movimento. Que o nome Dragos estivesse de repente na mescla, junto com as escritas incoerentes do Odolf, insinuava que o problema era de uma natureza muito antiga.

Tegan folheou o livro e leu as estranhas passagens de novo. Tinha que ser uma localização, mas onde? E o que significava?

Aí é onde se oculta, tinha soltado

Odolf.

Tegan não pensava que se referisse ao Marek. Mas poderia ser possivelmente Dragos?

Ou poderia ser alguém mais que não estava sequer no radar da Ordem?

O que fosse que andava atrás o Marek, e o segredo que perseguia o Petrov Odolf e os seus familiares, não pressagiava bem para ninguém.

Enquanto o jato tocava terra em Boston, Tegan telefonou à comunidade e disse ao Gideon que juntasse aos outros para uma reunião. Iam ter que aniquilar ao Marek, antes que escapasse, e assegurar-se de que a Ordem ia um passo por diante



dele.

Um de seus subordinados estava morto, segundo o último relatório de Berlim. Marek estava enfurecido por perder outro de seus peões, mas desde que o humano tivesse falhado em levar a cabo sua tarefa, Marek só podia esperar que o subordinado estivesse feito para sofrer seus momentos finais de vida. A selvageria da matança deixava pequenas dúvidas de que o tivesse sofrido enormemente, seu corpo quebrado e ensangüentado quase fora de reconhecimento. E esse fato era surpreendente em si mesmo, considerando que o verdugo do subordinado tinha sido com toda segurança Tegan.

Ele tinha assassinado ao subordinado que Marek tinha enviado para desfazer-se da mulher Darkhaven—não com a imaculada e fria eficiência pela que o guerreiro era conhecido, mas com uma claramente evidenciada fúria.

Tegan tinha assassinado por vingança.

Que o tivesse atuado em represália sobre a mulher podia significar somente uma coisa: Tegan se preocupava com ela.

Marek logo que podia esperar a oportunidade de explorar essa debilidade no guerreiro. Ele tinha estado a ponto de destruir ao Tegan uma vez através de seu amor por uma mulher; como de

gratificante seria usar seu novo afeto para ao final terminar completamente com ele para sempre.

Quão satisfatório seria terminar completamente com toda a Ordem, e assumir seu justo lugar como líder da Raça. Era no que ele tinha estado trabalhando, um plano que tinha requerido mais paciência da que Marek tinha pensado ser capaz.

Ele tinha estado sonhando com seu momento de coroação durante séculos—desde que o guerreiro Dragos lhe tinha crédulo um capitalista e maldito segredo.

Marek levantou de sua mesa e perambulou até a janela que dava ao vale

Berkshire iluminado pela lua na distância. Os bosques eram espessos ali fora, tão densos como qualquer bosque medieval. A paisagem recordou aos Velhos Tempos, seus pensamentos girando-se ao passado faz tempo da Ordem.

De volta então, uma guerra tinha estado rugindo dentro da nação vampírica.

Enfrentou-se pai contra filho, exceto os pais neste cenário eram o grupo de desumanos de outros mundos—as Antigos, criaturas Aliem que chegaram a Terra faz milhares de anos e caçavam sangue humano para sua sobrevivência. Seus filhos finais, as origens híbridas nascida de sementes Aliem levadas por mães humanas, formavam a

primeira geração da Raça.

Marek, Lucan e Tegan estavam entre estes estranhos filhos Gen Um. Eles viram de antemão a selvageria perpetrada pelos Anciões sobre a humanidade, a matança em grandes quantidades de povos completos por momentos, vidas perdidas para famintos vampiros. O açougue nunca tinha perturbado ao Marek da maneira em que o fazia a seu irmão pequeno.

Enquanto Lucan desprezava o terror que os Antigos entregavam, Marek freqüentemente se satisfazia com ele. O poder de estimular medo e matar sem recursos era uma coisa excitante e mais de uma vez se perguntava por que a Raça não deveria simplesmente

escravizar a seus anfitriões humanos e reclamar o planeta como próprio.

Marek tinha estado alimentando-se destas sementes de descontente aos Anciões por um tempo quando todos seus planos estavam condenados a cair em pedaços.

Em um ataque de luxúria de sangue, seu sire<sup>13</sup> Aliem tomou a vida da mãe do Marek e Lucan. A criatura a matou grosseiramente, e Lucan, reclamando justiça, tomou a liderança dos vampiros em troca. Com esse assassinato de um Ancião, Lucan declarou a guerra aos poucos que ficavam como ele e que lhe serviam. Lucan formou a Ordem, junto com o Tegan e outros cinco vampiros Gen

Um todos comprometidos até terminar o maciço açougue e começar uma nova forma de vida para a Raça.

Tão nobres e elevadas intenções.

Marek apenas podia conter sua zombadora risada, inclusive agora. Ele não tinha sido o único da Ordem em encrespar-se ante a visão de Lucan de uma pacífica coexistência com os humanos. Outro guerreiro, Dragos, ao final confiou ao Marek que ele tinha idéias diferentes para o futuro da Raça.

E inclusive mais intrigante, ele tinha tomado medidas para assegurar esse futuro.

Enquanto a Ordem fazia a guerra

sobre os Anciões sobreviventes, lhes caçando um a um em uma batalha que durou anos até completar-se, uma destas criaturas letais seguia com vida.

Dragos e seu pai aliem tinham feito um pacto. Em vez de matar ao vampiro, Dragos tinha ajudado a lhe ocultar. Não foi até um tempo depois, depois de que Dragos foi mortalmente ferido em combate, que ele escolheu revelar seu segredo ao Marek. Mas o bastardo não se renderia de tudo. Dragos se negou a dar ao Marek a localização da cripta onde o Ancião dormia em um estado de prolongada hibernação.

A fúria do Marek sobre essa omissão tinha sido incontrollável. Pôs uma faca no



pescoço do Dragos, e com um furioso golpe, enviou ao vampiro e essa crucial informação à tumba. Marek tinha ido depois atrás da única outra pessoa que poderia ter sido de utilidade para ele: Kassia, a companheira do Dragos. Mas a mulher era perspicaz, e no momento que seu companheiro faleceu a mãos do Marek, ela devia saber que o mesmo perigo logo se abateria sobre sua soleira.

No momento que Marek chegou ao castelo do Dragos para tirar o segredo dela literalmente, como fosse - Kassia lhe tinha desbaratado seus planos tirando sua vida.

Desde esse momento, Marek tinha estado decidido a encontrar o segredo do

Dragos.

Ele teria torturado com gosto e assassinado por isso. Ele tinha perdido faz comprido tempo sua honra, fingiu sua própria morte, e traiu a seus familiares, tudo pela oportunidade de ser o único que desatasse o antigo terror e o usasse para servir a seus próprios caprichos.

Finalmente, depois de um tempo interminável de busca, ele havia recente chegado sob a primeira verdadeiramente útil pista: era o nome do Odolf, uma família da Raça dos Velhos Tempos quem tinha tido vínculos com a companheira do Dragos, Kassia. Ela lhes tinha dado algo de grande valor faz séculos, mas nem sequer a tortura tinha dado ao Marek as

respostas que o necessitava.

E agora a Ordem estava aproximando-se mais à verdade a cada momento. A mandíbula do Marek se ateu forte ao pensamento. Ele não tinha trabalhado nisto fortemente, esperou um longo tempo, somente para deixar que tudo se deslizesse através de seus dedos. Ele negou a considerar que pudesse inclusive ser uma possibilidade.

Ele ia ganhar.

A batalha real estava somente começando.

Uns poucos minutos depois de que chegassem à comunidade, Tegan mostrou a Elise suas habitações para que ela

pudesse tomar banho e relaxar enquanto ele se dirigia ao laboratório tecnológico, onde a Ordem tinha recolhido sua petição. Enquanto entrava, Lucan lhe deu um assentimento de onde permanecia junto ao Gideon no grupo de Computadores. Niko, Kade, e Brock estavam sentados ao redor da mesa no centro da habitação, os dois neófitos acomodando corretamente enquanto eles comercializavam sarcasmos com Dante e Chase sobre as contas semanais dos Renegados e quais deles tinham o olho mais afiado.

Mas era a vista de Rio que fazia que a boca do Tegan movesse com surpresa e satisfação. O espanhol se inclinou contra a parede traseira do laboratório, longe dos outros, pensativo, mas alerta. A

determinação lhe moveu como uma carga elétrica. Ele subiu seu queixo para saudar o Tegan, o lado cicatrizado de seu rosto se estendia tenso com seu sério sorriso.

Os olhos cor topázio uma vez vívidos eram pétreos agora, sóbrios como uma lápide.

Tegan olhou a seus irmãos, com alguns dos quais tinha lutado a seu lado durante séculos, outros que tinha que ser verdadeiramente testados, e ele não podia sentir um sentimento de orgulho por ser incluído entre suas filas. Durante um comprido tempo, tinha pensado que estava sozinho nesta guerra. Claro, Lucan e os outros sempre tinham suas costas, enquanto ele tinha as deles, mas Tegan

lutava cada batalha como se fosse somente dele.

Ele tinha vivido cada dia sumindo-se em seu próprio e escuro isolamento... até que uma valente beleza ensinou a não temer a luz. Agora que a tinha encontrado, queria assegurar-se de que a escuridão que o tinha conhecido nunca tocaria a ela.

E isso significava mantê-la a salvo do Marek.

- O que estava desconjurado com o Petrov Odolf? Perguntou Lucan enquanto Tegan punha sua reduzida bolsa de lona sobre a mesa.

- A maioria do tempo, o mundo está louco. O resto do tempo está catatônico-

extraiu

Tegan as páginas escritas à mão que tinha conseguido da Irina. As estendeu a Lucan. Antes que se convertesse em Renegado, Odolf tinha estado escrevendo compulsivamente e em segredo. Evidentemente seu irmão, quem também era Renegado de um tempo antes que ele, tinha estado obcecado com um hábito similar. Parece familiar?

- Merda. Quão mesmo encontramos no livro atrás do qual estava Marek.

Tegan assentiu. - Odolf disse algo estranho em um de seus estranhos momentos de claridade. Quando Elise e eu lhe perguntamos que significava a

adivinhação, ele disse, É onde se oculta.

- Onde se oculta quem?- perguntou Gideon, tomando as páginas de Lucan e lhes dando uma rápida olhada. Ele leu um dos versos em alto. Refere-se a algum tipo de localização?

- Possivelmente. Odolf não o diria. Possivelmente ele não sabia, encolheu-se de ombros Tegan.

- É tudo o que nos deu, começou a divagar depois de tudo. Não conseguimos mais dele.

Dante saiu de sua reclinção na mesa, pondo seus pés no chão com um golpe surdo.



- O que seja que signifique, é suficiente grande para captar o interesse do Marek. Nada bom pode sair disso.

- E ele está disposto a matar a qualquer que se interponha em seu caminho, acrescentou Tegan.

- Depois de que descobrisse que estávamos em Berlim, Marek deu ordens a alguns de seus subordinados da cidade de matar a Elise. Um deles chegou muito perto.

- Filho de uma puta, vaiou Lucan, seus rasgos endurecendo-se de ira.

- Ela feriu o bastardo e graças a Deus conseguiu escapar. Essa noite eu saí e acabei com ele. Tegan sentiu o olhar do

Chase do outro lado da habitação, e lançou um sincero olhar sobre o homem.

- Elise chegou a ser... muito valiosa para mim. Não vou deixar que nada ocorra a ela.

Daria minha vida por mantê-la a salvo.

Chase lhe olhou durante um comprido momento, depois assentiu forte.

-O que há sobre o glifo que encontrou no livro? Esse símbolo pertenceu a um dos primeiros guerreiros, não, um Gen Um chamado Dragos?

- Sim, disse Tegan.

-Tem que haver uma conexão, mas não estou seguro de qual é. Sei que Dragos está morto. Lucan pode dizer por que viu o corpo.

O líder da Ordem inclinou sua cabeça estando de acordo.

- Sua companheira de raça também o viu. Evidentemente ver seu companheiro morto de ter sido muito para a Kassia. Essa mesma noite, ela se tirou a vida.

Nikolai grunhiu.

- Assim, com o que temos que trabalhar aqui? Nosso próprio cenário do Romeo e Julieta, um Renegado louco falando de adivinhações, um glifo sem saída rabiscado na margem de um mofado

e velho livro, e Marek de algum jeito em meio de tudo isto.

- Agarra ao Marek, e começará a ter respostas, disse Dante, com voz baixa e mortal. Tegan assentiu.

- Certo. Mas primeiro precisamos lhe encontrar.

- Não há pistas difíceis aí- disse Gideon.

- Ele desapareceu clandestinamente desde que lhe perseguimos o verão passado.

- Assim lhe caçamos como a anomalia que é, grunhiu Rio.

- Tiram-os-lhe fora e queimamos ao filho da puta.

Tegan olhou a Lucan, quem estava absorvendo a conversação com estóico silêncio. Em meio do bate-papo de inimigos e batalhas que viriam, era algumas vezes fácil esquecer que Lucan e Marek eram parentes de sangue.

- Mantém a calma com tudo isto?

Um chapeado olhar que sustentavam os olhos do Tegan era inquebrável. - O que seja que persegue Marek, tem que ser detido. A pergunta não é como, a não ser quando. E por todos os meios.

## ***CAPÍTULO 29***

Elise escutou três vozes femininas, enquanto caminhava pelo corredor que estava à saída do quarto do Tegan. As risadas e a conversação lhe faziam recordar as suas amigadas que tinha conhecido no Darkhaven, quando sua vida parecia completa. Embora não se sentisse tão vazia como havia sentido esses últimos meses, ainda ficava um espaço em seu coração que estava aberto e que a fazia sentir um oco no peito por ter perdido ao que sempre considerou era sua família. Não sabia o que o resto das mulheres pensavam a respeito dela. Apesar de que parecia que tinham passado anos, em realidade, só eram um punhado de dias da confrontação que tinha tido com o Tegan em frente da Ordem, quando lhe tinha sugerido

publicamente que encontrasse um macho disposto a ser seu doador de sangue sem a santidade dos votos. Ele o tinha feito só para empurrá-la, mas se as companheiras dos guerreiros aqui no recinto tinham ouvido falar do acontecido, tinha sido provavelmente um tema de compaixão por ela, se não de desprezo. Havia poucas mulheres no Darkhaven que seriam capazes de olhá-la aos olhos depois do ocorrido.

Quando ela se aproximou da porta aberta da sala onde as companheiras dos guerreiros se reuniram, Elise preparou para as saudações cautelosas e os sussurros suaves que de seguro começariam uma vez que ela tivesse passado.

- Elise, bem-vinda de volta! Gabrielle exclamou imediatamente com seus amáveis olhos marrons postos sobre ela.

- Ouvimos que acaba de voltar com o Tegan, e eu estava a ponto de ir te procurar. Quer unir-se a nós?

A mulher tinha um pouco de frutas e queijos na mesa de café no centro da acolhedora biblioteca. Tess estava colocando uns pratos pequenos e já tinha colocado um lugar para Elise. Savannah foi para a um aparador de cerejeira escura, e retirou a cortiça de uma garrafa de vinho branco frio. Ela olhou a Elise e sorriu quando começou a verter o líquido em várias taças de pés largo.



- Quer um pouco? Perguntou.

- Ok, disse Elise enquanto entrava na sala e aceitava a taça da mão estendida de Savannah.

-Obrigado.

O desagrado que esperava para sua pessoa, não aconteceu. Logo que se sentaram, Elise foi bombardeada com perguntas sobre a viagem, a respeito do que ela e Tegan foram capazes de descobrir, e tudo referente ao Petrov Odolf, ao Marek e o jornal que estava tão decidido a ter em suas mãos. Não estavam interessadas na intriga ou no escândalo. E Elise caiu redondinha na conversação com as três inteligentes e

peritas mulheres. Contou-lhes tudo o que sabia sobre os detalhes do Tegan e suas visitas às instalações da Contenção.

Começava a lhes contar sobre os escritos que Irina lhe tinha dado, quando Tess baixou sua taça de vinho e franziu o cenho.

- O que te aconteceu no rosto? Estás ferida. - Elise assentiu, e sem querer tocou delicadamente os vestígios que ainda ficavam em seu rosto.

- OH! Isto me fez um subordinado.

- Meu Deus - disse Savannah sem fôlego, fez-se um eco de preocupação na Gabrielle e Tess também.

- Te dói? Perguntou Tess, movendo-se ao redor da mesa e colocando-se de joelhos junto a Elise.

- Ao princípio, mas já está melhor.

- Me deixe ver. Cuidadosamente Tess inclinou a cabeça da Elise. Quando sua mão chegou até o machucado, Elise sentiu um formigamento quente que se propagava da fêmea para a ponta de seus dedos. A companheira de Dante lhe tinha falado a Elise de seu dom de cura, e agora ela sabia que era uma maravilha. A lesão se desvaneceu, já não sentia nem o mais mínimo mal-estar. Elise deixou que sua gratidão e assombro se filtrassem em sua voz quando falou com Tess, que já retirava sua mão de sua bochecha.

- Sua habilidade é surpreendente.

A bonita fêmea simplesmente encolheu os ombros como se incomodasse com os elogios.

- Há algumas coisas que estão além de minha capacidade. Não posso tirar ou corrigir cicatrizes de feridas que já sanaram por sua própria conta. Alguns danos são irreversíveis.

Estou aprendendo com Rio. Savannah apertou a mão de Tess e disse, - Está fazendo um bom trabalho com ele. O fato de que abandonasse por fim a cama foi graças a você.

- Não, é a raiva que o impulsiona - disse Tess.

- Meu poder curativo só serve com as feridas físicas, não com as emocionais.

- Rio foi ferido em uma emboscada de Renegados o verão passado explicou Gabrielle.

Ficou em muito mal estado pela explosão, mas o mais duro para ele foi descobrir que sua companheira era quem tinha planejado o ataque. Elise sentiu que seu coração se apertava somente com a idéia

- Que horrível.

-Sim, foi. Eva traiu a Rio e outros com o Marek. Lucan era o objetivo principal da explosão, supunha-se que ele

morreria essa noite, mas a bomba só lhe feriu. Ele e Rio se viram afetados, mas foi Rio quem levou a pior parte. Gabrielle tomou um sorvo de seu vinho, seu olhar sóbrio e reflexivo.

- Eu estava ali quando Eva confessou o que tinha feito... a vi quando se tirou a vida.

-Esses foram dias trágicos- disse Savannah. Foi muito duro perder a Eva, eu a considerava minha amiga. O que fez a Rio e outros é imperdoável.

-Rio certamente não o esqueceu- acrescentou Tess.

- Dante e eu estamos muito preocupados com ele. Pergunto-me às

vezes se não é mais que um caso perdido, vocês sabem, em sua alma. Quando trabalho com ele, há ocasiões em que sinto que estou olhando uns mísseis que só estão esperando uma desculpa para sair. Savannah riu ironicamente e disse:

- Que engraçado que Rio faz parecer o Tegan um homem modelo, normal e equilibrado. Elise olhou ao chão enquanto suas bochechas se ruborizavam somente com a menção do Tegan. Quando olhou para cima, Gabrielle a estava vendo.

-Ele não foi muito aterrador contigo em Berlim? Tegan não o faz fácil com as pessoas que o rodeiam.

-Não. Não ele foi muito bom em realidade- disse Elise em sua defesa.

- Foi protetor... e sim, complicado e frustrante. Ele é o homem mais intenso que conheci jamais. E é muita melhor pessoa do que as pessoas possa pensar. A sala ficou em silêncio. Três pares de olhos ficaram vendo fixamente, cada uma das companheiras dos guerreiros olhando-a como se tivesse algo no rosto.

Elise - disse Gabrielle, em seus olhos se via o brilho da compreensão. - Você e Tegan realmente...? Antes que Elise pudesse admiti-lo, foi arrastada pela mulher em um feliz abraço. As outras duas companheiras se alternaram para felicitá-la também, até que ficou apanhada no



círculo da irmandade que estava disposta a aceitá-la. Foi através de seu olhar úmido que teve uma olhada da tapeçaria que pendurava da parede em uma esquina da biblioteca. As cores do cenário medieval eram deslumbrantes, representavam a um cavaleiro a cavalo, tão maravilhosamente como se tratasse de uma pintura sobre um tecido. A complexidade da malha era extraordinária... familiar.

E inconfundível.

Tinha visto uma intrincada peça similar quando se reuniu com a Irina Odolf. O bordado que envolvia a pilha de cartas que Irina tinha encontrado. -Esse bordado. Disse apenas capaz de respirar

- De onde veio?

- É Lucan. Disse Gabrielle.

- O fizeram em 1300, faz muito tempo. Quando a Ordem era recente. Elise sentiu o pulso da emoção.

- Sabe quem o fez?

- Umm, uma mulher chamada Kassia disse Gabrielle. Foi companheira de um dos membros originais da Ordem. Lucan diz que seu talento com o fio e a agulha era inigualável e se pode ver nos detalhes desta peça. Segundo ele, este foi o último tecido que Kassia fez. Muito impressionante seu trabalho. Esse é Lucan em seu cavalo de batalhas.

- Posso vê-lo? Elise perguntou, ficou de pé e caminhou mais perto para poder observá-lo. Em uma colina afastada atrás do cavaleiro no garanhão, um castelo se elevava sob uma magra lasca de uma lua. Uma lua crescente. E debaixo dos cascos do cavalo havia um cercado pisoteado, com profundas depressões sobre as extensões de terra.

O castelo e o cercado se reunirão sob a lua crescente. O estranho enigma dançava em sua mente, ressonava aí com a voz atormentada do Petrov Odolf. Não podia ser... poderia?

Elise deslizou a mão através dos delicados pontos da borda da tapeçaria. Tudo parecia tecido com atenção

deliberada. E na esquina inferior direita descansava a marca da tecedora, a marca da companheira, igual ao que ela tinha visto no bordado que Irina lhe mostrou costurado no desenho. Haverá uma mensagem oculta aqui também? Oculta todo o tempo?

- O que é Elise? Gabrielle lhe perguntou.

- É algo mau?

O coração da Elise pulsava desbocado, Poderíamos baixá-lo da parede?

- Acredito que sim... se esta bem. Ela levantou da cadeira em que estava sentada e alargou a mão para tirar a peça

de onde estava situada na parede. Gabrielle tomou a tapeçaria cautelosamente com as mãos

- O que quer fazer com ele?

- Estende-o, por favor.

-Me deixem limpar a mesa- disse Savannah enquanto ela e Tess levantavam rapidamente toda a comida e pratos para fazer espaço.

- Bem, aqui tem. Gabrielle moveu a cabeça para a tapeçaria. Elise estudava a peça em silêncio por um momento, enquanto recordava o resto do críptico verso. A leste da fronteira desvie seus olhos. Na cruz se encontra a verdade

- Eu gostaria de tentar algo, mas preciso dobrar o tecido, prometo que serei cuidadosa.

Gabrielle lhe deu uma piscada de aprovação. Então Elise moveu a parte superior da tapeçaria para o centro do desenho e logo levantou a parte inferior da peça e o dobrou até que o castelo e o terreno debaixo dos arreios de Lucan se juntavam.

- O castelo e o cercado se reunirão sob a lua crescente. Murmurou ela, vendo como ao juntar as duas porções do desenho formavam uma nova imagem.

- Parece algum tipo de montanha enorme- disse Tess, via-se uma formação

rochosa de forma claramente visível nos pontos de sutura.

- Como sabe o que fazer?

- O livro do Odolf tinha os mesmos garrancho ímpares, as mesmas frases que tiveram ao Petrov Odolf obcecado dias antes que se convertesse em renegado. A mesma frase que seu irmão tinha escrito antes que fosse renegado. -Meu Deus!... Parece como uns quebra- cabeças que nunca vai se resolver.

Os olhos de Gabrielle se ampliaram.

- Se refere que esta tapeçaria, está vinculada com tudo isto de algum jeito?

- Acredito que sim- sussurrou Elise.

Ela olhou para baixo no desenho dobrado.

-À Leste da fronteira desvie seus olhos... possivelmente se movermos a tapeçaria à esquerda?

Ela moveu a tapeçaria noventa graus, de modo que o bordo superior se enfrentasse com o leste. O centro do dobrado agora estava vertical. E no desenho surgiu outro que obviamente não teria sido visível até que se moveu neste novo ângulo. O tênue esboço de uma cruz estava costurada na tapeçaria, e no centro dela uma só palavra se revelava nos fios. “Praga” leu Elise em voz alta, surpreendida de que uma voz morta faz muito tempo, de repente falava através da seda e o tecido de seu trabalho.



- O segredo, o que seja, encontra-se na Praga.

- Isso é incrível- disse Savannah sem fôlego. Ela se aproximou e deslizou sua mão sobre o texto oculto. Logo que percorreu os pontos, retirou bruscamente suas mãos como se lhe tivessem queimado.

- OH! Meu Deus. Seus olhos café escuro se abriram de par em par, enquanto deslizava suas mãos novamente pela tapeçaria e ficava em silêncio.

- Savannah que sente?

Quando finalmente falou, sua voz estava privada de ar com pavor.

- Esta tapeçaria tem mais segredos que contar.

## ***CAPÍTULO 30***

Os guerreiros se preparavam para partir a patrulhar quando as portas de cristal do Laboratório tecnológico abriram rapidamente e quatro mulheres belas se apressaram em seu interior. Elise e Gabrielle levavam a tapeçaria da biblioteca de Lucan; Tess e Savannah caminhavam detrás delas com aparência séria em seus rostos. Savannah parecia especialmente sombria, sua boca desenhada em uma linha plaina, suas mãos dobradas formando um punho a cada lado enquanto ela caminhava.

Tegan encontrou o olhar fixo ansioso da Elise.

-O que acontece?

- A tapeçaria, - disse ela, enquanto que ela e Gabrielle o depositavam na mesa de reuniões.

- Eu penso que descobrimos e achamos à luz o que significa o enigma do Odolf.

- Sério?

-Sim. - Sua expressão sóbria lhe disse que não iriam ser boas notícias.

Tegan e os outros guerreiros se reuniram ao redor das mulheres.

- Muito bem. Vejamos o que tem.

Ele observava surpreso e orgulhoso, enquanto ela recitava cada verso enigmático e pregava o desenho conseqüentemente. Era incrível, e tão óbvio agora que Elise o unia juntos para eles. A tapeçaria correlacionou exatamente com cada frase aparentemente absurda. Quando Elise terminou completamente, ela deu um passo atrás e revelou um desenho inteiramente novo – um que Kassia tinha escondido entre os fios enquanto que ela costurou a peça faz todos esses anos. Elise encontrou com o olhar curioso do Tegan.

- Quando eu estava na casa da Irina,

ela me mostrou uma peça que era incrivelmente detalhada. Também tinha um desenho secreto tecido dentro dele. Quando vi esta tapeçaria na parede faz um momento, eu soube que tinha que ter sido feito pelas mesmas mãos.

Quanto mais o observava, mas me perguntava se poderia haver algo mais nele. Tegan sorriu. Ele não se preocupou o mínimo que todo mundo o visse quando a atraiu debaixo de seu braço e carinhosamente ele beijo sua frente.

- Bom trabalho.

- Eu conheço essas cadeias de montanhas, Lucan disse quando ele inspecionava a peça.

Tegan assentiu com a cabeça, reconhecendo também a formação distintiva que jazia a nordeste de Praga.

- Não está muito longe da região onde a maioria da Raça vivia nessa época.

- Então, isto se supõe que é alguma classe de mapa? Rio perguntou.

- Se for assim, O que estamos procurando?

- Não é o que, a não ser quem. - A voz suave da Savannah chamou a atenção de todo o mundo.

- A tapeçaria assinala a localização onde Dragos ajudou a esconder a alguém. O vampiro que o engendrou.

- Jesus Cristo.

Tegan não diferenciou qual dos guerreiros resmungou uma maldição, mas cada um deles teve que compreender o peso do que Savannah acabava de dizer.

- A companheira de raça do Dragos teceu esta peça especialmente para mim, comentou Lucan com um semblante carrancudo e escuro.

- Você está dizendo que Kassia deliberadamente escondeu esta mensagem aqui dentro? Por quê? E por que diabos ela não se aproximaria de mim e me contaria tudo isto?

- Porque ela tinha medo, disse Savannah.

- A ela lhe tinha sido crédulo um terrível segredo, e ela tinha medo pelo que poderia ocorrer se ela o dizia.

Gideon percorreu o olhar em sua companheira.

-Você sentiu tudo isso no tecido, neném? Savannah assentiu com a cabeça.

- Há mais também. E não é bom.

-Nos conte, - disse Lucan asperamente.

- Algo que você possa ler dentro desta coisa, temos que sabê-la.

A habitação ficou em silêncio quando



Savannah estendeu as mãos para fora e as colocou na tapeçaria. O dom único de psicometria da companheira de raça tinha sido muito útil para a Ordem no passado, mas todo mundo observava quando ela começou a absorver as histórias emocionais da peça de bordado em completo silêncio, bem conscientes de que eles nunca tinham necessitado o talento especial da Savannah mais que agora.

-Kassia se encontrava atormentada pelo que ela sabia, mas Dragos a vigiava de perto e ela sabia que se ela dizia o segredo, seu companheiro descobriria. Ele podia trocar de lugar o que ocultava, e então não haveria esperança de arrumar o que ele tinha feito.

-Savannah fechou seus olhos para concentrar-se mais.

- Kassia não tinha a ninguém para compartilhar sua carga – nem sequer com sua querida amiga, Sorcha.

Tegan sentiu sua mandíbula voltar-se rígida com a menção da garota doce que encontrou um muito terrível final por suas falhas. Para dizer que ela entendia o que ele estava sentindo, a mão da Elise se descansou amavelmente em seu braço. Seu toque foi preocupado e compassivo, seu suave olhar tenro.

Savannah continuou.

- Quando Lucan solicitou a Kassia que fizesse esta tapeçaria, ela se deu

conta de que talvez houvesse uma forma para lhe avisar do que tinha feito Dragos. Então, quando ela teceu esta comemoração para Lucan, ela adicionou as pistas e rezou um dia completo para que ele as descobrisse antes que fosse muito tarde.

- O que foi que fez Dragos?- Lucan perguntou sua voz profunda ressonando alto na quietude do laboratório. - Quanto começou ele este engano?

Durante muito tempo, Savannah não falou. Ela lentamente retirou suas mãos, e quando ela deu a volta para fazer frente ao líder da Ordem, seus bonitos rasgos agora estavam sombrios.

- Quando você declarou a guerra ao último dos Anciões – só alguns meses antes que esta tapeçaria fosse feita – Dragos e a criatura extraterrestre que o engendrou forjaram um pacto. Dragos ajudou a seu pai a escapar às montanhas em lugar de estar ao seu lado e lutar contigo e o resto da Ordem.

O semblante carrancudo de Lucan era obscuro, a ira incorporando-se em sua postura tensa.

- Dragos e alguns outros lutaram contra os que os engendraram. Dragos foi o único que saiu da batalha com vida. Ele foi gravemente ferido.

- Tudo parte de seu plano, - disse

Savannah. - Depois de que matassem a outros, Dragos ajudou a seu pai a ocultar-se em uma cripta protetora que ele tinha construído especialmente para ele nas montanhas para fora de Praga. As feridas do Dragos eram de seu pai, mas só para ajudar a ocultar a verdade do que realmente aconteceu. O plano era deixar ao Antigo em um estado de hibernação até que as coisas se aplacassem com a Ordem. Então o Antigo seria despertado para alimentar-se novamente, e começar uma nova geração de sua descendente Casta.

- Santo inferno, - murmuro Gideon, arrancando suas lentes cor azul clara e esfregando-os olhos.

- Soube Kassia se Dragos alguma vez teve a oportunidade de retornar e liberar o bastardo?

Savannah negou com a cabeça.

- Acredito que não. Não percebi que indicasse que ela soubesse o que aconteceu.

Dragos disse a ela aonde se encontrava e se localizava a cripta, e isso foi o que ela teceu na tapeçaria. Ela desejava que Lucan tivesse as pistas em caso de que algo acontecesse a ela.

- OH, Lucan, disse Gabrielle, envolvendo seus braços ao redor dele.

- Ali há... algo mais, disse Savannah.

- Havia um menino. Kassia estava grávida quando ela fez esta tapeçaria. Dragos esteve ausente em uma missão por quase um ano – tanto tempo que ela teve a seu filho em segredo e o envio fora a viver com outra família da Raça antes que Dragos retornasse. Ela se negou a deixar que seu único filho fosse vítima da perigosa aliança de seu companheiro, por isso ela tomou medidas necessárias para proteger a seu bebe e lhe dar um futuro mais seguro.

- Me permita poder adivinhar o disparatado nome da família a que Kassia teve que recorrer, disse Gideon miserável às palavras.

Savannah assentiu com a cabeça.

- Odolf.

-Você sabe, Kade alegou.

- Eu ouvi que sob as condições corretas, apropriadas, os antigos eram capazes de hibernar por gerações.

- Tente por séculos, - disse Tegan, refletindo sobre os selvagens extraterrestres que engendraram a ele e ao resto da origem da primeira geração da Raça.

- Por tudo o que sabemos, esse ultimo restante Antigo está ainda ali fora, escondido perto de Praga e esperando para ser liberado.

- Cristo, - assobio Dante. - O mundo



se converteria em um lugar muito diferente se uma maldade como essa fosse posta em liberdade outra vez.

Niko alvoroçou sua língua.

- E se a alguém lhe ocorre aliar-se com essa classe de poder mortal? Alguém como Marek...

- Não podemos nos permitir esse risco, disse Lucan. Portanto, parece que precisamos arrastar nosso rabo a Praga e ver o que podemos encontrar.

-Esta Reichen só algumas horas longe dali em Berlim, disse Tegan.

- Ele nos ofereceu sua ajuda de qualquer modo que lhe podemos

utilizar. Lucan entrecerrou seus olhos, considerando a idéia.

- Podemos confiar nele?

- Sim,- Tegan disse, assentindo com a cabeça em segurança.

- Eu posso dar fé dele.

- Faça uma chamada então. Mas mantêm ao mínimo os detalhes. Faça-o saber que estamos em caminho e nós vamos necessitar transporte. Reuniremos com a chegada do aeroporto Tegel.

- Não deveríamos nos dirigir diretamente para Praga em lugar disso e deveríamos nos encontrar com ele ali? Brock perguntou.

Tegan negou com a cabeça, ficando ao dia com a tática de Lucan.

-Reichen pode ser digno de confiança, mas não sabemos a respeito de qualquer outra pessoa ao redor dele. Marek já está consciente que nós tivemos um interesse em Berlim.

Não tem nenhum sentido que nos inclinemos para a Praga. Lucan assentiu com a cabeça.

- Ocuparemos-nos de Reichen uma vez que chegamos.

- Correto, - Gideon disse.

- Conseguirei a autorização para um vôo esta noite.

Não houve nenhuma dos alardes usuais quando o laboratório se esvaziou e os guerreiros se retiraram cada um para preparar-se para a missão que tinham por diante.

Tegan normalmente teria partido para permanecer sozinho e pensar em paz. Ele pensou que provavelmente deveria fazê-lo agora, mas então Elise conectou seus dedos através dos dele enquanto que os dois se detinham brevemente no corredor vago.

- Está bem?- perguntou ela, com seu olhar fixo tão sóbrio como a que ele devia ter tido.

- Se desejas estar sozinho, ou se tiver

algo que precise fazer...

- Não. Eu não.

Ele pensou a respeito de chamar à negativa para apoiar-se e alimentar a ela com alguma linha de merdas de que ele era requerido em alguma outra parte nesse mesmo momento, mas as palavras não vieram. E se encontrou que ele não podia soltar sua mão.

Ele estaria indo em poucas horas, e as probabilidades eram muitos malditas de que ele voltasse. Ele tinha neste momento um só objetivo: pessoalmente tirar para fora ao Marek. Inclusive se ele tinha que tirar a si mesmo durante o processo. Tegan estava mais

que preparado de trazer a guerra ao Marek, e, de uma ou outra maneira, esse filho da puta ia cair.

- Vamos, - disse a Elise, inclinando seu queixo para depositar um beijo.

-Só há um lugar ao que quero estar neste momento.



Elise e Tegan passaram o resto do dia em suas habitações, fazendo amor, e, parecia que, evitando a conversação do que o futuro lhes poderia trazer. Ela sabia que os segredos da tapeçaria tinha posto a vista, estavam depositando uma pesada carga sobre ele – em toda a Ordem – mas

Tegan parecia especialmente remoto enquanto o anoitecer se aproximava e o grupo deles se dispunha a sair fora. Ele tinha retirado de algum jeito, como se ele já se foi, lutando com o fantasma de um inimigo que o tinha rondado por muito tempo e finalmente tinha que ser exorcizado.

Sua chamada ao Reichen tempo atrás esse mesmo dia, havia trazido notícias preocupantes: Petrov Odolf se deslizou mais à frente na Sede de Sangue e não estava bem.

As palavras ditas na Instalação de Contenção eram que o Renegado se fez cada vez mais instável nas horas depois que Tegan e Elise o visitaram a última

vez. Em algum ponto durante a noite, ele caiu em violentos ataques e atacou a um de seus negociantes, quase matando ao assistente em um ataque de raiva.

No que diz respeito ao Tegan, ele pareceu cético do relatório que o Diretor Kuhn deu ao Reichen. Ele não confiava no diretor da instalação de contenção, e, quando ele pendurou o telefone com o Reichen, ele deixou ao macho Darkhaven com uma missão para obter mais respostas a respeito da condição do Renegado.

- Tome cuidado, - disse-lhe Elise, quando saíram de suas habitações para encontrar-se com as outras pessoas que se reuniam na área principal do recinto.



Tegan fez uma pausa e a beijou apaixonadamente, mas havia uma distância em seus olhos.

- Amo-te, - disse ela, acariciando ligeiramente sua forte mandíbula e tentando esmagar abaixo a preocupação que a golpeava como um pássaro enjaulado em seu peito.

-Será melhor que volte para mim logo, Entendeu? Prometa-me isso.

Os sons dos outros guerreiros que falavam no vestíbulo pelo caminho diante deles chamaram sua atenção. As armas e a engrenagem propuseram um som discordante, as profundas vozes masculinas retumbavam contra as paredes

de mármore. Esse era seu mundo que o chamava, o dever no que ele tinha jurado para mais tempo que o que ela tinha estado viva.

- Tegan, prometa-me isso disse ela, obrigando-o a olhá-la.

- Não faça nada heróico.

A peculiar esquina de sua boca formou um sorriso irônico.

-Eu, heróico? Nem o pense.

Ela sorriu com ele, enquanto que seus pés se sentiam de chumbo quando caminharam o resto do caminho para o corredor aonde a Ordem, e o papel do Tegan entre eles, esperavam.

Todos outros já estavam reunidos. Elise se encontrou com os rostos sérios das outras companheiras de raça, Tess e Gabrielle aferrando-se a seus companheiros enquanto o tempo de partida se aproximava. Acordou-se que Gideon permanecesse atrás no recinto onde ele pudesse monitorar a operação de base e ser um ponto de contato para outros enquanto estavam no campo.

A surpresa maior foi Rio. O guerreiro que se encontrava em recuperação estava vestido de roupa de combate e esperava com o resto deles, o olhar em seus olhos cor topázio vislumbrava nada menos que fúria. Seu corpo musculoso irradiava malícia pura – branca - candente

e volátil – e Elise repentinamente compreendeu as preocupações do Tess por ele. Ele aterrava, até simplesmente estando de pé.

Elise resistiu o impulso de sujeitar um pouco mais forte a mão do Tegan quando ela sentiu seu braço flexionar-se se dispondo a unir-se com seus irmãos.

Meu Deus, mas ela não queria deixá-lo ir. Não quando acabavam de encontrar um ao outro.

- Tudo esta bem, - disse Lucan, seu firme olhar estável se iluminou em cada um dos guerreiros, a sua vez.

-Façamos isto.

## *CAPÍTULO 31*

Andreas Reichen estava esperando com duas Mercedes esportivas no asfalto do Aeroporto Tegel enquanto a Ordem chegava a Berlim. Tegan fez rápidas apresentações enquanto os guerreiros ligavam o motor de seus veículos e se preparavam para a viagem ao imóvel Darkhaven do Reichen, que estava para servir como base temporária de operações.

- Estou honrado de assistir- disse-lhe Reichen a Lucan e Tegan enquanto os três homens carregavam a última das bolsas e armamento.

- Frequentemente me perguntei como seria ser um da Ordem.

- Tome cuidado com o que desejas, assinalou Lucan.

- Dependendo de como vão às coisas, há uma boa oportunidade de que possamos terminar te nomeando cavalheiro no campo.

- Tenta não parecer tão entusiasta, disse Tegan, agarrando o brilho de paixão nos olhos do civil.

- Que oculta o complexo de contenção?

Reichen agitou sua cabeça. Beco sem saída, literalmente, temo-me. Odolf foi de

mal a pior enquanto se convertia. Ele se deslizou na luxúria de sangue- foi a convulsões violentas.

Ele inclusive começou a jogar espuma pela boca. O encarregado com o que falei disse que era muito estranho, como se Odolf se tornou raivoso. Umas poucas horas mais tarde, estavam lhe levando ao necrotério.

- Merda. Tegan intercambiou um olhar com Lucan, suas plumas de galo elevando-se. O relatório sobre o que tinha escrito Marek.

- O que há sobre a espuma que Odolf estava cuspendo? Era rosado, de aroma nauseabundo?

Reichen franziu o cenho.

- Não sei. Poderia fazer algumas averiguações mais, investigar mais.

- Não, esquece-o. Retomarei-o daqui, disse Tegan.

Lucan sabia exatamente aonde se dirigia isto.

- Não supõe que esse Renegado estava alimentado com Carmesim...

- Só há uma maneira de descobri-lo. Voltarei em um par de horas.

- Terá amanhecido dentro de umas horas, avisou Lucan.



Tegan olhou o ainda escuro céu, a lua deslizando-se bem para o oeste. - Então deixemos de tagarelar para que possa sair daqui. Verei-te quando voltar no Darkhaven.

- Tegan. Maldito seja.

Ele ouviu o lacônico juramento de Lucan detrás dele, mas estava já ao outro lado do asfalto e movendo-se através do complexo do aeroporto às ruas de fora.

O diretor Heinrich Kuhn estava em seu escritório no complexo de contenção, escrevendo documentos de transpasse para o corpo de seu recentemente falecido paciente, quando a desesperada chamada veio de segurança.

Tinha havido uma violação do perímetro. Um guerreiro da raça Gen Um, pelo tamanho e poder dele- infiltrou-se nas portas interior e exterior e estava em alguma parte solto pelo complexo.

- Atiro para matar, senhor? Perguntou o chefe de segurança, ansioso limando sua VOZ.

- Não, replicou Kuhn. -Não, ele não deve ser assassinado. Mas lhe agarrem seja como for, depois lhe tragam ante mim.

Kuhn agarrou o telefone. Ele não tinha dúvidas de quem podia ser o intruso. Ele tinha sido avisado de que a Ordem não estaria longe uma vez que a notícia da

morte do Petrov Odolf começasse a circular. Ele lamentou ter permitido ao guerreiro que chamasse de Tegan dentro do complexo pela primeira vez – a ele e a Agente da Lei. Era seu trabalho proteger a seus pacientes, do estresse de fora e dentro deles mesmo. Nisso, tinha falhado ao Petrov Odolf, embora não mais que quando tinha permitido que o visitante final entrasse em lhe ver.

Era medo desse último indivíduo o que fazia que o diretor passeasse por seu escritório agora. De algum jeito, contra tudo o que sabia que era correto, ele se deixaria ser recrutado em um conluio que tinha terminado com o atroz sofrimento do Petrov Odolf e finalmente morte. Ao Kuhn tinham prometido uma experiência similar

se não era útil a sua nova e letal relação.

Possivelmente seria sábio se escapulisse antes que a situação fosse mais à frente. Era muito próximo ao amanhecer, depois de tudo, e realmente não tinha desejos de sentar-se a esperar que mais problemas aterrissassem em sua porta.

Muito tarde, pensou ele, um segundo mais tarde.

Kuhn não estava precisamente seguro quando sentiu o primeiro golpe seco de ar ao redor dele, mas enquanto girava seu rosto às portas fechadas de seu escritório, ele se encontrou olhando aos frios e mortalmente olhos verdes.

- Guten morgen, Herr Kuhn. O sorriso do guerreiro estava esfriando-se.- Ouvi que tivemos uns pequenos problemas aqui em seu pequeno Bedlam<sup>14</sup>.

Kuhn retrocedeu uns centímetros atrás de sua mesa.

- Não estou seguro do que quer dizer.

Em uma fluida e foto instantânea emoção, o guerreiro saltou ao outro lado da habitação e aterrissou sobre a mesa.

- Petrov Odolf está morto. Isso te recorda algo?

- Não, replicou Kuhn, dando-se conta que tinha tanto medo deste homem como tinha de quem matou ao Odolf.

- Foi desafortunado, mas estava muito doente. Pior do que suspeitava.

O diretor cuidadosamente deslizou sua mão sob sua mesa, procurando o botão que faria soar o alarme silencioso. Ele logo que tinha tido o pensamento antes que uma faca afiada subisse seu queixo.

- Não o faria se fosse você.

- O que quer?

- Quero ver o corpo.

- Por quê?

- Assim saberei se você necessita ou não morrer.

- OH, Deus! Kuhn gemeu. -Por favor, não me faça mal! Não tive eleição- juro-lhe isso!

- Jura-o.

A resposta zombadora estava cheia de desprezo. A faca na garganta do Kuhn se suavizou, somente para ser substituída pela sujeição de fortes dedos. Havia um calor que viajava através dele desde essa castigada conexão - um sentido cheio de invasão que zumbia como mosquitos em seu cérebro.

Os frios olhos verdes aborrecidos em seu amplo olhar se estreitaram. Mente filho da puta. Você e Marek.

O estalo na porta do escritório do

Kuhn sendo esmagado por suas dobradiças cortava o ar. Houve um repentino relatório de disparos de pistola, golpes de staccato<sup>15</sup> que vinham de pelo menos quatro guardas de segurança armados enquanto eles entravam dentro e abriam fogo sobre o assaltante do Kuhn.

O guerreiro rugiu enquanto os guardas disparavam de uma vez. Logo que a sujeição sobre a garganta do Kuhn começou a aliviar-se, ele retrocedeu—tão longe como pôde sair do alcance do enorme vampiro. Ele olhou com aflito alívio enquanto o guerreiro se desabava, depois rodou longe da mesa sobre o chão.

Um grunhido sem palavras saiu da descuidada boca, os desumanos olhos



rodaram de novo para o crânio do guerreiro. Kuhn reuniu sua coragem agora e se aproximou da fera caída. Ele olhou à coleção de dardos tranqüilizadores que se sobressaíam de seu corpo.

- Está bem, senhor? Perguntou um dos guardas.

- Sim, replicou Kuhn, embora estivesse tremendo da briga.

- Isso é tudo por agora. Não quero que este incidente conste em nenhum lugar, entendem-me? Para qualquer que se preocupe isto não ocorreu. Verei que o intruso seja tirado das premissas.

Quando os guardas se foram, Heinrich Kuhn tirou o telefone móvel que

lhe tinham dado e marcou o único número que estava guardado na memória. Quando a voz baixa respondeu ao outro lado, Kuhn lhe disse:

- Algo interessante chegou. Onde você gostaria que o entregasse?

Lucan sabia que algo ia mal inclusive antes que a noite desse passo ao amanhecer.

Agora, um par de horas antes do meio-dia, ele podia só assumir o pior. Não era estranho que Tegan fora só as suas próprias missões pessoais, mas esta vez era auto-suficiente completamente. Ele não tinha retornado da instalação de contenção. Ele não tinha informado, e não

havia sequer feito uma chamada de telefone que indicasse onde estava ou em que tipo de merda podia andar metido.

As chamadas ao complexo tinham sido inúteis. Segundo todos os que falaram com Lucan, Tegan nunca tinha chegado. Em relação à informação sobre a morte do Odolf, todas as perguntas estavam sendo atendidas pessoalmente pelo diretor do lugar, um tal Heinrich Kuhn, quem não estaria disponível até que retornasse a trabalhar ao anoitecer.

Lucan não apreciou o estancamento burocrático, particularmente quando estava tendo um mau sentimento de que Tegan estava em problemas.

- Ainda nada? Dante saiu da habitação onde o resto da Ordem e Reichen estavam cobrindo a próxima viagem noturna a Praga. O guerreiro exalou um comprido suspiro quando Lucan agitou sua cabeça.

- Sei que esta missão é crítica, Lucan, mas maldição. Não me parece bem deixar ao Tegan atrás...

- Não o fazemos. Lucan encontrou o sério olhar de seu irmão.

- Necessito que você e Chase dirijam a missão. Eu ficarei atrás e localizarei ao Tegan.

- Como vais fazer isso? Não temos nem idéia de onde está, ou se inclusive

está ainda na cidade. Levará uma eternidade se planeja ir de porta em porta. Lucan agitou sua cabeça.

- Acredito que conheço uma maneira melhor de lhe encontrar.

## ***CAPÍTULO 32***

A mente do Tegan despertou antes que o resto de seu corpo. Sua garganta queimava, ainda em carne viva e coberta com os resíduos da droga que lhe tinham disparado os guardas do Kuhn. Já não se encontrava nas instalações da contenção, seu sentido do olfato o dizia. Em lugar do fedor da clínica, nesse lugar cheirava a madeira e tijolos velhos, um toque de pintura fresca, que vinha de algum lugar

por cima dele...

E perto, o aroma de uma morte recente. O aroma enjoativo do sangue derramado, o sangue coagulado de um dos membros da Raça, que pendurava como um espesso véu.

Não tinha que tentar mover suas extremidades para saber que estava encadeado. O peso dos braceletes das pesadas cadeias, pendurava de seus pulsos e tornozelos, pendurado como uma águia em pleno vôo, entre duas vigas de madeira. Desde acima, vindo de alguma parte de onde estava encarcerado, escutava o ruído dos corvos que passavam voando. Apesar de que estava escuro, sabia que lá fora era de

dia, seu cérebro processou rapidamente a idéia quando escutou os grasnidos distantes. Ele devia ter estado aqui - onde quer que fosse que o tivessem- durante horas. Tegan levantou uma pálpebra, logo que a abrindo, sua visão dançou, sentiu a vertigem instantânea lhe fazendo enrolar-se mais nas cadeias.

- Por fim acordada. Tegan reconheceu a voz, inclusive em seu estado meio drogado. Os idiotas dos empregados do Kuhn quase o matam com os dardos tranqüilizadores. E esse é um privilégio que me tenho Tegan reservado não respondeu, não podia inclusive ser capaz de formular alguma palavra e Marek não merecia respeito algum.

- Acordado - uma ordem concisa

- Acorda caralho Tegan e me diga onde está! Uns dedos lhe puxaram os cabelos e levantaram a cabeça bruscamente quando ele não podia fazê-lo por sua conta. Deram-lhe um forte golpe em um lado do rosto, mas ele apenas o notou dentro da névoa em que o mantinham os sedativos.

Necessita que te convença um pouco, verdade? Uns passos fizeram ranger as taboas de madeira, quando Marek o soltou e se afastou um pouco. Retornou um momento depois.

A cabeça do Tegan foi movimentada para trás. Algo foi pressionado por



debaixo de seu nariz, ao momento que lhe davam um duro golpe no estômago que lhe fez aspirar. A reação involuntária trouxe-lhe o comichão de um pó que viajava por seu nariz e através de sua boca aberta. Ele tossiu asfixiando-se com a asquerosa substância e soube imediatamente o que acabava de lhe dar Marek.

- Já está, um pouco de Carmesim, deve acelerar as coisas- Marek se apartou assim que Tegan tratou de cuspir a droga. Não aconteceu. Podia sentir o Carmesim filtrar-se em suas fossas nasais e aferrar-se a sua garganta, imediatamente em que uma corrente elétrica se disparava diretamente a seu cérebro. As drogas e o espasmo o fizeram estremecer-se.

Podia sentir como era absorvido em sua corrente sangüínea, um calor que viajava desde seus membros encadeados para cima. Quando o tremor inicial diminuiu Tegan abriu os olhos e cravou seu olhar assassino em seu captor.

Marek cruzou os braços sobre seu peito, Sorrindo enquanto dizia.

- Voltou para a vida né?

-Vai à merda! Tegan tratou de pôr as mãos para baixo, mas as cadeias o impediram.

Sua mente estava lúcida, mas sua força física era ainda mínima no melhor dos casos. Ia levar bastante tempo ou possivelmente outro golpe de carmesim

para sacudir os efeitos dos tranquilizantes.

- Onde está ele, Tegan?

- Ainda não encontrou o lugar no que se oculta? Embora os olhos do Marek estivessem ocultos detrás dos óculos de sol escuros, Tegan podia sentir o calor de seu olhar.

- Sei que a Ordem tem o jornal. Sei que viram a adivinhação e sei também que você falou com o Petrov Odolf, o que lhe disse a respeito dele?

- Ele está morto.

Sei, de acordo. - disse Marek.

-Uma overdose de Carmesim, como sem dúvida suspeitou quando viu o Herr Kuhn.

Tegan seguiu o olhar do Marek até a fonte do fedor a morte na habitação. O torso sem cabeça do diretor Kuhn estava sentado no chão junto a uma espada com uma ampla folha empapada de sangue. Marek se encolheu de ombros.

- Ele serviu a seu propósito.

- Como todo o rebanho de ovelhas desventuradas que habitam o Darkhaven, serviram a seu propósito, não está de acordo?

- Esqueceram-se de suas raízes, isso se é que as entenderam alguma vez.

Quantas gerações passaram desde aquela primeira ilustre geração da que formamos parte nós?

- Muitos, e cada geração que passa, o sangue se volta mais débil, diluída com os gens dos homo sapiens. É hora de começar de novo, Tegan. A Raça precisa cortar os ramos podres e começar um novo reinado com a energia do GEN UM. Quero ver a raça prosperar.

Quero que sejamos os reis, da forma que deve ser.

- Está louco - grunhiu Tegan.

- E o único que desejas é o poder para você, sempre o desejaste.

Marek se burlou, eu era quem o merecia, eu era o maior, não Lucan.

- Tive a idéia clara de como devia evoluir a Raça. Os humanos devem esconder-se de nós, e não o reverso como é agora.

- Lucan não o vê assim, ainda não, sua humanidade é sua maior debilidade.

- E a tua sempre foi à arrogância.

Marek grunhiu, E qual foi a tua Tegan? Seu tom era muito claro, muito ferino em sua casualidade.

-Lembro-me dela, já sabe... Sorcha.

Tegan odiou como o inferno escutar o

nome daquela inocente mulher nos lábios de seu inimigo, mas trouxe a raiva que estava construindo em seu interior. Sorcha se tinha ido.

Finalmente a tinha deixado ir e Marek não seria capaz de retorná-la a sua memória.

-Sim, foi sua debilidade. Eu sabia quando levei isso essa noite. Lembra-te, não? A noite que foi seqüestrada em sua casa enquanto você estava de patrulha com meu irmão, em uma dessas missões sem fim que vocês têm.

Tegan levantou seu olhar para o Marek.

- Você... o sorriso do vampiro foi

cruel, obviamente divertido.

- Sim, fui eu. -Ela e a cadela da companheira do Dragos, eram umas ladronas, assim que eu realmente esperava que Sorcha pudesse me dizer o segredo de onde tinha posto Dragos a tumba e o que Kassia tinha tratado de ocultar, mas tirou a vida antes que eu pudesse lhe tirar a verdade.

- Sorcha não sabia nada, bom, não exatamente, ela sabia do filho da Kassia ao que tinha entregado em segredo e que deu de presente antes que Dragos soubesse que tinha um herdeiro.

Ah, Cristo! Tegan fechou os olhos, agora podia compreender o que Sorcha



tinha sofrido sob a mão do Marek.

- Ela era muito débil, mas eu já sabia que assim seria, ela nunca foi forte. Só era uma doce garota que confiou em você para que a mantivesse segura. Marek fez uma pausa, como se refletisse.

- Parecia quase um desperdício que fosse um subordinado, quando com um pouco de dor que lhe infligisse já tinha contado todos os segredos.

-Filho da puta- gritou Tegan. É um maldito doente, filho da puta!

-Por que o fez? Por que a ela?

-Por que eu podia fazê-lo. Respondeu Marek

O rugido do Tegan ecoou até nas vigas do lugar, sacudindo as janelas negras que estavam no teto. Lutou contra suas cadeias, mas a momentânea rajada de adrenalina só lhe causou um acesso de tosse e lhe deixou esgotado. Os grilhões em seus pulsos lhe cortaram a pele por seu peso, suas coxas estavam muito fracas para sustentá-lo.

-E por que posso fazê-lo.  
Acrescentou Marek

- Vou matar a você e a todos os que lhe importam se não me diz o que significa a maldita adivinhação e onde encontrar ao Antigo.

Tegan ofegou suspenso

desamparadamente por suas cadeias. Os sedativos o estavam enviando à inconsciência de novo. Marek se separou com calma, manteve-se de pé, mas fora de seu alcance. Lentamente caminhou para a porta e chamou dois de seus guardas subordinados ao interior. Assinalou o corpo profanado do Kuhn.

- Levem-se essa cadáver putrefato daqui e deixem que se queime. Seus subordinados se apuraram a cumprir com a ordem, então Marek devolveu sua atenção ao Tegan

- Parece que é necessário lhe dar tempo para que pense no que lhe pedi, então o pensa.

- Pensa-o bem Tegan e já praticaremos quando retornar.

\*\*\*

Elise teve uma olhada do rosto do Gideon, quando ele chegou a procurá-la no quarto do Tegan e ela sabia que algo estava terrivelmente mal.

-É Lucan, deseja falar contigo. Ela tomou o telefone celular e tragou forte antes de responder

-O que lhe ocorreu? Disse sem incomodar-se sequer em lhe saudar quando cada célula de seu corpo o sentia.

- Lucan, me diga que ele está bem.

-Eu sou, ah... não estou seguro a respeito disso, Elise. Algo anda mal.

Elise escutou pacientemente o que Lucan lhe contou a respeito do desaparecimento do Tegan. Não o tinham visto, não tinham ouvido dele durante várias horas. Lucan enviaria ao resto da Ordem a Praga com o Reichen ao entardecer, mas ele ficaria para procurar o Tegan. Não estava seguro de onde poderia começar a procurar e nem de quanto tempo tomaria percorrer a cidade procurando uma pista de seu paradeiro, suspeitava que ele e ela compartilhassem um enlace de sangue, assim que seu melhor meio para rastreá-lo era Elise.

- Não podemos estar seguros, mas

tenho minhas suspeitas de que Marek pôde havê-lo capturado. Se esse for o caso não temos muito tempo.

-Vou para lá. Ela olhou ao Gideon que estava esperando fora.

-Pode me conseguir um vôo imediatamente?

-O avião da Ordem ainda está em Berlim, mas posso conseguir outro.

-Não há tempo para isso, disse.

-O que tem que um vôo comercial?

Ele franziu o cenho pela preocupação. Realmente quer sentar-se em um avião por quase um dia com

centenas de humanos?

-Crê que está bem para suportá-lo?

Ela não estava segura, em realidade, mas isso não ia detê-la. Se tinha que tomar um avião cheio de assassinos sentenciados, faria-o, se era necessário para assegurar-se de que Tegan estava bem. Só faz-o Gideon, por favor. O primeiro vôo que possa me conseguir.

Ele assentiu e foi rapidamente pelo corredor para arrumar os detalhes do vôo.

-Estarei aí logo que possa Lucan. Ouviu sua suave exalação e a cautela de sua voz, Lucan não estava seguro de que ela faria algo pelo Tegan, inclusive se não pudessem encontrá-lo.

- Bom, disse um carro estará ali para procurá-la e trazê-la à mansão do Reichen, iniciaremos a busca logo que você chegue aqui.

## ***CAPÍTULO 33***

O vôo para Berlim foi longo e insofrível. Elise sentiu cada minuto mais difícil, cada hora, enquanto chegavam, determinou que seria mais forte que a habilidade que a havia possuído por tanto tempo. Ela tinha que agradecer ao Tegan por ajudá-la a superar o pior disto – não somente sua demonstração de como dirigir seu talento psíquico, mas também o amor que sentia por ele, que a conduziu adiante mesmo durante a familiar



enxaqueca, que cruelmente começava a golpear suas têmporas apenas à uma hora do vôo.

Elise o suportava porque tinha que fazê-lo. Porque a vida de Tegan poderia muito bem depender dela agora.

Meu deus, ela não podia fracassar agora. Poderia dirigir algo, exceto perdê-lo. Logo que as rodas do avião a jato tocaram o chão, nessa mesma tarde, a determinação de Elise para encontrar Tegan – e de levá-lo de volta para casa sem nenhum dano – se redobrou. Saiu correndo do terminal e encontrou-se com Lucan, que estava fora, sentado em um banco, onde a esperava com um dos veículos de Reichen.

- Dá-se conta de que se conseguimos encontrá-lo, Tegan vai querer me matar por metê-la nisso. - Disse Lucan enquanto ela se aproximava do carro. Falou em um tom de brincadeira, mas ela não perdeu o fato de que não havia nenhum humor em seus olhos cinza.

- Quando o encontrarmos, Lucan. Não pode haver nenhuma dúvida. Ela lançou sua mala para viajar na parte traseira e subiu ao assento do passageiro. - Começamos. Não quero descansar esta noite até que cubramos cada rua desta cidade.

\*\*\*

Dante, Reichen, e o resto da Ordem correram com os dois SUVs a uma parada

pouco iluminada pela lua, cheia de árvores, à uma hora fora de Praga. O bosque era espesso aqui, só a luzes mais fracas de algumas casas remotas resplandeciam na escuridão. Eles saíram, os sete vestidos com uniformes pretos e armados até os dentes com armas de fogo, milhares de rondas de titânio, e uma carga de explosivos C-4.

Cada macho da Raça também carregava em suas costas um sabre embainhado preso com uma correia as suas costas – pouco convencional essa arma para a guerra moderna, mas totalmente necessária quando se ocupava de um tão repugnante e poderoso como a criatura que tinham a intenção de despertar de sua letargia.

- Esse tem que ser o lugar, - disse Dante, assinalando para a silhueta dentada das montanhas que estava diante deles. - O desenho é um partido perfeito do bosquejo na tapeçaria da Kassia.

- Provavelmente demoraremos um par de horas em fazer a caminhada até lá em cima, - comentou Niko. Suas bochechas formando covinhas com um sorriso ansioso, o brilho branco de seus dentes brilhou contra a cobertura da noite. - A que estamos esperando?

Vamos pôr em um saco a esse filho da puta.

Dante o reteve com uma mão firme, olhando com cenho franzido o ânimo do

jovem guerreiro. - Mantenham-se firmes, todos. Isto não é um jogo de merda. Isto não é como nenhuma outra missão que tenhamos feito. Aquela coisa que se encontra selada ali longe nessa montanha não é um vampiro que acaba de sair do jardim. Vocês tomem a Lucan e Tegan e ponham-nos juntos – que merda, coloque também ao Marek ali dentro – e vocês ainda não se aproximam do que esta criatura pode fazer. Ele é um Gen Um e cem vezes mais.

- Mas sua cabeça pode ser separada de seu corpo, como qualquer de nós, - assinalou Rio em voz baixa, mortífera. - A maneira mais rápida para matar a um vampiro.

Dante assentiu com a cabeça. - E somente vamos disparar a ele, nada mais. Uma vez que encontremos a cripta e chegemos a seu interior, a primeira prioridade é transpassar três pés de aço afiado através do pescoço do bastardo.

- E precisaremos fazê-lo antes que tenha a possibilidade de despertar, - Chase adicionou. - Se deixarmos a essa coisa despertar antes que estejamos no lugar e preparados para matá-la, há muitas probabilidades de que nem todos consigam sair dali.

- Que alguém me recorde por que não quis ser um contador quando cresci, - Brock falou arrastando as palavras.

Niko riu entre dentes. - Porque os contadores não conseguem fazer que as coisas se elevem ao céu fazendo boom.

- Não conseguem fumar muitos chupasangues tampouco, - acrescentou Kade, participando da brincadeira.

O sorriso aberto de resposta do Brock era grande, branco e brilhante. - OH, sim. Agora recordo.

Dante deixou a todo mundo incorporar-se ao plano, os machos mais jovens tratando de limpar o nervosismo com humor e energia em suas palavras. Mas quando a equipe deles ficou em marcha ao lado arborizado do pendente rochoso, ficaram calados e sérios.

Nenhum deles estava seguro do que encontrariam ao final desta viagem, mas todos eles estavam preparados a encontrá-lo juntos.

\*\*\*

Elise não estava segura de quanto tempo tinham estado conduzindo. Facilmente horas. Eles se deslocaram através de cada seção da cidade, concorrida e a abandonada, detendo-se com regularidade para deixá-la escutar pelos becos e ruas obscurecidas. Em espera que suas veias ferroassem com a consciência – a esperança fervente – que Tegan estava perto.

Ela não queria dar-se por vencida.



Nem mesmo enquanto a noite começou a decrescer para o amanhecer.

- Podemos fazer outro circuito através da cidade, - disse Lucan, o guerreiro de Gen Um não mais inclinado por abandonar ao Tegan do que ela o estava. Embora a luz do dia entrante fosse uma grande ameaça como qualquer outro inimigo mortal.

Elise elevou e tocou a mão grande que já girava o volante para outra rua. - Obrigado, Lucan.

Ele assentiu com a cabeça. – Você o ama muito, verdade?

- Sim, amo-o. Ele é... tudo para mim.

- Nesse então é melhor que não o percamos, né?

Ela sorriu e negou com a cabeça. - Não, é melhor que não... OH, meu Deus Lucan.

Baixe a velocidade. Detenha o carro!

Ele freou imediatamente, e deteve o carro na borda próxima de uma rua flanqueada de árvores, elegante e residencial. Quando o veículo se deteve, Elise deslizou para baixo seu guichê. Uma brisa fria de fevereiro se apressou dentro.

- Aqui embaixo, - ela disse, suas veias zumbiam.

Ela enfocou a atenção na sensação,

devorando sobre ela, tentando adivinhar sua procedência. Era Tegan; Ela não tinha nenhuma dúvida. E o calor que viajou através de sua corrente sanguínea não era um calor agradável, a não ser uma queimadura ácida.

O calor abrasador da dor.

- OH, Meu Deus. Lucan, ele está sujeito em alguma parte nesta rua – estou segura dela. E ele está ferido. Ele está machucado... muito gravemente. Ela fechou seus olhos, sentindo-o até mais agora que o carro dava volta em cima da avenida que o carro tinha feito. - Te apresse Lucan. Está sendo torturado.

Ela se sentiu intranquila, enjoada,

tanto com a idéia de que Tegan estava sendo maltratado, como pela angústia que se enroscava e corria através de cada célula de seu corpo humano. Mas ela se sustentou, procurando qualquer marca ou sinal que lhes indicasse que eles estavam pertos. O ponto candente de dor que a golpeou enquanto se arrematavam em uma velha casa senhorial de pedra-e-madeira lhe disse que o tinham encontrado.

A casa estava na parte traseira da rua, tranqüila, mas bem cuidada. Obviamente havia gente vivendo dentro. Um sedan cor branca Audi estava estacionado na garagem da casa.

Havia sementes para pássaro no alimentador pendurando de um ramo do

pinheiro no centro do pátio. O trenó de um menino disposto a passear diante da neve.

- Justo aqui, - disse a Lucan. - Ele está nessa casa.

Lucan franziu o cenho quando observou os mesmos detalhes que ela via, mas ele apagou as luzes e deteve o motor. - Está segura?

- Sim. Tegan está preso dentro.

Ela observou como Lucan armava a si mesmo. Ele levava já posto um arsenal de armas – duas pistolas grandes e um par de adagas embainhadas – mas ele agarrou uma bolsa de couro desde atrás do assento do passageiro e abriu o fecho da bolsa para tirar até mais.

Ele olhou para cima sobre ela e murmurou uma maldição forte. - Não estou muito seguro de se seria seguro que você espere.

- Isso é bom, - disse ela, - porque não o penso fazer. Posso ajudar a encontrá-lo uma vez que entramos.

- De maneira nenhuma, Elise. Também isso é foddidamente perigoso. Não posso te levar ali dentro. Não o farei. Ele deu uma palmada a um clipe em uma de suas armas e a embainhou. Então ele pegou outra faca e um carretel de arame da mala e preencheu ambos em um bolso de sua jaqueta de combate. - logo que me dirijo para a casa, quero que você se

deslize em cima do assento do condutor e tome o volante. E parta.

- Lucan. Elise se encontrou com seu olhar fixo cinza severo e o sujeitou firmemente.

- Faz quatro meses pensei que minha vida tinha acabado. Meu coração foi arrancado pelo Marek e os Renegados que lhe servem. Agora, por algum milagre do destino, sou feliz outra vez. Como nunca sonhei que poderia ser. Nunca tinha conhecido esta classe de amor

- O amor que tenho pelo Tegan. Portanto, se você acreditar que vou sentar-me aqui fora e esperar, ou ficar fora do caminho do perigo quando sei que

está em problemas – quando sei que está sofrendo – bem, sinto muito, mas pode esquecer-se disso.

- Se meu irmão for o que o mantém detido— e deixemos claro que é um maldito por fazer isto, ambos sabemos que tem que ser Marek – nesse caso então só Deus sabe o que vamos encontrar ali dentro. Ou o que poderia sair dali quando o pó finalmente se assente.

Tegan poderia estar perdido já.

- Preciso saber Lucan. Prefiro morrer no intento de ajudá-lo em vez de partir.

Um lento sorriso aberto se estendeu pela cara do líder temível da Ordem. - Alguém alguma vez lhe há dito que você é



uma fêmea obstinada?

- Tegan pôde havê-lo dito um par de vezes, - ela admitiu ironicamente.

- Então acredito que ele terá que compreender contra o que me enfrento quando ele a veja comigo. Deu a ela uma adaga embainhada sujeita com um cinturão de couro.

Elise atou com a correia a arma ao redor de sua cintura e sujeitou a fivela. - Estou preparada quando você o diga, Lucan.

- Muito bem, - disse ele, sacudindo sua cabeça em animo de derrota. - vamos trazer nosso moço.

Saíram do carro e rapidamente, com cautela se aproximaram da residência dos humanos. Quando se aproximaram do lugar, Elise foi assaltada com a dor do sofrimento do Tegan e a crescente consciencia de Subordinados na propriedade. Sua mente se encheu de um concerto de pensamentos corruptos, vozes feias que golpeavam sua consciência.

- Lucan,- ela sussurrou, articulando uma advertência para ele. - Quão subordinados estão dentro são – mais de um.

Ele assentiu com a cabeça, e fez um gesto para que ela se remontasse perto dele. Ele agarrou um engradado que subia para cima por um lado da casa, provando

sua força. Você pode escalá-lo e subir por ele?

Ela sujeitou a provisória escada de mão e começou a escalar para cima. Lucan a encontrou acima; tudo o que teve que fazer para alcançar o teto do terraço do segundo piso foi um salto poderoso de suas pernas. Ele aterrissou silenciosamente de seu salto eloqüente e baixou sua mão a ajudá-la a subi-la acima o resto do caminho.

Um par de portas francesas se encontrava abertas em cima do pátio ladrilhado, as cortinas brancas etéreas penteando a entrada como se fossem fantasmas. Elise podia ver uma mulher com uma camisola de noite que estava

imóvel no chão dentro do quarto. Seu braço estava estendido, não em movimento, a mão tratada grosseiramente e estava tendida em uma piscina de sangue derramado.

- Marek, - disse Lucan brandamente, para a explicação do açougue. - Estará você bem se caminhar a partir daí?

Elise assentiu com a cabeça. Seguiu-lhe através da cena de violência recente, além da mulher humana morta e o marido que evidentemente tinha tentado sem êxito algum deter o ataque do vampiro vicioso. A bÍlis se levantou através da garganta de Elise enquanto caminhavam para fora no vestÍbulo e encontraram o corpo de um moço jovem.

OH, Meu Deus.

Marek tinha interrompido e os tinha matado.

Lucan a levou de onde se encontrava o menino, tomando sua mão e a manteve detrás dele enquanto ele parou para uma rápida verificação visual do vestíbulo. Ela sentiu a explosão repentina de dor mental, mas não tinha visto a chegada do Subordinado até que ele estava perto deles, tendo saído de outra habitação quando eles se aproximavam. Lucan silenciou ao escravo mental do Marek antes que o humano tivesse a possibilidade de gritar.

Com uma adaga fatiou profundamente

a garganta do Subordinado, que balbucio em estado de comoção, depois se desabou sem vida pelo piso. Lucan não lhe outorgou nenhuma concessão absolutamente. Ele passou por cima do cadáver, em espera que Elise pudesse fazer o mesmo.

Quando se aproximaram de um oco da escada que levava a um piso superior da casa, as veias de Elise se acenderam com uma classe elétrica de intuição. Ela quase podia sentir o coração do Tegan golpeando dentro de seu próprio corpo, seu fôlego laborioso trabalhando e constrangendo-se dentro de seus pulmões.

- Lucan,- ela sussurrou, assinalando a porta. - É Tegan. Esta lá em cima.

Ele se trasladou ao poço apagado e olhou com atenção em cima das escadas. Fique perto, e mantenha-se detrás de mim.

Juntos subiram os degraus pronunciados, estreitos. Na parte superior se vislumbrou uma porta de metal. Lucan levantou a fechadura de metal. Ele voltou o olhar atrás para ela, e até na escuridão ela pôde ver a expressão que parecia lhe advertir que se preparasse para o que podiam encontrar ao outro lado.

Tegan estava vivo detrás daquela porta fechada – muita segura estava ela – e isso é tudo o que precisava saber. - Faz-o, Lucan, - sussurrou ela.

Ele empurrou a porta para abri-la e

se meteu com cuidado através da mesma como um trem de carga, utilizando uma lâmina grande e enterrando-a no subordinado que se equilibrou sobre eles em pleno ataque. Elise conteve seu grito quando outro se moveu aproximando-se do que desabou de forma pesada sobre o chão de pranchas de madeira.

Mas foi a vista do Tegan que quase rasgou um uivo agudo de sua garganta. Sujeito com grilhões por um par de vigas grossas com ferros em ambas as mãos e tornozelos, seu corpo arqueado, pendurando fracamente de suas cadeias. Seu belo rosto se encontrava oculto por inclinação de sua cabeça e a distribuição desigual de seu cabelo empapado de suor, recoberto de sangue, mas Elise ainda



podia ver o dano ali. Ele estava ensangüentado e golpeado em todas as partes por uma recente tortura, seu corpo ainda não tinha tido tempo de acelerar sua cura nos ossos como nas finas malhas maltratadas.

Ela pensou que estava inconsciente até que uma tensão visível repentinamente se arrastou sobre seus músculos. Ele sabia que ela estava ali. Ele sentia sua presença tal como ela conheceria a sua em qualquer lugar.

- Tegan... - ela começou a correr para ele, mas se deteve retrocedendo bruscamente quando ele elevou sua cabeça e ela viu o brilho debruado como se fosse uma folha de barbear da fúria em

seus olhos. - OH, Deus Tegan.

- Sai daqui!- Sua voz era cascalho cru. Os olhos ambarinos que se deslumbraram sobre ela debaixo da frente arroxeadada se encheram de raiva animal e dor. Suas presas se encontravam enormes, mais mortais que ela alguma vez os tivesse visto. Ele clamou contra as cadeias que o sujeitavam. - Maldito seja! Sai daqui agora!

- Tegan. Lucan deu um passo acima agora, aproximando-se cuidadosamente, mas sem titubear. Ele estendeu a mão para sujeitar uma das cadeias que pendiam uma das mãos do Tegan. - Tiramos-lhe deste lugar.

- Retornem, - ele grunhiu.

Lucan cheirou o ar. - Que diabos?- Ele deslizou seu polegar por debaixo do nariz do Tegan, onde uma tênue casca rosada se reuniu. - Ah, Cristo, Tegan. - Carmesim?

- Marek... ele me deu um lote dessa merda, Lucan- grunhiu Tegan, as ranhuras de suas pupilas se encontravam mais magra no centro de toda essa cor âmbar brilhante. - Você o entende agora? É a Sede de Sangue. Perdi-me muito longe.

- Não, você não estas, - disse Elise.

- Jesus, - ele assobiou através de suas enormes presas. - me deixem – vocês dois! Se você deseja me ajudar, Lucan a

tira deste inferno que há aqui. Leva-a longe daqui.

Elise se aproximou dele e amavelmente tocou seu cabelo emaranhado. - Não vou a nenhuma parte. Amo-te.

Enquanto que ela tentava apaziguar ao Tegan, Lucan rompeu o grilhão e a cadeia livre do poste com um puxão poderoso de seu braço. O braço direito do Tegan pendurou para baixo livremente, com um som metálico. Quando ele tratou de alcançar o outro, foi Tegan quem expressou com um grunhido uma advertência.

- Lucan. Muito tarde.

A rajada de uma arma se escutou agudamente no quarto escuro, uma explosão alaranjada que provinha da cercania do oco da escada. Lucan recebeu o golpe com suas costas e em um joelho. Outro disparo se escutou, mas o som curto e metálico originado estabeleceu que este não deu no alvo e golpeio uma pedra em troca.

Mais disparos estalaram quando dois Subordinados e um Renegado – cúmplice do Marek, todos eles armados com armas semi-automáticas – vertidos no arranque e começaram a disparar completamente as rondas. Elise sentiu um grande peso abaixo ao redor dela, atirando dela para o refúgio de uns músculos duros. O fôlego do Tegan cortava aproximadamente em

seu ouvido, mas seu braço livre estava envolto ao redor dela, seu corpo arqueado sobre ela para protegê-la.

Ela se sentia impotente, observando a Lucan combater com três adversários enquanto que ela estava escondida na jaula do corpo do Tegan. Lucan esquivou muitas das rondas dos rápidos disparos, mas um bom lote deles golpeou seu corpo. O guerreiro de Gens Únicos resistiu ao assalto, respondeu o fogo quando a dança do combate enterrou o quarto em um caos cheio de fumaça, ensurdecedor. O Renegado morreu pelas balas de titânio de Lucan. O corpo se convulsionou no chão, contorcendo-se enquanto a morte velozmente o levava.

Quando um dos Subordinados se situou mais perto, suas vistas se fixaram em Lucan, que evitava os disparos de outro e devolvia mais do mesmo, Elise se agachou para tratar de tocar o punho de sua adaga. Ela atirou dela soltando a da capa, sabendo que teria que lançá-la, e ela teria só um disparo.

Tegan grunhiu seu nome em uma advertência, quando ela rodou livre de seus braços.

Ela se aproximou até seus pés e tomou o objetivo rápido, logo retraiu de novo sua mão e soltou a folha.

O Subordinado deu um grito quando a adaga se incrustou profundamente debaixo

de seu braço. Ele caiu para trás com sua arma ainda disparando, enviando um jorro de balas a grande altura pelo teto. Alguns deles golpearam o teto negro, o som do cristal quebrando um contraponto sinistro contra a batalha que estava ocorrendo abaixo.

- OH, Meu deus, - ofegou Elise quando os pedaços de vidro quebrado caíam das clarabóias.

O teto de vidro – tinha sido recentemente recoberto com pintura negra para ocultar o sol. Marek deveu ter tomado essa precaução imediatamente quando ele estabeleceu o acampamento na casa dos humanos.



Agora, quando outro pedaço grande de vidro se separou subitamente e caiu ao chão, Elise ficou com o olhar fixo para o céu no alto.

Um céu que estava lentamente iluminando-se com a primeira luz da alvorada.

## ***CAPÍTULO 34***

Tinham estado registrando o íngreme e irregular penhasco durante horas e ainda não havia pista da cripta. A noite estava começando a empalidecer. Nenhum dos guerreiros que escalavam as rochas tinha nenhum verdadeiro afeto pelo sol, particularmente Dante, depois de que desagradáveis raios ultravioleta lhe

atingiram faz uns meses — mas como mais tarde a geração da Raça, eles podiam cada um suportar a luz do dia durante uma curta quantidade de tempo. Com a ajuda de protetor solar, podiam dobrar essa exposição.

Mas não era assim para o Antigo que caçavam agora. Se a origem Gen Um desse Alie começasse a queimar-se em dez minutos, a pele alérgica aos raios ultravioleta do Antigo e seus olhos se incinerariam em segundos. Isso fazia um plano decente de retrocesso, se a Ordem de algum jeito falhava em tomar a cabeça da criatura.

Assumindo que pudessem encontrar o esconderijo do chupasangue entre toda

essa rocha inóspita. Dante disparou um olhar calculador sobre o céu. - Se não dispararmos sobre algo na seguinte meia hora ou assim, deveríamos voltar.

Chase assentiu. Permanecia junto a Dante na boca de uma cova superficial que não tinha dado nada exceto algumas garrafas de cerveja desprezadas e os dias de velhos retalhos de uma fogueira extinta. - Possivelmente estamos longe. Alguns de nós poderíamos nos separar ao longo da longínqua crista e comprovar mais de perto o topo.

- Teve que estar aqui-, disse Dante. - Viu a tapeçaria. Essa linha que Kassia costurou no desenho é esta, justo onde estamos. Digo-te que estamos pertos.

- Né, Dante. Nikolai estava apoiado sobre um promontório rochoso vários metros por cima da boca da cova. - Rio e Reichen encontraram outra entrada aqui. É bastante apertado, mas se dirige ao interior da montanha. Poderia querer jogar um olhar.

Dante e Chase fizeram uma ascensão difícil até onde os outros se reuniram. A boca da cova — se pudesse inclusive chamá-lo - era uma fatia vertical na rocha. Suficientemente pequeno para ser dissimulado a menos que estivesse justo em cima disso, o suficientemente largo para que um homem se movesse através dela com cuidado.

- Marcas de biombo-, observou

Dante, movendo sua mão pelo bordo da entrada. - me apoiando no tempo atmosférico, esteve aqui uma temporada. Este poderia ser o lugar.

Seis sóbrios olhares apoiaram o seu enquanto desencapava a espada que levava e tranqüilamente dava as ordens da operação. Iria primeiro, para ver o longe que chegava a entrada e se havia algo ao outro lado. Os outros esperariam suas ordens — dois em guarda fora da entrada, e o resto preparados para mover-se detrás do seu sinal se tivessem encontrado a cripta.

Ele deslizou entre as placas verticais de rocha, sua cabeça girou para o buraco escuro diante dele. O aroma de esterco e

mofa ofendia seus sentidos quanto mais entrava. O ar aqui era frio, úmido. Não havia sons, só o suave roce de seu movimento enquanto o avançava.

Em algum lugar com o passar do caminho, se deu conta que a aglomeração de pedra estava cedendo. As paredes começaram a alargar-se de forma crescente, depois, ao final, abriu-se para um profundo espaço cavernoso dentro da montanha.

Dante avançou sobre algo que rangia sob suas botas.

Seus olhos estavam muito acostumados à escuridão, e o que viu lhe fez extrair o sangue de sua cabeça.

Maldição.

Eles tinham encontrado o segredo do Dragos. Sem dúvida. Dante estava em meio da câmara de hibernação do Antigo, uma cripta cavada no lado de uma montanha, justo como a tapeçaria da Kassia havia dito que estaria.

Dante não recordava como falar-demônios, o não estava sequer seguro de que estivesse respirando nesse momento, mas em uns momentos esteve unido por seus irmãos.

- Jesus Cristo-, murmurou um deles, apenas audível.

A oração sussurrada de Rio em espanhol falou por todos: - Que Deus nos

ajude.

Tegan subiu sua cabeça, girou um fugaz e incerto olhar as clarabóias quebradas por cima deles. Maldição.

Ele não se atreveu a olhar muito. A luz temprana filtrada do amanhecer era como ácido vertendo-se sobre suas retinas. Lucan estava sentindo os efeitos também. Ele tinha um disparo na coxa, o disparo do subordinado restante lhe fez cair ao chão. Como um vampiro Gen Um, podia absorver mais danos que outros de sua raça, e os tinha, seu corpo expulsando os assaltos que não tinha podido esquivar, feridas sangrando, mas que começavam a cicatrizar.



Mas o estava sob o teto aberto agora, e magros brincos de fumaça começavam a elevar-se de sua pele exposta. O gritou, transformando-se em ira. Seus lábios se separaram enquanto suas presas tiradas como chicletes e seus olhos eram âmbar brilhante.

O Subordinado começou a retirar-se agora, dando-se conta que do estava em contra. Lucan se separou da luz e empurrou o gatilho de seus 9 milímetros. Um único disparo soou. O Subordinado caiu, mas não estava ainda morto. Lucan apertou outra vez, terminando com o bastardo.

Depois, silêncio.

O vazio clique de um carregador vazio.

Ao mesmo tempo, as habilidades próprias do Gen Um do Tegan estavam lentamente voltando para a vida. Mas o não podia fisicamente romper os vínculos que lhe mantinham.

Ele não estava totalmente seguro de que devesse. O Carmesim que lhe tinham feito ingerir estava golpeando cada célula dentro de seu corpo, lhe corrompendo como o veneno que era.

Ele sentiu sua luxúria de sangue aumentar, lhe obrigando a alimentar a sede que queria lhe dominar.

Grunhiu enquanto Elise se

aproximava dele e tentava liberar uma das algemas. - te aparte maldição! Não te quero aqui. Sai daqui enquanto ainda possa. Ela seguiu atirando do punho, lhe ignorando completamente. - Tem que haver uma maneira de te tirar daqui.

Ele viu como os olhos dela varreram toda a habitação, procurando uma ferramenta.

-Elise, maldita seja!

Ela correu por volta de um dos subordinados mortos e tirou a semi automática de debaixo do pesado vulto do corpo. - Toma isto, lhe ordenou, deslizando a arma em sua mão livre. - Dispara as cadeias, Tegan. Faz-o agora!

Ele duvidou, e ela agarrou precipitadamente a arma.

- Maldição, se não o fizer você, farei-o eu!

Ela não teve oportunidade. A pistola caiu ao chão, e em um impreciso movimento, Elise estava sendo arrastada pelos pés e apartada vários metros longe. Ela se estrelou, aterrissando de repente com os restos de cristais quebrados. O aroma de urzes e rosas alagou a habitação.

Marek permanecia na porta, uma espada em uma mão, a outra elevada e assinalando em direção a Elise, mantendo-a ali com o poder de sua mente.

Seu controle mental se fechava sobre sua garganta, cortando o prezado ar. Ela se asfixiava e arranhava a rodeada banda de energia que estava estrangulando-a.

- Ela sangra guerreiro-, se mofou ante o Tegan. - E como seus olhos de renegado estão sedentos por isso.

Lucan tirou uma faca de seu quadril e a lançou voando. Nesse instante, o centro de atenção do Marek se acendeu, girando a faca e desviando-a com um pensamento.

Destemido, Marek avançou para diante a pernas, rindo enquanto se aproximava do ensangüentado Lucan, o rosto abrasado pelos raios ultravioleta. - Ah, meu irmão. Sua morte será

particularmente doce depois de todos estes anos de espera. Só desejo que viva para ver meu governo antes de nos dizer adeus.

Marek elevou sua espada e a agitou forte. Lucan fechou os olhos no último segundo, deixando somente madeira no caminho da arma de seu irmão. A faca mordeu o chão, momentaneamente congelado ali.

Em um brilho de movimento, Lucan estava de pés. Ele agarrou a coisa mais próxima que pôde encontrar - suas mãos se fecharam sobre o comprimento de um encanamento de cobre que se estendia parede acima. O arrancou. A água saiu a jorros da conexão como uma pequena

fonte.

- Lucan!- gritou Tegan enquanto Marek desencapava sua espada para levá-la sobre seu irmão.

Lucan encontrou o golpe, bloqueando o arco descendente com o largo tubo de cobre.

Curvou sob a pressão, mas Lucan o sustentou rápido, com ira golpeando em seus olhos âmbar. Os escuros óculos do Marek se torceram na refrega, revelando ainda mais âmbar enquanto irmão contra irmão estava em uma tentativa assassina pelo controle. Marek tentou dirigir a espada mais forte, inclinando a faca com toda a considerável força de seu braço

direito. Lucan não cedeu um centímetro. Os dois guerreiros Gen Um grunhiam enquanto se agarravam um ao outro em ponto morto.

Sobre eles, o céu estava crescendo cada vez mais brilhante, mais quente, chamuscando a ambos onde a luz tocava pele aberta.

Liberada do Marek, Elise tossiu e ofegou, lutando por lutar. Sua dor golpeou ao Tegan como um golpe físico. E a vista dela sangrando em brilhantes lacerações vermelhas sobre suas mãos, sobre sua cara - enviava uma sacudida de adrenalina correndo pelas veias do Tegan. Arrancou o outro braço de seus vínculos, rugindo nas vigas.



E ao outro lado do espaço dele, as pranchas do Marek e Lucan estavam tomando um giro perigoso. Ocorreu em um instante, um juramento entre dentes do Marek era feroz, a única pista do que estava a ponto de vir. Tornando-se sobre Lucan com seu braço direito, o estendeu a mão sobre sua camiseta com sua mão livre e tirou um pequeno vial de cor vermelha.

Com uma rápida navalhada de sua mão, o Carmesim voou à cara de Lucan, cobrindo seus olhos e bochechas com o fino pó. Ele perdeu seu agarre sobre o tubo.

Ah, Cristo. Lucan.

Marek se girou com um sorriso enquanto seu irmão se levantou para diante. Ele elevou a espada em alto sobre sua cabeça. E enquanto o começava a balançá-la para baixo, um súbito brilho de luz cortou a cara do Marek, entrando em seus olhos. Era brilhante, o sol refletido em um poderoso raio que queimou os olhos do Marek e esteve a ponto de cegar ao Tegan onde o estava.

Ele apartou seu olhar e encontrou a Elise de joelhos sobre o cristal quebrado. Em suas mãos havia um grande fragmento, que sustentava firme e sem estremecer-se, lançando a luz em um golpe deliberado sobre o rosto do Marek.

Foi à oportunidade que Tegan

necessitava.

Cruzando a habitação em largas pernadas, agitou as cadeias que penduravam de suas mãos. Agarrou ao Marek ao redor do pescoço com uma, enrolando as grossas cadeias e fazendo ceder ao vampiro com seus pés. A outra serpenteou ao redor do braço que sustentava a espada, perdendo Marek sua arma. Marek lutou com o Tegan com sua mente, mas cada intento era bloqueado pela ira do Tegan. Imobilizou ao bastardo sob seus pés, ignorando as súbitas petições de misericórdia e perdão.

- Isto termina aqui-, grunhiu Tegan. -  
Você termina aqui.

Tegan soltou as cadeias do braço do Marek e estirou a mão para tomar a espada. Viu o assentimento sombrio de Lucan enquanto levantava a espada sobre o pescoço do Marek. Marek grunhiu uma maldição, depois calou o silêncio enquanto Tegan a movia para baixo em um letal movimento.

- Tegan!- Elise gritou, correndo para ele quando tudo tinha terminado. Ela estendeu seus braços ao redor dele, ajudando a desenrolar suas cadeias do corpo sem vida do Marek.

Ela estava ao lado de Lucan, ajudando ao Tegan a lhe mover a uma esquina sombria da habitação.

Tegan viu seu olhar ansioso para o teto aberto. - Vamos. Temos que te tirar daqui agora mesmo.

Ela lhes guiou para as escadas, depois desapareceu em um dos dormitórios. Ela voltou levando um grande edredom e uma grossa manta de lã. - Tomem isto-, disse ela, ajudando a cobrir as mortalhas de ambos. - Permaneçam aí abaixo. Eu lhes ajudarei a sair da casa e entrar no carro.

Nenhum dos dois guerreiros tinha nenhuma razão para o contrário. Eles deixaram que a pequena mulher, a companheira do Tegan, pensou com um impulsivo inchaço de orgulho- guiasse-lhes por volta da luz do dia, depois de

volta ao carro do Reichen.

- Se mantenham cobertos-, ordenou-lhes Elise. Ela fechou a porta traseira, depois correu para o assento do condutor e subiu. O motor aceso, os pneumáticos chiando um pouco enquanto ela pisava no acelerador. - vou tirar-lhes deste inferno.

E, Por Deus, que assim o fez.

## ***CAPÍTULO 35***

Elise viu o Tegan enquanto dormia, aliviada de que seu calvário tivesse terminado.

Com a morte do Marek viria o momento de tranqüilidade, não só do

Tegan, também para Lucan e o resto da Ordem. Um capítulo de seu escuro passado se fechava por fim e os segredos tinham saído à luz. Agora todos podiam olhar para frente e preparar-se para o que o manhã lhes proporcionava. Elise tinha pensado que sentiria algo de triunfo pela morte do Marek, que era em última instância o responsável pelo sofrimento de Camden. Ela tinha completa sua promessa com a ajuda do Tegan. Mas não se sentia vitoriosa, quando moveu o cabelo avermelhado e suave do Tegan fora de sua frente. Sentia-se ansiosa e preocupada.

Desesperada com a idéia de que ele tivesse razão. O Carmesim que Marek lhe tinha dado desvanecia-se pouco a pouco.

Ele tinha estado dormindo desde que tinham chegado ao Darkhaven do Reichen. Os episódios de convulsões lhe tinham minado as forças, sua pele seguia úmida ao tato.

- OH! Tegan-, sussurrou ela inclinando-se para pressionar seus lábios com os seus, Não me deixe. Deus, se ela o perdia por esta horrível droga também, depois de tudo o que tinham acontecido... as lágrimas escorregaram por suas bochechas, era a primeira vez que se permitia analisar tudo o que tinha acontecido, que se permitia considerar o pior dos cenários. O que aconteceria se Tegan não se recuperava completamente? Ele tinha estado perto de ser um renegado em uma ocasião, o que lhe impediria de



cair nesse abismo de novo? E se o fazia ele poderia voltar a recuperar-se?

- Você ganhou, não vais liberar-te de mim tão facilmente.

Elise não estava segura de ter escutado as palavras pronunciadas em voz alta ou se simplesmente era um desejo de seu coração, mas quando ela se tornou para trás viu que Tegan a estava olhando. Em seus magníficos olhos verdes somente havia um pequeno rastro da cor âmbar. Seu nome era um suspiro em seus lábios, rezou em agradecimento e lhe beijou forte enquanto envolvia seus braços ao redor de seus largos ombros na cama.

Sua resposta foi um gemido que lhe

fez sorrir.

- Está de volta- murmurou aliviada.

- Mmm- resmungou ele, suas mãos acariciando-a, - estou de volta  
Companheira, graças a ti.

- Assim finalmente admite que me necessita.

Seu sorriso era zombador - Vêem aqui comigo, quero te mostrar quanto te necessito.

Ela se levantou da cama e se montou escarranchada em seus quadris e plenamente esperando que ele a devorasse para baixo e começasse a seduzi-la como só ele sabia fazê- lo. Mas ele a olhava

somente. Quando ele acariciou ligeiramente suas bochechas, seus dedos eram uma promessa, eram reverentes.

- Admito-o- disse, seu olhar sincero fez que seu coração se oprimisse. - Admito-o agora, contigo, com qualquer pessoa e em qualquer momento. Necessito-te, Elise. Amo-te.

É minha. Minha mulher, minha companheira, minha amante. Meu tudo. Os olhos de Elise se alagaram de lágrimas de felicidade. - Tegan... amo-te tanto. Digame que isto é real, que isto é para sempre.

- Você crê que sou o tipo de homem que se conforma com menos?

Ela sacudiu sua cabeça, seus olhos

brilhavam de alegria, inclinou-se e o beijou. O golpe na porta foi ignorado por uns segundos, mas logo a voz profunda de Lucan soou do outro lado da porta. Havia um bordo tenso no tom do guerreiro - O que estão fazendo aí?

Adiante, Lucan- disse ao líder da Ordem, depois de que o tivesse acompanhado hoje se tornou seu amigo de confiança e muito querido para ela. Elise se levantou do corpo do Tegan apesar de seu gemido de protesto e caminhou para a porta para fazer passar a Lucan.

Tinha-o limpo e curado, mas demoraria certo tempo para que seu corpo estivesse completamente restabelecido. Tegan lhe dirigiu um sorriso cansado

enquanto movia suas pernas para o bordo da cama e se sentava.

- O que acontece?- Perguntou Tegan, retomando sua postura de guerreiro, apesar de que tinha estado mal nas últimas horas. - O que passou? Lucan não tinha papas na língua -

Dante e outros acabam de chamar de Praga. Encontraram a cripta na montanha, tal e como as pistas da Kassia o explicavam. Tudo estava ali. A cova foi escavada na montanha, era uma câmara de hibernação cheia dos símbolos dermaglifos e de ossos de humanos com os que Dragos alimentou a seu pai, preparando-o para seu comprido sonho.

- Mas... - o incitou Tegan, puxando a Elise para ele como se queria aferrar-se a algo.

- Mas estava vazio - Lucan sacudiu a cabeça e passou sua mão por seu cabelo escuro.

- A maldita cripta já tinha sido aberta, alguém liberou o bastardo, não se sabe com exatidão faz quanto tempo, mas tal parece que foram anos. Décadas, inclusive.

- Então... ele está ali fora, em alguma parte? Perguntou Elise, temendo a confirmação deste terrível feito. - O que vamos fazer?

- Estar atentos- disse Tegan - Cristo,

no suposto de que o Antigo esteja vivo, pode estar em qualquer parte, é como procurar uma agulha em um palheiro. Lucan assentiu - e vamos necessitar todos os recursos que possamos conseguir. Por agora, não vamos retornar a Boston até que os outros retornem de Praga, esta mesma noite. Com isto Lucan se deu a volta e se dirigiu à porta, na metade do caminho se deteve brevemente e depois voltou para a cama do Tegan com expressão séria. - Desde o começo, Tegan, foi um irmão para mim, mais que qualquer parente de sangue. E o segue sendo.

Tegan se sentia do mesmo modo, apesar de tudo o que tinham tido que acontecer. Talvez devido a isso. -

Cuidarei-te sempre as costas, Lucan, conta com isso. Lucan lhe estreitou a mão. Os dois guerreiros apertaram suas mãos, Tegan sentia o calor da amizade, da fraternidade fluir entre eles. Surpreendeu-se disso, de como percebia o afeto que havia nele. E quanto se perdeu.

Lucan assentiu, um dos mais poderosos vampiros do GEN UM, dirigiu seu olhar cheio de respeito para Elise - a Ordem está em dívida contigo, disse-lhe enquanto sustentava a mão dela, - por isso que fez para descobrir o segredo do Dragos, e pelo que fez hoje pelo Tegan, e eu... pessoalmente estou em dívida contigo. Obrigado Elise.

Ela agitou um pouco sua cabeça,



enquanto que colocava seus dedos em sua ampla palma, - as obrigado não são necessárias, estou feliz de fazer o que posso por ajudar à Ordem. E ao Tegan. Lucan sorriu um pouco e levou a mão de Elise até seus lábios. Seu beijo foi de gratidão, foi sincero e casto, e ainda assim isso fez ao Tegan grunhir um pouco.

- Estão bem emparelhados- disse sabiamente enquanto olhava ao Tegan.

- Assim é- disse Tegan sem a mais leve vacilação; fez um gesto a Elise, o desejo faiscava como sempre, apenas a olhava.

E soube que ela era um milagre e era dele.

- Estou muito bem emparelhado-.  
Lucan cabeceou - Descansa um pouco.  
Não te incomodarei de novo até que estejamos preparados para sair e voltar para Boston-.

Logo que Lucan se foi, Tegan envolveu a Elise em um amoroso abraço, seus lábios se esquentaram com a promessa de seu beijo. Ele sentia a força de seu amor rodeando-o, e sabia que não importava quão escuro poderia ser o futuro, ele sempre teria a Elise como sua luz para iluminá-lo. Ele a beijou de novo, o interesse que voltava para a vida.

- Já ouviu Lucan- murmurou contra sua boca, - Deve descansar.

- Ah sim?- grunhiu ao momento que beliscava seu suave lábio inferior. Elise riu - portanto, possivelmente devemos esperar voltar para casa para fazê-lo.

Tegan rodou com ela sobre a cama, brandamente acomodando-a debaixo de seu corpo que já despertava. Olhou a seus olhos lavandas vê-lo com tanto amor e isso simplesmente o desarmou. Beijou-a lentamente, com sinceridade e ternura.

- Já estou em casa- lhe disse com essa voz grave e rouca pela emoção, enquanto a pressionava debaixo dele. - Este é o único lar que sempre vou necessitar.

**FIM**



# NOTAS

1⇒ *Tira cômica similar ao Gordo e o Magro. Refere-se a quando um contraria o outro.*

2⇒ *Os três Patetas, grupo cômico ativo entre 1922 e 1970. Seus integrantes são conhecidos pelos apelidos do que pelos nomes: Moe, Larry e Curly. Ficaram famosos pelos curtas onde cultivavam comédia baseada em violência física e jogos verbais.*

3⇒ *Romper e Entrar: dois dos elementos usados em um roubo.*

4⇒ *Uns 113 kg mais ou menos.*

5⇒ *Administração Federal da Aviação.*

6⇒ *Tecido muito parecido ao jeans.*

7⇒ *Joga a luva significa desafiar alguém.*

8⇒ *9.000 metros.*

9⇒ *800km/h.*

10⇒ *República Democrática da Alemanha (RDA), ou German Democratic Republic (GDR) em inglês.*

11⇒ *O super homem (em alemão: Übermensch) segundo Friedrich Nietzsche, é uma pessoa capaz de gerar seu próprio sistema de valores identificando como bom tudo o que procede de sua genuína vontade de*

*poder.*

*12⇒ explosivo*

*13⇒ Sire é o "pai" de um vampiro; a Vergôntea que o criou*

*14⇒ Era o nome de um manicômio famoso em Londres, faz muito.*

*15⇒ O staccato é uma maneira de execução que em notação musical se indica mediante um ponto situado sobre a figura, que significa que a duração deve abreviar-se (e, portanto "destacar" do seguinte som), sustentando-a durante um lapso menor (segundo alguns puristas, na metade) de sua duração total.*